



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

FACULDADE DE HISTÓRIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ESDRA BASILIO

**BIBLIOTECONOMIA É COISA DE MULHER? RELAÇÕES DE GÊNERO E
ESTEREÓTIPOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE (1962-2021)**

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO (TECA) PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES

E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a [Lei 9.610/98](#), o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico

☐ Dissertação ☒ Tese ☐ Outro*: _____

*No caso de mestrado/doutorado profissional, indique o formato do Trabalho de Conclusão de Curso, permitido no documento de área, correspondente ao programa de pós-graduação, orientado pela legislação vigente da CAPES.

Exemplos: Estudo de caso ou Revisão sistemática ou outros formatos.

2. Nome completo do autor

Esdra Basilio

3. Título do trabalho

BIBLIOTECONOMIA É COISA DE MULHER? RELAÇÕES DE GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE (1962-2021)

4. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador)

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante:

a) consulta ao(à) autor(a) e ao(à) orientador(a);

b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo da tese ou dissertação.

O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro;
- Publicação da dissertação/tese em livro.

Obs. Este termo deverá ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.



Documento assinado eletronicamente por **Esdra Basilio, Discente**, em 15/08/2023, às 15:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Eiras Coelho Soares, Professor do Magistério Superior**, em 15/08/2023, às 15:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3965268** e o código CRC **1572F3F5**.

ESDRA BASILIO

**BIBLIOTECONOMIA É COISA DE MULHER? RELAÇÕES DE GÊNERO E
ESTEREÓTIPOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE (1962-2021)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, como requisito para obtenção do título de Doutora em História.

Área de concentração: Culturas, Fronteiras e Identidades

. Linha de pesquisa: Fronteiras, Interculturalidade e Ensino de História.

Orientadora: Professora Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares.

Goiânia

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação na (CIP)

Basilio, Esdra.

Biblioteconomia é coisa de mulher? Relações de gênero e estereótipos na região Centro-Oeste (1962-2021) / Esdra Basilio. - 2023.

244f. :il.

Orientadora: Profa. Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, Programa de Pós-Graduação em História, Goiânia, 2023.

Bibliografia. Anexos. Apêncides.

1. Biblioteconomia brasileira 2. Relações de Gênero.
3. História 4. Bibliotecárias I.Título.

CDU: 94

Esdra Basilio – Bibliotecária - CRB 1: 2738



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE HISTÓRIA
ATA DE DEFESA DE TESE

Ata nº **064/2023** da sessão de Defesa de Tese de **ESDRA BASILIO**, que confere o título de **Doutora em História**, na área de concentração em **Culturas, Fronteiras e Identidades**.

Ao/s **dez dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três**, a partir das **08h00**, via **Videoconferência**, realizou-se a sessão pública de Tese intitulada **“BIBLIOTECONOMIA É COISA DE MULHER? RELAÇÕES DE GÊNERO E ESTEREÓTIPOS NA REGIÃO CENTRO-OESTE (1962-2021)”**. Os trabalhos foram instalados pela Orientadora, Professora Doutora **Ana Carolina Eiras Coelho Soares (PPGH/UFG)** com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: Professora Doutora **Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (PUC-Goiás)**, membro titular externo; Professora Doutora **Sônia Maria de Magalhães (PPGH-UFG)**, membro titular interno; Professora Doutora **Maristela Carneiro (UFMT)**, membro titular externo e Professor Doutor **Jiani Fernando Langaro (PPGH-UFG)**, membro titular interno. Durante a arguição os membros da banca **não fizeram** sugestão de alteração do título do trabalho. A Banca Examinadora reuniu-se em sessão secreta, a fim de concluir o Julgamento da Tese, tendo sido a candidata **aprovada** pelos seus membros. Proclamados os resultados pela Professora Doutora **Ana Carolina Eiras Coelho Soares**, Presidente da Banca Examinadora, foram encerrados os trabalhos e, para constar, lavrou-se a presente ata que é assinada pelos Membros da Banca Examinadora, aos **dez dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três**.

A banca sugere que o trabalho seja divulgado em revistas acadêmicas qualificadas e publicado em livro, dado a sua qualidade, relevância e pioneirismo para a área de humanidades.

TÍTULO SUGERIDO PELA BANCA



Documento assinado eletronicamente por **Esdra Basilio, Discente**, em 15/08/2023, às 15:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Carolina Eiras Coelho Soares, Professor do Magistério Superior**, em 15/08/2023, às 15:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Sônia Maria De Magalhães, Professora do Magistério Superior**, em 15/08/2023, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elias Nazareno, Coordenador de Pós-Graduação**, em 15/08/2023, às 15:20, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jiani Fernando Langaro, Professor do Magistério Superior**, em 15/08/2023, às 15:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3965259** e o código CRC **4CE16259**.



Em destaque na imagem:
Adelpha Figueiredo;
Lydia Sambaquy;
Laura Russo;
Jannice Monte-Mór;
Marietta Telles Machado.

Fonte: imagens extraídas da internet

Montagem e design: Edimar Vieira Dantas

Banca de Defesa

Profa. Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares – orientadora

Profa. Dra. Maria do Espirito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro (PUC/GO)

Profa. Dra. Maristela Carneiro (UFA/UFMT)

Profa. Dra. Sônia Maria Magalhães (PPGH/UFG)

Prof. Dr. Jiani Fernando Langaro (PPGH/UFG)

Prof. Dr. Ademir Luiz da Silva (UEG)

Profa. Dr. Luciane Munhoz de Omena (PPGH/UFG)

Dedico esta tese a todas as mulheres bibliotecárias brasileiras que me inspiram a ser uma profissional de excelência.

À minha mãe Débora e a todas as mulheres potentes que abriram o caminho confrontando o patriarcado e o sexismo e fizeram com que eu pudesse chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

A criança de outrora adormecida despertou com a potência e a avidez de quem esperava pelo amanhecer há muito tempo. (BASÍLIO, 2020).

Agradeço em especial à minha orientadora, Profa. Dra. Ana Carolina Eiras Coelho Soares, que acreditou na proposta do tema, e pela compreensão e apoio no processo de feitura da tese por meio de incentivos verbais e, sobretudo, pelo seu exemplo como pesquisadora. Agradeço as/os professoras/es do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás (PPGH/UFG) e todas/os as técnicas/os administrativas/os que trabalham na secretaria do programa. Também agradeço às bibliotecárias entrevistadas que gentilmente contribuíram para esta pesquisa.

À Universidade Federal de Goiás, pelo apoio ao me conceder a licença para a minha qualificação, o que possibilitou a minha dedicação integral aos estudos. Ao Sistema de Bibliotecas da UFG, onde eu tenho a honra de atuar como Bibliotecária-Documentalista.

Às professoras que compuseram a banca de qualificação: Dra. Tania Maria Tavares Bessone da Cruz Ferreira; Dra. Maria do Espírito Santo Rosa Cavalcante Ribeiro; Dra. Sonia Maria Magalhaes, pelas orientações, sugestões, contribuições durante a qualificação, as quais fizeram muita diferença no amadurecimento da minha escrita, gratidão.

Aos colegas do curso de doutorado e em particular a Flávia Machado, que foi minha fiel escudeira nas horas de desânimo, cansaço e que sempre lançava uma palavra de apoio e motivação: a ela a minha imensa gratidão pela sua amizade. A Paula Dantas, pela revisão atenta e carinhosa de minha tese, meus sinceros agradecimentos.

Agradeço à professora Dra. Andréa Pereira dos Santos, que é docente do curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, e lançou a primeira sementinha no terreno, e essa semente vingou e fez brotar em mim uma pesquisadora.

Agradeço à minha família pelo apoio, em destaque à minha irmã Dayane, minha sobrinha Elis, meu pai Vital, tia Delma, vovó Mariana (*In memoriam*), tenho

certeza de que está bem orgulhosa de mim neste momento, pois ela sempre se referia a mim como a neta estudiosa, esforçada. De algum modo, escolhi a minha trajetória a partir da influência das mulheres da minha família materna, agradeço pela força ancestral e pela motivação que, em vários momentos, brotou do sofrimento e das cinzas. Afirmo que tenho muito orgulho de inaugurar a primeira geração de doutoras da família.

Ao meu esposo, Edimar, parceiro de vida, que nos momentos desafiadores, de desânimo, e que para além dos momentos de alegria está ao meu lado me apoiando, incentivando e contribuindo de forma direta para o meu êxito nesta jornada.

Agradeço em especial à maior e mais especial mulher do universo, a minha mãe Débora, que sempre me incentiva a estudar e acredita no meu potencial. Sua resiliência, dedicação e carinho me transportaram para um mundo onde os sonhos são possíveis.

A todas/os que estiveram do meu lado durante o caminho de escrita da tese e que ficaram felizes por minhas conquistas; sobretudo, meus amigos e amigas que me incentivaram nesta jornada, em especial: Rodrigo, Helder, Naor, Pedro e Anderson.

Aos meus cachorros, que fizeram companhia nas longas horas de estudos, sempre ao meu lado na biblioteca, não importando o horário do dia, o apoio moral e ternura me impulsionaram. Os peludos são verdadeiramente seres iluminados: Tobias, Marcelinho, Raposo, Rosária, Laila, Lessie.

Balanço

No mosaico das memórias coleciono fragmentos de mortes, rompimentos, brigas, embates.

Pequenos sinais que a vida subtrai do meu entendimento.

Sem lamentações, pois pressinto que o tempo bom vem por aí.

Na espreita das margens do silêncio, vejo um oceano.

Um desejo: quero menos ausências.

Eu leio o futuro e vejo feixes de saudade em um pólen onde a borboleta pousou.

(BASÍLIO, 2015).

Importa seu amor pela biblioteca, seu respeito pela Biblioteconomia, seu entendimento do mundo como uma extensa rede de relacionamentos da qual as bibliotecas são protagonistas culturais, mantenedoras da memória, templos do patrimônio e da identidade das nações a que servem.

(GRINGS, 2019, p. 159).

RESUMO

A presente tese expõe uma investigação sobre a área da Biblioteconomia a partir das lentes dos estudos das relações de gênero. Apresento uma análise sobre a profissão de bibliotecária com o propósito de evidenciar historicamente que a profissão passou por um processo de feminização e, nesse sentido, aponto as implicações que essa feminização acarretou para o campo do conhecimento. A proposta é discutir as conexões entre a baixa valorização da profissão e a ligação com o fato de a profissão ser majoritariamente exercida por mulheres. Me aportei nas epistemologias feministas e na teoria dos estudos das relações de gênero a partir das contribuições de Perrot (2005), Rago (1998) e Scott (2012), entre outras autoras, para compreender a dinâmica das relações de poder que circunscrevem a profissão. A metodologia utilizada foi a história oral temática, a partir da perspectiva de Alberti (2013), Meihy (1996) e Portelli (2001). As narrativas de cinco bibliotecárias, que trabalham na região Centro-Oeste, foram as fontes principais da pesquisa, caracterizando essa região como o *locus* da análise, mais especificamente as universidades federais que ofertam o curso de graduação em Biblioteconomia, quais sejam: a Universidade de Brasília, a Universidade Federal de Goiás e a Universidade Federal de Rondonópolis no período compreendido entre 1962-2021. A pesquisa confirmou que as disputas e jogos de poder compõem o campo da Biblioteconomia, de modo abrangente onde as hierarquias de gênero são reafirmadas.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Relações de gênero. Bibliotecárias. Centro-Oeste.

ABSTRACT

This thesis exposes an investigation into the area of Librarianship from the perspective of gender relations studies. I present an analysis of the librarian profession with the purpose of historically showing that the profession went through a process of feminization and, in this sense, I point out the implications that this feminization entailed for the field of knowledge. The proposal is to discuss the connections between the low valuation of the profession and the connection with the fact that the profession is mostly exercised by women. I used feminist epistemologies and the theory of gender relations studies based on the contributions of Perrot (2005), Rago (1998) and Scott (2012), among other authors, to understand the dynamics of power relations that circumscribe the profession. The methodology used was a thematic oral history, from the perspective of Alberti (2013), Meihy (1996) and Portelli (2001). The narratives of five librarians, who work in the Midwest region, were the main sources of the research, characterizing this region as the locus of analysis, more specifically the federal universities that offer the undergraduate course in Librarianship, namely: the University of Brasília, the Federal University of Goiás and the Federal University of Rondonópolis in the period between 1962-2021. The research confirmed that disputes and power games make up the field of Librarianship, in a comprehensive way where gender hierarchies are reaffirmed.

Keywords: Librarianship. Gender relations. Librarians. Midwest.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1	Principais marcos da biblioteconomia no Brasil.....	30
FIGURA 2	Fachada da Biblioteca Nacional.....	43
FIGURA 3	Aula inaugural do curso de Biblioteconomia.....	50
FIGURA 4	Biblioteca George Alexander.....	52
FIGURA 5	Adelpha Figueiredo (1894-1966)	56
FIGURA 6	Lydia de Queiroz Sambaquy (1913-2006)	61
FIGURA 7	Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001)	63
FIGURA 8	Jannice Monte-Mór (1927-2005)	68
FIGURA 9	Histórico de diretoras/es -UnB.....	75
FIGURA 10	Histórico de diretoras - UFG	79
FIGURA 11	Galeria da diretora – UFR.....	81
FIGURA 12	Charge	88

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Apresentação das funções de uma biblioteca.....	37
QUADRO 2	Características das colaboradoras	102
QUADRO 3	Universidades do Centro-Oeste pesquisadas.....	157
QUADRO 4	Comparação entre a criação das UFs e de suas respectivas Bibliotecas Centrais	161

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 Inscritas/os no Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região.....	112
GRÁFICO 2 Número de bibliotecárias/os que atuam nas instituições UnB, UFG e UFR.....	122
GRÁFICO 3 Relação de Bibliotecárias/os que apresentaram trabalhos nas edições do CBBB de 1954 a 2019	128
GRÁFICO 4 Relação das/dos apresentadoras/es de artigos que são filiadas/os às instituições localizadas no Centro-Oeste.....	128
GRÁFICO 5 Relação de bibliotecárias/os que apresentaram artigos no SNBU de 1978 a 2018.....	131
GRÁFICO 6 Relação de bibliotecárias/os filiadas/os a instituições do Centro-Oeste que apresentaram trabalhos nas edições analisadas do SNBU.....	131
GRÁFICO 7 Porcentagem de egressas/os do curso de Biblioteconomia da UnB de 1962-2021.....	142
GRÁFICO 8 Estatística da relação de egressas/os do curso de Biblioteconomia da UFG	145
GRÁFICO 9 Porcentagem de mulheres graduadas e homens graduados na UFR de 2008-2021.....	147
GRÁFICO 10 Quantidade de bibliotecas criadas no período de 1890-1930.....	158
GRÁFICO 11 Bibliotecas universitárias federais do Brasil em 2021.....	164

LISTA DE ABREVISTURAS E SIGLAS

ALA	Associação Americana de Bibliotecas
BN	Biblioteca Nacional
BC	Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás
BCE	Biblioteca Central da Universidade de Brasília
BU	Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Rondonópolis
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBBB	Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação
CBU	Conselho de Bibliotecas Universitárias
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CFB	Conselho Federal de Biblioteconomia
FCI	Faculdade de Ciência da Informação
FEBAD	Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários
FIC	Faculdade de Informação e Comunicação
IBBD	Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação
IFLA	Federação Internacional da Associação de Bibliotecas
PPC	Projeto Pedagógico do Curso
SIBI	Sistema de Bibliotecas
SNBU	Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias
UF	Universidade Federal
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFMT	Universidade Federal de Mato Grosso
UFR	Universidade Federal de Rondonópolis
UnB	Universidade de Brasília
UNIRIO	Universidade do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1 PERCURSOS E MEMÓRIAS DA BIBLIOTECONOMIA	31
1.1 Bibliotecas universitárias.....	37
1.2 O início do ensino da Biblioteconomia nas universidades.....	40
1.2.1 O princípio no Rio de Janeiro e São Paulo.....	41
1.2.2 Marcos históricos: mulheres protagonistas.....	61
1.3 O Centro-Oeste nas brumas do progresso.....	71
2 RELAÇÕES DE PODER E DESIGUALDADES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA	82
2.1 Relações de poder e estereótipos.....	85
2.2 A feminização da Biblioteconomia	92
2.3 Narrativas sensíveis: com a palavra as bibliotecárias.....	96
2.4 Relações de gênero em debate: escuta atenta.....	101
2.5 Sombras e luzes sobre as mulheres no mundo do trabalho.....	105
3 TECNOLOGIA É COISA DE HOMEM? VISIBILIDADE MASCULINA NA PROFISSÃO	125
3.1 Permanências e discontinuidades nas bibliotecas.....	133
3.2 Assimetrias de gênero: uma análise a partir do número de graduadas e graduados.....	142
3.3. Estudos de gênero e a Biblioteconomia na contemporaneidade.....	148
3.4 Perspectivas da profissão para o futuro: desafios e tensões.....	156
CONSIDERAÇÕES FINAIS	169
FONTES E REFERÊNCIAS	180
ANEXO	197

ANEXO A- PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA UFG.....	198
APÊNDECES.....	202
APÊNDECE A- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A ELISA.....	203
APÊNDECE B- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A CLÁUDIA.....	211
APÊNDICE C- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A AMANDA.....	220
APÊNDICE D- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A DANIELA.....	227
APÊNDICE E- TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A BEATRIZ.....	231

INTRODUÇÃO

E é sintomático reconhecer que a profissão do bibliotecário foi um dos espaços mais concretos para a ocupação das mulheres em seu processo emancipatório, ao ponto de que, ainda hoje, algumas pessoas pensem ser uma profissão feminina. E as mulheres foram decisivas na evolução da profissão, a julgar pelas grandes lideranças femininas¹.

Nesta tese, contextualizo a inserção das mulheres na Biblioteconomia² à luz dos estudos de gênero, focalizando a Região Centro-Oeste do país. Ao realizar as entrevistas temáticas sob a perspectiva da História oral, produzi fontes de pesquisa que após serem transcritas se tornaram documentos passíveis de serem analisados e interpretados por mim; por conseguinte, as narrativas das interlocutoras são as fontes principais desta pesquisa, que compõem o corpus documental, e por meio das quais dialogo com cinco mulheres bibliotecárias.

Me propus a pensar a área da Biblioteconomia a partir da história oral por meio das entrevistas temáticas e mediante as pistas contidas nos Anais de dois eventos tradicionais da área, a saber: o Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (CBBD³) e o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU⁴).

A Biblioteconomia é uma área originalmente ocupada por homens que possuíam acesso aos livros, portanto, organizar o conhecimento no espaço denominado biblioteca era, a eles, reservado. A bibliofilia era uma atividade masculina, como Michelle Perrot (2005, p. 37) afirma: “No século 19, a coleção, e ainda mais a bibliofilia são atividades masculinas. As mulheres se retraem em matéria mais humilde: roupa branca e os objetos”. Dessa maneira, busco compreender como se deu o processo de feminização da Biblioteconomia no Brasil.

¹ A epígrafe é um trecho do prefácio escrito pelo bibliotecário Antônio Miranda, que se encontra no livro; CASTRO, Cesar. *História da Biblioteconomia Brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus. 2000, p. 14.

² Ao longo desta tese, optei pelo uso do termo Biblioteconomia escrito com a inicial maiúscula com a finalidade de enfatizar a área do conhecimento em destaque.

³ A primeira edição do evento ocorreu em 1954, os Anais das edições transcorridas desde a primeira edição estão digitalizadas e se encontram no repositório da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários-FEBAB.

⁴ A primeira edição ocorreu em 1978, os Anais das edições subsequentes estão digitalizados e disponibilizados para acesso livre no repositório da FEBAB.

A presente tese tem como objeto de pesquisa os campos da história e da Biblioteconomia. O recorte temporal escolhido engloba os anos de 1962 a 2021. Essa delimitação se justifica por compreender os anos que abrangem a criação dos cursos de graduação em Biblioteconomia nas Universidade Federais da Região Centro-Oeste. Na Universidade de Brasília, o curso foi inaugurado em 1962; na Universidade de Goiás, em 1980; e na Universidade Federal de Rondonópolis, o curso surgiu no ano 2000.

A decisão de tomar o campo da Biblioteconomia como objeto de estudo para esta pesquisa de Doutorado surgiu primeiramente a partir da minha experiência pessoal como bibliotecária: sou bacharel em Biblioteconomia e atuo como bibliotecária na Universidade Federal de Goiás desde 2013 na condição de funcionária pública. A escolha pela área da Biblioteconomia, como carreira profissional, ocorreu pela minha familiaridade com os livros físicos e com as bibliotecas.

Sou usuária de bibliotecas desde a infância. Na escola, eu pegava livros emprestados; no ensino médio, comecei a locar livros para ler em casa dos acervos de duas bibliotecas: uma municipal e a outra estadual. Eu era uma assídua frequentadora da biblioteca Pio Vargas e da Biblioteca Marietta Telles Machado⁵ e a minha oportunidade de ter acesso a livros na infância e adolescência era por meio de bibliotecas. O meu contexto social não tinha a possibilidade de comprar livros de modo que os livros literários eram o meu antídoto contra a timidez. Devido à falta de dinheiro para comprar lanche na hora do intervalo na escola, o recreio era um momento de socialização com as outras crianças. Nesses momentos, eu ia rapidamente para a biblioteca a fim de mergulhar em alguma história até o momento em que tocava o sino avisando que o recreio tinha acabado.

Nesse trilhar, as bibliotecas são centrais na minha constituição enquanto cidadã, protagonista da minha própria história. Por consequência, no momento de realizar a prova do vestibular para entrar na universidade, escolhi o curso de Biblioteconomia e posso afirmar que fiz uma boa escolha. Após a graduação,

⁵ A Biblioteca Pública Estadual Escritor Pio Vargas está localizada na Praça Cívica, no centro da cidade de Goiânia. Já a Biblioteca Marieta Telles Machado está situada na Praça Universitária, no setor Leste Universitário em Goiânia. Ambas, são abertas à visitação e realizam o empréstimo de livros mediante um rápido cadastro pessoal.

prestei o concurso para o cargo de Bibliotecária - Documentalista e obtive êxito ao passar pelo processo seletivo.

Logo que comecei, de fato, a exercer a profissão de bibliotecária, tive a oportunidade de adentrar no universo dos eventos científicos da área, como congressos, simpósios, seminários e prontamente percebi que, em todos os eventos, a maioria do público presente se tratava de mulheres. Em muitas ocasiões, quem estava palestrando ou compondo a mesa diretiva eram os conferencistas, cuja maioria era composta por homens.

Essa percepção me instigou a compreender o motivo e os significados de a profissão ser exercida majoritariamente por mulheres. Entretanto, os lugares de destaque e poder estão sendo ocupados por homens.

Outro incômodo foi o fato de existir poucas pesquisas que tenham contemplado a Biblioteconomia sob a perspectiva das relações de gênero. Posso afirmar que as conquistas lideradas por bibliotecárias continuam em um constante processo de silenciamento durante os séculos XX e XXI.

A escolha da região Centro-Oeste é justificada pela sub-representação no cenário nacional em relação ao desenvolvimento das bibliotecas e, por conseguinte, das escolas de Biblioteconomia. Em 1962, surgiu o curso de Biblioteconomia na Universidade de Brasília. Dessa forma, o limite do recorte até 2021 foi escolhido com o propósito de compreender as mudanças e a permanência da profissão até a atualidade. Elegei a região Centro-Oeste por entender que durante o processo de criação de bibliotecas no país, nos estados que compõem as regiões por conta do desenvolvimento social e cultural, o Centro-Oeste ficou aquém de outras regiões, e, sem dúvida, a demora na instalação de bibliotecas tem relação e reverbera na criação dos cursos de graduação em Biblioteconomia na região. Em relação à distribuição de bibliotecas nas regiões do país, Gomes destaca:

Mal distribuídas no território nacional; concentrava-se na região Sudeste, onde se verificaram as maiores alterações sociais justificadas pelo predomínio político e desenvolvimento econômico e industrial. Foi nessa região, também, que se encontravam a maior parte das bibliotecas, notadamente em São Paulo e Minas Gerais. Seguiam-se-lhes o Distrito Federal e Rio Grande do Sul, com um desenvolvimento quantitativo bem menor. (GOMES, 1983, p. 59).

Investigar a Biblioteconomia, a partir da região Centro-Oeste, foi uma escolha motivada pela disposição de realizar uma análise interdisciplinar, aliando História e Biblioteconomia para a compreensão dos discursos permanentes e as mudanças das práticas sociais a partir das relações de gênero no exercício da profissão de bibliotecária nas Universidades Públicas Federais, que possuem o curso presencial de graduação em Biblioteconomia.

Situo, aqui, o meu lugar de fala social, um lugar privilegiado de pesquisadora, enquanto mulher branca, heterossexual, funcionária pública e feminista. Logo no começo do curso de doutorado, precisamente em março de 2020, junto com todas as minhas expectativas positivas, o fato de ter sido aprovada no processo seletivo foi encarado por mim como uma vitória, algo que eu almejei muito. Teve início no Brasil a pandemia de covid-19. Contraí o Coronavírus (SARS-Cov-2) no mês de junho de 2020, período em que ainda não existiam vacinas para amenizar os efeitos do vírus no Brasil, tive fortes sintomas durante a doença.

As sequelas neurológicas apareceram em seguida e permaneceram durante um longo ano; a minha memória não conseguia gravar nem uma palavra, tive sérios problemas para ler e escrever, o que me causou muita frustração e sofrimento, afinal eu tinha que escrever a tese de acordo com o cronograma. A minha saúde mental foi afetada também pelas notícias de pessoas do meu círculo familiar que faleceram durante o período mais severo da pandemia, de modo que escrever este trabalho, em plena pandemia, em um período de reclusão prolongado, e apesar das sequelas, me exigiram uma dose a mais de coragem e de força interior para procurar vencer os desafios com o intuito de realizar a pesquisa. Nesse sentido, julguei importante situar a leitora e o leitor desta tese sobre o contexto em que foi escrita.

Ainda sobre o percurso da pesquisa, o projeto, de início, precisou ser submetido, por intermédio da Plataforma Brasil, ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEP) da Universidade Federal de Goiás com o número 36967020.0.0000.5083. Após análise, ele foi aprovado e autorizada a realização das entrevistas, sendo estabelecido o prazo para a coleta de dados, que ocorreu de janeiro de 2021 a dezembro de 2021.

Tive como objetivo traçar os perfis das bibliotecárias⁶, uma vez que, de acordo com Pires e Dumont (2016, p. 158, grifo das autoras), “O campo da Biblioteconomia pode ser ligado às noções de cuidado e organização, características muitas vezes relacionadas ao ‘feminino’”. Procuro problematizar a história da Biblioteconomia sob a ótica dos estudos de gênero e por meio da interdisciplinaridade desvelar a teia de significados que englobam o fato de a profissão ser exercida majoritariamente por mulheres no Brasil. Para o historiador Jenkins (2017, p. 40), “A história nunca se basta; ela sempre se destina a alguém”. Nesse sentido, reafirmo a importância da produção do conhecimento histórico sobre a Biblioteconomia, em outras palavras, esta pesquisa é direcionada especialmente para as bibliotecárias e os bibliotecários, com o objetivo de apresentar subsídios para suscitar reflexões sobre a Biblioteconomia brasileira.

A área de Biblioteconomia, assim como outras áreas do conhecimento, possui especificidades, entre elas a baixa valorização e ocorre o desconhecimento de grande parte da população que não sabe que existe o curso de graduação que habilita a candidata ou o candidato a exercer a atividade de bibliotecária. Tive como um dos objetivos almejados mapear como ocorreu a feminização da profissão.

Um ponto relevante é que a graduação em Biblioteconomia está inserida entre os cursos tidos como femininos. Tenho como premissa que a Biblioteconomia é uma profissão dita feminina dado o número significativo de mulheres presentes na área⁷. A categoria gênero possibilita refletir sobre as relações de gênero e ainda amplia a compreensão em relação aos elementos que compõem as representações sobre a área da Biblioteconomia e também os aspectos da subjetividade na constituição das diferenças culturalmente determinadas entre as pessoas que exercem a profissão. “O gênero tornou-se um instrumento

⁶ Nesta tese, a/o bibliotecária/o seja no singular ou no plural será grafado no feminino (a bibliotecária, as bibliotecárias), contrariando a gramática da língua portuguesa. Exceto quando for citação ou quando houver a necessidade da identificação por sexo. Assumo esse posicionamento em virtude de a profissão ser identificada pela terminologia masculina como o bibliotecário, os bibliotecários, como se fossem sinônimo de todas as pessoas que integram a área. O uso da nomenclatura no masculino reforça as relações de poder que permeiam a sociedade. Faço minha as palavras de Grada Kilomba (2019, p. 108), “O uso masculino genérico para designar humanidade reduz automaticamente a existência de mulheres à não existência”.

⁷ De acordo com os dados fornecidos pelo Conselho Regional de Biblioteconomia primeira região-CRB-1, que abrange o Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em 2021, o Conselho possuía 3018 mulheres e 551 homens inscritos.

valioso de análise que permite nomear e esclarecer aspectos da vida humana”. (RAGO, 1998, p. 96).

Chamou-me a atenção a contínua ausência de mulheres, de acordo com as narrativas por mim observadas nos livros sobre o surgimento do ensino em Biblioteconomia no Brasil de modo geral nas quais são enaltecidas apenas as figuras masculinas como intelectuais daquele contexto histórico.

A partir dessa constatação, elaborei algumas hipóteses que ao longo desta tese procuro problematizar e investigar. Nesse sentido, questiono como o fato de a profissão ser exercida prioritariamente por mulheres tem relação com a baixa valorização e o reconhecimento da profissão perante a sociedade.

Para tanto, realizei entrevistas com as diretoras das bibliotecas centrais das respectivas bibliotecas universitárias e com as coordenadoras dos cursos presenciais de graduação em Biblioteconomia das seguintes instituições: Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Goiás (UFG) e Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)⁸, todas localizadas na região Centro-Oeste⁹.

As mulheres entrevistadas se tornaram colaboradoras¹⁰ a partir do momento em que se estabeleceu uma relação entre a entrevistadora e as entrevistadas. Duas coordenadoras dos cursos de graduação em Biblioteconomia, respectivamente da UnB, UFG e UFR, bem como as bibliotecárias responsáveis pelas bibliotecas centrais das instituições, entre março e dezembro de 2021.

Para Alberti (2013, p. 24), o método da história oral consiste em

estudar acontecimentos históricos, instituições, grupos sociais, categorias profissionais, movimentos, conjunturas etc. à luz de depoimentos de pessoas que deles participam ou os testemunharam.

⁸ A partir de agora utilizarei as siglas das instituições para me reportar a elas, Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Rondonópolis (UFR).

⁹ Ficaram de fora da pesquisa as seguintes universidades; Universidade Federal de Grande Dourados (UFGD, no Mato Grosso do Sul), Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) e Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), pelo motivo de não possuírem o curso presencial de graduação em Biblioteconomia, quando a pesquisa da tese foi iniciada em 2020.

¹⁰ Utilizo o termo colaboradoras na perspectiva do oralista e professor Bom Meihy, que definiu que colaboradores/as é o nome dado aos depoentes que têm seu papel mudado, deixando de ser meros informantes, atores, objeto de pesquisa (1996, p. 67).

Por meio de perguntas relacionadas à feminização da Biblioteconomia, busquei refletir sobre a construção social da área, lançando mão da história oral por meio das entrevistas temáticas. Afinal, segundo Tedeschi (2014, p. 57), “A contribuição da história oral é reconstruir a identidade feminina sob a ótica das relações de gênero”.

No momento da realização das entrevistas, indaguei de que maneira as bibliotecárias percebem as questões de gênero na profissão. Por meio das narrativas das profissionais ouvidas, juntamente com as fontes documentais constituídas pelos Anais do CBBB e do SNBU reunido com o histórico da criação dos cursos, pude tecer uma teia buscando compreender se ocorre interferência de gênero nas relações sociais na área da Biblioteconomia, sobretudo na região Centro-Oeste.

A história oral pretende ser um campo multidisciplinar onde, independentemente das várias tradições disciplinares, diferentes linhas de trabalho tenham um território para o diálogo sobre maneiras de abordagem das entrevistas e campo de troca de experiências. (BOM MEIHY, 1996, p. 27).

O conjunto de fontes documentais impressas, constituído por alguns números dos Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia (CBBB) de 1962 a 2019 e dos Anais do Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) de 1978 a 2018, sedimentou a pesquisa no intuito de elucidar quantitativamente a autoria dos trabalhos apresentados.

Elegi como fonte de pesquisa os Anais dos respectivos eventos da área da Biblioteconomia por se tratar de dois eventos principais. Desde a primeira edição, o CBBB agrega bibliotecárias que são atuantes em relação ao aperfeiçoamento da área no Brasil, o congresso surgiu em 1954 e ocorre até os dias atuais. O SNBU foi criado em 1978 com o foco maior em reunir pesquisadoras/res dominantes nas bibliotecas universitárias e acontece de dois em dois anos em diferentes capitais do país. Me detenho em investigar a autoria dos artigos, quem está produzindo conhecimento científico e apresentando trabalhos, quantitativamente se são mais homens ou mulheres. Considero os dois eventos como expressões importantes do campo biblioteconômico.

Localizar a bibliotecária no mundo do trabalho, a partir dos estudos feministas e amparada na perspectiva das relações de gênero, é relevante devido à

falta de pesquisas acadêmicas sobre essa temática tanto na área da Biblioteconomia como na da história. Por meio das fontes orais, em especial, analisei as relações de gênero observando a interpretação das colaboradoras sobre a Biblioteconomia a partir da prática profissional. Faço minhas as palavras da historiadora Marta Rovai, quando afirma:

O significado das falas não é entendido como algo fixo nem tradução do real, e sim construção, fruto do processo dialógico, humano, assim como ocorre com outras fontes historiográficas escritas ou iconográficas. (ROVAI, 2012, p. 57).

Escolhi articular o conceito de gênero no contexto da Biblioteconomia, pois considero-o pertinente dado o número significativo de mulheres nessa área, fazendo com que seja considerada uma profissão feminina. Embora essa seja uma realidade vista empiricamente em grande parte dos estados brasileiros, a exemplo de Goiás, Distrito Federal e Mato Grosso,

Refletir sobre a constituição da profissão bibliotecária sob a perspectiva de gênero torna-se fundamental para a compreensão do local que a Biblioteconomia ocupa na sociedade, sendo a profissão bibliotecária formada em sua grande maioria por mulheres. (PIRES, 2016, p.115).

Ao realizar uma pesquisa bibliográfica sobre a história da Biblioteconomia brasileira, para minha surpresa, descobri que os fatos marcantes e definidores da profissão foram protagonizados por mulheres. Essa constatação indica que ocorre um silenciamento, um apagamento dessas bibliotecárias que foram protagonistas, sendo esse fato de suma importância para o desenvolvimento da profissão de bibliotecária. Tal afirmação se consolida, pois, afinal, nos cursos de graduação, na bibliografia apresentada pelos/as professores/as durante as disciplinas aparecem majoritariamente autores e figuram apenas os nomes dos homens bibliotecários¹¹.

O gênero como categoria de análise, até o presente momento, é pouco utilizado para refletir sobre a área da Biblioteconomia. Para Corrêa e Oliveira (2018), as pesquisas realizadas com o foco na perspectiva de gênero na

¹¹ Ao longo da tese, discuto algumas obras consideradas cânones da Biblioteconomia.

Biblioteconomia são poucas, e somente a partir do ano 2000 publicações com a temática gênero e feminismo começaram a aparecer. Friso que é fundamental uma compreensão da categoria relações de gênero, pois poucos trabalhos científicos dão visibilidade às mulheres que atuam como bibliotecárias, exercendo a função de diretoras, presidentas nos órgãos de entidades representativas da categoria, as mulheres bibliotecárias são também professoras universitárias nos cursos de graduação e pós-graduação em Biblioteconomia do país e ainda são responsáveis pelas grandes conquistas da classe.

De acordo com Ferreira (2003, p.190),

Na Biblioteconomia, estudos com enfoque de gênero ainda não estão consolidados, à exceção de alguns artigos especializados na área, que, em geral, não aprofundam as questões de gênero na profissão da/o bibliotecária/o.

Ao realizar uma pesquisa na internet, via buscador Google¹², com o objetivo de levantar os trabalhos acadêmicos, sejam teses, dissertações, artigos e livros, que constassem as palavras no título ‘gênero e biblioteconomia’, realizei a busca simples digitando os termos Gênero na Biblioteconomia e pouquíssimos trabalhos foram recuperados. Constatei que existe uma lacuna no sentido de haver poucas pesquisas acadêmicas, científicas com abordagem da temática gênero na Biblioteconomia, e entre os poucos trabalhos recuperados na busca, destaco a tese produzida pela bibliotecária Beatriz Alves de Souza, intitulada “O Gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os”, apresentada em 2014, no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas/Dinter, da Universidade Federal de Santa Catarina.

Outro trabalho que ressalto é o artigo “A feminização e a profissionalização do magistério e da biblioteconomia: uma aproximação”, escrito pela professora de biblioteconomia no Departamento de Ciência da Informação da Universidade Federal de São Carlos, Elisabeth Márcia Martucci, publicado em 1996 na revista Perspectivas em Ciência da Informação; e também o livro publicado em 2018, intitulado “O Protagonismo da Mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação”, livro pioneiro organizado pelas bibliotecárias Franciéle Carneiro

¹² A pesquisa foi realizada no ano 2020.

Garcês da Silva e Nathália Lima Romeiro. Os trabalhos citados - a tese, o artigo e o livro - abordam aspectos que refletem sobre o gênero na profissão de bibliotecária.

Nesta pesquisa, amplio o debate ao investigar e analisar, a partir da chave de leitura da categoria gênero, os aspectos históricos em conjunto com as fontes orais com o objetivo de descobrir se ocorre discriminação no exercício da profissão nas bibliotecas pesquisadas, sobretudo a partir da percepção das bibliotecárias.

Portanto, é relevante problematizar a história da Biblioteconomia ao se lançar mão dos documentos sobre seu surgimento e de sua consolidação no Brasil. Nesse sentido, busco em Luca (2020, p. 25) a constatação de que “a interpretação do passado está sempre em mutação”.

A escassez de pesquisas que utilizam a categoria gênero para refletir sobre a Biblioteconomia “torna a discussão quase sempre difícil, já que as profissionais da informação, em geral, não relacionam a desvalorização social da profissão com o fato dela ser uma categoria predominantemente feminina” (FERREIRA, 2003, p. 193).

Percorri o objetivo de compreender como ocorreu a feminização da Biblioteconomia no Brasil. Afinal, para Ferreira (2010, p. 166), “É imprescindível focalizar as desigualdades de gênero no campo da Biblioteconomia se quisermos promover a valorização social da profissão” e, também, para que alcancemos a equidade de gênero na Biblioteconomia.

Para destacar as características tidas como inerentes às mulheres, resalto uma passagem da fala de Cláudia¹³, uma das colaboradoras:

Eu acho que as mulheres se dão muito bem na nossa área por conta dessa sensibilidade para área de organização, para área de relacionamento interpessoal, que a gente lida com pessoas o tempo todo, porque a gente depende do usuário para existir, e as mulheres têm maior desenvoltura nessa área.

Procurei decifrar quais são os elementos que estruturam essa perspectiva de que as mulheres são mais habilidosas no trato com as pessoas. Essa

¹³ Entrevista realizada em ambiente virtual, pela plataforma Google Meet, no dia 22 de março de 2021, com a duração de 38 minutos, Cláudia é um nome fictício de uma das colaboradoras.

pergunta foi uma das chaves da pesquisa empreendida e foi recorrente em vários momentos das narrativas das entrevistadas ao longo de nossas conversas. Palavras ligadas às mulheres, como habilidosas, sensíveis, serenas, fofas, figuram em alguns momentos nas falas das interlocutoras e foram identificadas como características que compõem o conjunto dos estereótipos¹⁴ que acompanham a profissão.

Estabeleço diálogos a partir da interlocução entre autoras que teorizam sobre as categorias trabalho, feminismos, relações de gênero, relações de poder, com o propósito de desvendar e desmistificar características tidas como naturais das mulheres e dos homens que permeiam as relações de gênero. Desse modo, busco em Joan Scott (2012; 2019; 2021) a sua conceitualização sobre relações de gênero e destaco outras/os historiadoras/es basilares para esta tese, quais sejam: Bourdieu (2020), Kergoat (2009), Louro (2000; 2014), Pedro (2000; 2005), Michelle Perrot (1991; 1998; 2005; 2013), Yannoulas (2011), entre outras/os, que me guiaram no exercício de problematizar os elementos, símbolos tidos como intrínsecos, os quais, são, na verdade, construções sociais que estruturam as nossas relações que reverberam no desempenho das atividades profissionais como na profissão de bibliotecária.

A título de contextualização, julguei ser apropriado trazer à tona alguns aspectos relativos à história da Biblioteconomia. Para tanto, autores como Barbier (2018), Chartier (1998; 2004; 2006), Lyons (2002; 2011), entre outros que se dedicam aos estudos sobre o livro, a leitura e as bibliotecas foram fundamentais no percurso da análise aqui proposta. Para refletir sobre a História Oral e a Memória, me ancoro no pensamento de Verena Alberti (2014), José Carlos Sebe B. Meihy (1996; 2021), Paul Ricoeur (2007), Marta Rovai (2021), entre outras/os. Sobre a História do Tempo Presente, lugar em que se situa temporalmente a tese, me valho das proposições da Marieta de Moraes Ferreira (2000) e Pesavento (2003).

¹⁴ Compreendo estereótipos como “concepções rígidas sobre a realidade que não aceitam ponderações, questionamentos ou contraposições. Ou ainda, como imagens mentais reduzidas, simplificadas sobre um fato do cotidiano, pessoa, grupo, lugar, crença, instituição, manifestação, constituindo-se como um julgamento generalizado, resultado do acesso fragmentado, incompleto, a informações sobre o observado, ou que se dá mesmo anteriormente à observação”. (SAVENHAGO; SOUZA, 2019, p. 226).

Para Ferreira (2000, p.11), a História do Tempo Presente “constitui um lugar privilegiado para a reflexão sobre as modalidades e os mecanismos de incorporação do social pelos indivíduos de uma mesma formação social”. Portanto, analisar a profissão de bibliotecária é uma forma de ação política, na medida em que o espaço de distanciamento temporal não existe. Por isso é que, como assinala Pesavento,

Trata-se de História ainda não acabada, em que o historiador não cumpre o seu papel de reconstruir um processo já acabado, de que se conhecem o fim e as consequências. Não se trata, pois dá construção ex-post de algo que ocorreu por fora da experiência do vivido, pois o historiador é contemporâneo e, de certa forma, testemunha ocular de um processo que ainda se desdobra e do que não se conhece o término. (PESAVENTO, 2003, p. 93).

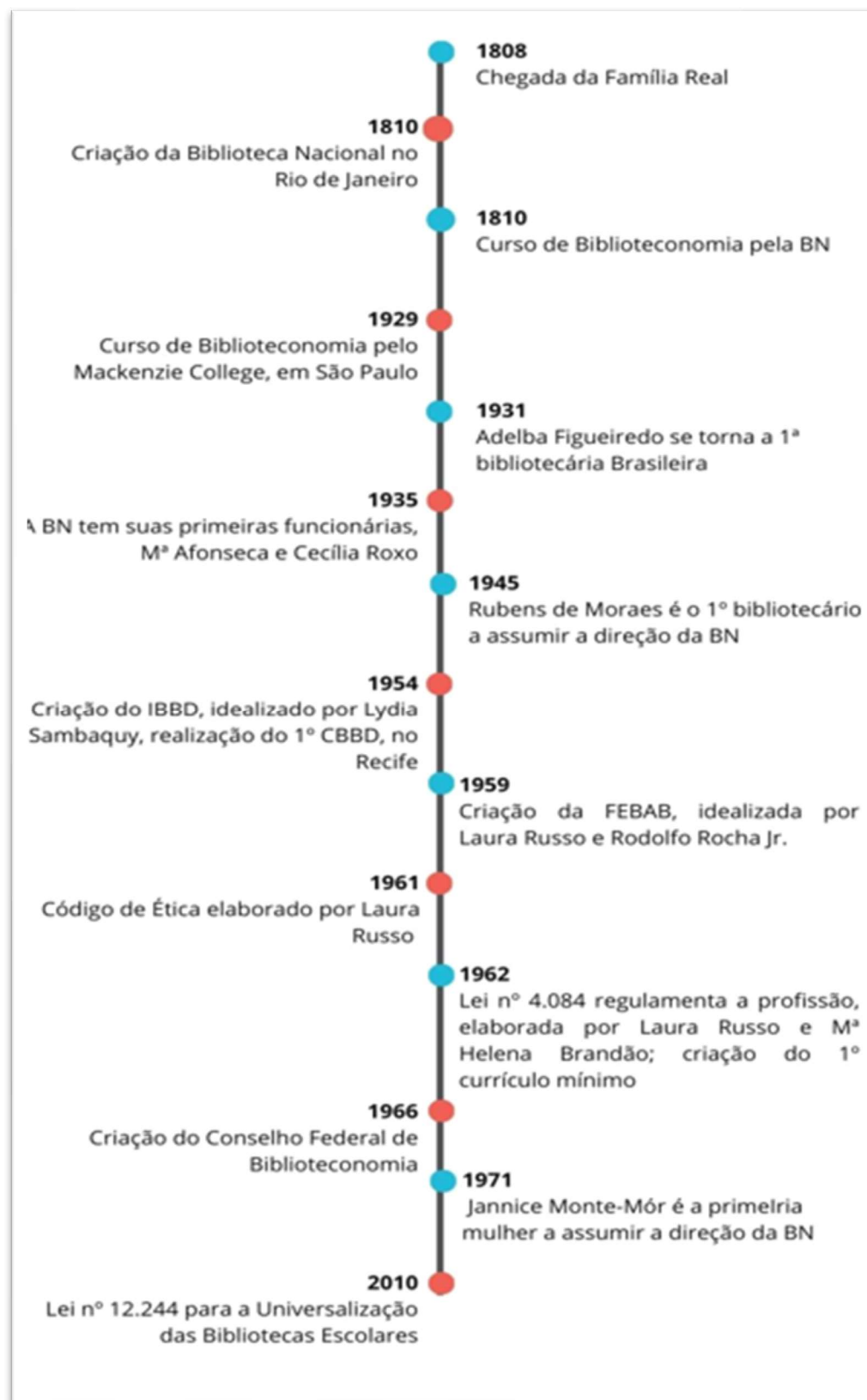
Evidencio a configuração das relações de gênero na Biblioteconomia por excelência na contemporaneidade. Assim como afirma Albuquerque, “O historiador lida com a multiplicidade de temporalidades e as articula numa narrativa que parte do encontro delas com o seu próprio tempo”. (ALBUQUERQUE, 2019, p. 65).

A tese está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, intitulado ‘Percursos e memórias da Biblioteconomia’, faço a apresentação de como surgiu a profissão de bibliotecária a partir de uma análise histórica. Para elucidar a estruturação do campo da Biblioteconomia, contextualizo a criação dos primeiros cursos de formação e ensino de Biblioteconomia no Brasil, situando a consolidação das escolas de Biblioteconomia, em especial as escolas do Centro-Oeste.

No segundo capítulo, denominado ‘Relações de poder e estereótipos de gênero na Biblioteconomia’, investigo a partir das narrativas orais as relações de gênero na atuação profissional, em paralelo aos estereótipos procurando caracterizar as nuances da prática biblioteconômica em consonância com as profissões ditas femininas. Além de articular as discussões sobre a sociedade patriarcal em que estamos inseridas.

Já no terceiro capítulo, ‘Tecnologia é coisa de homem?: Visibilidade masculina na profissão’, eu analiso se nos últimos anos vem ocorrendo um retorno dos homens para a profissão de bibliotecária e ainda examino os Anais do CBBD (1954-2019) e do SNBU (1978-2018) para evidenciar a autoria dos trabalhos, ou

seja, quem mais participa ativamente nos eventos. A partir de uma investigação sobre a atuação profissional em relação às novas tecnologias digitais, observo as permanências e as mudanças no cenário de atuação e quais são as implicações nas relações de gênero no ambiente das bibliotecas.

FIGURA 1 - Principais marcos da Biblioteconomia no Brasil

Fonte: Elaborado pela autora (Ao longo do Capítulo 1, contextualizo cada fato descrito na linha do tempo).

CAPÍTULO 1

PERCURSOS E MEMÓRIAS DA BIBLIOTECONOMIA

Em muitas sociedades tradicionais, os livros possuíam poderes miraculosos e simbólicos que só os membros da elite sabiam como manipular. Se alguém usurpasse esse monopólio clerical da palavra escrita, corria o risco de ser acusado de heresia. (LYONS, 2011, p. 7).

Neste capítulo, discorro sobre o surgimento da Biblioteconomia como profissão, e como ponto de partida, escolhi como recorte falar da história das bibliotecas a partir da criação da imprensa, que ocorreu no século XV. De início, procuro contextualizar historicamente o surgimento da imprensa, pois a história da criação do campo do conhecimento biblioteconômico é inseparável da narrativa das coleções que reuniam os livros e de sua popularização. Apresento brevemente um panorama sobre as implicações do surgimento da imprensa, sobre a constituição das bibliotecas, e as mudanças que ocorreram ao longo do tempo.

Em relação à importância das bibliotecas nas sociedades, Schwarcz (2002) enfatiza que

As bibliotecas do Ocidente, além de cumprir um importante papel na história do pensamento, apontaram limites da tradição, evidenciaram a organização de escolas e revelaram divisões internas e conflitos. Talvez por isso mesmo tenham se convertido, muitas vezes, em instrumentos de poder. Quer por meio da influência espiritual da Igreja, quer em nome da força é que as bibliotecas se transformam, facilmente, em moeda de prestígio e geram concorrência entre aqueles que detêm seu controle. (SCHWARCZ, 2002, p.121).

Compreendo as bibliotecas como espaços de disputa de poder na medida em que escolhas são feitas em relação ao que deve ser preservado, lembrado. Proponho, ainda, a indagação sobre quais livros são relevantes para compor um acervo. De saída, posso afirmar que a resposta a esse questionamento vai depender da função da biblioteca e a quem ela se destina, afinal, uma biblioteca, nas palavras de Jacob (2008, p. 9), “é um lugar de diálogo com o passado, de criação e inovação”.

O termo biblioteca assume significados diferentes ao longo do tempo, mas, sobretudo, o papel da biblioteca desde seu surgimento é o de símbolo ativo da cultura e da civilização, além de transferência e apropriação cultural. As primeiras bibliotecas surgiram no período da antiguidade, as civilizações prezavam a escrita, entretanto, diversos fatores contribuíram para que o patrimônio livresco fosse destruído por incêndios ou guerras; outro fator foi a mudança de suporte da escrita.

Nessa perspectiva, a escrita teve um papel primordial para o avanço e o aperfeiçoamento das bibliotecas, além de contribuir para o surgimento de novas práticas de leitura. A invenção da imprensa se deu na segunda metade do século XV, na década de 1450 na Europa, protagonizada por Gutenberg, ocorrendo, posteriormente, sua expansão para outros países da Europa.

Por volta de 1500-1510, com efeito, a imprensa ganhou a partida. Nas bibliotecas, os livros impressos relegam cada vez mais os manuscritos ao segundo plano; por volta de 1550, eles são consultados quase só por eruditos. (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 361).

De acordo, com Lyons (2011), alguns fatores foram importantes para a criação do tipo móvel, como o crescimento na procura por livros e a expansão das universidades, por exemplo.

O aumento das estruturas de ensino se produz ao mesmo tempo que um novo suporte se difunde no Ocidente e que vai se impor para todos os trabalhos habituais de escrita e para uma parte de produção livresca: trata-se do papel, introduzido a partir do século XII e sobretudo no século XIII. Muito menos caro que o pergaminho, o papel é cada vez mais utilizado para tudo o que se refere à gestão e à administração, depois para a cópia dos manuscritos mais comuns. (BARBIER, 2018, p. 117).

Barbier (2018, p. 138) frisa que “os impressos, entretanto, só vão se impor definitivamente diante dos manuscritos nas coleções das primeiras décadas do século XVI, em razão das compras, mas também dos legados e das doações.”. Gilmont (2002) chama a atenção para o impacto que teve a descoberta de Gutenberg na sociedade, tendo em vista que a maioria da população era constituída por pessoas analfabetas. Nesse sentido, o autor reforça que “a nova

arte não toma consciência de sua própria originalidade senão ao longo de uma lenta gestação de cerca de oitenta anos” (GILMONT, 2002, p. 48).

Em virtude de os livros impressos serem produzidos em grande escala, os príncipes e os indivíduos ilustres apreciavam adquirir obras personalizadas, que poderiam possuir brasões, gravuras e uma encadernação única, exclusiva para a sua coleção. À vista disso,

os manuscritos comuns, esses manuscritos com pinturas, caligrafados por copistas particularmente hábeis e iluminados por pintores às vezes célebres, somente eram acessíveis a pequenos grupos de privilegiados, senhores, eclesiásticos ou leigos e ricos burgueses. (FEBVRE; MARTIN, 2019, p.161).

Para Febvre e Martin (2019), a matéria-prima, o papel que aparentemente era frágil, foi também um fator responsável pela resistência inicial em relação ao surgimento da reprodução mecânica do livro. Os autores afirmam que o surgimento da imprensa está diretamente ligado ao surgimento do papel, a saber: “A invenção da imprensa teria sido inoperante se um novo suporte do pensamento, o papel, vindo da China através da Arábia, não tivesse aparecido na Europa” (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 76).

A relação entre a indústria do papel e a indústria do livro se torna, portanto, muito próxima; a prosperidade de uma depende da prosperidade da outra. Isso fica claro se compararmos os donos das empresas de papel e dos ateliês tipográficos na Europa Ocidental, em diferentes períodos de sua história. (FEBVRE; MARTIN, 2019, p. 92).

De acordo com Barbier (2018), os livros impressos ganham espaço nas coleções das principais bibliotecas a partir do século XVI, entretanto, ganham espaço definitivo no final do século XVII. Em relação ao conhecimento científico, a imprensa propiciou uma revolução no âmbito da divulgação e acesso ao conhecimento. “A imprensa também tornou os livros eruditos mais amplamente acessíveis, o que permitia aos pesquisadores consultar textos antigos livremente e comparar suas observações com as de seus colegas cientistas” (LYONS, 2011, p. 71).

Gilmont (2002) adverte que não podemos perder de vista que, no século XVI, a oralidade era muito presente e sedimentava as relações sociais. No que

se refere ao domínio dos aprendizados e das sociabilidades, as informações relativas à vida prática, normas, regras e eventos eram compartilhadas pela oralidade, portanto, o objeto livro veio a somar nesse universo predominantemente oral, onde em um primeiro momento era praticada a leitura pública, em detrimento da leitura solitária. “É importante, pois, tomar distância em relação à situação do século XX e nunca perder de vista essa onipresença do oral” (GILMONT, 2002, p. 58).

Todavia, os aspectos das bibliotecas que foram modificados com a tecnologia da imprensa e do novo formato do livro propiciou, sem dúvida, o crescimento do número de bibliotecas e da população leitora.

Em cada época, as bibliotecas têm implícitas concepções do saber e da leitura socialmente partilhadas muito poderosas, a exemplo da França onde

Os leitores de classes menos favorecidas valiam-se das bibliotecas públicas, que começaram a ser instituídas por reformistas, filantropos e empregadores na segunda metade do século XIX, com o objetivo de fornecer livros edificantes para as massas. (LYONS, 2011, p. 147).

Em relação às normas e aos comportamentos dentro das bibliotecas, Chartier (1998, p. 78) esclarece que “entre os séculos XVI e XIX, a instauração obrigatória do silêncio nas bibliotecas universitárias na Idade Média central” fazia parte no novo regulamento de comportamento no espaço da biblioteca. O mesmo silêncio que é exigido das/os leitoras/es nas bibliotecas universitárias na atualidade. Ressalto que a norma da prática silenciosa da leitura é questionada em algumas bibliotecas, pois a biblioteca enquanto organismo vivo deve possuir ambientes para a leitura em voz alta, estudos em grupo, além dos espaços para a leitura silenciosa.

Segundo Barbier (2018, p. 55), “Admite-se que as mulheres terão acesso a certo tipo de leitura religiosa, enquanto os homens vão se beneficiar com um meio textual mais aberto”.

Na maioria das sociedades europeias, as mulheres aprendiam a ler a Bíblia e o catecismo, mas (como os escravos negros no sul dos Estados Unidos) não eram encorajadas a aprender a escrever, já que escrever conferia uma independência que era considerada prerrogativa masculina. No século XIX, aumentaram progressivamente as oportunidades de trabalho

para professoras e balconistas, o que criou incentivos para um alfabetismo pleno. (LYONS, 2011, p. 98).

Barbier (2018) destaca que a partir da época moderna existem bibliotecas particulares pertencentes a mulheres; entretanto, esse feito dizia respeito a uma parcela minoritária da população, pois as mulheres são praticamente excluídas das instituições públicas de bibliotecas até o final do século XIX. Em relação à mulher leitora, Chartier reitera (1998, p.109): “Durante muito tempo, a leitura das mulheres foi submetida a um controle que justificava a mediação necessária do clero, por temor das interpretações selvagens, sem garantia do poder”.

As leitoras do século XIX, em grande medida, tinham preferência por livros do gênero romance e por livros de receitas de cozinha. Com o crescimento do público feminino leitor, novas formas de literatura foram criadas, como o romance popular, além das revistas direcionadas ao público feminino, a saber: “receitas e conselhos sobre etiqueta eram incluídos nas revistas femininas junto com notícias de moda.” (LYONS, 2002, p.170). A leitura recreativa passou a fazer parte da cultura urbana.

A propósito, grande parte das mulheres, para ter acesso aos romances e às revistas semanais, não tinha a necessidade de se dirigir a uma biblioteca, pois os livros de romances populares eram constituídos de materiais de baixo custo financeiro. Dessa forma, eram adquiridos pelas leitoras e leitores em quiosques nas ruas.

No Brasil, é possível observar, por meio das pesquisas realizadas por Bessone¹⁵ (2014), nas últimas décadas no século XIX, que existia, precisamente na cidade do Rio de Janeiro, um grupo seletivo de leitores que compreendiam uma rede de relações culturais. Todavia, grande parte da população era analfabeta e não tinha a oportunidade de ter acesso a livros. “É importante frisar que muitas livrarias compravam livros usados para revendê-los, o que as fazia muito visitadas, além daquela imensa gama de locais que vendiam as brochuras mais baratas” (BESSONE, 2014, p.108).

Consequentemente, as livrarias e as bibliotecas eram espaços de sociabilidades restritos a uma elite ativa, que faziam circular obras de cunho

15 Refiro-me à obra, BESSONE, Tania Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

formativo, como livros de direito, medicina e conhecimentos gerais, e também livros que versavam sobre cultura, artes, religião, além dos clássicos da literatura ocidental.

Os homens que possuíam bibliotecas particulares e compunham o círculo de leitores no Rio de Janeiro possuíam formação nos campos da medicina e do direito, por exemplo, sendo essas áreas de formação que eram vistas com grande notoriedade na sociedade brasileira. O quadro político era composto justamente por profissionais formados nessas áreas, ou seja, “Esses profissionais faziam parte dos 17% da população brasileira livre e estavam entre os eleitores que, por volta de 1889, não ultrapassavam o total de 125 mil pessoas” (BESSONE, 2014, p. 45).

Chamo a atenção para a presença de bibliotecas nas casas dos integrantes da elite do país, espaço que também era usado como gabinete. Possuir um escritório era uma prática masculina no Brasil, assim como observado por Michelle Perrot, na França.

O pai também domina a casa, mesmo passando muito tempo fora. Ele tem seus aposentos particulares: o *fumoir* e a sala de bilhar, para onde os homens se retiram para conversar após os jantares sociais; a biblioteca, porque os livros (e a bibliofilia) continuam a ser coisas de homens. (PERROT, 1991, p.126, grifo da autora).

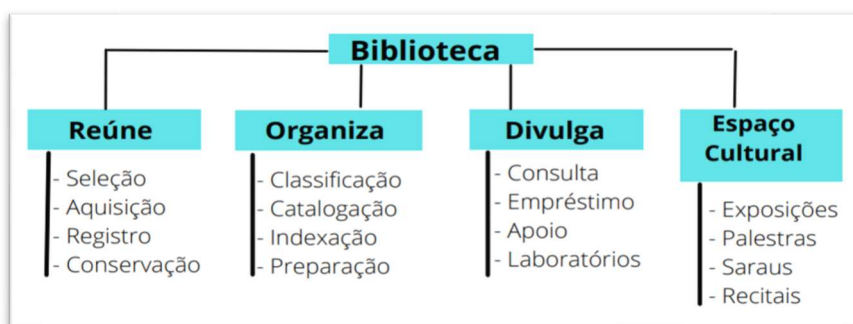
Percebe-se que mesmo no espaço privado da residência, lugar onde as mulheres passavam a maior parte do tempo, havia recintos onde a presença masculina imperava, isto é, pais, maridos, sogros e irmãos tinham o privilégio de desfrutar desses espaços de sociabilidade.

1.1 Bibliotecas Universitárias

A própria biblioteca não se apresenta mais como baluartes ou arcas de Noé de um mundo a ser reconstruído, e sim como espaços a serem circunscritos, delimitados, ordenados em função da utilidade e modernidade dos saberes.¹⁶

A partir de agora, convido a leitora e o leitor a mergulharem no mundo das bibliotecas, apresentando, a seguir, o arquétipo de uma biblioteca concebida nos séculos XX e XXI. A título de contextualização, elaborei um organograma para demonstrar as funções básicas de uma biblioteca no contexto histórico do tempo presente.

QUADRO 1 - Apresentação das funções de uma biblioteca



Fonte: Adaptado de SILVA, Rose Mendes (2015).

A partir do organograma é possível visualizar a relevância que uma biblioteca deve ter para uma comunidade, no sentido de proporcionar situações para além de apenas armazenar livros e emprestá-los. A biblioteca é um organismo vivo, a parte de selecionar, comprar, registrar e conservar os materiais informacionais¹⁷, juntamente com as atividades de classificação, catalogação, indexação são de responsabilidade impreterivelmente da bibliotecária, pois são tarefas que requerem o conhecimento biblioteconômico.

¹⁶ Goulemot, Jean-Marie (2008, p. 265).

¹⁷ Denomino de materiais informacionais o conjunto de matérias pelas quais a biblioteca é responsável em diferentes suportes, além do livro e do periódico impresso, por exemplo, CD-ROM, DVD mapa, partitura, e-book e periódico on-line.

Por sua vez, os itens que englobam a divulgação e o espaço cultural podem ser gerenciados por profissionais de áreas distintas. Para Borges (2013, p. 46), a Biblioteconomia possui muitos desafios, mesmo depois de 50 anos de regulamentação da profissão. Nesse sentido, é importante destacar o fato de que “Um deles é fazer com que a sociedade entenda o papel da biblioteca e sua capacidade enquanto espaço de ação pedagógica, propiciando aos seus usuários um ambiente de informação”.

No campo da Biblioteconomia, as bibliotecas são classificadas a partir de suas especificidades e de acordo com a sua finalidade, a saber: pelas funções que desempenham, pela especialização dos assuntos a que se dedicam e pelo tipo de leitor/a que atendem, sempre com o propósito de facilitar o atendimento das necessidades informacionais e com o objetivo de oferecer um atendimento direcionado para determinado público, propiciando, assim, serviços e produtos adequados. Nesse sentido, existem alguns perfis de bibliotecas, por exemplo, as bibliotecas nacionais, particulares, escolares, infantis, universitárias, especializadas, públicas, comunitárias, prisionais e hospitalar.

As bibliotecas universitárias têm como missão oferecer suporte aos cursos de graduação e pós-graduação ministrados na instituição nos espaços físicos da biblioteca destinados para o estudo individual e coletivo, laboratório de informática para os/as estudantes que não têm acesso a computadores em suas residências, e o mais importante: o empréstimo de materiais informacionais, sejam livros, revistas, dicionários. O acervo da biblioteca universitária é formado a partir dos projetos pedagógicos dos cursos (PPCs) ministrados na Universidade, a atualização do acervo e sua organização são os aspectos principais da biblioteca. As bibliotecas universitárias atuam como força motora, oferecendo suporte para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, desenvolvidas no âmbito das universidades do país.

As bibliotecas universitárias ocupam lugar de destaque na sociedade atual. Sua abrangência e o papel que desempenham em prol do desenvolvimento científico, tecnológico, cultural e social estão diretamente relacionados à função da universidade na sociedade como agente catalizador e difusor do conhecimento científico advindo das contribuições dos pesquisadores, docentes e discentes. (NUNES; CARVALHO, 2016, p. 174).

O público-alvo da biblioteca universitária são os/as alunos/as dos cursos ofertados pela instituição. Os produtos e serviços disponibilizados são direcionados para esse público em especial, produtos como: a confecção da carteira da biblioteca, que geralmente é gratuita e possibilita que o/a estudante pegue livros emprestados do acervo; a declaração de Nada Consta, que é um documento emitido pelas bibliotecas informando que o/a estudante não deve material informacional nem multa para a biblioteca (esse documento é necessário para a solicitação de emissão de transferência de instituição de ensino, diploma de graduação); certificados de especialização, mestrado e doutorado.

Em relação aos serviços oferecidos, cito como exemplo: treinamentos sobre Fontes de Informação; acesso ao Portal de Periódicos da CAPES; levantamento do acervo sobre determinada área do conhecimento; solicitação de empréstimo entre bibliotecas; entre outros serviços. Portanto,

os objetivos da universidade podem ser realizados pelo êxito e a capacidade de atuação de seus estudantes, pela relevância das publicações de seus professores e pela utilidade social que ela tenha em sua região, tendo, a biblioteca, a função de auxiliar em tudo isso, não sendo possível conceber universidades que produzam a pesquisa e o pensamento livre e crítico sem as bibliotecas. (VALERIANO, 2018, p. 10).

Todavia, a biblioteca universitária não possui acesso restrito aos alunos e alunas, ela é aberta a qualquer pessoa, que não possua vínculo com a instituição, que pode consultar e ler os livros no espaço da biblioteca, além de utilizar as áreas de estudos que a biblioteca dispõe para efetivar a leitura. Apesar de haver uma grande escassez de bibliotecas públicas e municipais, essa é uma prática muito comum no Brasil, pois constata-se que pessoas da comunidade externa que se preparam para concursos públicos, estudantes do ensino médio e pessoas aposentadas se dirigem à biblioteca mais próxima de suas residências para acessar os computadores, ler ou fazer alguma consulta.

A seguir, apresento como ocorreu o surgimento dos primeiros cursos de Biblioteconomia no mundo e suas características principais.

1.2 O início do ensino da Biblioteconomia nas Universidades

A profissão de Biblioteconomia é uma das mais antigas do mundo. Entretanto, em relação ao campo de conhecimento com formação específica, segundo Barbier (2018), ela teve início na *École Nationale de Chartes*¹⁸ em 1821, consagrando-se como a primeira escola do mundo para formação profissional, contudo, a profissão de bibliotecária foi integrada de forma consistente como uma disciplina ao longo do século XIX na instituição.

Mais adiante, nos Estados Unidos, Melvil Dewey (1851-1931), conhecido como o pai da Biblioteconomia moderna, na *Columbia College*¹⁹, que até então não admitia mulheres na instituição, estabeleceu, em 1887, o primeiro curso de Biblioteconomia nos Estados Unidos e o segundo curso de ensino especializado em Biblioteconomia em nível mundial. A admissão de mulheres na sala de aula, em 1887 por Dewey²⁰, foi um marco significativo para a entrada das mulheres no campo de estudo. Todavia, Xavier (2020) esclarece que

[...] ainda que a impressão seja de que Melvil Dewey foi mais um homem incrível que contribuiu para a emancipação feminina, o bibliotecário colecionou ao longo de sua vida inúmeras denúncias de assédio sexual, além de atitudes racistas contra judeus, afro-americanos e outras minorias. (XAVIER, 2020, p. 32).

Dewey também elaborou um sistema de Classificação Decimal²¹ (CDD). Nesse sistema de classificação, foram utilizados pela primeira vez números decimais para anotações de assuntos.

18 Trata-se de uma instituição criada durante a Alta Idade Média, que teve grande relevância como centro de estudos, funcionada na própria Catedral de Chartres, localizada em Paris. As escolas catedrais foram substituídas posteriormente pelas universidades medievais.

19 Atualmente Universidade Columbia.

20 De acordo com Arévalo (2018, p. 1), "No final do século XIX e começo do XX, Melvil Dewey desenvolveu um importante labor profissional sendo considerado um dos bibliotecários mais influentes do mundo. No entanto, seu comportamento a respeito das mulheres em sua vida privada foi absolutamente reprovável, inclusive em um tempo no qual era mal-visto que as mulheres denunciassem um assédio, fazendo com que ele fosse excluído em grande medida da profissão e até expulso da Associação Americana de Bibliotecas, uma organização que ele havia co-fundado". Em 2019, a Associação Americana de Bibliotecas optou por retirar o nome de Dewey, prêmio concedido anualmente a bibliotecários americanos.

21 Segundo Arévalo (2018, p. 1), "Também é dito que o sistema de classificação decimal que se atribuiu a Melvil Dewey, na verdade foi idealizado por Adelaide Hasse, e que Dewey atribuiu o mérito a si próprio e ofereceu a ela que não reclamasse sua invenção com um novo trabalho com melhor salário na Biblioteca Pública de Nova York, além disso, também a fez participar de um

Em 1926, a *Graduate Library School* da Universidade de Chicago será a primeira a organizar uma formação completa, associando os conhecimentos propriamente científicos e o aprendizado das técnicas da biblioteconomia. (BARBIER, 2018, p. 341).

Em relação à criação das primeiras associações e eventos profissionais especificamente da área de Biblioteconomia, os bibliotecários²² americanos foram pioneiros, ao criar em 1876 a *American Library Association* (ALA)²³. Segundo Barbier (2018, p. 341), “Um primeiro Congresso Internacional de Bibliotecários aconteceu em Chicago em 1893”. Posteriormente, outros congressos foram realizados na França e na Alemanha. As diversas iniciativas de realização de eventos internacionais propiciaram que, em 1927, ocorresse a criação da *Internacional Federation of Library Association* (IFLA)²⁴.

1.2.1 O Princípio no Rio de Janeiro e em São Paulo

Nesta seção, apresento uma breve retrospectiva sobre as preambulares bibliotecas do Brasil tendo como marco a chegada da família real. A minha escolha se deu por compreender que se trata da biblioteca mais importante criada, até então, no país.

As primeiras bibliotecas no Brasil foram criadas nos conventos pelos jesuítas durante o período colonial com livros trazidos de Portugal em navios. Nas várias capitanias existiam bibliotecas, mas apenas uma pequena parte da

novo projeto, que segundo parece, terminou sendo um encontro privado com intenções pouco profissionais, segundo comentava Adelaide a suas colegas quando falava sobre a ofensa do comportamento de Dewey”.

22 Escrevo no masculino, pois neste momento a totalidade de bibliotecários era composta por homens.

23 Associação Americana de Bibliotecas é a maior e mais antiga associação de bibliotecas do mundo.

24 A Federação Internacional da Associação de Bibliotecas foi fundada em 30 de setembro de 1927 na Reunião Anual da Associação de Bibliotecas do Reino Unido em Edimburgo, Escócia. A IFLA começou oficialmente em 1929 com 15 membros de 15 países. Agora temos mais de 1500 membros e afiliados de cerca de 150 países em todo o mundo. Disponível em: < <https://www.ifla.org/history/>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

população, a elite local, um grupo constituído por homens religiosos, tinha acesso a elas, bem como possuíam o privilégio de ter livros.

Em 1807, a corte real de Portugal embarca para o Rio de Janeiro com “tudo e todos que significassem sobrevivência e sustentação do governo monárquico, que seria instalado no Rio de Janeiro.” (SCHWARCZ, 2002, p. 209). Entretanto, livros, gravuras, documentos da Real Biblioteca não embarcaram em 1807. De acordo com Schwarcz (2002), D. João, em 1809, ordena que os livros fossem encaixotados e enviados para o Brasil, e somente em 1811, todo o acervo da Biblioteca Real se encontra em solo Brasileiro.

Os livros foram alocados na Ordem Terceira do Carmo, onde anteriormente funcionava um hospital. Dessa maneira, a biblioteca é inaugurada em 1811 e a partir de 1814 se torna aberta para o público²⁵. “Seu patrimônio original continha obras raríssimas em livros-cerca de sessenta mil volumes - bem como manuscritos, gravuras e estampas” (BESSONE, 2014, p.137). O acervo se expandia mediante a compra de livros e principalmente por meio do recebimento de doações de notáveis donos de bibliotecas particulares.

Era a própria elite do governo que incluía entre seus hábitos a doação de exemplares de livros, como se a Biblioteca fosse uma espécie de triunfo nacional. Não era o uso que determinava sua funcionalidade, mas sua mera existência tal qual cartão de visitas, ou postal de apresentação. (SCHWARCZ, 2002, p. 281).

Para Barbier (2018, p. 321),

As bibliotecas nacionais respondem, no século XIX, a uma função nova, que não é mais a de ilustração do príncipe e de sua residência, mas de conservação e de disponibilidade daquilo que se refere à identidade coletiva no âmbito da escrita.

Bessone (2014) afirma que a cidade do Rio de Janeiro se tornou ao longo do século XIX, a capital cultural do país por possuir livrarias, confeitarias, teatros, salões que promoviam saraus, bibliotecas públicas, entre outros atrativos culturais, que proporcionavam o encontro de homens que compunham a elite da época. De núcleo cultural, a cidade passou a ser “o centro de decisões do

25 Destaco que o público frequentador da biblioteca era constituído por homens brancos, ilustres perante a sociedade da época.

econômicas e político- administrativas, primeiro como município neutro da Corte e depois como capital federal” (BESSONE, 2014, p. 118).

Em consonância, a Biblioteca Nacional (BN) seguia o modelo europeu e funcionava como biblioteca pública desde 1814, com o horário de funcionamento reduzido. “Com cerca de um milhão de volumes é a primeira e mais importante da América Latina e está entre as 20 maiores do mundo”. (MACHADO, 1975, p. 11).

Em relação ao perfil dos bibliotecários da época, Schwarcz (2002, p. 285), ressalta

o modelo típico dos bibliotecários que cuidaram de nossa Real Biblioteca: religiosos de formação, mal-humorados de caráter, minuciosos nos detalhes que narram, queixosos por ofício, cuidadosos nas classificações que planejam.

Eram homens que possuíam um estilo singular, viviam em devoção ao trabalho realizado na biblioteca, como se a profissão fosse o grande sentido de suas vidas. É interessante notar que as características descritas pela historiadora Lillian Schwarcz ainda permeiam o imaginário social em relação às bibliotecárias, que reafirmam os estereótipos que compõem a área da Biblioteconomia, como, por exemplo, a minúcia na realização dos trabalhos na biblioteca e o mal humor.

FIGURA 2 – Fachada da Biblioteca Nacional



Fonte: Ferrez, Marc. Rio de Janeiro, 4 de março de 1910²⁶.

26 Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/biblioteca-nacional-as-maos-que-restauram-o-tempo/arquitetura/>. Acesso em: 20. fev. 2022.

A fotografia acima em preto e branco retrata a primeira fachada da Biblioteca Nacional. Podemos notar que sua arquitetura projetada no início do século XX compõe o estilo de outros prédios construídos no mesmo período, tais como o Museu Nacional de Belas Artes e o Teatro Municipal. A arquitetura dos novos prédios tinha como intenção modernizar a cidade que havia se tornado uma República há pouco tempo.

Um dos notáveis diretores que esteve à frente da Biblioteca Nacional, indubitavelmente, foi Benjamin Franklin Ramiz Galvão²⁷, um grande bibliotecário. Ele foi o diretor mais jovem a estar à frente da Biblioteca e contava com 24 anos de idade quando assumiu sua administração, que durou doze anos (1870-1882). Durante esse período, foi estabelecido um regulamento para o horário de funcionamento ao público. Segundo Souza (1990, p. 32), Ramiz Galvão

implantou uma reforma significativa na instituição brasileira. Essa reforma introduziu as principais técnicas de organização e administração já em voga na Europa, além de dar uma feição dinâmica à Biblioteca Nacional.

Para ilustrar o nível de erudição que um candidato à vaga de bibliotecário no século XIX deveria possuir, Fonseca (1992, p.112) cita um trecho do relatório feito por Ramiz Galvão, o então diretor da biblioteca Nacional. Eis a citação:

O bibliotecário deve ter algum conhecimento das línguas grega e latina, perfeito conhecimento do francês e do inglês, de história e de literatura geral - e tudo isso sem excluir a ciência bibliográfica propriamente dita. E acrescentava que para nomeação de empregados superiores da biblioteca devia exigir-se dos candidatos um diploma acadêmico, como o de bacharel em letras ou em ciências, o concurso prévio onde se haja de decidir quem tem mais habilitações para o bem servir. (FONSECA, 1992, p. 112).

O primeiro concurso realizado para admissão de bibliotecário oficial ocorreu em 1879.

27 Bessone destaca que Ramiz Galvão desempenhou várias funções durante a sua trajetória laboral, a saber; “foi preceptor dos filhos da princesa imperial d. Isabel (1882-1889), cirurgião militar, médico da saúde do porto do Rio de Janeiro, inspetor-geral de Instrução Pública. Foi bacharel em letras pelo Colégio Dom Pedro II e, em 1868, formou-se em medicina pela Faculdade do Rio de Janeiro” (BESSONE, 2014, p.195).

Quatro foram os candidatos inscritos, a saber: Bacharel Misael Ferreira Pena, João Capistrano de Abreu, Alexandre Cândido da Mota e Antero Pereira de Melo Moraes. Das matérias exigidas para o concurso constavam: História Universal, Geografia, Literatura, Filosofia, Bibliografia, Iconografia, Classificação de Manuscritos e Línguas (traduções de Latim, Francês e Inglês). Pela simples enumeração das disciplinas é fácil avaliar o grau de cultura humanística exigido aos candidatos. (DIAS, 1954, p. 16).

O candidato que ficou em primeiro lugar na seleção do concurso para oficial foi o historiador João Capistrano Honório de Abreu²⁸. Convém assinalar que foi “aprovado com louvor pela banca, que tinha o próprio Galvão como presidente” (CALDEIRA, 2015, p.42). Ramiz Galvão e Capistrano de Abreu eram amigos. Caldeira (2015) chama a atenção para o fato que o Capistrano contribuiu para a consolidação da imagem de Galvão como um homem das letras, intelectual e dedicado sobremaneira ao ofício de bibliotecário.

Capistrano de Abreu, tinha o perfil do bibliotecário que Ramiz procurava: era erudito, com ampla cultural geral, que incluía o conhecimento da história, literatura e línguas pátrias. Tinha também conhecimento técnico, sabendo manejar e classificar os documentos da instituição. (CALDEIRA, 2015, p. 60).

Lemos (2015, p. 23) afirma que os primeiros concursos para a seleção de bibliotecárias foram realizados seguindo o modelo da escola francesa de vertente humanística da *École Nationale de Chartres*.

Outra direção da Biblioteca Nacional que teve grande pertinência foi protagonizada por Manoel Cícero Peregrino da Silva²⁹ (1866-1956) durante os anos de 1900 a 1924. Castro (2000) destaca que a administração de Peregrino inaugura uma nova fase na história da Biblioteca Nacional ao viabilizar e acompanhar a construção do atual prédio da Biblioteca, sendo o responsável pela transferência do acervo e de todo o seu planejamento estrutural.

28 “Lecionou Corografia e História do Brasil no Colégio Pedro II, nomeado por concurso em que apresentou tese sobre O descobrimento do Brasil e o seu desenvolvimento no século XVI. Eleito para a Academia Brasileira de Letras, recusou-se a tomar posse”. Informações retiradas do site Biblioteca Nacional Digital Brasil. Disponível em: < <http://bndigital.bn.gov.br/capistrano-de-abreu-2/>>. Acesso em: 21 jan. 2022.

29 Escritor, advogado e bibliógrafo.

[...] exatamente 100 anos depois da fundação e instalação da instituição na Rua Direita. Projetado pelo construtor e engenheiro general Francisco Marcelino de Souza Aguiar, o edifício tem capacidade para um milhão e meio de livros impressos e todo o acervo de manuscritos, estampas etc. Possui salas de leitura e estudo para o público, divisões e gabinetes de trabalho para o pessoal da administração e outras dependências. O elegante edifício tem estilo eclético, no qual se mesclam elementos neoclássicos e de *art nouveau*, com estruturas de 53 aço e dentro de todas as exigências técnicas da época. (BIBLIOTECA NACIONAL, 2019).

O primeiro curso de ensino da Biblioteconomia no Brasil foi criado em 1911 pela Biblioteca Nacional, sob a direção de Manoel Cícero Peregrino da Silva, cujo propósito inicial era capacitar e qualificar o quadro de funcionários da biblioteca. O curso foi criado em 1911, entretanto, só teve início em 1915 e foi constituído a partir dos modelos da *École Nationale de Chartres*. “Vários decretos reestruturaram o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional, permitindo àquela Instituição acompanhar os progressos da ciência biblioteconomia.” (RUSSO, 1966, p. 15).

A primeira turma era composta por vinte e sete alunos, tendo sido aceitos vinte e um candidatos e seis alunos foram incluídos, após a seleção, pela direção da Biblioteca Nacional. O curso possuía a duração de um ano, funcionando, naquele primeiro momento, de 1915 a 1922. De acordo com Dias (1954), houve baixo interesse pelo curso, ocasionando poucos alunos matriculados. Tal fato pode ser observado nos relatórios da direção da Biblioteca Nacional. “Desde a sua fundação, os Cursos da Biblioteca Nacional oferecem 80 bolsas de estudos a candidatos da Guanabara e de outros Estados, o que permitiu a difusão do ensino de biblioteconomia”. (RUSSO, 1966, p.16). Em relação ao primeiro regulamento do curso, constava:

Art. 34. O curso de biblioteconomia constará das seguintes materias que constituirão uma só serie e de cujo ensino serão encarregados os directores de secção: a) bibliographia; b) paleographia e diplomatica; c) iconographia; d) numismatica.
Art. 35. O ensino deverá ser theorico e práctico, cada materia abrangendo todo o objecto de uma secção, inclusive a parte administrativa e a prática dos diversos serviços. (BRASIL, 1911).

Quem tinha acesso à educação naquele período eram, em sua maioria, homens brancos pertencentes à elite do país. Xavier (2020) chama atenção para os relatórios da direção da Biblioteca Nacional referentes ao curso de Biblioteconomia e afirma: “os funcionários da Biblioteca Nacional eram majoritariamente homens, de modo que o primeiro Curso de Biblioteconomia angariou um público unicamente masculino para suas turmas iniciais.” (XAVIER, 2020, p. 59).

Os candidatos ao curso tinham que prestar o exame de admissão que era composto por uma prova escrita de português e uma prova oral sobre as disciplinas de Geografia, História Universal, Literatura, tradução do Francês, Inglês e Latim, “sendo dispensados de exame os candidatos que já houverem sido admitidos nas escolas superiores ou classificados em concursos de provas para provimentos de cargos da Bibliotheca.” (BRASIL, 1911).

O curso foi suspenso em 1922 por falta de verba orçamentária, entretanto, foi reestabelecido a partir do Decreto n.º 20.673 de 17 de novembro de 1931, que determinava a reativação do curso na Biblioteca Nacional: “Art. 1º Fica restabelecido o Curso de Biblioteconomia, extinto pelo decreto n.º 15.670, de 6 de setembro de 1922.” (BRASIL, 1931). A partir de então, foram acrescentadas disciplinas ao curso e ele passa a ter a duração de dois anos.

Art. 6º A matrícula no curso de Biblioteconomia será efetuada na primeira quinzena de março, devendo os candidatos à inscrição no primeiro ano apresentar, em requerimento dirigido ao diretor geral, os seguintes documentos: a) certificado de aprovação nos exames da 5ª série do Curso Secundário, prestados no Colégio Pedro II ou em estabelecimento sob o regime de inspeção oficial, ou certidões de aprovação nos exames de português, francês, inglês, latim, aritmética, geografia, história universal, corografia e história do Brasil, válidos para a matrícula nos cursos superiores: b) atestado de identidade; c) atestado de sanidade; d) atestado de idoneidade moral; e) recibo de pagamento da taxa de matrícula e frequência. Parágrafo único. Para a inscrição no 2º ano do curso, além do recibo de pagamento da taxa de matrícula e frequência, será exigido o certificado de habilitação nos exames do primeiro ano. (BRASIL, 1931).

Chamo a atenção para o fato que entre as exigências para o ingresso no curso e efetuação da matrícula consta a apresentação de certidões expedidas

pelo Colégio Dom Pedro II, que era, uma instituição de ensino muito renomada do Rio de Janeiro. Xavier (2020, p. 61) frisa que

O Colégio Dom Pedro não permitiu o ingresso de estudantes do sexo feminino durante anos. Somente em 1927, Yvone Monteiro da Silva foi aceita para o curso secundário.

Não havia escolas tradicionais que aceitavam mulheres antes de 1927 no Rio de Janeiro, o que acarretou o impedimento das mulheres de ingressarem no curso de Biblioteconomia. Sendo assim, o ambiente de instrução e conhecimento da Biblioteca Nacional não era um espaço para as mulheres; os saberes biblioteconômicos e a erudição necessária para se tornar bibliotecária ainda estavam enlaçados nas possibilidades de acesso ao estudo reservado aos homens. Consequentemente, a sapiência do mundo dos livros ainda era reduto principal dos homens.

A Biblioteconomia surge no Brasil em meio a uma sociedade com desigualdades nas relações de gênero. Sob essa ótica, utilizo, nesta tese, a categoria gênero como uma ferramenta analítica, conceito que foi inserido no campo dos estudos feministas pela historiadora norte-americana Joan Scott em 1986, a partir do artigo *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*, traduzido no Brasil apenas em 1990. Esse artigo é uma referência teórica para os estudos de gênero. Indubitavelmente, as proposições de Scott marcaram de forma significativa o campo da história das mulheres, pois a autora propõe que gênero seja utilizado como categoria de análise para problematizar as relações sociais entre homens e mulheres e ainda como uma potente chave metodológica e teórica. Nesse sentido, a autora reforça que

gênero é a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho fêmea, masculino, feminino. Uma 'análise de gênero' constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos. (SCOTT, 2012, p. 332, grifo da autora).

Sob essa perspectiva, compreendo as disputas e os desequilíbrios entre as relações de gênero presentes na Biblioteconomia desde a sua origem em solo brasileiro. Assim, seguindo com a história do primeiro curso de Biblioteconomia

do Brasil, é possível observar as mudanças ocorridas a partir do novo decreto sobre o curso de Biblioteconomia:

Os alunos que obtivessem aprovação no Curso – agora de dois anos de duração – teriam preferência absoluta para o provimento efetivo, interino, contratado ou em comissão, no cargo de bibliotecário de qualquer departamento ou repartição federal. De igual modo, os funcionários da Biblioteca que obtivessem o certificado mereciam a preferência absoluta para a promoção em seus quadros. (DIAS, 1954, p. 19).

O decreto que restabelece o curso em 1931, que abarcava garantias por meio das cotas aos alunos, foi fundamental para a inserção de mulheres como funcionárias da instituição. De acordo com Xavier (2020, p. 62), “somente a partir de 1935 a Biblioteca Nacional empregou uma mulher”. E enfatiza que “de 1932 a 1942, a proporção de mulheres aumenta exponencialmente: de 10 passa-se para 158, além disso, as mulheres passam não só a integrar o quadro de funcionários, como também o corpo docente.” (XAVIER, 2020, p. 107). Segundo Perrot (1998, p. 110), “existe uma incessante recomposição das fronteiras entre as profissões masculinas e femininas.”

Com o propósito de depreender como ocorrem as relações de gênero no ambiente das bibliotecas pesquisadas, utilizo a definição de Scott (1995, p. 86) ao afirmar que “o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”. Portanto, a categoria gênero possibilita problematizar as relações entre bibliotecários e bibliotecárias, pois entendo que elas são construídas e marcadas pelas representações sociais e pelas relações de poder.

A criação do primeiro curso foi um marco significativo para a história da Biblioteconomia brasileira; por outro lado, foi um ato para a solidificação dos grupos formados por homens cultos. Antes do curso, já existiam bibliotecários jesuítas nos colégios e conventos, todavia, a sistemática de ensinar o ofício surgiu com o curso da Biblioteca Nacional. Sobre a importância da inauguração do curso de Biblioteconomia para a sociedade do Rio de Janeiro, Dias afirma:

Os jornais do dia 10 de abril de 1915 abriram espaço para a notícia da inauguração do Curso (“O Imparcial” e “Correio da Manhã”), fato que obteve grande repercussão nos meios educacionais do Distrito Federal. Ao ato que foi presidido pelo Diretor Dr. Manoel Cicero Peregrino, participaram todos os chefes da seção da Biblioteca tendo sido orador o senhor Constâncio Alves. Presente à cerimônia, como convidado de honra, tomou lugar à mesa o Conselheiro Ruy Barbosa que assim, de acordo com suas altas tradições de homem público, devotado à causa da cultura, fazia questão de prestigiar uma iniciativa inegável valor cultural. (DIAS, 1954, p. 3)

Posteriormente, em 1969, o curso foi transferido para a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO).

FIGURA 3 - Aula inaugural do curso de Biblioteconomia



Fonte: Biblioteca Nacional, 10 de abril de 1915.

A imagem acima retrata a cerimônia que marcou a aula inaugural da primeira turma do curso de Biblioteconomia do país. Da esquerda para direita estão os ilustres: João Gomes do Rego, Constâncio Alves, Ruy Barbosa, Manoel Cícero Peregrino da Silva, Ancelmo Lopes de Souza, João Carlos de Carvalho e Alfredo Mariano de Oliveira. Chamo a atenção das/os leitoras/es para o fato de ter apenas homens compondo a mesa, todos sentados, com os seus respectivos bigodes e traje formal compõem a cena, que transmite seriedade e rigor.

Outra particularidade digna de nota é que todos os homens possuem a cor da pele branca. Sobre a postura dos homens ao serem fotografados,

Matos esclarece: “os homens, que se esmeravam em expressar o melhor de si, em posturas que vinham da prática do retrato pintado e assim se mantiveram até a primeira metade do século XX” (MATOS, 2018, p.185).

A seguir, contextualizo resumidamente, como ocorreu a formação da área de Biblioteconomia em São Paulo.

São Paulo

Em São Paulo, ocorreu a criação do segundo curso de Biblioteconomia no ano de 1929, cujo surgimento realizou-se de forma semelhante em alguns aspectos ao processo do Rio de Janeiro, a partir das demandas em relação à capacitação de funcionários/as. Entretanto, tratava-se de uma instituição de ensino particular, o Colégio *Mackenzie*³⁰, e no Rio de Janeiro a criação do curso de Biblioteconomia ocorreu na Biblioteca Nacional.

Em São Paulo, no ano de 1926, segundo Rodrigues (1945), o então diretor do Colégio Mackenzie, William A. Waddell, contrata para atuar como bibliotecária na Biblioteca intitulada George Alexander³¹, a professora Adelpha Silva Rodrigues³² (1894-1966³³), “a direção do Instituto Mackenzie sentiu a necessidade de proporcionar a sua bibliotecária as facilidades de orientação biblioteconômica então em grande progresso nos Estados Unidos” (RODRIGUES, 1945, p. 8).

30 Atualmente, Universidade Presbiteriana Mackenzie. O Colégio Mackenzie foi criado no Brasil, pelos missionários protestantes presbiterianos Mary Annesley e George Chamberlain em 1870. De acordo com Mulin (2011, p. 36), “Desde a primeira aula ministrada na casa dos percursos, foi adotado um método inédito no Brasil, que incluía classes mistas, abolição de castigos físicos e grande ênfase na compreensão dos conceitos em substituição à memorização”.

31 Segundo Mulin (2011, p. 38), o acervo da biblioteca era composto por 7.000 volumes. E o nome da biblioteca George Alexander foi escolhido para homenagear o grande conselheiro e educador que atuou de forma imprescindível para angariar recursos financeiros para a construção do prédio próprio para a biblioteca. A biblioteca, em 1927, passou a ser aberta ao público, dessa maneira, além de atender os/as estudantes e os/as professores/as, também recebia pessoas sem vínculo com a instituição. Outro ponto de destaque descrito por Mulin (2011, p. 39), “a biblioteca do Instituto Mackenzie foi a primeira biblioteca paulista a conceber o empréstimo de livros e a permitir o livre acesso dos usuários às estantes”.

32 Depois do casamento o sobrenome do marido foi acrescentado Adelpha Silva Rodrigues Figueiredo.

33 “Após o falecimento de Adelpha Figueiredo em 1966, o prefeito do Município de São Paulo, Sr. José Vicente de Faria Lima, em Decreto n. 6586, de 9 de agosto de 1966, nomeia a Biblioteca Municipal do Canindé por ‘Adelpha Figueiredo’, em homenagem à ilustre mestra e bibliotecária”. (MULIN, 2011, p. 63, grifo da autora).

Na imagem a seguir, está o salão de estudo coletivo, todas/os sentados/as, em mesas compartilhadas, podemos notar meninas e meninos estudando no mesmo ambiente, lado a lado. Com o advento de turmas mistas de ensino, o Colégio Mackenzie foi um grande precursor dessa prática, que até então não ocorria no Brasil.

FIGURA 4 – Biblioteca George Alexander – [1926].



Fonte: Centro Histórico do Mackenzie, apud Mulin (2011).

Mulin (2011) chama a atenção para o contexto familiar em que Rodrigues estava inserida, contexto este, favorável para suscitar o interesse pela educação e o apreço pelos livros. Rodrigues pertencia a uma família abastada financeiramente, o pai era médico e possuía uma biblioteca diversificada, de modo que, desde pequena, Rodrigues e seus oito irmãos tiveram acesso a livros e puderam frequentar escolas conceituadas, além de ter tido “a oportunidade de ter uma atuação diferente de muitas mulheres de sua época, que, em sua maioria, eram educadas para prendas domésticas, sem grandes pretensões profissionais”. (MULIN, 2011, p. 49).

A senhorita Adelpha Camargo Rodrigues, posterior Adelpha Figueiredo, já havia concluído o curso superior de Cirurgiã Dentista e cursado música no Conservatório de Lausanne, na Suíça, passando mais de dois anos na Europa, onde obteve contato com culturas diferentes e ideias feministas. Apesar de ter exercido no Brasil, a profissão de professora, entre 1916 e 1926. (MULIN, 2011, p. 16).

Um dos motivos que contribuíam para que as jovens escolhessem a profissão do magistério era o fato de a profissão ser exercida apenas em um turno, de modo que o trabalho não interferiria nas obrigações da mulher, que era aprender a coordenar uma casa, saber bordar e realizar as obrigações domésticas de modo geral. “O trabalho fora seria aceitável para as moças solteiras até o momento do casamento, ou para mulheres que ficaram sós - as solteironas e viúvas” (LOURO, 2000, p. 453). Sendo assim, o trabalho realizado na esfera pública era tido como passageiro, transitório, uma espécie de espera marido; o que também era utilizado como justificativa para o pagamento de baixos salários para as mulheres.

Rago (2009) chama atenção para um aspecto relevante em relação à entrada das mulheres no mercado de trabalho no início do século XX.

As barreiras enfrentadas pelas mulheres eram sempre muito grandes, independentemente da classe social a que pertencessem. Da variação salarial à intimidação física, da desqualificação intelectual ao assédio sexual, elas tiveram sempre que lutar contra inúmeros obstáculos para ingressar em um campo definido - pelos homens - como “naturalmente masculino”. (RAGO, 2009, p. 581, grifo da autora).

Ocorria resistência por parte dos homens ao trabalho da mulher no espaço público. Cabe destaque dois aspectos, a saber: “na esfera econômica da competição de mercado, mas também na quebra de valores tradicionais de seu papel social, ameaçando a ordem de dominação masculina” (ARAUJO, 1993, p. 77). Para as mulheres que optaram por uma formação superior era esperado que ingressassem em um curso que estivesse dentro do campo das profissões consideradas adequadas e consonantes com os aspectos ligados à vocação do cuidado.

Saliento que a década de 20 foi muito importante no que concerne a propostas de mudanças e reivindicações de direitos, precisamente direito das mulheres sobre a jornada de trabalho e equiparação salarial entre homens e mulheres que exerciam atividades laborais em fábricas. Em se tratando das mulheres e crianças operárias, começam também, nesse período, as mobilizações de reivindicação do direito ao voto e a participação das mulheres

nos espaços públicos. “Em 1920, Maria Lacerda de Moura³⁴, professora, e com a bióloga Bertha Lutz³⁵ fundaram no Rio de Janeiro a Liga para a Emancipação Internacional da Mulher”. (TELES, 2017, p. 51).

Nessa perspectiva, as mulheres que pertenciam às camadas socialmente mais favorecidas na sociedade brasileira começam a se organizar para ingressarem no mundo do trabalho no espaço público, dominado pelos homens até então. “Tendo vencido o primeiro desafio de se formarem como médicas, engenheiras, advogadas, entre outras profissões liberais, as mulheres ainda tinham muitos obstáculos a superar para se afirmarem profissionalmente”. (RAGO, 2009, p. 590). De acordo com Araújo (1993), ao longo dos anos 20, ocorreu uma proliferação da presença de mulheres nas carreiras de nível superior e nos cargos públicos.

A primeira mulher brasileira a se graduar em Biblioteconomia era professora e atuava na sala de aula desde 1916. O convite para atuar como bibliotecária foi aceito e encarrado como um novo desafio por Rodrigues. O diretor do Instituto *Mackenzie* contratou uma bibliotecária americana, *Miss. Dorothy Muriel Geddes*³⁶, para vir ao Brasil com a intenção de “preparar a bibliotecária do Mackenzie para fazer o curso de Biblioteconomia nos Estados Unidos e substituí-la durante sua permanência nesse país”. (RODRIGUES, 1945, p. 8).

Em 1929, chega ao Brasil *Miss. Dorothy Muriel Geddes*³⁷, a precursora em relação aos avanços da Biblioteconomia em São Paulo, que reverberou em todo o Brasil as técnicas da Biblioteconomia americana, como o método de classificar as matérias, a organização dos catálogos; todas essas práticas eram novas e diferentes das práticas biblioteconômicas conhecidas e praticadas no Brasil até então. Rodrigues consegue a bolsa de estudos de Biblioteconomia na Universidade de Columbia nos Estados Unidos, que possuía a duração de um

34 Maria Lacerda de Moura (1887 - 1945), feminista, anarquista de classe média, ativista política radical, escritora e professora. “Foi uma das intelectuais brasileiras que mais contribuiu para o pensamento feminista das primeiras décadas do século XX no Brasil”. (MAIA, 2019, p. 476).

35 Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), feminista, diplomata, cientista, professora, ativista política em prol da emancipação feminina. “Foi a mais conhecida líder feminista no Brasil da primeira metade do século XX”. (KARAWCZYK, 2019, p. 469).

36 Após o seu casamento - Mrs. Dorothy Muriel Geddes Gropp.

37 Bibliotecária americana possuía 23 anos de idade quando chega ao Brasil em outubro de 1929.

ano. Com a partida de Adelpha Rodrigues, em 1930, *Miss. Dorothy Geddes* ficou responsável pela direção da Biblioteca do *Mackenzie* e por ministrar o curso elementar de Biblioteconomia, que tinha a duração de um ano.

Para Ferreira (2003, p. 195), “a entrada das mulheres nos cursos de Biblioteconomia dá-se no final da década de vinte, sendo Adelpha Figueiredo a pioneira”. Xavier afirma que

A Biblioteconomia passou a ser uma escolha profissional a partir de 1929, anteriormente a profissão estava conjugada ao predomínio masculino. A razão para esta mudança consiste que, a partir de 1929, a Biblioteconomia brasileira foi influenciada pelos Estados Unidos. (XAVIER, 2020, p. 31).

Adelpha Figueiredo foi a primeira bibliotecária brasileira a se graduar na Universidade de Columbia nos Estados Unidos. Retorna ao país em 1931³⁸, reassume a direção da biblioteca do Colégio *MacKenzie* e ainda a liderança do curso de Biblioteconomia: “com a sua chegada, o curso ganha nova dinâmica e impulso, passando a ser o centro convergente do saber biblioteconômico paulista”. (CASTRO, 2000, p. 68). No retrato a seguir, em preto e branco, podemos observar que Adelpha usa cabelos um pouco ondulados, curtos na altura das orelhas, está com uma blusa de mangas compridas, não usa colar, encara a câmera fotográfica com seriedade no olhar e ausência de sorriso.

38 A partir de 1931, Adelpha Rodrigues passa a exercer a profissão de bibliotecária e de professora de Biblioteconomia.

Figura 5 – Adelpha Figueiredo (1894-1966)



Fonte: Fotografia de 1936, Arquivo pessoal do Sr. Menaldo P. da S. Rodrigues apud Mulin (2011).

Rodrigues (1945) ressalta que, em 1931, a segunda turma do curso de Biblioteconomia era composta exclusivamente por mulheres cujo curso de “bibliotecários do Mackenzie dava às alunas as quatro matérias básicas de um curso técnico de Biblioteconomia: catalogação, classificação, referência e organização ou, mais propriamente, métodos técnicos.” (RODRIGUES, 1945, p. 9).

A biblioteca George Alexandre que, devido ao sucesso de sua organização, torna-se notícia nos veículos de comunicação, como rádio, jornais, revistas, passa a atrair a curiosidade de todos, divulgando a Biblioteconomia e recebendo visitantes de relevantes instituições que desejavam conhecer o seu funcionamento e métodos utilizados. (MULIN, 2011, p. 44).

Adelpha Figueiredo se tornou uma referência para orientar as pessoas que a procuravam na biblioteca para aprender sobre as novas técnicas de organização das bibliotecas. Nesse sentido, por meio dos registros e pistas posso inferir que a Biblioteconomia, na década de 30, já tinha como característica a predominância de mulheres.

A seguir, apresento alguns excertos das falas das interlocutoras que relatam a predominância de mulheres na sala de aula durante o curso de graduação em Biblioteconomia.

Há trinta anos atrás, quando eu era estudante, na minha sala não tinha nenhum homem. (Daniela)³⁹

na época em que eu entrei no curso, na minha turma de trinta alunos, acho que tinha cinco meninos, mas no final acho que dois desistiram e então formaram três; então, vinte e sete mulheres na turma; realmente, mulher era o público maior. (Elisa)⁴⁰

na minha graduação tinham três, se eu não me engano três meninos na turma (Cláudia)⁴¹

O predomínio de mulheres na sala de aula durante o curso de graduação em Biblioteconomia é narrado pelas três interlocutoras que estudaram em instituições de ensino superior distintas. Cláudia menciona o estereótipo de a profissão ser feminina, e, portanto, não atrai muitos homens que têm receio de serem taxados como afeminados ou *gays*. “É muito interessante notar como o aspecto visual e comportamental dos bibliotecários realmente permeia o imaginário popular, associando a profissão a mulheres”. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 27). Por consequência, esses marcadores sobre a Biblioteconomia acarretam muitos estigmas.

Outro fator bastante relevante com relação aos estereótipos da profissão bibliotecária é a de que por ter sido, ao longo de seu desenvolvimento, associada a uma atividade essencialmente exercida por mulheres, isso redundou na agregação de outros estereótipos, que têm mais relação com o sexo feminino. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32).

Todos os marcadores sociais que compõem as representações em relação à imagem das mulheres atravessam a profissão de Biblioteconomia, fortalecendo os estereótipos postos e ao mesmo tempo reelaborando novos. A partir das representações que são recriadas com base no imaginário e que são

39 Entrevista em: 05 de abril de 2021.

40 Entrevista em: 14 de março de 2021.

41 Entrevista em: 22 de março de 2021.

reforçadas por filmes, livros, séries, de forma geral nos meios de comunicação digitais e impressos.

De acordo com Walter e Baptista (2007, p. 32, grifo das autoras), cabe destacar: “Das mulheres espera-se, normalmente, comportamentos dóceis e delicados e qualquer atitude mais assertiva é considerada agressividade e pode ser associada ao fato de ser ‘solteirona’ e ‘recalcada’”. Chamo a atenção para o fato de que essas constatações sobre as mulheres foram problematizadas pelas feministas desde o final do século XIX⁴².

Acredito que um dos elementos que contribuiu para a inserção das mulheres na área foi a institucionalização dos cursos de Biblioteconomia no país e sua descentralização. Silva e Burin (2018) ressaltam que

Desde o início da década de 1930, as mulheres vêm marcando presença forte na Biblioteconomia brasileira, onde podemos destacar a primeira mulher na área Adelpha Silva Figueiredo, que por conta da sua atuação profissional, e que junto à Rubens Borba de Moraes, instituiu a Biblioteconomia no estado de São Paulo. Desde então, a presença da mulher na Biblioteconomia brasileira só aumentou no sentido que hoje constituem mais de 80% da categoria. No entanto, por conta da existência da discriminação contra as mulheres percebe-se que por mais feminina que seja a Biblioteconomia brasileira, as bibliotecárias sofrem por conta do preconceito de gênero. (SILVA; BURIN, 2018, p. 219).

O ensino da Biblioteconomia em São Paulo teve como influência a Biblioteconomia ensinada na Universidade de Columbia situada em Nova Iorque, onde eram priorizadas as técnicas de organização em relação às práticas biblioteconômicas. Contudo, os preceitos eram diferentes dos princípios ensinados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, que priorizavam a formação erudita e humanista a partir dos ensinamentos da *École Nationale de Chartres*.

A biblioteca do Colégio *Mackenzie* foi o laboratório e o centro de ensino do segundo curso de Biblioteconomia do país criado em São Paulo. Segundo Castro (2000, p. 69), “O curso do Mackenzie encerra suas atividades quando da criação do Curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo, em 1936”.

42 No Capítulo 2, procuro problematizar de forma mais detalhada a questão dos estereótipos relacionados às mulheres bibliotecárias.

O curso de Biblioteconomia do Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo foi criado “por disposição do ato 1.146 da Prefeitura de São Paulo, e deveria o chefe da Divisão de Bibliotecas criar um curso de biblioteconomia que funcionaria com elemento da própria divisão.” (RODRIGUES, 1945, p. 10). O então chefe da Divisão de Bibliotecas nomeado em 1935, Rubens Borba de Moraes, e Adelpha Rodrigues, foram convidados pelo então “Prefeito Dr. Fábio da Silva Prado para dirigirem o curso.” (RUSSO, 1966, p. 16). Ambos eram professores no curso, Rubens Borba ministrava a disciplina de história do livro, e Adelpha Rodrigues ministrava a disciplina de catalogação e classificação; o curso existiu de 1936 a 1938. Em relação à importância da atuação de Rodrigues para a área da Biblioteconomia, Mulin (2011) afirma:

Adelpha deu projeção a uma profissão quase desconhecida na época. Conquistou, por mérito, uma bolsa de estudos inédita no Brasil e foi entrevistada por jornalistas de relevantes veículos de comunicação, sempre informando a população sobre a importância de ler e sobre o valor das bibliotecas. (MULIN, 2011, p. 64).

Conforme Rodrigues (1945, p. 11), “o ano de 1940 foi mais auspicioso para a Biblioteconomia: em caráter de instituição particular surge a Escola de Biblioteconomia anexa à Escola Livre de Sociologia e Política”. Rubens Borba e Adelpha também estavam à frente como mentores na criação do curso e atuavam também como docentes.

Graças à subvenção de US\$ 27,500 (vinte e sete mil e quinhentos dólares) oferecida pela *Rockefeller Foundation* pôde a escola ampliar seu programa de atividades de 1943 a 1948. Durante esse período a escola ofereceu nove bolsas de estudos a interessados de outros Estados. Muitos deles, ao regressarem, fundaram escolas que hoje fazem parte de universidades. (RUSSO, 1966, p. 17).

Consequentemente, ao possibilitar, por meio de bolsas de estudos, que estudantes de outros estados tivessem a oportunidade de aprender e de se capacitar na área de Biblioteconomia, propiciou-se o movimento de descentralização da Biblioteconomia no Brasil, que até 1944 era restrita aos estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

Como consequência desta expansão, surgiram lideranças fora do eixo Rio-São Paulo. Mulheres que vão publicar na área, reivindicar status profissional, lutar pelo estabelecimento do currículo mínimo, pela regulamentação da profissão e pela incorporação dos Cursos e Escolas nas Universidades em especial nas Federais. (CASTRO, 2000, p. 110).

Para Castro (2000), inicialmente, as pessoas que se interessavam pelos conhecimentos biblioteconômicos eram de uma classe social abastada financeiramente, que tinham acesso a uma variedade de livros e outros símbolos da cultura dominante como a música clássica, participação em recitais, saraus. Tinham em seus lares uma biblioteca particular, além da possibilidade de ir estudar em outros países, como foi o caso da primeira bibliotecária do Brasil.

Com a difusão dos cursos de Biblioteconomia pelo país, o perfil dos/as alunos/as nos cursos de graduação em Biblioteconomia foi alterado. Os/as candidatos/as, em alguns casos, escolhiam o curso por ser menos concorrido na prova do vestibular e pelo fato de ter a duração de dois anos.

Sobre a questão do vestibular ser menos concorrido para a graduação em Biblioteconomia, esse tema aparece na narrativa da colaboradora Cláudia⁴³.

Eu escolhi a biblioteconomia por afinidade com as áreas que são mais caras a mim, que têm a ver com a literatura, essas questões de história, enfim, têm a ver com o meu perfil pessoal e por achar que era uma área realmente promissora, nunca foi por 'Ah! É **um vestibular menor**, menos concorrido', eu sei que muita gente opta por biblioteconomia por esse motivo.

As mulheres se tornaram maioria no campo da Biblioteconomia no Brasil entre as décadas de 50 e 60, e seu ingresso na área ocorreu por alguns fatores, entre eles, a duração que era de dois anos e pelo fato de o curso ser ministrado apenas em um período, o matutino. A seguir, para contextualizar, ressalto algumas ações que contribuíram para a expansão da área da Biblioteconomia e friso sobretudo, as conquistas protagonizadas por bibliotecárias.

43 Entrevista em: 22 de março de 2021.

1.2.2 Marcos Históricos: mulheres protagonistas

As duas escolas, pioneiras no ensino de Biblioteconomia no Brasil, proporcionaram que ocorresse a expansão pelo Brasil. Nesse sentido, Lemos (2015, p. 21) afirma que “Praticamente todas as escolas que a eles se seguiram devem sua origem ao entusiasmo e à dedicação de algum egresso do curso da Biblioteca Nacional ou da Escola de Sociologia Política”.

A partir das décadas de 50 e 60, ocorreu um crescimento do número de bibliotecárias em outros estados para além do Rio de Janeiro e de São Paulo devido à disseminação dos cursos de Biblioteconomia pelo país. Segundo Castro (2000), a partir dos anos 50, com as mudanças ocorridas no âmbito da Ciência e da Tecnologia, foi necessário que as bibliotecárias desenvolvessem novas habilidades e competências.

Souza (1990) enfatiza que as bibliotecárias começaram a se organizar como grupo com o objetivo de partilharem os conhecimentos e as práticas biblioteconômicas, além de promover um espaço de discussão sobre a profissão e a atuação profissional, foram organizados eventos técnicos e científicos a partir da década de 50. Em 1954, ocorreu “O primeiro Congresso Brasileiro de Biblioteconomia - realizado na cidade de Recife - e que mais tarde passou a denominar-se; Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação.” (SOUZA, 1990, p. 54). A partir da primeira edição, o congresso se consolidou como um importante evento da área de Biblioteconomia no Brasil.

FIGURA 6- Lydia de Queiroz Sambaquy (1913-2006)



Fonte: Acervo pessoal Lydia Queiroz Sambaquy, fotografia da década de 1940 apud Oddone (2004).

A Figura 7 apresenta a fotografia da bibliotecária Sambaquy, uma mulher de pele branca, cabelos lisos e presos em um penteado. É possível notar que seu olhar é dirigido para cima, não encara a máquina fotográfica, sua expressão facial, através do seu olhar, principalmente, sugere simpatia, um ar de sonhadora, o sorriso meio aberto transmite receptividade, usa brincos pequenos, um colar de pérolas com duas voltas que remete ao estilo clássico e à feminilidade.

Em 1954, foi criado o Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação⁴⁴ (IBBD), idealizado e formulado pela bibliotecária Lydia de Queiroz Sambaquy, em parceria com a UNESCO, o objetivo principal desse órgão era reunir materiais bibliográficos para a utilização da comunidade científica, instituindo uma nova forma de organizar a produção técnica e científica no país, além de disseminar essas informações (ODDONE, 2006). Sem dúvida, foi a grande pioneira da Ciência da Informação no Brasil. Sobre a sua trajetória, sabe-se que:

Lydia de Queiroz Sambaquy, nascida em 1913, era membro da tradicional e ilustre família Queiroz, de onde descende a prima mais famosa, a escritora Rachel de Queiroz, a primeira mulher a ingressar na Academia Brasileira de Letras. Filha de um renomado médico, Lydia teve uma educação privilegiada, casou-se aos 16 anos e mudou-se com sua família para o Rio de Janeiro, capital federal de então, por conta da crise dos anos 1930, onde terminou seus estudos, entre os anos 1933 a 1936. (CORREA; OLIVEIRA, 2018, p.27).

Lydia era natural de Belém e oriunda de uma família abastada financeiramente na mesma esteira que Adelpha Rodrigues. Graduiu-se em Biblioteconomia pelo curso ofertado pela Biblioteca Nacional em 1938 e em 1942 pelo curso da *Columbia University*. Exerceu cargos importantes, tais como: chefe de serviço e intercâmbio de catalogação da FGV, entre os anos de 1937-1953; atuou como bibliotecária do Ministério de Educação e Saúde; foi presidenta do IBBB 1954-1965, responsável pelo serviço das bibliotecas do Mec; e professora de catalogação e classificação nos cursos da Biblioteca Nacional de 1945-1954.

44 O Instituto foi renomeado em 1975 pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, passando a ser chamado Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT).

(ODDONE, 2004). Indubitavelmente, uma carreira brilhante, que deixou um grande legado para a área da Biblioteconomia e da Ciência da Informação.

A criação do IBBD influenciou diretamente na institucionalização da produção científica produzida no Brasil, sendo “todo projeto de criação do IBBD foi inteiramente planejado, definido e escrito por ela, inclusive rascunhos de documentos que mais tarde se tornariam oficiais”. (ALMEIDA, 2012, p. 90). Sambaquy esteve à frente da instituição como diretora durante onze anos e logo em seguida foi destacada como uma membra honorária da instituição.

Correia e Oliveira (2018) afirmam que Sambaquy foi uma das principais entusiastas para o surgimento da Ciência da Informação no Brasil. “Sambaquy desempenhou um papel pioneiro nesta transição de uma Biblioteconomia altamente tradicional para uma fase modernizada e tecnológica da profissão” (CORREA; OLIVEIRA, 2018, p. 30).

FIGURA 7- Laura Garcia Moreno Russo (1915-2001)



Fonte: Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação, 1984.

Na Figura 7, Russo dirige seu olhar para a câmera, a cabeça erguida, ela apresenta um sorriso aberto mostrando belos dentes, o sorriso sugere simpatia, disponibilidade, receptividade; seus cabelos são curtos e cortados acima das orelhas, a cor da pele é branca, e ela usa brincos pequenos de pérolas, reafirmando a feminilidade.

Nascida em São Paulo, tornou-se uma bibliotecária distinta devido à gama de realizações e empenho em prol da área da Biblioteconomia, formou-se em Biblioteconomia pela Escola Livre de Sociologia e Política e em Direito pela Universidade de São Paulo. No *hall* vasto de atuações profissionais estão a atuação na Santa Casa da Misericórdia de São Paulo, na Academia Paulista de Letras e foi diretora da Biblioteca Mário de Andrade. Foi a primeira presidente da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários (FEBAB 1961-1974), editora do Boletim Informativo FEBAB (1961-1970) e da Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação (1973-1977).

Como pesquisadora dinâmica que era, realizou diversas pesquisas na França, Espanha e Argentina. Pelos seus trabalhos na biblioteconomia brasileira recebeu títulos honoríficos nos Estados Unidos e na Alemanha. A seguir, apresento elementos que compõem os seus principais feitos para a área da Biblioteconomia. Sobre os avanços da profissão, Xavier enfatiza:

Em 1958, Laura Russo juntamente com outras bibliotecárias brasileiras comemoram a primeira conquista: a Portaria Nº 162 do Ministério do Trabalho e Previdência Social – MTPS que regulamenta a profissão como liberal e inclui a profissão de bibliotecário no 19º Grupo – Bibliotecários, do plano da Confederação Nacional das Profissões Liberais – CNPL. (XAVIER, 2020, p. 97).

Em 1959, é criada a primeira entidade nacional da área de Biblioteconomia, a Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários – FEBAB. Essa entidade foi criada a partir da iniciativa da bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo e de Rodolfo Rocha Junior. Russo foi eleita a primeira diretora da entidade. Segundo Castro (2000), um dos objetivos da criação da entidade era oferecer suporte para as associações de bibliotecárias/os existentes nos estados do país. A primeira delegação eleita para dirigir a FEBAB era formada por oito bibliotecárias, dessa forma, as mulheres lideraram a primeira entidade da classe.

Xavier (2020, p. 92) evidencia que

A existência de um órgão de representação política majoritariamente feminino afirma o caráter feminizado da profissão, mais que isso, simboliza uma quebra de paradigmas se comparado com outras áreas científicas do mesmo período.

Compreendo que o fato de as mulheres ocuparem espaços de poder como a presidência dos conselhos e a direção das bibliotecas é bem significativa, mas me chama a atenção o destaque das mulheres que foram protagonistas do seu tempo e não são ressaltadas nos livros sobre a história da Biblioteconomia. Essas mulheres foram colocadas na invisibilidade, seus percursos e históricos de conquistas foram suplantados por uma versão masculina relacionada às conquistas da classe bibliotecária. Nesse sentido, Silva e Burin (2018, p. 223) destacam que “De 1959 a 2018, a FEBAB foi gerida por vinte presidentes, sendo que destes, apenas quatro eram bibliotecários, as demais eram bibliotecárias, demonstrando a representatividade feminina na gestão da instituição”, ficando evidente a importância das mulheres para a biblioteconomia brasileira.

A lei que regulamentou a profissão de Bibliotecária foi aprovada em 1962. Em relação à construção do projeto de lei e da própria lei foram elaborados os textos por duas bibliotecárias: Laura Garcia Moreno Russo e Maria Helena Brandão. A lei foi aprovada devido ao engajamento e empenho das bibliotecárias que pressionaram os parlamentares, sendo um dos objetivos de a aprovação da lei resguardar o campo de atuação da profissão.

É importante lembrar que a conquista pela regulamentação da Lei nº 4.084/62 não surgiu por um acaso, pois, já por volta da década de 50, um grupo de bibliotecários, liderados por Laura Garcia Moreno Russo, bibliotecária de São Paulo, já começava a defender a ideia de ter a profissão oficialmente reconhecida pelos poderes públicos e, conseqüentemente, pela sociedade brasileira. Laura Russo entrou para história da Biblioteconomia no Brasil pelos inúmeros trabalhos em que esteve à frente. No entanto, podemos destacar que, entre outros feitos, suas principais marcas históricas foram, sem dúvida, ter sido a **primeira presidente da Federação Brasileira de Associação de Bibliotecários (Febab)**, que tem como missão defender e incentivar o desenvolvimento da profissão - de 1961 a 1974 -, e a primeira presidente do CFB que tem por finalidade orientar, supervisionar e disciplinar o exercício da profissão de bibliotecário em todo território nacional, período de 1966 a 1968. Se bem observarmos, foram dois grandes legados que marcaram a importância exemplar da trajetória de Laura Russo em busca do sucesso, da consolidação e do respeito pelo exercício da profissão de bibliotecário no Brasil. (PINHEIRO, 2015, p. 192-193, grifo meu).

Pinheiro (2015) destaca que a aprovação da Lei nº 4.084/62, para além de regulamentar a profissão, também representou a possibilidade

de permitir que instituições do país, tanto de natureza pública ou privada, pudessem começar a pensar a instalação de bibliotecas como forma de poder dar às suas demandas acesso ao conhecimento registrado. (PINHEIRO, 2015, p. 192).

O primeiro Currículo Mínimo para os cursos de Biblioteconomia ministrados nas universidades brasileiras foi estabelecido pelo Conselho Federal de Educação e homologado em quatro de dezembro de 1962, cumprindo o disposto no Art. 4. da lei 4.084/62. O currículo mínimo estabeleceu as disciplinas que deveriam ser ministradas em todos os cursos de graduação em Biblioteconomia de forma obrigatória a partir de 1963, e a duração do curso de graduação passa, então, a ser de três anos.

O objetivo de se impor um currículo mínimo buscava garantir o registro dos diplomas dos bacharéis em Biblioteconomia e ainda assegurar a formação de bibliotecárias aptas ao mercado de trabalho, capacitadas em relação à tecnicidade da profissão e conhecimentos culturais padronizados em todos os cursos. Constata-se, então, que “Com esse currículo mínimo dava-se um passo à frente no sentido de uma maior uniformidade no ensino da biblioteconomia e no sentido de uma formação cultural mais diversificada do bibliotecário.” (LEMOS, 2015, p. 24).

A FEBAB, com o apoio do Conselho Federal de Educação, aprovou em 16 de dezembro de 1962, o Parecer nº 326/1962 com o Currículo Mínimo para os cursos de Biblioteconomia. Dentre outros aspectos, este currículo estabelecia a duração dos cursos e contava com as disciplinas de História do Livro e das Bibliotecas, História da Literatura, História da Arte, Introdução aos Estudos Históricos e Sociais, Evolução do Pensamento Filosófico e Científico, Organização e Administração de Bibliotecas, Catalogação e Classificação, Bibliografia e Referência, Documentação e Paleografia. (SILVA, 2019, p. 72).

O primeiro Conselho Federal de Biblioteconomia – CFB – foi formado em 1966, possibilitando, a partir de então, a formação dos Conselhos Regionais para a fiscalização profissional. Desse modo, foi a segunda entidade de classe concebida também pela bibliotecária Laura Garcia Moreno Russo, a qual, por

meio de eleições, foi escolhida a primeira diretora do órgão composto por quinze bibliotecárias. Laura Russo foi eleita a primeira presidente do Conselho, sendo nomeada em 28 de fevereiro de 1966; friso que ela também ocupava a presidência da Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários – FEBAB.

Uma de suas primeiras atividades foi criar o Código de Ética Profissional do Bibliotecário aprovado em junho de 1966. O Código de Ética é importante, pois se trata do documento norteador de condutas e de postura profissional para a bibliotecária e atua como um balizador de suas ações e opiniões sobre si mesmo e sobre os demais profissionais.

De acordo com Silva e Burin (2018), entre 1966 e 2018, as gestões do Conselho Federal de Biblioteconomia eram compostas e lideradas por bibliotecárias e como presidentas, ao todo, foram dezessete gestões. As mulheres bibliotecárias constroem um “grande legado do protagonismo feminino para a área da Biblioteconomia que é a criação e a consolidação do movimento associativo no Brasil.” (SILVA; BURIN, 2018, p. 228).

Em 1998, o Conselho Regional de Biblioteconomia do Estado de São Paulo teve a iniciativa de criar o Prêmio Laura Russo, para homenagear a ilustre bibliotecária. O objetivo da honraria é o de reconhecer iniciativas inovadoras no âmbito das bibliotecas, sejam no quesito cultural ou em relação ao incentivo à leitura.

A primeira diretora bibliotecária da Biblioteca Nacional

FIGURA 8 - Jannice Monte-Mór (1927-2005)



Fonte: Um registro da visita da diretora da Biblioteca Vallicelliana, de Roma, Mari Chiara di Franco: com patrocínio da UNESCO. Ela veio prestar consultoria sobre conservação e a restauração do acervo da Biblioteca Nacional. Divisão de Iconografia da Biblioteca Nacional, autor não identificado, março de 1974 apud Grings (2019).

Na Figura 8, em preto e branco, quem encara a câmera com um sorriso discreto e olhar alegre é Jannice, (lado esquerdo da foto): ela possui a cor da pele branca, cabelos lisos e presos, usa um colar de pérolas grandes; o sorriso demonstra simpatia e receptividade.

Natural de São Paulo, entretanto, residiu por toda a sua vida no Rio de Janeiro, foi aluna do curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional⁴⁵ cuja duração era de dois anos, concluindo-o em 1947. Jannice de Mello Monte-Mór foi a primeira mulher Bibliotecária a assumir a direção-geral da BN em 1971 e permaneceu no cargo até 1979, somando oito anos de mandato. Até então, desde a criação da Biblioteca Nacional (1808), estiveram à frente da instituição intelectuais, homens, escritores, bibliófilos, historiadores, advogados, eruditos e não especialistas propriamente na área da Biblioteconomia.

45 Doravante BN

Os meios de comunicação na década de 70 eram jornal impresso, revistas, rádio e cartas, de modo que as notícias sobre a BN eram divulgadas nos jornais. Grings (2019) afirma que assim que a notícia sobre a nomeação de Jannice foi divulgada, a imprensa não teve o mesmo tratamento reservado até então para os homens que ocuparam o lugar de diretores. Fica evidenciada, nesse caso, a diferença de tratamento para as narrativas que reafirmam a distinção entre os gêneros.

Os personagens masculinos como, Adonias Filho, o diretor precedente, que por vezes ostentava junto do nome um “o acadêmico” ou “o escritor” a título de qualificativos. Jannice, por sua vez, era mais frequentemente tratada por “senhora”; uma ou duas vezes, foi “a professora bibliotecária”, ou, na ordem inversa, a “bibliotecária Professora”, tratamento dado a ela pelo Correio da Manhã junto à informação de que havia sido agraciada com a comenda da Ordem do Mérito Educativo. Paulatinamente, a redação dos jornais teve de se render à competência de Jannice. Se, no início, o Correio da Manhã e o Jornal do Brasil informavam que a nova diretora estava “a serviço dos intelectuais”, denotando certa subalternidade, o Diário de Notícias alertou para o “prejuízo pessoal” que ela aceitou ao assumir o cargo. Dois anos depois, o Correio da Manhã publica matéria em que compara o “lastimável abandono” em que a BN se encontrava antes da gestão de Jannice, que “sacudiu” a instituição, trazendo inovações e batalhando pela reforma administrativa: “A atitude obstinada da Professora Jannice Monte-Mór, [...] merece louvores, tendo em conta o esforço meritório da orientadora desse notável empreendimento”. Sua competência foi rapidamente reconhecida, mas em certos momentos, relativizada. (GRINGS, 2019, p. 123, grifos da autora).

Dessa forma, a gestão de Jannice foi um marco muito significativo na história da Biblioteconomia. Como ressalta Grings (2019), a nomeação de uma bibliotecária foi possível graças à regulamentação da profissão, que ocorreu em 1962, de modo que a categoria bibliotecária ganhou força no cenário brasileiro.

Jannice fez o papel de divulgadora da situação da Biblioteca e das melhorias alcançadas, apresentando trabalhos em periódicos e eventos de grande importância para a demonstração de que a Biblioteca não era um organismo “esclerosado”, mas um órgão vital na cultura brasileira, e que ainda contava com funcionários dispostos a batalhar por ela. Sua contribuição foi tão relevante que o primeiro presidente da Fundação Biblioteca Nacional, Affonso Romano de Sant’Anna, a

convidou para prestar assessoria ao seu gabinete. (GRINGS, 2019, p. 25, grifo da autora).

Chamo a atenção para fato de a Biblioteca Nacional ser um espaço de disputas de poder e de grande importância devido ao seu caráter nacional, e após a direção de Jannice Monte-Mór, até os dias atuais, revezaram-se no posto máximo da instituição apenas três bibliotecárias. A nomeação de Jannice ocorreu após 161 anos (cento e sessenta e um) da criação da Biblioteca Nacional. Os outros dirigentes foram e são designados por questões de influências políticas e se dedicavam ao ofício de escritores, magistrados e bibliófilos.

Problematizar e levantar discussões sobre o protagonismo da mulher na Biblioteconomia, assim como em toda a área da Ciência da Informação, é significativo no que tange às suas ações e contribuições, permitindo, assim, reflexões e questionamentos, pois se trata de uma área predominantemente feminina e que por conta da história da sua constituição e das assimetrias de gênero estabelecidas fortaleceu-se o preconceito contra a mulher e suas competências.

À exemplo do que correu com a bibliotecária Monte-Mór na BN, ilustra-se bem o lugar reservado às mulheres, pois a competência dela foi posta à prova no início das suas atividades como diretora da instituição.

Cabe destacar que “Percebemos isso quando vemos estudos dando destaque a profissionais como Rubens Borba de Moraes e Edson Nery da Fonseca como se apenas esses tivessem contribuído para a Biblioteconomia brasileira”⁴⁶ (SILVA; BURIN, 2018, p. 228). Dessa forma, ficam explícitas as relações de força e poder nos discursos e representações propagados amplamente nos livros, artigos, nomes de prêmios, em relação à história sobre o desenvolvimento da profissão no Brasil, sendo, portanto, fundamental problematizar e refletir sobre a história da Biblioteconomia mediante outros

46 Rubens Borba de Moraes (1899-2014) foi um bibliógrafo, bibliófilo, escritor, professor e bibliotecário entusiasta da área de Biblioteconomia, onde teve destaque por seu empenho e dedicação na consolidação da área. Edson Nery da Fonseca (1921-2014) foi um escritor, professor do curso de biblioteconomia da Universidade de Brasília onde fundou o primeiro curso de mestrado em Biblioteconomia no Brasil. Ambos possuem grande visibilidade na área da Biblioteconomia. Contudo, problematizo o fato de as mulheres pioneiras da área não terem nem a metade da visibilidade que esses dois homens tiveram e têm no cenário da profissão.

olhares e perspectivas, sobretudo, a partir de um olhar crítico dos estudos das relações de gênero.

1.3 O Centro-Oeste nas brumas do progresso

Brasília, o berço de uma nova civilização, o Brasil que olha para todos os seus lados⁴⁷.

Nesta sessão, apresento o contexto em que surgiram as universidades na região, detendo-me, em específico, sobre a construção de Brasília e em como a construção da capital influenciou a criação das universidades que vieram de modo subsequente. Procuro demonstrar as particularidades da criação dos cursos de graduação em Biblioteconomia em cada uma das instituições escolhidas para esta pesquisa. Friso que meu objetivo não é destrinchar com requinte de detalhes os acontecimentos considerados marcos da modernidade, todavia, procuro contextualizar historicamente as mudanças na região de forma breve.

A Região Centro-Oeste do país, mediante processos, fatores internos e externos, passou a integrar a rota da modernidade ao longo dos séculos XIX e XX. As primeiras universidades federais compõem os requisitos para a progressão em relação aos aspectos do crescimento econômico e populacional.

Compreendo a modernidade a partir da definição de Chaul, ao destacar que “a representação das relações entre as renovações e rupturas do pós-30, significando a meta do progresso, que busca inserir a região, definitivamente, no projeto nacionalista em curso no Brasil dos anos 30” garantiu a força do aspecto cultural e educacional para a região (CHAUL, 1997, p. 20).

A construção de Brasília está no cerne da ideia de progresso e por ela se pretendia integrar o Planalto Central em virtude do ritmo do desenvolvimentismo que estava em curso nas outras regiões do território brasileiro. A nova capital da República foi projetada como símbolo do avanço brasileiro no interior do país, “uma cidade inteiramente planejada, que pretendia representar o esforço de afirmação da nacionalidade e o desejo de integração do interior ao centro, do país ao mundo, da tradição ao moderno” (SCHWARCZ, 2018, p. 426).

47 SILVA, Luís Sergio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG, 2017, p. 57.

O governo Juscelino Kubitschek (1956-1961) promoveu, por meio do Plano de Metas, avanços estruturantes no âmbito nacional, e a construção de uma nova capital federal no centro do país foi o corolário do exitoso plano de metas,

Segundo Silva (2017), ao mesmo tempo que o discurso do presidente era de convocar as pessoas para o nacionalismo, a valorização das riquezas naturais, culturais do país, por outro lado, no âmbito econômico, os investimentos externos começaram a ocorrer, proporcionados pelos Estados Unidos. Nesse sentido, a expansão da industrialização ocorreu também por conta da internacionalização da economia brasileira.

Na área econômica, o presidente foi inovador e visionário ao implementar medidas que, até então, não ocorriam no Brasil. Nesse propósito,

A industrialização como projeto de superação do subdesenvolvimento: o modelo pode ser seguido, o processo repetido. O Centro-Oeste brasileiro é o lugar onde pela aventura, vista como equivalente da livre concorrência, da fronteira criam-se as condições do desenvolvimento. A modernização é contrastada com estagnação e azar: “americanização”, “industrialização”, “democratização” são sinônimos e referem-se sempre a um estágio de desenvolvimento presente, em contraste com um passado que se quer superar e um futuro radiante. (SILVA, 2017, p. 67, grifo do autor).

Dois anos após a inauguração da nova capital, ainda sob os ventos do fortalecimento e ampliação do projeto de interiorização, foi criada a Universidade de Brasília⁴⁸ no dia 21 de abril de 1962. Sobre a criação da UnB, Ribeiro afirma:

construindo-se uma cidade no centro do País e nela instalado o governo da República, se tornou inevitável à instituição ali de um núcleo cultural a que não se pode faltar uma universidade. Dotar o País de uma universidade moderna, estruturada nos moldes que vêm sendo recomendados pelos nossos mais capazes professores e pesquisadores. (RIBEIRO, 2012, p.18).

O projeto de concepção e construção da Universidade foi exitoso e tinha como um dos objetivos, traçados pelo próprio Darcy Ribeiro, “Dar à população

48 Doravante UnB

de Brasília uma perspectiva cultural que a liberte do grave risco de fazer-se medíocre e provinciana” (RIBEIRO, 2012, p. 20). A partir das evidências é possível perceber que a Instituição de ensino superior foi idealizada em consonância com a nova capital e que tais evidências convergiam para o ideal de modernidade e progresso.

No mesmo ano em que ocorreu a inauguração da Universidade de Brasília também foi criada a Faculdade de Biblioteconomia. Nesse propósito, a UnB foi a primeira Universidade a oferecer o curso de Biblioteconomia na região Centro-Oeste, que começou em 1962. O primeiro curso ofertado foi no âmbito da pós-graduação, na modalidade de mestrado. Em especial, o ano de 1962 foi um ano muito importante para a Biblioteconomia brasileira, pois também neste ano a profissão foi reconhecida e regulamentada por meio da Lei nº 4.084/62. Por conseguinte, o currículo mínimo também foi aprovado nesse ano pelo Conselho Federal de Educação.

O início do funcionamento do curso ocorreu em 1963: “um curso pioneiro de pós-graduação, que infelizmente durou apenas dois anos, interrompido de maneira abrupta pelos acontecimentos políticos da época.” (MUELLER, 2013, p. 12). Em 1965, foi inaugurado o curso de graduação em Biblioteconomia e, de acordo com Mueller (2013), o grande entusiasta da criação do curso de mestrado e, em seguida, do curso de graduação em Biblioteconomia foi o professor Edson Nery da Fonseca. O primeiro reitor nomeado da UnB foi o Professor Darcy Ribeiro.

Segundo Borges (2013), o Plano Orientador da Universidade de Brasília definiu a criação de oito Institutos Centrais, e a constituição de sete Faculdades; entre essas faculdades estava a de Biblioteconomia. “A Faculdade de Biblioteconomia fez parte desse momento de criação, juntamente com a Faculdade de Educação, como unidades relacionadas a todos os institutos.” (BORGES, 2013, p. 35).

Foi ofertado o curso de pós-graduação a nível de mestrado, e, seguramente, essa iniciativa de começar o ensino da Biblioteconomia na UnB, a partir da pós-graduação, sem dúvida, caracterizou-se como uma atitude inovadora e original, pois até o ano de 1964 não havia no Brasil um curso de

mestrado em Biblioteconomia. Foi então criado o primeiro curso de pós-graduação *lato sensu* em Biblioteconomia,

Esse curso, dirigido por Edson Nery da Fonseca, foi oferecido em 1964 e 1965, contando com a participação dos professores contratados pela UnB e a colaboração de bibliotecários competentes do Senado Federal e da Câmara dos Deputados. (BORGES, 2013, p. 40).

Mesmo com o curto tempo de funcionamento, o curso foi um marco significativo para a área de biblioteconomia. A graduação em Biblioteconomia teve início a partir do vestibular realizado em 1965, e, de acordo com Borges (2013), doze alunas e um aluno foram aprovados no primeiro vestibular realizado. Podemos notar que as mulheres eram maioria. A primeira turma se formou em 1967.

A partir de 2010, o curso de graduação em Biblioteconomia passou a integrar a Faculdade de Ciência da Informação (FCI), em conjunto com os cursos de Arquivologia e Museologia, “e com a pós-graduação (mestrado e doutorado) em Ciência da Informação.” (BORGES, 2013, p. 46). O curso de graduação em Biblioteconomia é oferecido em nível de Bacharelado. Em relação à Biblioteca Central (BCE), cabe ressaltar que ela foi originada no mesmo momento da criação da Universidade em 1962 e ganhou instalações amplas e definitivas em 1973, sendo assim, onze anos após a sua criação. A seguir, apresento a relação de diretores e diretoras que estiveram à frente da BCE e o tempo de gestão de cada um/a.

FIGURA 9 – Histórico de diretoras/es- UnB.

Fonte: Elaborado pela autora.

Ao todo, foram dezesseis bibliotecárias e bibliotecários que comandaram a BCE e o Sistema de Bibliotecas da UnB, dos quais nove mulheres e sete homens ocuparam o cargo de direção, quase meio a meio. Fazem parte do SiB-UnB a BCE e cinco bibliotecas setoriais.

Universidade Federal de Goiás

A Universidade Federal de Goiás foi fundada em 14 de dezembro de 1960 a partir da unificação das seguintes faculdades: Escola de Engenharia, Faculdade de Medicina, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Farmácia, da Faculdade de Direito, bem como o Conservatório de Música, que já existiam em Goiânia. Sua criação foi propiciada pela política econômica do presidente Juscelino Kubitschek com o objetivo de realizar a expansão do ensino superior por meio da criação de universidades federais pelo país.

A fundação da Universidade Federal de Goiás foi conquistada a partir das reivindicações dos representantes das faculdades existentes em Goiânia, em especial do diretor da Faculdade de Direito - Colemar Natal e Silva, que foi o grande protagonista em relação à criação da Universidade que visava promover o ensino público e gratuito para a sociedade goiana, além de projetar o Estado de Goiás.

Goiás passou a formar seus próprios quadros profissionais e a não depender de mão-de-obra qualificada vinda de outras regiões do país. Para os jovens goianos isso significou oportunidade de formação profissional e intelectual em uma instituição pública, gratuita e de qualidade. Foi um marco na história do Estado. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 2010, p. 1).

As bibliotecas foram criadas e organizadas em cada departamento acadêmico, de modo que havia várias bibliotecas setoriais. Entretanto, essas bibliotecas nos departamentos não contavam com uma bibliotecária e seus acervos eram defasados. “As várias bibliotecas localizadas nas unidades acadêmicas tratavam de unidades informacionais controladas e administradas pelos/as professores/as representantes de cada unidade e/ou curso”. (FERREIRA, 2010, p. 29). O crescimento da Universidade e a falta de coordenação geral de bibliotecárias à frente das bibliotecas seccionais suscitaram uma precarização dessas bibliotecas que possuíam materiais desatualizados e desorganizados.

Em 1971, foi criado o Conselho de Bibliotecas Universitárias (CBU) com o objetivo de pensar estratégias para a melhoria das bibliotecas setoriais e,

ainda, padronizar os serviços oferecidos aos docentes e discentes da Universidade. O conselho era composto por professores e professoras representantes de cada departamento ou curso da Universidade, cujo objetivo principal era “discutir os novos rumos das treze bibliotecas seccionais existentes em algumas unidades acadêmicas” (FERREIRA, 2010, p. 28).

A partir da composição do conselho por membros conselheiros passam a ocorrer reuniões com a finalidade de discutir, refletir e apresentar propostas sobre a organização das bibliotecas, tendo como proposta, em uma das reuniões do CBU, a criação de um centro coordenador de bibliotecas, uma unidade, uma Biblioteca Central, que seria responsável por administrar as bibliotecas que já existiam, assumindo a função de organizar os catálogos, realizar a compra de livros, aplicar metodologias de organização nas bibliotecas e realizar planejamentos. A Biblioteca Central necessariamente deveria ter uma equipe de trabalho formada por bibliotecárias com formação na área de Biblioteconomia.

Foi solicitado ao reitor, ainda no ano de 1971, a oficialização desse espaço que passaria a se chamar Centro Coordenador de Bibliotecas (CCB) que seria um órgão autônomo subordinado à reitoria. Porém, esse Centro seria uma sede provisória para a realização dos serviços centralizados. A ideia promissora era a criação de um espaço maior e mais desenvolvido – a Biblioteca Central. (FERREIRA, 2010, p. 31).

Somente em 1973, a administração superior da Universidade atende a reivindicação do Conselho de Bibliotecas Universitárias e concede a verba para a criação da Biblioteca Central. O Regimento da Biblioteca foi aprovado pelo Reitor Fernese Dias Maciel Neto em 29 de junho de 1973. A primeira diretora da Biblioteca Central foi a bibliotecária Marietta Telles Machado, que logo percebeu a necessidade da criação do curso de graduação em Biblioteconomia para formar bibliotecárias para trabalharem nas bibliotecas da UFG, visto que a demanda por profissionais da área para atuarem no estado de Goiás não era suprida por falta de pessoas qualificadas.

Portanto, uma excelente estratégia para resolver o problema da falta de bibliotecárias seria a formação em Biblioteconomia a partir do curso de graduação ofertado pela UFG. A Biblioteca Central serviria de laboratório para as/os estudantes de Biblioteconomia aprenderem na prática. “Marietta Telles começa a esforçar-se na luta pela criação do curso de Biblioteconomia em Goiás

– UFG”. (FERREIRA, 2010, p. 34). Reafirmo que a Universidade Federal de Goiás demorou vinte e nove anos desde a sua criação, que ocorreu em 1960, para construir um prédio próprio e definitivo para abrigar a Biblioteca Central da instituição, cuja inauguração se deu em 1989. Essa falta de investimento na biblioteca, indubitavelmente, enuncia o lugar de desprestígio que a biblioteca tem para a gestão superior da Universidade, um reconhecimento muito aquém de sua importância.

O curso de graduação em Biblioteconomia foi criado na Universidade Federal de Goiás em 20 de agosto de 1979; a primeira turma foi estabelecida em 1980 e contava com vinte vagas.

Art. 1º - Fica criado na Universidade Federal de Goiás o curso de BIBLIOTECONOMIA, com vínculo inicial ao Departamento de Comunicação Social do Instituto de Ciências Humanas e Letras, e coordenado pelo Colegiado de Curso de Comunicação Social. (UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, 1979, p. 1).

Atualmente, o curso de graduação em Biblioteconomia é sediado na Faculdade de Informação e Comunicação (FIC), juntamente com os cursos de graduação em Gestão da Informação, Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas, e os cursos de Pós-Graduação em comunicação nos níveis de mestrado e doutorado. O curso de Biblioteconomia é realizado predominantemente no período matutino e são disponibilizadas cinquenta vagas por semestre; o ingresso ocorre anualmente. A seguir, apresento a relação de bibliotecárias que ocuparam o cargo de diretora frente ao Sistema de Bibliotecas da UFG.

FIGURA 10 – Histórico de diretoras- UFG

Fonte: Elaborado pela autora.

É possível notar que, desde a sua criação, a BC e o Sistema de Bibliotecas foram dirigidos por mulheres bibliotecárias e não houve nenhum homem à frente da BC e do Sibi/UFG ao longo dos quarenta e nove anos⁴⁹ de existência. O Sibi/UFG é composto pela BC e por sete bibliotecas setoriais.

Universidade Federal de Mato Grosso/ Universidade Federal de Rondonópolis

Já no estado do Mato Grosso, a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT) foi criada em 1970 por meio da Lei nº 5.647, com sede na cidade de Cuiabá. O processo de sua criação ocorreu de forma semelhante à criação da UFG, cuja origem transcorreu a partir da junção de institutos de ensino já

⁴⁹ No dia 24 de agosto de 2022, a Biblioteca Central (BC/UFG) completou 49 anos de existência.

existentes, como os institutos de Ciências e Letras de Cuiabá, que ofereciam os cursos de Pedagogia, Matemática, Economia e da Faculdade de Direito de Cuiabá. Dessa maneira, o então Centro Pedagógico de Rondonópolis, a partir de 1980, passa a ser denominado Campus Universitário de Rondonópolis e integra-se à Universidade Federal do Mato Grosso. O prédio da Biblioteca do Campus foi inaugurado em 1996.

A cidade de Rondonópolis, situada na região sudeste no Estado do Mato Grosso, abriga o curso de graduação em Biblioteconomia, o qual teve sua origem a partir do Instituto de Ciências Humanas e Sociais na UFMT no ano 1999, atualmente Universidade Federal de Rondonópolis (UFR)⁵⁰. O curso teve início no ano 2000 e possui um diferencial em relação aos cursos da UnB e da UFG, ofertados no período matutino; o curso de graduação em Biblioteconomia é ofertado no período noturno.

São disponibilizadas quarenta vagas e a entrada de estudantes no curso ocorre anualmente. Por meio de pesquisa realizada para identificar o perfil dos estudantes do curso de graduação em Rondonópolis e utilizando da aplicação de questionários, Oliveira *et al.* (2013, p. 9) puderam evidenciar e constatar que “a maioria dos concluintes de curso de Biblioteconomia continua sendo mulheres com um percentual de 89,5% e, conseqüentemente, os pesquisados masculinos constituem-se em apenas 10,5%”. Nesse sentido, mesmo o curso sendo ministrado no período noturno, ele atrai mais mulheres do que homens.

O curso de Biblioteconomia da UFMT, em Rondonópolis, há doze anos em funcionamento, continua basicamente com o mesmo perfil de ingressos, especialmente na questão relacionada ao sexo. Quanto à faixa etária, se pode perceber que há oscilações do público-alvo. (OLIVEIRA *et al.*, 2013, p. 9-10).

A partir dessas instituições, busquei refletir sobre as relações sociais entre as bibliotecárias e os bibliotecários focalizando os cursos de graduação em

50 O Campus Universitário se tornou a Universidade Federal de Rondonópolis após o desmembramento da Universidade Federal do Mato Grosso que ocorreu em 20 de março de 2018. Disponível em: <<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=13637&ano=2018&ato=94fITR61UeZpWTfa7>>. Acesso em: 6 jun. 2021.

Biblioteconomia, tendo como ponto de partida as coordenadoras dos cursos de graduação que exercem a função de docentes, e as diretoras das bibliotecas centrais de cada instituição que são técnicas administrativas.

FIGURA 11 – Galeria da diretora- UFR



Fonte: Elaborado pela autora.

Na Biblioteca Central de Rondonópolis figura apenas uma diretora, pois a UFR possui poucos anos de existência, enquanto Universidade independente. Até 2018, a instituição fazia parte da Universidade Federal do Mato Grosso na condição de campus universitário. Dessa forma, ainda não se trata de um sistema de bibliotecas.

No capítulo que se segue, apresento as narrativas das interlocutoras desta pesquisa em diálogo com a minha interpretação, realizo o exercício de pluralizar os discursos em relação à área da Biblioteconomia e lanço o meu olhar interseccional de bibliotecária e historiadora.

Capítulo 2

RELAÇÕES DE PODER E DESIGUALDADES DE GÊNERO NA BIBLIOTECONOMIA

A compreensão da condição pessoal de ser mulher em termos sociais e políticos e a constante revisão, reavaliação e reconceitualização dessa condição *vis-à-vis* à compreensão que outras mulheres têm de suas posições sociosexuais geram um modo de apreender a realidade social como um todo que é derivado da conscientização de gênero. E a partir desse entendimento, desse conhecimento pessoal, íntimo, analítico e político da universalidade do gênero, não há como retornar à inocência da “biologia⁵¹”.

No presente capítulo, investigo a Biblioteconomia a partir da principal fonte escolhida para esta pesquisa, qual seja: as narrativas das bibliotecárias atuantes na região Centro-Oeste. Sob essa ótica Bloch (2001, p.159) afirma: “as causas, em história como em outros domínios, não são postuladas. São buscadas”. Inicialmente, discorro sobre as particularidades da metodologia da história oral; em seguida, busco escrutinar as pistas contidas nas falas das colaboradoras, tais como: os estereótipos da profissão, as desigualdades nas relações de gênero no ambiente da biblioteca, e a visibilidade da área da Biblioteconomia para a sociedade brasileira.

Para compreender como ocorreu o processo de inserção das mulheres nos cursos de formação em Biblioteconomia, optei por traçar um panorama sobre como se deu a incorporação das mulheres no âmbito da educação e do trabalho a partir do cotejamento das fontes em conjunto com os estudos das relações de gênero e epistemologias feministas. Michelle Perrot (1998), em seu livro *Mulheres Públicas*, pontua que as mulheres⁵² enfrentaram muitas dificuldades

51 Lauretis, 1994, p. 231.

52 Ressalto que as mulheres que tinham a possibilidade de estudar, almejando uma carreira como a do magistério, eram mulheres de famílias abastadas financeiramente e predominantemente possuíam a cor da pele branca; as mulheres negras, indígenas, imigrantes não tinham acesso à educação e exerciam trabalhos exaustivos fora de casa desde a juventude, realizando trabalhos como lavadeiras, babás, cozinheiras, ou seja, trabalhos subalternizados. Angela Davis (2016, p. 24) afirma que “Proporcionalmente, as mulheres negras sempre trabalharam mais fora de casa do que suas irmãs brancas. O enorme espaço que o trabalho ocupa hoje na vida das mulheres negras reproduz um padrão estabelecido durante os primeiros anos da escravidão. Como escravizadas, essas mulheres tinham todos os outros aspectos de sua existência ofuscados pelo trabalho compulsório”.

para exercer trabalhos fora de casa de forma a receber um salário. Em consonância com o pensamento de Perrot, Bourdieu assinala:

Excluídas do universo das coisas sérias, dos assuntos públicos, e mais especialmente dos econômicos, as mulheres ficaram durante muito tempo confinadas ao universo doméstico e às atividades associadas à reprodução biológica e social da descendência; atividades (principalmente maternas) que mesmo quando aparentemente reconhecidas e por vezes ritualmente celebradas, só o são realmente enquanto permanecem subordinadas às atividades de produção, as únicas que recebem uma verdadeira sanção econômica e social, e organizadas em relação aos interesses materiais e simbólicos da descendência, isto é, dos homens. (BOURDIEU, 2020, p. 159-160, grifo do autor).

A datilografia foi uma das primeiras profissões exercidas por mulheres que trabalhavam em escritórios, e esse progresso do trabalho assalariado se deu no século XIX, sobretudo na França. Um dos fatores que contribuiu para o avanço das mulheres no trabalho fora de casa foi a industrialização, que criou uma grande demanda de mão de obra.

Perrot (1998, p. 101) salienta que em meados do século XIX as atividades assalariadas pararam de progredir e observou-se o início de um recuo devido ao “ideal vitoriano [...] de um pai de família que seja o único assalariado e de uma mãe dona de casa [...]”. Entretanto, existia uma parte da burguesia que estava em crise econômica, de modo que as filhas dos burgueses poderiam exercer atividades e trabalhos considerados aceitáveis, como o ensino, trabalho nos bancos, escritórios e bibliotecas. Perrot (1998) destaca que as mulheres, tanto na França como na Inglaterra, eram majoritariamente responsáveis pela educação das crianças, como professoras e mães. Para a historiadora, as mulheres exerciam, e ainda exercem, predominantemente profissões que englobam o chamado setor terciário da economia, também conhecido como setor de serviços.

Atualmente, o setor terciário é o que mais cresce, oferecendo emprego para todos, principalmente para as mulheres, sendo que cerca de 75% das mulheres que trabalham o fazem neste setor. A maioria dos empregos que elas ocupam são marcados pela persistência de um caráter doméstico e feminino: importância do corpo e das aparências; função das qualidades ditas femininas, dentre as quais as mais importantes são o

devotamento, a prestimosidade, o sorriso etc. (PERROT, 2013, p. 123).

Perrot (1998, p. 104) afirma que “entre as primeiras profissões assumidas na França pelas mulheres, temos os ofícios ligados à educação e à formação: professora primária, bibliotecária e, antes de tudo, preceptora”. Nesse sentido, as escolas normais foram as primeiras universidades das mulheres.

Em relação à atuação das mulheres fora do espaço da domesticidade, Pedro afirma:

Muitas profissões mais rendosas e prestigiadas, assumidas pelas mulheres – professoras, enfermeiras, modistas etc. têm sido consideradas femininas por serem extensões de suas atividades no lar. Entretanto, foi através de algumas destas profissões que muitas mulheres ganharam destaque na esfera pública; eram professoras, por exemplo, as principais sufragistas. A educação neste caso, pode ser pensada com um capital simbólico como o passaporte para assuntos públicos. Foi desta forma, através da profissão de professoras, que muitas mulheres tiveram participação política, candidatando-se, inclusive, a cargos públicos. (PEDRO, 2000, p. 36).

Conforme Bruschini e Lombardi (2003), a partir da atuação do movimento feminista nos anos 1970, que exigia o acesso à educação e ao trabalho para as mulheres e pela influência das mudanças culturais, “A expansão da escolaridade e o ingresso nas universidades viabilizaram o acesso das mulheres a novas oportunidades de trabalho” (BRUSCHINI; LOMBARDI, 2003, p. 329). Com a entrada das mulheres nas universidades, elas tiveram a oportunidade de se qualificar profissionalmente. Por outro lado, seu acesso a cursos superiores ocorreu de modo que “a maioria das mulheres, ao buscarem uma profissionalização nas universidades, o faz privilegiando as áreas de educação, saúde e ciências sociais” (FERREIRA, 2003, p.194).

As escolhas das mulheres continuam a recair preferencialmente sobre áreas do conhecimento tradicionalmente ‘femininas’, como educação (81% de mulheres), saúde e bem-estar social (74%), humanidades e artes (65%), que preparam as mulheres para os chamados ‘guetos’ ocupacionais femininas. (BRUSCHINI, 2007, p. 549, grifos da autora).

Para Bruschini e Lombardi (2003, p. 334), dentro da grande área das ciências humanas aplicadas, alguns cursos são “redutos femininos, como a biblioteconomia, economia doméstica e serviço social”, portanto, a área da Biblioteconomia compõe o conjunto de cursos tradicionalmente considerados femininos nas universidades e, por conseguinte, as mulheres são maioria nas bibliotecas. Sobre o tema, Yannoulas (2011) esclarece:

Historicamente, a delimitação e o exercício das profissões estão sexualmente marcados. O mercado de trabalho está segmentado em dois sentidos: horizontal (poucas profissões e ocupações absorvem a maioria das trabalhadoras) e vertical (poucas mulheres ocupam altos cargos, ainda que se considerem setores de atividade com preponderante participação feminina como a educação, a saúde, o serviço social etc.). Em todas as culturas, realiza-se uma interpretação bipolar (feminino - masculino) e hierárquica (o masculino mais valorizado que o feminino) das relações entre homens e mulheres. (YANNOULAS, 2011, p. 284).

Para compreender melhor como ocorrem as assimetrias das relações de gênero, me propus a destrinchar, em certo sentido, os ditos e os não ditos presentes nas relações de poder entre homens e mulheres. No tópico a seguir, apresento alguns elementos que configuram historicamente os desafios, enfrentamentos e as perspectivas das mulheres no mundo do trabalho.

2.1 Relações de Poder e Estereótipos

Compreendo, que existe uma assimetria das posições de hierarquia do campo de trabalho profissional no ambiente das bibliotecas, e especificamente nas bibliotecas universitárias observa-se uma divisão do trabalho. Kergoat (2009, p. 67, grifo da autora) destaca a divisão social do trabalho que tem “dois princípios organizadores: o da separação (existem trabalhos de homens e outros de mulheres) e o da hierarquização (um trabalho de homem ‘vale’ mais do que um de mulher)”.

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de

provimento material: é o 'impensado' e o 'naturalizado' dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. (MINAYO, 2005, p. 23-24, grifos da autora).

Kergoat (2009) afirma que ao problematizar uma profissão a partir da perspectiva da divisão do trabalho pode-se investigar quais são as continuidades e as novas configurações de determinado campo de trabalho e ainda possibilita traçar caminhos apontando as necessidades de mudanças em estabelecidos campos de atuação profissional. Em relação à divisão do trabalho na área da Biblioteconomia, Pires e Dumont afirmam:

A divisão sexual do trabalho se apresenta como uma das facetas das relações de gênero e da dominação masculina sobre as mulheres, determinando os papéis masculinos e femininos na sociedade e no mundo do trabalho. Compreender de que forma se dá essa divisão, torna-se fundamental para entender quais características fazem com que determinada profissão seja uma profissão 'feminina' ou 'masculina', assim como ocorre na profissão bibliotecária. (PIRES; DUMONT, 2016, p. 160, grifos das autoras).

Entendo que repensar o trabalho biblioteconômico em busca de equidade na profissão de bibliotecária tem como pré-requisito rever as permanências cujo percurso passa pela constituição histórica do campo do conhecimento e as práticas atuais nos cursos de graduação que inferem diretamente na atuação profissional. Perrot (2013, p. 128) destaca que “Falta muito para ficarem em condição de igualdade na hierarquia das responsabilidades e dos poderes, inclusive no emprego público”. Por outro lado, a profissão de bibliotecária, continua sendo constituída majoritariamente por mulheres.

Acredito que para efetivar mudanças nas estruturas das relações sociais tradicionais e, por conseguinte, nas representações das relações de poder entre o masculino e o feminino, torna-se necessário repensar através da problematização sob a ótica dos estudos de gênero.

Em relação aos estereótipos que permeiam a Biblioteconomia, e a imagem da bibliotecária, Walter afirma: “Mesmo no início do século XXI e ainda

que o ingresso de alunos do sexo masculino tenha aumentado relativamente, a imagem negativa associada às mulheres velhas ainda perdura.” (WALTER, 2008, p. 310).

Focando o meu olhar sobre as representações da figura da Bibliotecária, é possível vislumbrar estereótipos permanentes na contemporaneidade. “A força da representação tem a capacidade de mobilização e de produzir reconhecimento e legitimidade social”. (PESAVANTO, 2003, p. 41). Nesse sentido, contribui-se para a permanência da imagem do que vem a ser uma bibliotecária, em relação à vestimenta, características físicas, faixa etária, humor, entre outros aspectos.

As representações são também portadoras do simbólico, ou seja, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, carregam sentidos ocultos, que, construídos social e historicamente, se internalizam no inconsciente coletivo e se apresentam como naturais, dispensando reflexão. (PESAVANTO, 2003, p. 41).

A colaboradora Elisa ilustra:

Por exemplo, alguém chega e pede para falar comigo sem saber que sou eu, aí a pessoa se espanta porque eu não era a pessoa que ela ou ele tinha em mente, você sempre cria uma imagem da bibliotecária. Então, às vezes, um aluno perde um livro e vem na biblioteca achando que você vai ser grossa, vai tratar mal, e a pessoa se surpreende. Eu acho que é isso que a gente tem que mudar mesmo para que ninguém tenha medo da biblioteca e do bibliotecário, e nem ver a gente como alguém que não pode nunca contar, que não ajuda. (ELISA)⁵³

Neste trecho da narrativa de Elisa, emergem questões mais uma vez relacionadas às imagens estereotipadas da figura da bibliotecária. Em diálogo com o conceito de tecnologia de gênero (LAURETIS, 1994), é possível refletir sobre as representações de bibliotecárias nas mídias, seja em filmes, séries, revistas em quadrinhos, charges, livros literários. Para a autora, “a construção do gênero é o produto e o processo tanto da representação quanto da auto-representação”. (LAURETIS, 1994, p. 217). Nesse sentido, suas palavras

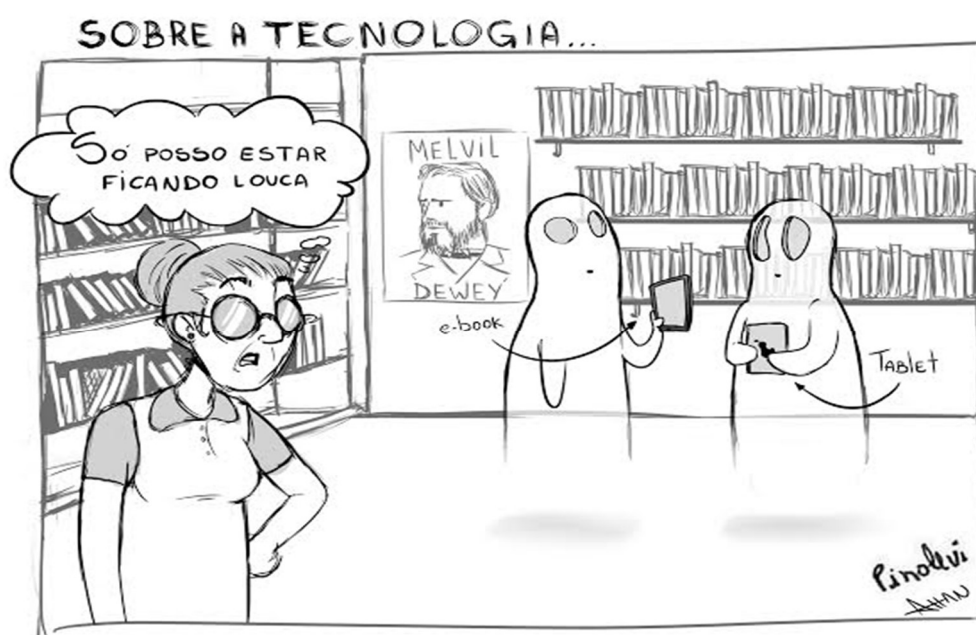
53 Entrevista em: 14 de março de 2021.

compõem o arcabouço das tecnologias de gênero que articulam diretamente a fabricação e a reiteração das imagens estereotipadas, e que ainda reforçam os marcadores simbólicos relacionados à aparência física, comportamentos e gestos. Para tanto, cabe destacar que o

Gênero como representação e como auto-representação é produto de diferentes tecnologias sociais, como o cinema, por exemplo, e de discursos, epistemologias e práticas críticas institucionalizadas, bem como das práticas da vida cotidiana. (LAURETIS, 1994, p. 208).

Na Figura 12, a seguir, é possível ver alguns traços que sugerem os marcadores que compõem os estereótipos narrados pela bibliotecária Elisa.

FIGURA 12 – Charge



Fonte: Charge retirada da internet, de autoria de Lorisa Pinolevi e publicada em 27 de abril de 2016 ⁵⁴.

Os elementos visuais que compõem a charge acima juntamente com a linguagem verbal apresentam componentes relevantes para serem analisados sob a perspectiva das relações de gênero em paralelo às representações da

⁵⁴ Disponível em: <<https://biblioo.info/sobre-a-tecnologia/>>. Acesso em: 01 jun. 2023.

bibliotecária. Passemos à análise: a charge é composta pelas cores preto e branco; o cenário é uma biblioteca; e ao fundo há prateleiras com livros nas duas paredes. Na parede do centro, está um quadro com a imagem do busto de um homem, que possui cabelos lisos, usa barba, seu olhar está dirigido para o lado esquerdo e está com o aspecto sério na face; o seu nome, Melvil Dewey (1851-1931), está escrito no quadro e se trata de um bibliotecário norte-americano que se destacou na área da Biblioteconomia por ter criado um sistema numérico de classificação restrita a livros físicos, a Classificação Decimal de Dewey (CDD), que é utilizada amplamente em bibliotecas de todo mundo.

Ainda no segundo plano da imagem, veem-se duas figuras que sugerem ser fantasmas ou pessoas que estão usando uma fantasia de fantasma. Ambas as figuras estão segurando equipamentos eletrônicos, um está com um tablet e o outro, como sinalizado na imagem, um aparelho em que é possível ler a palavra e-book. Estão de frente um para o outro. No primeiro plano da charge, está a figura de uma bibliotecária, que possui cabelos presos no formato de um coque; usa brincos pequenos; óculos de grau; suas sobrancelhas estão arqueadas; apresenta uma expressão de espanto por meio da boca semiaberta; as linhas de expressão sugerem uma mulher aproximadamente na faixa dos 50 anos de idade. Usa um vestido com gola e mangas curtas. Um dos braços permanece repousado rente ao corpo; o outro está com a mão na cintura. Eu interpreto esse gesto como sugerindo questionamento, afrontamento. O balão com a fala diz: “Só posso estar ficando louca”. Compreendo que essa fala faz referência às novas tecnologias, para além da imagem de fantasmas na cena. A associação das novas tecnologias retratadas pelo moderno suporte do livro revela a resistência à mudança e à atualização face as tecnologias da informação.

Interpreto que a figura do bibliotecário pioneiro do campo da Biblioteconomia na parede remete ao tradicional, ao suporte dos livros físicos; todavia, alude ao pensamento de que as bibliotecárias são avessas a inovações e resistentes aos novos suportes informacionais. Outra linha de leitura que realize da charge é em relação à representação da bibliotecária com elementos estereotipados que marcam o imaginário social onde a imagem da bibliotecária é tida com tais marcadores: usar óculos de grau; o penteado dos cabelos em

coque; possuir idade na faixa etária entre 40 e 60 anos; e trajar roupas antiquadas.

Como enuncia Lauretis (1994, p. 217) sobre as mulheres, ou seja, elas são “seres reais, históricos e os sujeitos sociais que são definidos pela tecnologia de gênero e efetivamente ‘engendrados’ nas relações sociais”. Na charge, a construção dos estereótipos em relação às bibliotecárias é reafirmada. Cabe destacar que a charge foi elaborada em 2016, um tempo recente. Não se trata de uma representação de décadas passadas. A atualização das representações das bibliotecárias realimenta o imaginário da sociedade sobre a Biblioteconomia e, por conseguinte, sobre a área da biblioteconomia. Essas imagens devem ser revistas e atualizadas, afinal o campo da Biblioteconomia na atualidade é composto por pessoas diversas.

Concordo com a bibliotecária Beatriz Alves de Sousa ao afirmar que

Na Biblioteconomia, entendemos a predominância feminina como um dos fatores que contribuem para ser uma carreira que não corresponde aos padrões sociais de uma profissão reconhecida, bem remunerada e de prestígio; portanto, tem o gênero como elemento estruturador de suas práticas. No contexto social é marcada por uma sub-representação das mulheres nas posições de poder e ainda há uma concentração de mulheres em atividades menos valorizadas na profissão. Desse modo, vale a pena ressaltar a importância de se utilizar a categoria gênero para estudar determinadas profissões. (SOUSA, 2014, p. 234).

Depreendo que as práticas sociais no exercício da Biblioteconomia são influenciadas por questões de gênero, pois entendo que as relações de gênero influenciam nos papéis desempenhados por bibliotecárias e bibliotecários. “A categoria gênero ilumina diferentes perspectivas sobre nós mesmas/os, e é, também, um caminho para desconstruir subjetividades normativas encarceradas na bipolaridade do masculino e do feminino”. (NASCIMENTO, 2019, p. 663). Nessa perspectiva, compreendo que as relações sociais no ambiente do trabalho, seja em uma biblioteca, ou em outro espaço, são construídas historicamente e permeadas por assimetrias. Tedeschi (2010) enfatiza que

As contribuições que os estudos de gênero nos últimos tempos têm dado à historiografia contemporânea são inquestionáveis, pois, além de tirarem as mulheres da invisibilidade no passado,

colocam um conjunto de questões- reflexões metodológicas importantes. Por exemplo, as universalidades do discurso historiográfico, que possibilitam o crescimento da história das diferenças e a valorização do relacional na análise. (TEDESCHI, 2010, p. 3).

Para Scott (1995, p. 73), o estudo sob a perspectiva de gênero irá acarretar “necessariamente na redefinição e no alargamento das noções tradicionais do que é historicamente importante, para incluir tanto a experiência pessoal e subjetiva, quanto as atividades públicas e políticas”. Sendo assim, reafirmo o argumento central desta tese, qual seja: o fato de a profissão de bibliotecária ser exercida majoritariamente por mulheres tem relação direta com a invisibilidade e a falta de prestígio que a Biblioteconomia tem na sociedade brasileira.

Dessa maneira, gênero é uma categoria de análise central. Yannoulas (2011) corrobora com Scott (2019) ao afirmar que

A categoria de gênero provém do latim *genus* e refere-se ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres. Em outras palavras, o gênero é o modo como as culturas interpretam e organizam a diferença sexual entre homens e mulheres. (YANNOULAS, 2011, p. 283).

Para a historiadora Louise Tilly (2007), Scott (2019) reforça que a categoria gênero seja utilizada de forma política para pensar as relações sociais. Portanto, a historiadora afirma ser tal fato “importante para as feministas por chamar a atenção diretamente para as relações de poder inscritas na linguagem, no comportamento e nos dispositivos institucionais” (TILLY, 2007, p. 49). Assim, gênero é uma categoria socialmente construída.

Pedro (2005, p. 79) evidencia que “a categoria gênero foi criada como tributária das lutas do feminismo e do movimento de mulheres”. Compreendo os discursos de gênero, como sendo um fator importante na organização das relações sociais, com hierarquias entre homens e mulheres na sociedade no âmbito das profissões e do trabalho. “Posto que a diferença entre os sexos é uma construção, pode-se assim desconstruí-la, em todos os níveis (teorias e práticas, representações e fatos, matérias, palavras e coisas)”. (PERROT, 2008, p. 24).

2.2 A Feminização da Biblioteconomia

Ao refletir sobre a área da Biblioteconomia como um lugar cuja prioridade não é a hierarquização das questões sociais, culturais, mas sim uma área onde se articulam as relações de gênero, procuro identificar como se procede a construção do papel subjugado das mulheres na profissão. “A história enquanto representação do real se refaz, se reformula, a partir de novas perguntas realizadas pelo historiador/a ou mesmo da descoberta de outros documentos ou fontes” (TEDESCHI, 2014, p. 48). Nesse sentido, busco, por meio de perguntas relacionadas à feminização da Biblioteconomia, refletir sobre a construção social da área.

Para tanto, há que se repensar e que se rever os valores, cujo percurso passa pela reconstituição histórica do curso de Biblioteconomia no Brasil e pela correlação de forças que foram estabelecidas para a sua inserção nas chamadas profissões de cunho liberal e na consciência de que as relações de gênero, por serem hierarquizadas, é que têm colocado as mulheres em situação de desprestígio social, principalmente naquelas profissões onde há o predomínio do sexo masculino. (FERREIRA, 2003, p. 190).

Nesse desígnio,

Ao falarmos de gênero, nos situamos simultaneamente no campo de concepções e ações e o consideramos como um operador de diferenças, pensando como um ‘através’, um meio pelo qual se organizam relações sociais, marcando experiências. (TEDESCHI, 2014, p. 19, grifo do autor).

Acredito que a história da Biblioteconomia no Brasil é sedimentada a partir da narrativa escrita por homens, ressaltando os feitos e as realizações apenas por homens, construindo, assim, uma história de prestígio do protagonismo masculino na área da Biblioteconomia. Por outro lado, as contribuições das mulheres não foram registradas nos livros de Biblioteconomia, são omitidos os nomes das relevantes bibliotecárias responsáveis pelos marcos históricos ou, em alguns casos, apenas menciona-se o nome sem dar a devida atenção e importância às ações de determinadas bibliotecárias para o crescimento e avanço da área no Brasil. Para exemplificar, cito os nomes de algumas bibliotecárias que fizeram a diferença para a área da Biblioteconomia: Adelpha

Rodrigues, Lydia Sambaquy, Laura Russo, Jannice Monte-Mór, entre outras brilhantes bibliotecárias⁵⁵.

Vale destacar que essas mulheres são pouco conhecidas e possuem os seus legados invalidados e até apropriados por bibliotecários. Para ilustrar, apresento, a seguir, o título de alguns livros basilares para a Biblioteconomia e que são amplamente conhecidos e utilizados nos cursos de graduação em Biblioteconomia, livros que constam nas bibliográficas básicas dos cursos. Como exemplo, cito três autores notáveis no campo do ensino da biblioteconomia e algumas de suas obras, quais sejam: (i) Edson Nery da Fonseca com *Introdução à biblioteconomia* e *A Biblioteconomia brasileira no contexto mundial*; (ii) Cesar Augusto de Castro com *História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*; (iii) Francisco das Chagas de Souza com *O ensino da biblioteconomia no contexto brasileiro* e *Biblioteconomia, educação e sociedade*. Essas obras são indicadas pelos professores e professoras sobre o surgimento do ensino da profissão no Brasil, dando visibilidade sobretudo a nomes masculinos. Essa omissão por parte dos/as intelectuais bibliotecários/os é proposital. As mulheres bibliotecárias enquanto sujeitas da história da Biblioteconomia no Brasil são invisibilizadas.

A função seletiva da narrativa que oferece à manipulação a oportunidade e os meios de uma estratégia engenhosa que consiste, de saída, numa estratégia do esquecimento tanto quanto da rememoração, que opera como discurso justificador do poder, da dominação, que se veem mobilizados os recursos de manipulação que a narrativa oferece. (RICOEUR, 2007, p. 98).

Ficam explícitas as relações de poder nos discursos e nas representações, narrativas propagadas amplamente nos livros, artigos, nomes de prêmios da área, em relação à história do surgimento e do desenvolvimento da profissão, bem como nas falas das interlocutoras. “À memorização forçada somam-se as comemorações convencionais. Um pacto temível se estabelece assim entre rememoração, memorização e comemoração”. (RICOEUR, 2007, p. 98). Nesse trilhar, os Bibliotecários são celebrados, evidenciados, lembrados no

55 No Capítulo 1, evidenciei a trajetória destas mulheres protagonistas da história da Biblioteconomia no Brasil.

campo da Biblioteconomia, em detrimento das mulheres bibliotecárias que fizeram história.

A profissão de bibliotecária se encontra na esteira das profissões chamadas feminizadas, como o magistério, a pedagogia, a enfermagem, o serviço social, que são profissões onde a mulher exerce a ação de cuidar do outro, de ensinar. “A mulher é considerada um ser puro, dedicado, submisso, passivo, leal, obediente, conservador, com respeito à autoridade e hierarquia, de grandes qualidades morais, educadora primeira na sociedade”. (MARTUCCI, 1996, p. 242).

A bibliotecária e ativista feminista Miriam Botassi ⁵⁶, em 1984, já refletia sobre os significados da profissão de bibliotecária ser exercida principalmente por mulheres, e as circunstâncias que levam mais mulheres em detrimento dos homens a escolher o curso.

Enquanto, mulheres, de acordo com nossa formação, seríamos levadas a prestar serviços ou cuidados e se não bibliotecárias, seríamos enfermeiras, assistentes sociais, ou exerceríamos profissões ‘úteis’ à sociedade, de ‘natureza’ especificamente feminina. Transportamos, dessa maneira, nossa condição de mulher, colocada em posição inferior na sociedade, para nossa profissão. (BOTASSI, 1984, p. 3, grifos da autora).

Botassi (1984) problematiza o lugar reservado às mulheres em relação às profissões ligadas ao ambiente feminino como uma extensão do lar, profissões que possibilitam o exercício das habilidades tidas como femininas, como a ação do cuidado, do servir, da amabilidade. Mesmo com os avanços proporcionados pelas reivindicações das mulheres, a partir da atuação dos movimentos feministas, em relação à ocupação dos espaços na sociedade antes dominados pelos homens e a paridade salarial é interessante perceber que existe “uma cultura sexista e hierarquizada, introjetada em toda sociedade, e continua a se fazer valer no caso de escolhas de profissões”. (PUGA, 2019, p. 710). Sobre a atuação das mulheres no mundo do trabalho, Puga (2019) afirma:

56 Miriam Botassi (1947- 2000) foi uma ativista feminista e bibliotecária de grande destaque por sua atuação em defesa dos direitos das mulheres; foi a fundadora do CIM – Centro Informação Mulher situado em São Paulo.

Constata-se que é no espaço social do trabalho que as desigualdades e discriminações são mais evidentes e acabam por determinar o acesso e a permanência no emprego. Apesar da participação das mulheres no mercado de trabalho, visivelmente significativa a partir dos anos de 1990, ainda persistem diferenças salariais, ausências femininas em postos de liderança. (PUGA, 2019, p. 711).

A presença de mulheres atuando como bibliotecárias constitui um marco significativo para o campo do conhecimento. Entretanto, apesar da feminização, acredito que permanece a divisão sexual do trabalho na área da Biblioteconomia. Em relação ao pouco prestígio que a profissão de bibliotecária tem na sociedade, Xavier destaca:

ainda que a desvalorização que acomete a Biblioteconomia brasileira seja derivada do descaso dado às profissões feminizadas, vale reforçar que os avanços da profissão são conquistas destas mulheres que, dada a certas condições sociais, conseguiram ascender e elevaram a Biblioteconomia a outro patamar. (XAVIER, 2020, p. 109).

Na concepção de Castro (2000), esse fato evidencia como a Biblioteconomia brasileira evoluiu de forma irregular em relação a todos os tipos de bibliotecas. Em relação aos salários pagos existe uma discrepância entre as bibliotecas públicas, escolares, universitárias e especializadas; não existe, até o momento um piso salarial previsto na lei⁵⁷. Também é possível notar uma diferença em relação à atualização dos acervos das bibliotecas. Em geral, nas bibliotecas escolares e públicas, o acervo é desatualizado; nas bibliotecas especializadas e universitárias, existe maior investimento para sua atualização e acesso às novas tecnologias de informação, por exemplo.

Castro (2000) destaca vários fatores para a desvalorização da profissional, quais sejam: a falta de divulgação da profissão, a postura da bibliotecária de subserviência e subalternidade perante profissionais de outras

57 A média salarial oscila entre os estados do país e também a partir da especificidade da biblioteca. De acordo com o site do Sindicato de Bibliotecários do Estado de São Paulo, a média nacional de salário para iniciante na atuação profissional é de R\$ 1.370,00 (um mil e trezentos e setenta reais). “Fazendo um levantamento da média de salário por região do Brasil, a região que possui uma média salarial maior é o Centro-Oeste, totalizando R\$ 3.559,81; seguido do Sudeste, com a média de R\$ 2.076,45. As regiões seguintes são a região Nordeste, com R\$ 1.685,54; a região Sul, com R\$ 1.674,99 e por último, a região Norte, com a média salarial de R\$ 1.626,72”. (2010) Informação retirada do site: <
http://bibliotecariosemacao.eu5.org/mercado_trabalho.html>.

áreas, a falta de senso crítico e de posicionamento sobre assuntos políticos, educacionais, sociais, bem como a resistência a mudanças em relação às práticas de trabalho. Castro (2000) enfatiza que a desvalorização da profissão de bibliotecária, em sua opinião, não ocorre pelo fato de a profissão ser exercida majoritariamente por mulheres. Cabe, aqui, destacar que discordo parcialmente do posicionamento de Castro em relação aos fatores apontados por ele acerca da questão da valorização profissional. Afinal, na sociedade estruturada pelo patriarcalismo e pela misoginia⁵⁸ em que vivemos, as relações de poder e as assimetrias de gênero se manifestam em todas as profissões e espaços em que as mulheres estejam atuando.

Na sessão a seguir, faço o exercício de interpretar a fala das minhas interlocutoras e, com o ouvido atento, procuro destrinchar as entrelinhas das narrativas apresentadas sempre dialogando com as concepções feministas e os estudos de gênero.

2.3 Narrativas Sensíveis: com a palavra as Bibliotecárias

Os profissionais da Biblioteconomia, utilizando as ferramentas disponibilizadas pelas Tecnologias e da Comunicação, têm o compromisso de levar a informação e o conhecimento a toda população, atendendo às demandas dos usuários, onde quer que eles estejam, propiciando-lhes condições para o exercício da cidadania. (BORGES, 2013, p.46).

A história da Biblioteconomia apresentada por meio dos livros e pelas narrativas masculinas pouco destaca a participação das mulheres em relação aos processos de consolidação da profissão e do ensino no Brasil. Colocando-se no centro da história, por meio da narrativa escrita, os narradores deixaram na invisibilidade as ações protagonizadas pelas bibliotecárias, pouco nomeadas nos livros sobre a história da Biblioteconomia em relação aos acontecimentos

⁵⁸ Utilizo o conceito de Misoginia a partir da definição de Berger (2019, p. 516): “A misoginia é uma aversão ao gênero feminino, entendido como universal e abstrato, pois se estende às mulheres como uma identidade única, é uma atitude cultural de ódio às mulheres simplesmente porque elas são mulheres”.

que proporcionaram o avanço do ensino e o seu fortalecimento enquanto uma profissão regulamentada.

Perrot (2005) declara que no século XIX ocorreu um apagamento dos traços públicos das mulheres, pois quem tinha o monopólio da escrita na esfera pública eram os homens. Observo que essa prática ocorreu na área da Biblioteconomia nos séculos XX e XXI, onde permanece em destaque a história dos homens bibliotecários; as mulheres ocupam um lugar secundário.

Sobre o campo metodológico da história oral, Barros (2009) destaca que uma das suas características é oferecer a possibilidade de ampliação do olhar das/os historiadoras/es, pois

Captar registros múltiplos através de entrevistas e coletas de depoimentos torna-se uma interessante estratégia para multiplicar pontos de vista, confrontá-los, opô-los aos fatos propriamente ditos com vistas a problematizá-los. (BARROS, 2009, p. 62).

As bibliotecárias entrevistadas nesta pesquisa dialógica são consideradas colaboradoras. Mesmo com o roteiro das entrevistas semiestruturadas, pude notar que as narradoras selecionavam o que iriam falar, por meio dos gestos e expressões da face era perceptível a escolha dos recortes das perguntas a serem respondidas. Em virtude de todas serem mulheres, houve uma aproximação para o diálogo e a disposição em colaborar com a minha pesquisa. Os pontos que nos ligam e o fato de sermos todas bibliotecárias, trabalhadoras, propiciaram uma empatia entre nós, todavia, éramos diferentes, com interesses, expectativas e subjetividades distintas no momento da realização de cada entrevista.

Na entrevista de História oral há, no mínimo, dois autores - o entrevistado e o entrevistador. Mesmo que o entrevistado fale pouco, para permitir ao entrevistado narrar suas experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato-científico, acadêmico, político etc.- sobre ações passadas, e também de suas ações. (ALBERTI, 2014, p. 169).

Nesse sentido, a entrevistadora e a narradora, por meio do diálogo, constroem uma relação interpessoal, as entrevistadas colaboram com a construção da minha narrativa e da fonte de pesquisa, que, no passo seguinte,

na etapa da transcrição, se torna uma narrativa escrita permeada pela edição em certa medida a partir da interpretação da historiadora. Meihy (1996, p. 41) afirma que “A história oral temática se compromete com o esclarecimento ou opinião do entrevistador sobre algum evento definido. A objetividade é direta”.

Conforme assinala Portelli (2016), o trabalho da historiadora oral abrange a interpretação da entrevista, que é gravada e depois transcrita. O material produzido a partir da entrevista é fruto da memória individual da narradora, portanto, “a memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado”. (PORTELLI, 2016, p. 18).

Através da narrativa individual apresentada sobre determinado tema é possível acessar a memória que é elaborada na mente da colaboradora. Sobre a arte da escuta, Portelli (2016, p.20) frisa: “Assim como o narrador tem a responsabilidade de contar, o historiador tem a responsabilidade de abrir espaço narrativo, escutando ativamente o que o narrador tem a dizer”.

É importante salientar que a história oral é conectada com a história do tempo presente, pois “podemos pensar as fontes orais como algo que acontece no presente em vez de apenas como um testemunho do passado”. (PORTELLI, 2016, p. 19). Então, a história do tempo presente possibilita uma maior interação e compressão das representações e construções sociais dos laços dos indivíduos de uma mesma formação social, em específico nesta tese, o grupo de Bibliotecárias/os.

Nessa perspectiva, “o historiador do tempo presente é contemporâneo de seu objeto e, portanto, partilha com aqueles cuja história ele narra as mesmas categorias essenciais, as mesmas referências fundamentais”. (CHARTIER, 2006, p. 216).

As colaboradoras são graduadas em Biblioteconomia. Foram ouvidas, ao todo, as narrativas de cinco bibliotecárias, com idade entre 30 e 60 anos, três doutoras e duas mestras. As entrevistas ocorreram no período de fevereiro a junho de 2021, quando conversei com duas professoras do curso Biblioteconomia, que estavam à frente da coordenação do curso de graduação em Biblioteconomia na modalidade presencial. Também foram entrevistadas as bibliotecárias diretoras das Bibliotecas Centrais das instituições pesquisadas.

Todas as entrevistas deram-se de forma não presencial, pela interface da internet. Foi necessário realizar as entrevistas por meio virtual, tendo em vista a pandemia propiciada pelo Coronavírus (SARS-Cov-2), que assolou o Brasil a partir de 2020.

Friso que as fontes históricas foram constituídas a partir da interpretação das colaboradoras, em outras palavras, a partir da versão das narradoras sobre a Biblioteconomia. Cada uma das entrevistadas, por seus motivos, escolheu a Biblioteconomia como curso de graduação para cursar e exercer a profissão. Ressalto que “A história tem como nascente a memória, a qual se vale da expressão verbal para dar sentido ao encontro de pessoas interessadas em apresentar versões”. (MEIHY, 2021, p. 21). A memória acessada espelha representações sobre determinado evento ou tema, como assinala Halbwachs;

A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência que existem fora de si, determinados pela sociedade. Mais do que isso o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma emprestado de seu ambiente. (HALBWACHS, 2006, p. 72).

Outro aspecto que evidencio e que durante a realização das entrevistas eu observei foi a linguagem corporal, as expressões da face, as pausas, a entonação da voz, nos momentos de rememoração para responder a uma das perguntas. “A tonalidade e as ênfases do discurso oral carregam a história e a identidade dos falantes, e transmitem significados que vão bem além da intenção consciente destes”. (PORTELLI, 2016, p. 21).

Continuando sob essa ótica, reforça-se o pensamento proposto por Halbwachs (2006), pioneiro dos estudos sobre a memória, sobretudo sobre a conceitualização da memória coletiva, que seria uma construção social, que é compartilhada por um grupo e que se constitui e se reafirma, perpetuando as representações sociais sobre personagens e acontecimentos, como os monumentos, datas comemorativas e celebrações.

No âmbito da Biblioteconomia, é possível observar essa evocação da memória a partir da exaltação dos indivíduos que foram estabelecidos como os grandes “pais da Biblioteconomia brasileira” em detrimento das mulheres que

foram também de grande importância para o desenvolvimento do campo biblioteconômico.

As memórias individuais compõem a memória coletiva, ou seja, “o que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo”. (POLLAK, 1989, p. 10). Mesmo nas narrativas individuais das colaboradoras, é possível perceber as pistas da memória em relação às relações de poder que estruturam todas as conexões sociais, por exemplo, os comportamentos esperados de homens e de mulheres. Com o intuito de ilustrar, a seguir, cito um trecho da narrativa da interlocutora Elisa, quando a questioneei sobre ela preferir trabalhar com bibliotecárias em detrimento de bibliotecários. Eis um trecho da resposta:

Mulher, às vezes, você fala certa coisa de trabalho, e ela leva para o lado pessoal; é, eu acho que o homem não tem esse tipo de atitude, o homem já é mais centrado naquilo mesmo, no trabalho. (Elisa)⁵⁹

Interpreto que esse pequeno excerto vai ao encontro dos estigmas que as mulheres carregam, tais como: são sentimentais; verborrágicas; os homens, por sua vez, são tidos como bons profissionais ‘por natureza’; feitos para o trabalho no espaço público, ou seja, estas são representações sociais que permeiam a sociedade brasileira. Sob essa ótica, Pollak (1989, p. 14) afirma: “mesmo no nível individual o trabalho da memória é indissociável da organização social da vida”.

Nessa dinâmica, as relações de gênero são analisadas a partir das memórias narradas pelas bibliotecárias, sejam memórias individuais ou coletivas, que se “fundem e se constituem como possíveis fontes para a produção do conhecimento histórico”. (DELGADO, 2003, p. 19). No item a seguir, dialogo com as interlocutoras e apresento recortes de suas narrativas com o objetivo de elucidar questões importantes para a compreensão da Biblioteconomia.

2.4 Relações de gênero em debate: escuta atenta

⁵⁹ Entrevista em: 14 de março de 2021.

As mulheres, política, econômica, social e culturalmente marginalizadas ao longo da história, vivendo nas sombras do mundo doméstico e na penumbra social, contando confidências, trocando receitas, falando em murmúrios nos séculos de submissão a que estiveram sujeitas enquanto teciam o fio do tapete da existência, são elas as grandes conhecedoras da arte de perpetuar a vida através da oralidade. E melhor do que ninguém transitam no território da resistência e da subjetividade. (ALMEIDA, 1998, p. 53)

As narradoras, ao longo das entrevistas, falaram sobre questões concernentes aos motivos que as levaram à escolha da Biblioteconomia como área de atividade profissional, e alguns pontos relacionados à vivência e suas percepções em relação à profissão de forma ampla. As perguntas foram feitas a partir de um questionário semiestruturado, composto por perguntas associadas aos objetivos da pesquisa.

Uma professora da UFG, uma professora da UnB, a diretora adjunta da Biblioteca Central da Universidade de Brasília, a diretora da Biblioteca Central da Universidade Federal de Goiás e a diretora da Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Rondonópolis, todas são servidoras públicas no âmbito federal.

Essas bibliotecárias foram elegidas para serem entrevistadas por estarem a frente da coordenação do curso e da direção das Bibliotecas principais das instituições. Duas entrevistadas, a partir do Termo de consentimento livre e esclarecido, não autorizaram que sua identificação fosse citada nesta tese; portanto, para fins de padronização, utilizo nomes fictícios ao longo deste texto; dessa forma, os nomes são Amanda, Beatriz, Cláudia, Daniela e Elisa. Para tanto, o quadro a seguir demonstra alguns marcadores das interlocutoras.

Quadro 2 - Características das colaboradoras

Identificação	Sexo	Formação Acadêmica	Faixa etária	Filhos (as)	Estado civil	Cor da pele declarada
Elisa	F	Mestra	30 a 45	0	União estável	Parda
Cláudia	F	Doutora	30 a 45	3	Casada	Branca
Amanda	F	Doutora	30 a 45	0	Casada	Parda
Daniela	F	Mestra	45	2	Casada	Negra
Beatriz	F	Doutora	30 a 45	1	Casada	Branca

Fonte: Elaborado pela autora

A primeira pergunta realizada foi em relação à escolha da profissão, ou seja, o motivo que as levou a eleger o caminho da Biblioteconomia. Das cinco entrevistadas, quatro narraram que não tinham como desejo inicial, como primeira opção o interesse em estudar Biblioteconomia, no entanto, por razões diversas, decidiram ingressar no curso.

Na época, quando fiz o vestibular era no ano de 2003, eu tinha terminado o ensino médio já fazia um ano, porque no primeiro vestibular eu tinha escolhido o curso de biologia, por conta das poucas opções que tinha aqui na cidade, eu já morava aqui mesmo, eu sou pernambucana, mas moro aqui desde os sete anos, então como tinha pouca opção aqui na Universidade Federal e nas faculdades particulares, até então, não tinha tantas bolsas, a possibilidade de financiamento não havia, e não era fácil, também, pagar uma faculdade, né. Então, entre as opções que tinham e como eu já havia tentado um ano e não havia conseguido, no curso de biologia a concorrência era muito maior, e eu também tinha a preferência por um curso noturno, porque eu já trabalhava durante o dia. Então, eu escolhi a biblioteconomia mesmo, **pelo mercado de trabalho**, que eu vi que tinha muitos concursos, eu sempre fui muito incutida com concurso público, porque minha mãe já era professora, então eu tinha na mente que eu queria também ser servidora pública. (Elisa)⁶⁰

Então, eu estava no terceiro ano do ensino médio e me ocorreu aquelas dúvidas sobre qual área escolher para o vestibular, qual profissão eu escolheria, e aí eu fiz um teste vocacional. Eu tinha certeza de que eu iria ou para história ou para letras, eu era fascinada por essas áreas, literatura, enfim, e no meu teste vocacional deu biblioteconomia, e aí eu comecei a pensar a

60 Entrevista em: 14 de março de 2021.

respeito, a minha tia com quem eu morava lá em Belo Horizonte me contou que nós tínhamos uma tia distante que era bibliotecária no Rio de Janeiro. Minha tia sugeriu que eu conversasse com ela, aí pegou o contato dessa tia, e aí eu liguei para essa tia distante; ela era bibliotecária em alguma Universidade do Rio de Janeiro, não me recordo qual. Daí ela me falou, a **área é muito boa, muito promissora**, tem muitas possibilidades de atuação e tal. E aí eu comecei a pensar a esse respeito e decidi fazer Biblioteconomia; foi o único vestibular que eu prestei tanto na Universidade Federal de Minas Gerais como na Universidade Federal de Goiás e passei. (Cláudia)⁶¹

Na verdade, eu comecei fazendo ciência política e com esse interesse. E a biblioteconomia veio como uma opção, por ter dado no meu teste vocacional e por eu ter recebido uma orientação no cursinho que eu estudava de que era uma profissão de futuro, que tinha muitas oportunidades de trabalho, e que os alunos tinham oportunidades de estágio, e eu não conhecia bem a profissão, mas eu pesquisei rapidamente e vi que lidava com a informação, que lhe dava com o suporte da informação, livro, computador, enfim, todo tipo de registro. Eu me interessei especialmente **por ser uma área promissora**, havia esse entendimento, já no meu cursinho, quando eu entrei para a Biblioteconomia, de que era uma profissão de futuro, e eu precisava trabalhar logo; eu precisava de algo que me empregasse rapidamente. Então, esse foi o motivo da escolha da Biblioteconomia. (Amanda)⁶²

Não foi a minha primeira opção na escolha. Eu queria cursar direito ou ciência política, eram as áreas pelas quais eu tinha interesse, mas eu estava fazendo o programa de avaliação seriada, o Programa de Avaliação Seriada (PAS), aqui da Universidade de Brasília, e, na época, eu tinha que escolher um curso e eu não tinha nota suficiente para ingressar no curso de direito. A minha intenção era apontar qualquer curso e depois prestar o vestibular para direito. Um dia, a minha mãe estava lendo o jornal e ela viu uma reportagem sobre essa profissão de Biblioteconomia, e ela me chamou e falou que **a profissão parecia interessante**, que combinava comigo e disse: 'por que você não tenta?' E aí eu decidi tentar e coloquei, marquei essa opção no PAS e acabei passando, e aí decidi que iria cursar e enquanto isso, eu iria tentar o vestibular para outra área. (Beatriz)⁶³

É interessante notar que mesmo não sendo a primeira escolha de profissão a seguir, todas as colaboradoras se declaram realizadas com a carreira profissional trilhada por elas e falaram sobre os motivos que as levaram a essa

61 Entrevista em: 22 de março de 2021.

62 Entrevista em: 03 de março de 2021.

63 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

escolha: as perspectivas promissoras da área, com ênfase na possibilidade de concursos públicos. Daniela ressalta a ligação entre a docência e a Biblioteconomia quando narra:

Eu escolhi essa profissão porque eu já trabalhava com a educação infantil, ministrando aulas, e pela proximidade com os livros e os alunos principalmente no momento de contar histórias para as crianças. Houve um envolvimento muito grande com o livro e isso fez com que eu projetasse para a profissão e para o curso de Biblioteconomia. (Daniela)⁶⁴

A narrativa da Daniela evoca as semelhanças entre as profissões ditas femininas como o magistério e a Biblioteconomia ao revelar o motivo de ter escolhido a Biblioteconomia como profissão. Sobre as correlações entre o magistério e a Biblioteconomia, Martucci (1996, p. 231) afirma que “da mesma forma que a função docente buscou sua formação profissional no século XXI, a biblioteconomia seguiu o mesmo caminho”.

Em nível global, o primeiro curso voltado para a formação em Biblioteconomia foi criado em 1821 na *École Nationale des Chartres*, na França; e o segundo curso especializado nas práticas biblioteconômicas surgiu nos Estados Unidos em 1887, na *Columbia University School of Library Service*, o qual já admitia mulheres.

Se olharmos de forma atenta para a história do magistério, é possível perceber muitas semelhanças em relação à Biblioteconomia, transformações e permanências nas duas áreas que surgiram tendo os homens como protagonistas. No entanto, ocorreu uma virada em relação à proporcionalidade de mulheres e homens exercendo o mesmo ofício; as mulheres se tornaram maioria na área do magistério e o mesmo ocorreu no campo da Biblioteconomia. Outro ponto semelhante é a questão dos baixos salários e a falta de valorização social de ambas as profissões.

A educação foi uma das principais pautas do movimento de mulheres em ascensão no final do século XIX e início do XX. O direito à palavra é uma das conquistas mais importantes, e inúmeros manifestos foram produzidos e utilizados como

64 Entrevista em: 05 de abril de 2021.

ferramentas de denúncia à subordinação em que se encontravam as mulheres e à manutenção da inferioridade feminina por parte de tratados médicos, legais e religiosos. (MAIA, 2020, p. 48).

No tópico seguinte, apresento questões relacionadas às mulheres na esfera do trabalho remunerado e suas representações; e estabeleço um diálogo com o objetivo de desconstruir as ideias e estereótipos cristalizados na sociedade. Essa temática compõe, de forma central, o foco da minha análise nesta pesquisa.

2.5 Sombras e luzes sobre as mulheres no mundo do trabalho

As mulheres sempre trabalhavam, sempre e em toda parte, mas esse trabalho não é necessariamente visível e reconhecido. É o que muito bem lembra Michelle Perrot: as mulheres sempre foram muito ativas, mas desde quando elas passaram a ser remuneradas? (MARUANI; MERON, 2016, p. 59).

Começo este item de forma provocativa, com o objetivo de suscitar a reflexão na leitora e no leitor desta tese sobre um ponto primordial, que é o reconhecimento do trabalho⁶⁵ exercido pelas mulheres na sociedade ocidental, que pode ser observada a partir da historiografia, bem como suas nuances no que tange à Biblioteconomia na contemporaneidade. No campo da educação, é possível verificar a discrepância em relação à oportunidade de acesso à educação de meninas e meninos desde os primórdios da educação no Brasil, Xavier (2020, p. 103) enfatiza:

A única alternativa para que as mulheres obtivessem algum conhecimento, consistia nos conventos. Entretanto, o primeiro convento foi fundado em 1677, enquanto homens e meninos eram educados desde a chegada dos jesuítas em 1549.

65 Refiro-me a trabalho a partir de uma concepção ampliada, “Empregos visíveis, identificáveis, pagos, e trabalhos informais, ocultos na penumbra das atividades domésticas ou agrícolas, que nem sempre são pagas”. (MARUANI; MERON, 2016, p. 59).

A partir de 1827, os legisladores instituíram que todos os vilarejos e as cidades do Império deveriam ter escolas de primeiras letras. Desse modo, em alguns lugares, foram criadas escolas onde se separava o ensino para meninas do ensino para meninos; mestres e mestras davam aulas para os meninos e meninas que aprendiam a ler, escrever e contar, saber as quatro operações matemáticas e a doutrina cristã. Em seguida, os meninos eram introduzidos na geometria. Por sua vez, as meninas eram destinadas a aulas de bordados e costura. Destaco que a lei de 1827 admitia que as meninas cursassem apenas a escola elementar. Somente em 1879 é que seriam admitidas mulheres no ensino superior no Brasil.

Louro (2000) afirma que o acesso à sala de aula era restrito às crianças brancas. A população de origem africana, que era escravizada, não podia frequentar as escolas, apenas no final do século as escolas começaram a aceitar crianças com a cor da pele negra. Da mesma forma, as crianças indígenas não podiam frequentar as escolas públicas. Em relação aos imigrantes que aqui habitavam, como os italianos e os alemães, eles estabeleciam as suas próprias escolas.

As meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas. (LOURO, 2000, p. 445).

Chamo atenção para o fato que as mulheres negras, trabalhadoras, desprovidas de recursos financeiros, já se encontravam exercendo atividades no espaço público há muito tempo, ocupando posições de lavadeiras, quitadeiras, parteiras e prestadoras de serviços diversos do lar, destoando da posição de privilégio que as mulheres brancas podiam ocupar na sociedade.

Evidencio o pioneirismo de Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), considerada uma das primeiras feministas e educadoras do país, que em 1837 fundou o seu próprio colégio chamado Colégio Augusto, onde era permitido o acesso das meninas às mesmas disciplinas ensinadas para os meninos nos colégios masculinos. Nísia tinha como bandeira a premissa que a valorização da mulher se daria com a educação. Segundo Karawejczyk (2010, p. 123),

a falta de uma educação formal era vista por Nísia como a fonte dos males e a grande responsável pela discriminação da mulher, uma vez que, somente em 1827, a primeira legislação, que tocava no assunto da educação feminina, havia sido promulgada.

O direito ao trabalho remunerado foi uma das primeiras demandas do movimento feminista desde o final do século XIX. Louro (2000, p. 447) ressalta que “As últimas décadas do século XIX apontam para a necessidade da educação para a mulher, vinculando-a à modernização da sociedade, à higienização da família, à construção da cidadania dos jovens”. Sendo assim, o conceito de trabalho foi desassociado do desprestígio quando realizado pelas pessoas escravizadas. Assim, adquire outro significado o trabalho realizado por mulheres que deveria estar ligado à questão religiosa, e naquele momento a religião que imperava era a catolicismo.

Já que se entende que o casamento e a maternidade, tarefas femininas fundamentais, constituem a verdadeira carreira das mulheres, qualquer atividade profissional será considerada como um desvio dessas funções sociais, a menos que possa ser representada de forma a se ajustar a elas. Em um processo de feminização, o magistério, precisa, pois, tomar de empréstimo atributos que são tradicionalmente associados às mulheres, como o amor, a sensibilidade, o cuidado. (LOURO, 2014, p. 100).

Sobre o magistério, Louro (2000) ressalta que se tornou uma profissão dita feminina por meio de processos. “A atividade docente, no Brasil, como em muitas outras sociedades, havia sido iniciada por homens - aqui, por religiosos, especialmente jesuítas, no período compreendido entre 1549-1759” (LOURO, 2000, p. 449). Todavia, as escolas normais começaram a receber mais mulheres do que homens para aprender o ofício do magistério. Os homens começaram a se desinteressar da carreira do magistério devido a alguns fatores como, por exemplo, a industrialização e a urbanização que ampliavam a possibilidade de trabalho com melhores salários em relação à sala de aula. Dessa maneira, começou a ocorrer a feminização do magistério. Um ponto importante levantado por Louro (2000) é que os salários eram inferiores em relação a outras áreas de trabalho por ser meio período e pelo entendimento que o salário da mulher era um complemento à renda e não a renda principal da família.

Uma das similaridades existentes entre o magistério e a Biblioteconomia era o fato de as duas profissões possuírem um ar de respeitabilidade até a metade do século XX, o que possibilitou o ingresso de jovens que pretendiam ter uma profissão e ao mesmo tempo se dedicar ao matrimônio e ainda exercer o papel de esposa/mãe e, juntamente, ser responsável pela gerência e organização do seu lar de forma consonante. “A concepção de maternidade e a ênfase em ser da natureza feminina cuidar de crianças permitiram, indiretamente, o trânsito das mulheres do espaço doméstico para o público” (ALMEIDA, 1998, p. 72). Lado outro, foi por meio de processos de transformação histórica que a Biblioteconomia e o magistério se tornaram profissões ditas femininas pela presença majoritária de mulheres atuantes nas respectivas áreas ao longo do decurso.

Louro (2000) chama a atenção para os discursos que moldam, a partir de então, a imagem da professora: o discurso médico e o religioso que forjaram o perfil a ser seguido da professora afetuosa, maternal, calma, piedosa, religiosa e disciplinada.

Com exceção das escolas mantidas por religiosas onde as mães ocupavam posição superior, nas escolas públicas, foram os homens que detiveram por longo tempo as funções de diretores e inspetores. Reproduzia-se e reforçava-se, então, a hierarquia doméstica: as mulheres ficavam nas salas de aulas, executando as funções mais imediatas do ensino, enquanto os homens dirigiam e controlavam todo o sistema educacional. (LOURO, 2000, p. 460).

Louro (2000) afirma ainda que as representações em relação à figura da professora têm por característica a mulher solteira que não conseguiu um matrimônio, e a mulher que está na profissão à espera de um casamento, ou seja, de forma temporária. Nas duas situações ocorre um reforço em relação à baixa remuneração, isto porque “representações sociais se constituíam e mudavam. Afinal, as representações de professoras carregaram, através de anos, algumas continuidades, mas também se transformam historicamente” (LOURO, 2000, p. 470).

Segundo Almeida (1998, p. 23), “Durante muito tempo a profissão de professora foi praticamente a única em que as mulheres puderam ter o direito de

exercer um trabalho digno e conseguir uma inserção no espaço público”. As mulheres puderam adentrar no campo educacional por se tratar de uma profissão ligada ao cuidado, com características necessárias para exercer a maternidade, estando ligada aos aspectos de ser mãe. A partir desse prisma, nas primeiras décadas do século XX, o ingresso das mulheres no magistério, sobretudo no período primário, era a única oportunidade de entrar no campo profissional. “Ensinar crianças foi, por parte das aspirações sociais, uma maneira de abrir às mulheres um espaço público (domesticado) que prolongasse as tarefas desempenhadas no lar”. (ALMEIDA, 1998, p. 28). Outro aspecto ressaltado por Almeida é que conscientes dos elementos maternos que estavam envoltos com o magistério e com a missão de conciliar as atividades do lar, muitas mulheres abraçaram essa oportunidade de entrar na esfera do trabalho assalariado, por consequência, a responsabilidade de educar crianças no espaço das escolas passou a ser tarefa das mulheres.

O magistério de crianças configurou-se bastante adequado ao papel da mulher como regeneradora da sociedade e salvadora da pátria e tornou-se aceitável, em termos sociais, familiares e pessoas, que ela trabalhasse como professora. (ALMEIDA, 1988, p. 33).

Pode-se afirmar que o mesmo ocorreu com a profissão de Bibliotecária nos primeiros anos do século XX, as mulheres puderam ingressar na área somente a partir do curso oferecido no Estado de São Paulo, pelo *Mackenzie College*, sob orientação da bibliotecária *Dorothy Muriel Guedds Gropp* a partir de 1929. O segundo curso a admitir mulheres também surgiu em São Paulo em 1936⁶⁶ e possuía como característica o fato de ser ministrado no período matutino e tinha curta duração. Tais fatores influenciavam na escolha das mulheres pelo curso, pois moças de famílias privilegiadas financeiramente escolhiam a Biblioteconomia por se tratar também de uma área permeada por livros e sapiência, aspectos apreciados pelas famílias abastadas financeiramente.

66 No Capítulo 1, descrevo a trajetória do surgimento dos primeiros cursos de Biblioteconomia no país.

A historiadora Carla Pinsky (2014), em seu livro 'Mulheres dos Anos Dourados'⁶⁷, enfatiza que era muito comum o pensamento de que o matrimônio e o trabalho fora de casa eram inconciliáveis, portanto, as mulheres da classe média estudavam e trabalhavam até o momento do casamento, dando fim às atividades realizadas fora do lar com o início do matrimônio. “As mulheres encontram muitas barreiras ao tentar prosseguir com os estudos universitários ou investir em uma profissão”, conforme relata Pinsky (2014, p. 177). A autora analisa os discursos produzidos pelas revistas femininas, como, por exemplo, o *Jornal das Moças*, *Claudia*, *Querida* e o *Cruzeiro*, que reverberavam a mentalidade da época em relação aos papéis sociais desempenhados por homens e mulheres. E destaca que

Estudos feitos nas próprias décadas de 1950 e 1960 sobre as aspirações à educação e à profissão - entre crianças, jovens e pais de alunos - constata a coincidência das aspirações, escolhas e vocações com os modelos socialmente dominantes sobre o que cabe ao homem e à mulher de acordo com os seus 'dons naturais'. (PINSKY, 2014, p.188, grifo da autora).

A conexão entre cuidar e ensinar é percebida pela majoritária presença das mulheres nas escolas normais que formavam professoras, isso porque o olhar da sociedade em relação ao desempenho da função de professora era bem-visto, livre de preconceitos sociais. “A base intelectual da instrução normal proporciona às alunas prestígio social e, em certos círculos sociais, um valor maior no mercado de casamento”. (PINSKY, 2014, p. 188). Dessa maneira, a função de professora era vista como nobre, uma profissão de honra. De acordo com Pinsky (2014, p. 190), “outras áreas consideradas típicas ou próprias para as mulheres são Psicologia, Biblioteconomia, Nutrição e Enfermagem”. A partir dessa afirmativa, percebo permanências na contemporaneidade das escolhas feitas pelas mulheres nos anos dourados, e ainda no século XXI, décadas depois, ocorre a incorporação das ideias tradicionais de gênero em relação à escolha das profissões.

Ao longo da narrativa da interlocutora Elisa, quando perguntada sobre a motivação de ter escolhido a área da Biblioteconomia para estudar, a participante

67 Anos Dourados é a denominação da época que se estende de 1945 a 1964.

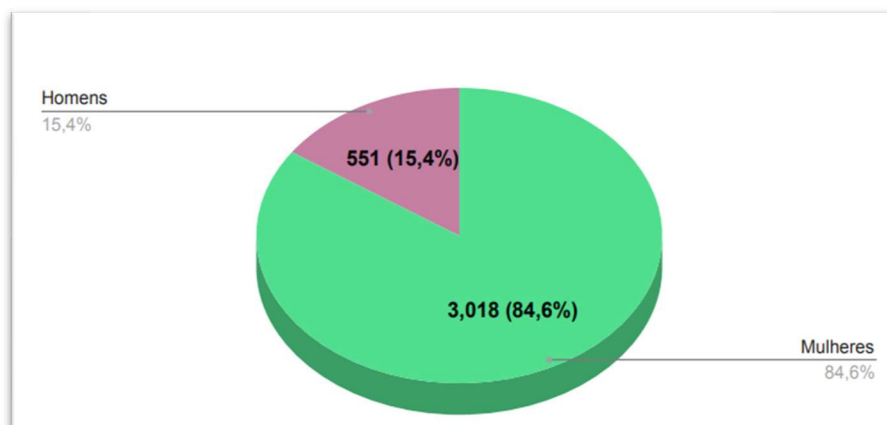
ênfatiou: “Eu acho que a mulher de repente pensa mais na qualidade de vida, como vai conciliar o emprego com a vida⁶⁸”. Esse trecho de sua fala remete aos discursos que permanecem em relação à escolha profissional de algumas mulheres que, mesmo com a mudança do período histórico, na atualidade, ainda continua sendo um fator preponderante no momento de decidir qual profissão seguir. “A cultura sexista e hierarquizada está, assim, introjetada em toda a sociedade e continua a se fazer valer no caso de escolhas de profissões”. (PUGA, 2019, p. 710). Sobre essa temática, Bourdieu afirma:

As próprias mudanças da condição feminina obedecem sempre à lógica do modelo tradicional da divisão entre o masculino e o feminino. Os homens continuam a dominar o espaço público e a área de poder (sobretudo, econômico, sobre a produção), ao passo que as mulheres ficam destinadas (predominantemente) ao espaço privado (doméstico, lugar da reprodução) em que se perpetua a lógica da economia de bens simbólicos, ou a essas espécies de extensões deste espaço, que são os serviços sociais (sobretudo hospitalares) e educativos, ou ainda aos universos da produção simbólica (áreas literária e artística, jornalismo etc.). (BOURDIEU, 2020, p. 154, grifo do autor).

Especificamente, na área da Biblioteconomia, esse fato é comprovado a partir dos números fornecidos pelo Conselho Regional de Biblioteconomia da primeira região – CRB-1, que abarca o Distrito Federal, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Em 2021, havia três mil e dezoito mulheres inscritas no Conselho e quinhentos e cinquenta e um homens inscritos. Para exercer a profissão de bibliotecária é necessário ser bacharel em Biblioteconomia e obrigatoriamente estar inscrita/o no Conselho. Isto posto, fica evidenciada a permanência majoritária das mulheres no exercício da profissão de bibliotecária. Para ilustrar, elaborei um gráfico que pode ser conferido a seguir.

68 Entrevista em: 14 de março de 2021.

Gráfico 1- Inscritas/os no Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região.



Fonte: Elaborado pela autora a partir dos dados repassados pelo Conselho Regional de Biblioteconomia 1ª Região no ano de 2021.

Entre as funções do Conselho Regional de Biblioteconomia está a atribuição de realizar o registro das/os profissionais, fornecer-lhes a carteira de identidade profissional, fiscalizar o exercício profissional e ainda promover campanhas para visibilizar a área de Biblioteconomia, visando o crescimento da profissão no país. A partir do gráfico é possível visualizar que o número de bibliotecárias é mais que o dobro de bibliotecários inscritos no conselho, com um total de 84,6% de profissionais mulheres.

Quando fiz a pergunta para as colaboradoras se elas compreendem que existe ligação entre o baixo prestígio da profissão e o fato de ela ser exercida majoritariamente por mulheres, todas as interlocutoras discordaram dessa afirmativa ao responderem que se trata de uma inverdade. Cláudia⁶⁹ disse:

Nossa, eu acho essa afirmativa muito preconceituosa e equivocada, se a gente for pensar, porque ela traz um fator de sempre atribuir às mulheres a causa de qualquer coisa que vá mal. Então, assim, tem profissões que são predominantemente femininas; você vai escutar. Isso acontece porque tem muita mulher, elas fazem fofoca, mulheres não se dão bem, mulher não pode ocupar um cargo de gestão porque tem muita inveja. Nós somos incitadas à competição desde sempre, então uma afirmativa como essa, ela me parece talvez uma tentativa de enfraquecer a profissão, porque mulheres são o pilar da sociedade e se formos pensar, economicamente, somos nós que mantemos a sociedade, somos nós que geramos os filhos e

69 Entrevista em: 22 de março de 2021.

cuidamos deles. Então, essa **economia do cuidado**, ela é responsável por manter também a sociedade de pé, as mulheres não são remuneradas por esse trabalho; enfim, o pilar da sociedade é a mulher.

A interlocutora enfatiza a importância das mulheres na engrenagem da sociedade, em relação às responsabilidades do ambiente do lar e cuidado com os/as filhos/as, “sobrecarregando seu cotidiano envolto numa ‘dupla jornada’”. (BORELLI; MATTOS, 2019, p. 708, grifo das autoras).

E continua:

Então, porque o demérito de uma profissão ou da imagem dessa profissão socialmente, deveria ser atribuída a nós, ao fato de a profissão ser predominantemente feminina? Eu acho que é uma tentativa de nos distrair, de ofender a nossa imagem e eu não concordo, eu acho que o motivo do não prestígio da nossa profissão está atrelada a outros fatores. Mas jamais ao fato de ser porque ela é **predominantemente feminina**. (Cláudia)⁷⁰

Cláudia apresenta uma narrativa que demonstra consciência em relação às cobranças e aos aspectos sociais ligados às mulheres, ao papel social esperado pela sociedade que seja desempenhado por nós, sendo relevante a questão da economia do cuidado, explanado pela narradora. Afinal, além de precisarmos desempenhar um excelente trabalho no espaço público, ou em empresas e organizações, ainda somos responsáveis pela maior parte do trabalho dentro de casa, isto é: a organização das refeições, a manutenção das dinâmicas da casa e o cuidado com os/as filhos/as.

A interlocutora também evidencia a questão dos estigmas e do sexismo, no sentido que o baixo prestígio da profissão seja culpa das mulheres, como se as mulheres fossem uma subcategoria no mundo do trabalho. Em relação à maior presença das mulheres na esfera do trabalho formal, Puga (2019, p. 711) afirma:

Apesar da feminização, permanece a divisão sexual que mantém sob a responsabilidade das mulheres a carga do trabalho reprodutivo, ou seja, o cuidado dos filhos, da casa, dos doentes, além das demais tarefas domésticas.

70 Entrevista em: 22 de março de 2021.

Na literatura da área da Biblioteconomia é possível ler essa afirmativa que o baixo prestígio da profissão de bibliotecária ocorre por ser exercida em grande parte por mulheres, e para ilustrar cito:

O caráter feminino da profissão também é responsável por boa parte da discriminação sofrida pela Biblioteconomia. Durante muito tempo, os homens não se sentiam à vontade para atuar em uma área predominantemente feminina, não reconhecida socialmente. (SOUTO, 2005, p. 35).

As representações sobre a profissão de bibliotecária são permeadas por estereótipos relacionados às mulheres. Por outro lado, em grande medida, as bibliotecárias não associam o baixo prestígio da profissão com o fato de ela ser uma categoria composta predominantemente por mulheres. Em relação à inserção das mulheres no mundo do trabalho assalariado, Borelli e Matos (2019, p. 706) afirmam que “as atividades nas quais as mulheres penetraram foram progressivamente desprestigiadas, desvalorizadas monetariamente e socialmente, sendo descartadas pelos homens”. Acredito que esse processo ocorreu na área da Biblioteconomia.

As diferenças nas relações de gênero são construídas historicamente e em diálogo com a perspectiva feminista evidencio, a seguir, alguns elementos históricos que nos auxiliam na compreensão de como foram estabelecidas algumas dessesemelhanças. Friso que a minha intenção não é negar as diferenças corporais entre homens e mulheres, todavia é “de apontar que certas diferenças foram eleitas em determinado momento histórico para justificar desigualdades sociais”. (ZANELLO, 2018, p. 42).

Maria Izilda Matos (2003), em sua pesquisa sobre as representações dos corpos femininos e masculinos a partir do discurso médico com o recorte em São Paulo 1890-1930, aponta que historicamente os saberes da medicina influenciaram diretamente na compressão da sociedade em relação aos aspectos sociais, culturais, de modo que os comportamentos sociais no espaço público e privado eram ditados pelas instruções do campo do saber médico.

Portanto, as representações em relação às mulheres e aos homens possuíam estereótipos, símbolos de comportamentos adequados e inadequados, destacando aspectos como “o controle sobre a vida de homens e

mulheres, normatizando os corpos e os procedimentos, disciplinando a sociedade” (MATOS, 2003, p. 109). É possível identificar continuidades e mudanças nos papéis desempenhados e ainda mapear as assimetrias de gênero proporcionadas por tais discursos. O corpo feminino é tido como central nos discursos médicos.

O cérebro e os ovários não poderiam desenvolver-se simultaneamente, de modo que as atividades intelectuais femininas poderiam produzir um ser débil, nervoso, estéril - e talvez, pior ainda, poderiam gerar crianças doentes ou malformadas. Assim, as jovens não deveriam abusar das atividades intelectuais, canalizando suas energias para o perfeito desenvolvimento de suas faculdades reprodutoras. (MATOS, 2003, p. 115).

As raízes do discurso médico em relação às mulheres reverberam na contemporaneidade e enunciam o corpo feminino como um lugar de disputas. Por exemplo, os sintomas de doenças eram associados diretamente ao útero, e as desigualdades de gênero são expostas quando os mesmos sintomas de enfermidades quando manifestados em homens recebiam diagnóstico e tratamento diferentes daqueles apresentados por mulheres. “O repouso, terapia que era uma mistura de descanso com dieta, foi sem dúvida muito mais amplamente utilizado nos tratamentos femininos”. (MATOS, 2003, p.116).

As questões ligadas à sexualidade de mulheres e homens eram díspares, afinal, para as mulheres, a vida sexual deveria ser exercida somente na condição do matrimônio, e à mulher caberia desempenhar um papel de submissão no momento do ato sexual. A relação entre o instinto materno e a missão de procriar foi fortalecida pelos discursos médicos. “Representava-se a mulher grávida como símbolo da maternidade, e simultaneamente da virilidade do marido” (MATOS, 2003, p. 117).

Já para os homens, a compreensão sobre a sexualidade era e ainda é diferente, pois a vivência erótica, a liberdade sexual baseada no “instinto inerente aos homens” propicia entre outras benesses o não julgamento social. É importante salientar que o discurso médico sofre modificações e se altera de acordo com os interesses normatizadores da sociedade em determinada época,

“o discurso médico legitimava o domínio do homem sobre a mulher”. (MATOS, 2003, p. 121).

Tem-se o lugar da fala científica médica como um lugar de autoridade e de ciência, onde não há espaço para questionamento, de modo que se a medicina afirmava que as diferenças entre homens e mulheres justificavam-se pelos pressupostos que a anatomia dos corpos são diferentes, destinando as mulheres às aspirações ligadas à sensibilidade, fragilidade, atividades ligadas ao cuidado, em detrimento dos atributos supostamente inerentes aos homens como as habilidades intelectuais, propensão a exercerem ofícios múltiplos. O principal foco de interesse dos discursos médicos paulistas foram as mulheres e “sua preocupação foi com a vigilância e o controle, procurando a expansão de uma nova imagem de maternidade”. (MATOS, 2003, p. 124).

Os discursos em relação às assimetrias de gênero são forjados, assim como as representações sociais e culturais são historicamente construídas. Dessa forma, em diálogo com a discussão atual sobre as modificações e as permanências dos discursos machistas e sexistas é possível traçar um paralelo com as raízes históricas acerca da economia do cuidado e a latente ideia da maternidade como o auge da feminilidade, o que contribui para a reiteração do patriarcado⁷¹.

É importante salientar que as interlocutoras enfatizam que as discriminações e os preconceitos relacionados à área da Biblioteconomia ocorrem pelo fato de ela estar inserida dentro do campo da educação e da cultura, áreas que não recebem investimentos financeiros por parte do governo federal e dirigentes estaduais como deveria. Nesse sentido, em muitos lugares, nem existem bibliotecas municipais e públicas; e nas cidades onde há bibliotecas para a população, em geral, elas são formadas por livros doados, desatualizados e funcionam em espaços inadequados, localizadas no centro da cidade, de modo que a população que reside longe do centro urbano não tem possibilidade de frequentar esse espaço. Ainda no século XXI, algumas pessoas não têm acesso a bibliotecas, por conseguinte, não sabem da existência da profissão de

71 “O patriarcado designa uma formação social em que os homens detêm o poder na sociedade” (Delphy, 2009, p. 173).

bibliotecária. Nesse trilhar de pensamento, destaco trechos das entrevistas com Amanda e com Beatriz:

Eu vou te dizer que eu desconheço essa questão de o baixo prestígio da profissão estar ligado à predominância de mulheres. Isso nunca ocorreu, eu nunca vi isso. Assim, eu de fato **desconheço essa associação entre a predominância de mulheres e o baixo prestígio**. Na verdade, o que tem para mim, desde a graduação, é que é um curso menos concorrido, um curso mais fácil de entrar na universidade e que de fato é. Hoje em dia, pelo menos na Universidade de Brasília, cada vez mais isso tem mudado. O curso está cada vez mais concorrido, mas o fato de ser menos concorrido, para mim, sempre esteve ligado à uma desvalorização das bibliotecas de maneira geral, ou da leitura, e não necessariamente à predominância de mulheres na profissão. Então, assim, eu não acho que seja essa a causa e também discordo absolutamente dessa afirmativa. (Amanda)⁷².

Bom, eu não concordo com essa afirmativa. Eu não acho que uma coisa tem relação com a outra, eu acho que se existe o baixo prestígio da profissão, isso é algo cultural do próprio país, de não reconhecer e prestigiar profissões que são ligadas à educação e cultura que é o caso da Biblioteconomia. Então, eu acho que é uma questão cultural do próprio país, do Brasil, que trata essas profissões como a Biblioteconomia, sem grande prestígio. E a gente sabe que existem profissões que são majoritariamente femininas como a enfermagem e a nutrição, e que não existe essa questão do baixo prestígio. Então, eu **não acho que seja uma questão de gênero**, mas sim uma questão cultural mesmo do próprio país de ter essa questão de não valorizar profissões que são ligadas à área de educação e cultura. (Beatriz)⁷³.

As narradoras enfatizam o lugar secundário que as bibliotecas ocupam na sociedade brasileira como sendo o fator principal pela falta de valorização e de visibilidade que a profissão ocupa. Entretanto, observo que para além da questão cultural que está relacionada com a falta de notoriedade das profissões ligadas à grande área da educação e da cultura, a Biblioteconomia ocupa um lugar diferente da profissão de professor/a, por exemplo.

Em relação à visibilidade e ao reconhecimento da importância do trabalho desenvolvido por essa categoria, Escarlata, Mallmann e Coutinho (2021, p. 10) esclarecem que “O estereótipo de gênero não só existe, como persiste e permeia

72 Entrevista em: 03 de março de 2021.

73 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

a vida das mulheres bibliotecárias, mesmo das que ocupam cargos de chefia, embora nem sempre percebido por elas”. Concorro com essa afirmativa, pois percorrendo as vozes das narradoras é possível perceber, em muitos momentos, que elas não identificam, não se dão conta que ocorrem interferências de gênero no exercício da profissão de Bibliotecária. Isso é observado quando a colaboradora Beatriz⁷⁴ traz o seguinte relato:

Eu nunca sofri discriminação na minha vida profissional, na Universidade que eu trabalho. Eu já sofri discriminação sim, em relação ao fato de ser mulher, isso é algo que é recorrente para nós mulheres, acho que toda mulher tem pelo menos uma história para contar que sofreu por ser mulher; não na biblioteca, não com os meus pares que trabalham comigo, porque na biblioteca isso nunca aconteceu, mas fora da biblioteca alguma reunião que eu participei em uma outra área da Universidade, já aconteceu, de uma pessoa me falar: ‘ ah, você não sabe o que está falando’, com o tom da voz que dá para perceber que o que ele estava dizendo na verdade era: **‘você é mulher por isso não sabe o que está falando’**. E participei, várias vezes, de reuniões também com o meu chefe que é homem, o diretor da biblioteca que é um homem, e percebo que as pessoas dão mais importância para o que ele fala em relação ao que eu falo, e pode ser a mesma coisa, a mesma mensagem, e essa importância eu percebo que é por ele ser homem. Isso acontece, já aconteceu algumas vezes.

No início de sua fala, Beatriz afirma que nunca sofreu discriminação em sua vida profissional, entretanto, logo em seguida, ela reporta a situações que caracterizam elementos discriminatórios, ancorada no estereótipo de mulher bibliotecária, pois nos dois trechos Beatriz cita como exemplo dados que evidenciam a violência de gênero, como: “ah, você não sabe o que está falando”, e ainda quando ela narra que em reuniões com o seu chefe, que também é bibliotecário e exerce a função de diretor, ele possui maior poder de persuasão e autoridade frente à equipe de trabalho da biblioteca.

Friso que Beatriz é que lidera a equipe da biblioteca a maior parte do tempo, tendo em vista que ela é a diretora adjunta da biblioteca, e ele, além de ser diretor da biblioteca, também exerce a função de professor do curso de Biblioteconomia na mesma Universidade. Possas (2017), em suas pesquisas

74 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

sobre as violências de gênero nas Universidades⁷⁵, chama a atenção para a dinâmica das relações de gênero nos ambientes universitários e ressalta:

os conflitos existentes nas relações de gênero são muitas vezes sutis, de várias ordens e nuances. No espaço universitário, vivenciamos nas relações cotidianas práticas essencialmente misóginas, conservadoras, elitistas contraditórias que acabam sendo excludentes e não condizem com os discursos e a retórica de uma autonomia endógena, um espaço de pessoas “esclarecidas”. (POSSAS, 2017, p. 99, grifo da autora).

Portanto, interpreto que a ‘relevância’ demonstrada ao que o diretor fala em detrimento do que Beatriz fala com a equipe de trabalho ocorre devido às desigualdades de gênero que estão imbricadas em todos os espaços da sociedade. “Admite-se que as diferentes instituições e práticas sociais são constituídas pelos gêneros e são, também, constituintes dos gêneros”. (LOURO, 2014, p. 29).

Todavia, como a nossa sociedade é ancorada no pilar patriarcal, sexista, em diversos momentos, nós mulheres, e eu me incluo nesta percepção, não nos damos conta das relações de poder que estão em operação em determinada situação. Por conseguinte, as assimetrias das relações de gênero não são notadas e confrontadas.

Em conformidade, reafirmo que um dos principais argumentos desta tese é problematizar as relações de gênero a partir da Biblioteconomia com o objetivo de questionar as desigualdades que vivenciamos no exercício da profissão.

Outro trecho que ressalto para continuar refletindo sobre o lugar da mulher bibliotecária se encontra na narrativa da colaboradora Cláudia⁷⁶:

não me lembro de sofrer preconceito e discriminação por isso, mas sinto que já sofri discriminação por ser uma mulher muito feminina, muito arrumada, eu acho que as pessoas já me olharam muitas vezes e falaram assim: ‘Isso daí é só a beleza, não tem competência para nada’, isso eu já senti dentro na Universidade, como profissional, como professora, de, às vezes, as pessoas me olharem meio que ficarem na dúvida se eu tinha

75 Lídia Maria Vianna Possas é professora e coordenadora do Laboratório Interdisciplinar de Estudos de Gênero/LIEG – UNESP, campus de Marília. Para mais informações sobre a temática, sugiro visitar o site do grupo de estudos disponível em: < www.culturaegenero.com.br >.

76 Entrevista em: 22 de março de 2021.

competência ou não. Isso é uma coisa que não acontece com os homens, **é muito difícil um homem ser julgado pela aparência**, alguém questionar a sua competência a partir da sua aparência.

Me chama a atenção a desvinculação que a colaboradora faz do papel exercido como bibliotecária. Destaco que Cláudia é professora do curso de Biblioteconomia, interpreto que a discriminação em relação a ser 'bonita demais', está diretamente relacionada ao fato de ela ser mulher e exercer a docência no curso de Biblioteconomia. Assim como a interlocutora Beatriz, Cláudia, também, no primeiro momento, enuncia que nunca sofreu discriminação por ser bibliotecária, por consequência, fica a pergunta: um homem bibliotecário viveria essas situações, de ter a inteligência e a competência postos à prova por conta da aparência física?

Cláudia continua:

eu posso dizer que **eu até mudei a minha aparência** de cortar o cabelo mais curto, deixar cacheado, porque eu acho que isso me deixa mais próxima da minha idade de fato, **numa tentativa de que as pessoas atribuíssem a mim uma imagem de credibilidade**; isso já me incomodou demais, demais, eu acho mesmo que todas as mulheres passam por esse tipo de julgamento.

Na tentativa de não parecer mais nova do que é de fato, ela corta os cabelos, muda sua aparência para passar uma imagem de seriedade. Perrot, em sua obra História das Mulheres, afirma que “Os cabelos são considerados, com frequência, signo da efeminação”. (PERROT, 2013, p. 53). Então, acredito que as cobranças em relação à aparência remetem aos estereótipos relacionados à imagem da bibliotecária, afinal na posição de professora universitária e servidora pública não haveria motivos aparentes para atender às cobranças sociais em relação à aparência física.

Essa discriminação relatada por Cláudia é percebida a partir das subjetividades, olhares, comentários do meio social do qual ela faz parte. Segundo Bourdieu, a sociedade espera que as mulheres “Sejam ‘femininas’, isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas”. (BOURDIEU, 2020, p. 111, grifo do autor).

Não há obrigatoriedade em se encaixar nos moldes dos estereótipos que estão no imaginário das pessoas, todavia, ela sentiu a necessidade de mudar a sua imagem corporal e comportamental com o propósito de ser aceita e obter respeitabilidade de seus pares, alunos/as. Sobre os estereótipos que permeiam a área da Biblioteconomia, Walter e Baptista (2007) afirmam:

os estereótipos só têm interesse se compartilhados pelos membros do grupo e é importante compreender porque e como eles são compartilhados. Além disso, não se pode ignorar que os estereótipos, uma vez formados, comporão o conjunto de visões que um determinado grupo tem de sua realidade, assim como possivelmente influenciarão comportamentos e atitudes, o que pode interferir positiva ou negativamente na visão interna e na externa, ou seja, daqueles que não integram aquela comunidade. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 28).

Contudo, o ambiente social em que a Cláudia está inserida é o meio acadêmico, seus pares são professoras/es e, por consequência, são parte da comunidade da área de Biblioteconomia. Então, desse modo, compartilham do estereótipo onde a bibliotecária deve ser mais velha, usar roupas formais, usar óculos de grau, cabelo preso em um coque. Entre as características comportamentais esperadas estão: sempre que necessário fazendo um gesto pedindo silêncio, introspecção, postura de seriedade, mal humor, estar indisponível para realizar um atendimento.

Walter e Baptista (2007) afirmam que uma das características dos estereótipos relacionados à profissão de bibliotecária é que todos são associados às mulheres, pois a profissão é “essencialmente exercida por mulheres” (2007, p. 32). E engloba outros estereótipos negativos, a saber:

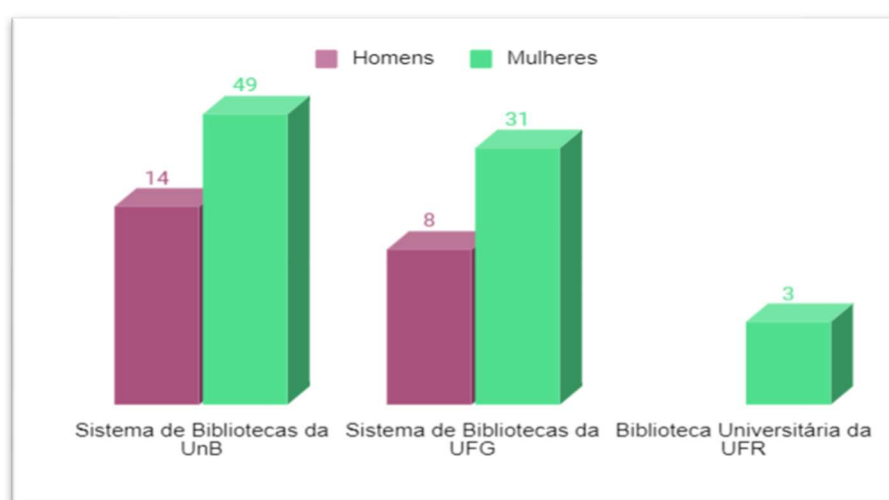
Historicamente, as mulheres são associadas a profissões que não são competitivas, não exigem esforço intelectual, cujo exercício demanda comportamentos e atitudes relacionadas àquelas das donas de casa, como, por exemplo, ordem, asseio e servir pessoas, entre outras. (WALTER; BAPTISTA, 2007, p. 32).

Estamos inseridas/os em uma sociedade generificada, onde o gênero nos constitui como sujeitos/as. Essa contradição expressa no início da narrativa da interlocutora Beatriz compõe o bojo das proposições essencialistas, onde em

nossas práticas sociais não questionamos as representações que integram o ser mulher bibliotecária, em comparação ao ser homem bibliotecário.

Para ilustrar numericamente a configuração de bibliotecárias e bibliotecários que atuam nas bibliotecas vinculadas às instituições pesquisadas, a saber: UnB, UFG e UFR, apresento o Gráfico 2 a seguir.

Gráfico 2- Número de Bibliotecárias/os que atuam nas instituições UnB, UFG e UFR.



Fonte:

Elaborada pela autora a partir dos dados correspondentes ao ano de 2022. Os dados foram repassados pelas diretoras das respectivas bibliotecas (2022).

A partir do gráfico é possível visualizar a predominância de bibliotecárias atuantes em todas as bibliotecas. Na UnB, fazem parte do Sistema de Bibliotecas (SiB-UnB) seis bibliotecas, sendo uma central e cinco setoriais. Na UFG, compõem o Sistema de Bibliotecas (Sibi/UFG) oito bibliotecas no total, sendo uma central e sete setoriais. Por sua vez, na UFR não existe ainda um Sistema de Bibliotecas, pois a Universidade foi criada recentemente, em 2018, e a partir da desvinculação do campus de Rondonópolis que fazia parte da UFMT. Nesse sentido, existe uma Biblioteca universitária e Central que atende a UFR.

O percentual de bibliotecários e bibliotecárias que trabalham nas bibliotecas das instituições pesquisadas evidenciam a grande atuação das mulheres nesses espaços, e, nesse sentido, vejo que as bibliotecas são atravessadas pelas relações de gênero. As construções sociais e culturais que

compõem a profissão demonstram que as representações que constituem os estereótipos em relação à profissão ainda são latentes e reverberam no número de homens e mulheres que entram para o campo da Biblioteconomia.

As representações não apenas são múltiplas, mas elas podem, também, se transformar ou se contrapor. O que importa notar é que nelas sempre estão implicados jogos de poder, melhor dizendo, elas estão sempre estreitamente ligadas ao poder. (LOURO, 2014, p. 106)

Investigando as representações ligadas à profissão, no momento presente, é possível compreender as permanências e as cristalizações em relação aos estereótipos negativos por serem relacionados às mulheres e que são reproduzidos em filmes, livros, publicidades. Particularmente, já passei por situações que podem servir de exemplo, apresento, portanto, meu depoimento: trabalho como bibliotecária desde 2013 e tive a oportunidade de atuar em três bibliotecas distintas do Sibi/UFG, e em vários episódios sofri o constrangimento de ser chamada de estagiária ou bolsista pelo motivo da minha aparência física (relativamente com a aparência jovem, estilo de roupas esportivas), que não corresponde aos estereótipos de como é uma bibliotecária nas representações sociais que permeiam o imaginário coletivo. A seguir, cito uma ocorrência que ocorreu em determinada biblioteca.

Eu estava sentada da minha sala, que fica localizada no andar de baixo da biblioteca, e um professor bate na porta e diz: 'Por favor chame a bibliotecária, tenho um problema para resolver com a responsável pela biblioteca'. A minha resposta foi lançar um olhar fixo nos olhos dele e dizer: 'A responsável pela biblioteca sou eu mesma, do que se trata a sua questão? Diante da minha resposta, ele arregalou os olhos e pediu desculpas pelo ocorrido.

Assim, compreendo que ao problematizar as relações de gênero nos espaços da biblioteca e por meio de nossas práticas sociais, como, por exemplo, questionar os estereótipos é possível avançar e fortalecer a profissão.

Nas reflexões apresentadas até aqui, busquei evidenciar as narrativas que englobam a Biblioteconomia sob a perspectiva das relações de poder. No capítulo a seguir, continuo mapeando as narrativas das bibliotecárias juntamente

com outras fontes, em busca dos feixes de significados e teias de conexões que englobam o campo em estudo.

Capítulo 3

TECNOLOGIA É COISA DE HOMEM? VISIBILIDADE MASCULINA NA PROFISSÃO

O passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa⁷⁷.

Neste último capítulo, a reflexão proposta é sobre o possível aumento do número de homens ingressos na área da Biblioteconomia, e para sua composição mobilizo algumas fontes como gráficos confeccionados a partir da análise feita em algumas edições dos Anais⁷⁸ dos dois eventos que são expressivos no âmbito da Biblioteconomia. O foco da minha investigação é a autoria dos artigos apresentados durante as edições dos eventos no período delimitado com o propósito de mapear numericamente a quantidade de homens e mulheres que participaram na condição de apresentadoras/es.

O Congresso Brasileiro de Bibliotecas Universitárias (CBBU) teve a sua primeira edição no ano de 1954 na cidade de Recife no estado de Pernambuco; e o Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias (SNBU) contou com sua primeira edição em 1978 na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro⁷⁹.

Ainda neste último capítulo, realizo o cotejamento das fontes orais com o propósito de vasculhar as narrativas apresentadas pelas colaboradoras, pois, como afirmou Bloch (2001, p. 79), “os documentos mesmo os aparentemente mais claros e mais complacentes, não falam senão quando sabemos interrogá-los”. Optei por desenvolver uma análise a partir das respostas às perguntas que constam no roteiro semiestruturado que interpretei como sendo primordiais para a compreensão da área da Biblioteconomia.

Como ponto de partida, começo o diálogo examinando os Anais das edições transcorridas que estão no Repositório Digital da Federação Brasileira

77 BLOCH, Marc. 2001, p.75.

78 Algumas edições dos dois eventos ainda se encontram em processo de digitalização ou incorporação no Repositório da FEBAB. Por esse motivo, não estão contempladas todas as edições ocorridas.

79 No Capítulo 1 desta tese, eu contextualizei de forma sucinta os dois eventos.

de Associações de Bibliotecários- FEBAB⁸⁰. Como estratégia de pesquisa, no portal do repositório, adotei alguns procedimentos para delimitar a busca. Cabe destacar que a minha intenção foi realizar uma pesquisa me detendo no primeiro nome de cada bibliotecária/o que apresentou artigo no evento. Alguns artigos que estão na base são assinados por mais de um/a autor/a, nestes casos contabilizei apenas o primeiro nome que aparece como o mais importante na elaboração do artigo; outro recorte escolhido foi o de não contabilizar a modalidade pôster, optei por investigar os trabalhos completos apresentados.

Os artigos que compõem os anais das edições investigadas estão disponíveis no repositório, porém não estão digitalizadas todas as edições do evento. Os trabalhos apresentados são provenientes das experiências e vivências profissionais das bibliotecárias e versam sobre projetos realizados ou em execução, pesquisas em andamento ou já concluídas, apontamentos sobre a formação universitária das/os bibliotecárias/os, aprimoramento dos currículos dos cursos de graduação, propostas para a melhoria da área, entre outras motivações que inspiram bibliotecárias e bibliotecários a escrevem seus artigos.

Realizei o mapeamento da produção científica de homens e mulheres de forma quantitativa, a partir dos trabalhos publicados nos anais ao longo dos anos, para verificar se de fato ocorreu um aumento da inserção dos homens na área da Biblioteconomia como eu conjecturei no início da pesquisa.

Investigo, na condição de fonte de pesquisa, os anais dos respectivos eventos para examinar a discrepância em relação à participação de mulheres e homens e principalmente como prova de que nos últimos anos os homens têm adentrado na área da Biblioteconomia. Pude perceber, por meio da pesquisa nas fontes documentais, que ainda é pequena a inserção dos homens na profissão.

A seguir, apresento o gráfico com os dados referentes ao número de bibliotecárias e bibliotecários que apresentaram artigos científicos durante as edições do CBBD no período em que ocorreu a primeira edição que foi no ano de 1954 até o ano de 2019.

Ressalto que todas as edições do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia e Documentação - CBBD ocorreram de forma presencial. Para

80 A FEBAB tem sede na cidade de São Paulo, não possui fins lucrativos, é constituída por entidades, associações e sindicatos de bibliotecárias e cientistas da informação.

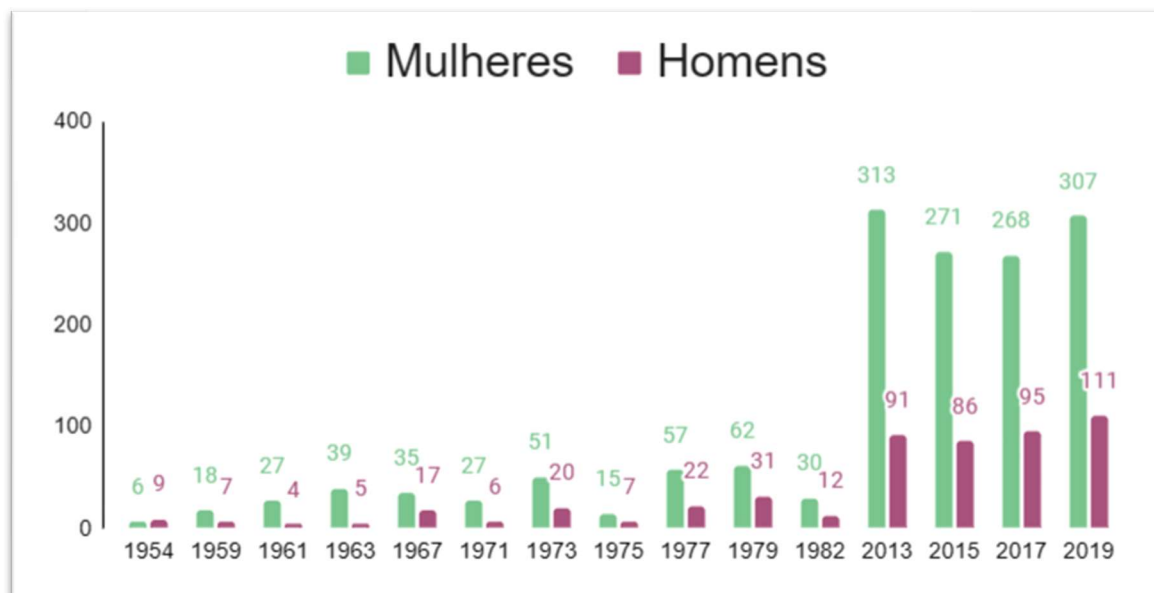
a organização do congresso, uma instituição de ensino superior se candidata a sediar o evento; o passo seguinte, após ser aceita como sede, reside no fato de a instituição ficar responsável por toda a organização e estrutura do congresso, que sempre ocorre em capitais diversas, tais como: Recife, Florianópolis, Salvador, Manaus, São Paulo, Fortaleza, entre outras.

Esse congresso busca atrair profissionais que atuam em todos os tipos de bibliotecas, como as infantis, públicas, comunitárias, escolares, especializadas e universitárias. Trata-se de um evento abrangente e um espaço de trocas e aprendizagens, que tem o intuito de agregar profissionais de todo o Brasil para discutir temas pertinentes à área e atualizar conhecimentos sobre as práticas de trabalho nas bibliotecas. O primeiro CCBD foi sediado na cidade de Recife e teve as seguintes temáticas como pontos de discussão: a Situação atual do leitor brasileiro e Ensino Profissional; Processos Técnicos; Bibliotecas Públicas e Bibliotecas Infantis e de Escolas Primárias, Bibliotecas Especializadas; Bibliografias, Associações Bibliotecárias e Legislação profissional.

Sobre o propósito da criação do congresso, Souza (1990, p. 54) afirma que “O CBBBD não nasceu para dar respostas a um grupo político, econômico e social. Ele nasceu para afirmar um grupo profissional”. A realização do evento que ocorre de dois em dois anos é uma forma de fortalecer a classe bibliotecária e ainda um espaço para dialogar sobre a promoção de mudanças em relação à profissão; traçar estratégias para desconstruir estereótipos ligados à área; e ainda refletir sobre ferramentas que podem ser utilizadas para visibilizar as bibliotecas para a sociedade em geral.

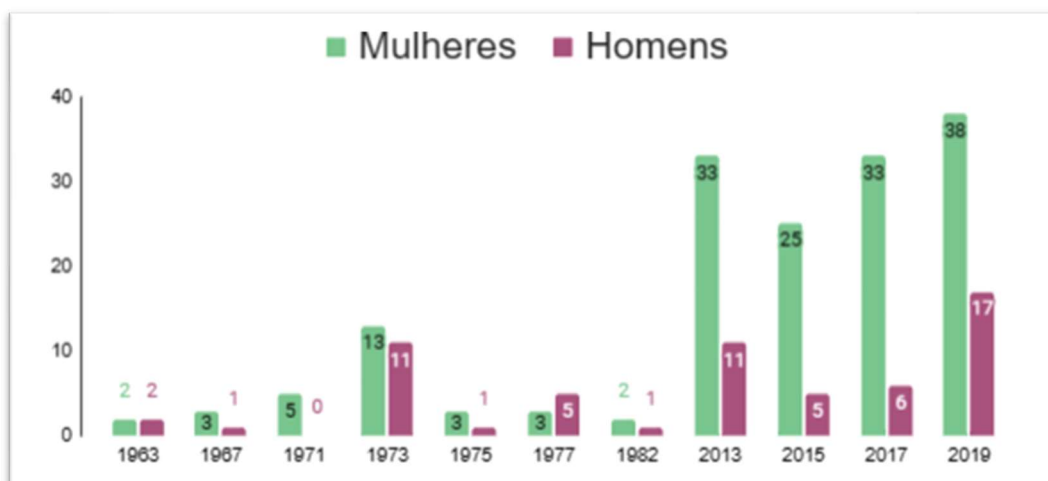
A seguir, apresento dois gráficos. O primeiro apresenta um panorama geral de bibliotecárias/os que apresentaram trabalhos durante as edições analisadas do evento. Ressalto que nem todos os Anais das edições transcorridas se encontram digitalizados, por esta razão não tive acesso a todas as edições. Por sua vez, no Gráfico 4, realizei o recorte me detendo nas/os bibliotecárias/os que apresentaram trabalhos e são filiada/os a instituições do Centro-Oeste. Neste último, meu objetivo foi evidenciar a participação das bibliotecárias/os, especificamente aquelas/es da região privilegiada nesta tese.

Gráfico 3- Relação de Bibliotecárias (os) que apresentaram trabalhos nas edições do CBBB de 1954 a 2021.



Fonte: Elaborado pela autora. A periodicidade do evento é de dois em dois anos; entretanto, não tive acesso a algumas edições.

Gráfico 4 - Relação das/dos apresentadoras/es de artigos que são filiadas/os às instituições localizadas no Centro-Oeste.



Fonte: Elaborado pela autora.

Os Gráficos 3 e 4 demonstram a discrepância em relação ao número de bibliotecárias e bibliotecários que participaram das edições do evento na

condição de comunicadoras/es; com destaque para as mulheres, que são, definitivamente, maioria. No entanto, é importante ressaltar que na primeira edição transcorrida em Recife mais bibliotecários apresentaram seus trabalhos, e, nos anos seguintes, as mulheres ultrapassaram quantitativamente o número de bibliotecários.

Certamente, até 1954, o campo da Biblioteconomia ainda não tinha se tornado fortemente uma área 'dita feminina'. A pista que sigo é que os cursos de graduação em Biblioteconomia ainda existiam em pequeno número no país. Segundo Xavier (2020), ocorreu a expansão dos cursos de graduação em Biblioteconomia para além do eixo Rio de Janeiro e São Paulo a partir da década de 1940. Por outro lado, as mulheres já estavam presentes na área durante o processo de expansão do ensino pelo Brasil.

Ao final da década de 1940, existiam cinco cursos de Biblioteconomia no Brasil: Rio de Janeiro (Biblioteca Nacional), Campinas (Pontifícia Universidade Católica de Campinas), São Paulo (Escola de Sociologia e Política), Porto Alegre (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e em Recife (Departamento de Documentação e Cultura da Prefeitura). (XAVIER, 2020, p. 88)

Detendo o olhar nos dados relativos aos anos seguintes do Gráfico 3, é possível verificar que as mulheres se tornaram maioria no quesito apresentação de trabalhos durante o CBBB, a partir da segunda edição em 1959. Outro ponto relevante demonstrado pelo gráfico é que a partir de 2013 ocorreu um grande crescimento de bibliotecárias participando do evento na condição de apresentadoras de trabalhos.

Investigando as possíveis causas desse crescimento expressivo, é possível associar ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni⁸¹, criado durante o governo do

81 Com o Reuni, o governo federal adotou uma série de medidas para retomar o crescimento do ensino superior público, criando condições para que as universidades federais pudessem promover uma expansão física, acadêmica e pedagógica da rede federal de educação superior. As ações do programa contemplam o aumento de vagas nos cursos de graduação, a ampliação da oferta de cursos noturnos, a promoção de inovações pedagógicas e o combate à evasão, entre outras metas. Foi instituído pelo Decreto nº 6.096, de 24 de abril de 2007 e é uma das ações que integram o Plano de Desenvolvimento da Educação-PDE. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2010).

Presidente da República Luiz Inácio Lula da Silva em 2007, quando as universidades federais angariaram mais recursos financeiros provenientes do ministério da educação para o investimento nas universidades em diferentes frentes, como a construção de novos prédios, expansão dos campi, e, conseqüentemente também teve aporte financeiro destinado ao aperfeiçoamento e à capacitação das/os servidoras/es públicos atuantes nas universidades. Nesse bojo, encontram-se bibliotecárias e bibliotecários que tiveram a oportunidade de se deslocarem para participar efetivamente das edições do CBBB que ocorreram em diferentes estados com ajuda de custo das instituições de origem entre passagens e diárias.

Seminário de Bibliotecas Universitárias-SNBU

O Seminário de Bibliotecas Universitárias-SNBU é um evento voltado para as/os bibliotecárias/os que atuam em bibliotecas universitárias. Nesse sentido, o principal foco de interesses é discutir questões sobre a gerência, melhoria dos serviços e produtos oferecidos para as pessoas que utilizam as bibliotecas, ainda são apresentadas as novidades em relação às tecnologias da informação direcionadas para sua aplicação nas bibliotecas universitárias. Portanto, o público-alvo nas edições do evento é mais restrito em comparação ao público que comparece ao CBBB.

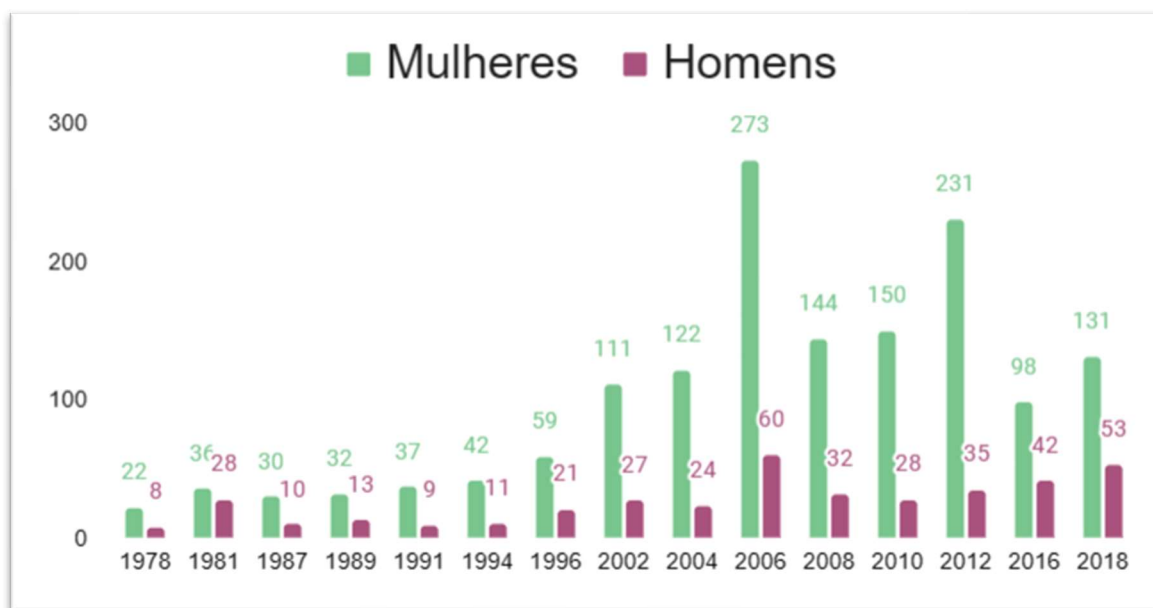
Da mesma forma como ocorre com a organização do CBBB, o SNBU é sediado por alguma instituição que se candidata a organizar e bancar financeiramente o evento em conjunto com os patrocinadores. Os patrocinadores são as empresas de tecnologia da informação, base de dados, softwares de gerenciamento de bibliotecas e acervos, em síntese: empresas que têm interesse em vender seus serviços e produtos para as organizações, institutos e universidades que participam do Seminário.

É importante ressaltar que é a FEBAB (Federação Brasileira de Associações de Bibliotecários) a responsável por fazer a mediação entre as instituições que se candidatam a organizar o evento e prestam o suporte em relação à organização geral do seminário.

A seguir, apresento dois gráficos: o primeiro ilustra a quantidade de bibliotecárias e bibliotecários que apresentaram artigos nas edições dos eventos

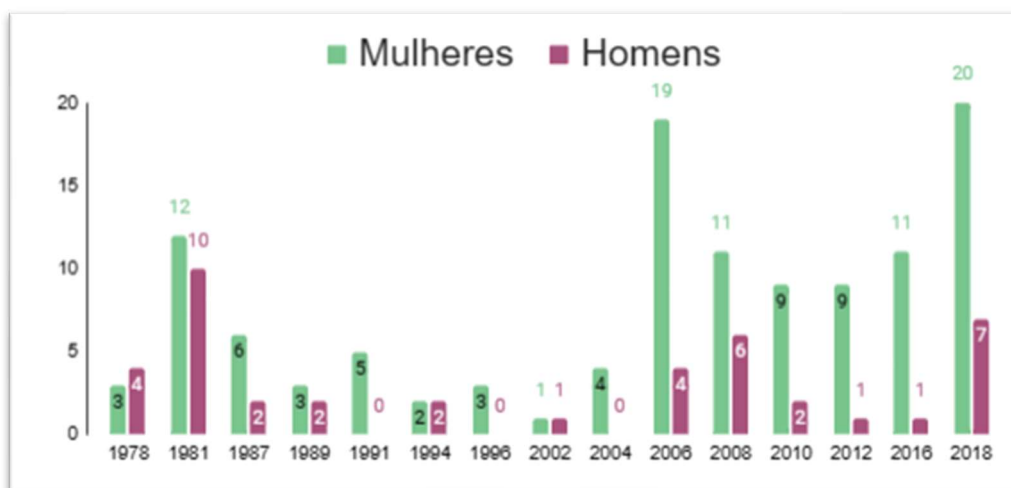
desde a primeira edição, que ocorreu no ano de 1978 até o ano de 2018. No segundo gráfico, é possível verificar quantitativamente a participação de bibliotecárias/os atuantes da região Centro-Oeste, nas edições escrutinadas.

Gráfico 5- Relação de bibliotecárias/os que apresentaram artigos no SNBU



Fonte: Elaborado pela autora (algumas edições do evento ainda não se encontram no repositório digital).

Gráfico 6- Relação de bibliotecárias/os filiados a instituições do Centro-Oeste que apresentaram trabalhos nas edições analisadas do SNBU.



Fonte: elaborado pela autora.

Nos Gráficos 5 e 6 estão os percentuais correspondentes às mulheres na cor verde, e os números que representam os homens aparecem na cor roxa. É possível notar que desde a primeira edição, que ocorreu na cidade de Niterói no estado do Rio de Janeiro, as mulheres se destacam em relação aos homens no item apresentação de artigos durante as edições cotejadas. A primeira edição do seminário ocorreu em 1978 e teve como tema 'A biblioteca como suporte do ensino e da pesquisa no desenvolvimento nacional'. A título de contextualização, citarei, a seguir, os objetivos definidos para esta primeira edição, que constam no regimento do I SNBU.

1- Levantar e discutir as situações relacionadas com as bibliotecas universitárias; 2- Reafirmar o intercâmbio de experiências na área; 3- Discutir aspectos vinculados à organização e administração de bibliotecas universitárias; 4- Divulgar informações técnicas sobre o assunto; 5- Contribuir para o esclarecimento e racionalização dos serviços de bibliotecas universitárias em todas as suas manifestações como medida de apoio para o desenvolvimento nacional. (CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 1987).

É importante salientar que os objetivos traçados para a estreia do seminário se constituem como permanentes na contemporaneidade, e a agenda com temas amplos segue, em certa medida, sendo executada nas edições subsequentes, congregando bibliotecárias e bibliotecários atuantes em bibliotecas universitárias. No Gráfico 6 é possível observar o aumento exponencial da participação de bibliotecárias a partir dos anos 2000. Compreendo que esse aumento também ocorreu devido às questões relacionadas ao Reuni. No Gráfico 6 está representada a porcentagem referente à filiação das/os participantes da primeira edição em 1978, quando quatro bibliotecários e três bibliotecárias do Centro-Oeste apresentaram artigos.

Para interpretar as assimetrias evidenciadas pelo Gráfico 6, me ancoro na pesquisa realizada por Flores em 2021⁸², que demonstra a diferença no número de bibliotecas universitárias existentes por áreas do país. Tal fato,

⁸² Adiante, ainda neste capítulo, vou apresentar em detalhes a pesquisa realizada por Flores (2021).

consequentemente, influencia no baixo número de apresentadoras/es em comparação com a quantidade geral de bibliotecárias/os filiadas/os a instituições localizadas na região Centro-Oeste que participaram das edições do evento. A partir do Gráfico 6 é possível ver que a participação de profissionais do Centro-Oeste, em todas as edições analisadas, é bem pequena. Isso ocorre por conta do número de bibliotecárias e bibliotecários atuantes nas bibliotecas situadas especificamente na região Centro-Oeste, região que possui menos bibliotecas em comparação com as outras regiões do país.

3.1 Permanências e Descontinuidades nas Bibliotecas

O trabalho feminino é um fio condutor para ler o lugar das mulheres na sociedade, em todas as sociedades contemporâneas (MARUANI; MERON, 2016, p. 62).

Neste tópico, reflito sobre as relações de gênero explícitas e ocultas a partir das narrativas apresentadas pelas colaboradoras e, mais uma vez, sobre os estereótipos que são desconstruídos, construídos e reinventados no percurso da Biblioteconomia na contemporaneidade. Faço o exercício de interpretar trechos das narrativas, em formato de blocos temáticos com o desígnio de sistematizar a análise. Com o propósito de

Na abertura, as vozes plurais dissonantes que ultrapassam os estereótipos de poder que constituíram verdades históricas conceituais/visuais ou não. Disso dependem visões menos estereotipadas e mais democráticas e participativas (SAVENHAGO; SOUZA, 2019, p. 231).

Percorrendo as vozes das interlocutoras, que são as sujeitas históricas privilegiadas nesta tese, procuro indícios, feixes de significados sobre a Biblioteconomia. De início, retomo a discussão sobre os mecanismos que forjam as diferenças das relações de gênero no âmbito do trabalho, pois a configuração das profissões e dos empregos não é a mesma para homens e mulheres.

O masculino e o feminino ocupam *locus* diferenciados em relação à questão do poder. Nesse contexto naturaliza-se que o domínio masculino é público e político e nele se estabelecem princípios de força, racionalidade, atividade e objetividade. Já o domínio feminino é privado, doméstico ao qual se conjugam fragilidade, emoção, passividade e subjetividade. (MACÊDO, 2003, p. 71, grifo da autora).

Ao problematizar a hierarquia de gênero, mesmo não sendo percebida pelas colaboradoras, vale destacar que essa hierarquia reverbera em suas narrativas e fica evidente que as relações de gênero estruturam as nossas relações sociais que englobam o mundo do trabalho, em especial, no momento das escolhas profissionais de homens e mulheres.

Inicialmente, lancei a hipótese de que nas últimas décadas vem ocorrendo um crescimento da procura dos homens para ingressar a área da Biblioteconomia, afinal o aumento do número de graduados em Biblioteconomia evidencia essa questão, que é apontada pelas colaboradoras no momento em que responderam à seguinte pergunta:

Ultimamente, percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

Hoje em dia, a gente tem quase a metade da turma de homens. Eu acho que como tem os estereótipos que demoram a ser desconstruídos, o estereótipo da profissão ser feminina, e que sempre são estereótipos preconceituosos; o fundo de um estereótipo é sempre algo preconceituoso. Quando você vai **evoluindo como sociedade** o preconceito vai deixando de existir em algumas áreas; é **natural** que as mudanças aconteçam, e aí eu acho que por isso os homens foram chegando na biblioteconomia. É um fator que eu acho que é preponderante e a abertura à tecnologia; quanto mais tecnologia é incorporada à nossa profissão, e como a tecnologia ela é muito direcionada aos homens, tradicionalmente quem lida com tecnologias da informação sempre é do sexo masculino. Eles foram vendo também na Biblioteconomia uma oportunidade de se aproximar, porque não é uma área essencialmente tecnológica, mas traz essa parte da **inovação** que a **tecnologia** possibilita; então, eu acho que esse fator também contribuiu para chegada dos homens. (CLÁUDIA, grifos meus)⁸³.

83 Entrevista em: 22 de março de 2021.

Realmente isso é verdade, pois **trinta anos atrás**, quando eu era estudante, na minha sala não tinha nenhum homem, e hoje a gente percebe a presença, já bem maior, masculina em sala de aula no curso de biblioteconomia. Eu acho que a maior participação de homens no curso é **natural** mesmo, são as mudanças na sociedade que vão ocorrendo, mas, mesmo assim, como temos mulheres assumindo funções, antes consideradas de homem de domínio masculino, podemos considerar a área da engenharia, por exemplo. Antes havia uma predominância de homens e hoje não. A gente tem, até em determinados cursos, mais predominância de mulheres do que homens; então, eu acho que isso é **natural** mesmo, a mudança na sociedade vai impondo esses novos comportamentos mesmo. (DANIELA, grifos meus)⁸⁴

No propósito de conectar as fontes, chamo a atenção para os dados coletados relacionados ao número de diplomadas/os nas respectivas instituições Unb, UFG e UFR, onde fica demonstrado que esse aumento da procura de homens pelo ofício na Biblioteconomia ainda é escasso em relação ao número de mulheres ingressantes nos cursos de graduação das respectivas instituições. Adiante, ilustrarei essa afirmação, a partir dos gráficos; por hora, vamos à análise das entrevistas.

Nos excertos anteriores, a interlocutora Cláudia associa as mudanças ocorridas em relação aos estereótipos da profissão à ‘evolução da sociedade’ e ao uso exponencial das novas tecnologias. Para refletir sobre o aumento do número de homens nas salas de aula, o primeiro ponto que destaco é o uso da palavra ‘natural’. Meu olhar de historiadora detecta que todos os acontecimentos, sejam avanços ou retrocessos, ocorrem a partir de processos históricos, lutas por direitos, mobilizações de grupos sociais. Afinal, “homens e mulheres, através das mais diferentes práticas sociais, constituem relações em que há constantemente, negociações, avanços, recuos, consentimentos, revoltas, alianças”. (LOURO, 2014, p. 44).

Nada é natural e ocorre por acaso. Nesse sentido, o avanço da sociedade em relação ao conhecimento da profissão e visibilidade das bibliotecárias é decorrente do constante esforço e empenho das pessoas que constituem a área da Biblioteconomia, seja por meio da promoção da leitura, seja a partir do

84 Entrevista em: 5 de abril de 2021.

movimento de transformar a biblioteca em um espaço cultural, para além de um mero ambiente de leitura silenciosa e de empréstimo de livros.

O argumento que preconiza que o campo da ciência e tecnologia são de maior interesse dos homens é um dos estigmas que reforçam a questão da segmentação de determinadas habilidades e de cognição que estariam presentes de forma diferente em homens e mulheres. Sobre essa temática, Puga (2019, p. 708) reforça:

Nossa cultura cristã ocidental construiu para as mulheres e homens diferentes papéis para que o desenvolvessem tarefas e ocupassem posições em nossa sociedade, não por serem biologicamente diferentes, mas, produzidos por construções sociais diversas.

A carreira construída na área da Biblioteconomia se mostra promissora e atrativa para todas as interlocutoras, são mencionadas as oportunidades de trabalho na área com o foco em concursos públicos, principalmente. Vale destacar que todas as colaboradoras veem como positivo o aumento do número de homens na profissão e consideram que esse fator contribui para a promoção de mudanças em relação à visibilidade da profissão perante a sociedade.

Em conformidade, tem-se a afirmativa da colaboradora Daniela sobre as mudanças em relação às profissões de outrora, e, sob essa ótica, ela cita o exemplo da área das engenharias. Lombardi e Gonzalez (2016) apontam que ocorre uma lenta progressão da entrada de mulheres na profissão de engenharia, onde os padrões 'generificados' promovem a divisão sexual do trabalho, todavia,

Essa progressão tímida das mulheres na profissão não chegou a alterar os padrões de comportamento e convivência- persistindo a masculinidade da área- nem a divisão de trabalho entre os sexos e, muito menos, a posição de desvantagem das engenheiras em termos de remuneração e ascensão na carreira quando comparadas aos engenheiros. (LOMBARDI; GONZALEZ, 2016, p. 173).

Compreendo, que ainda existem permanências, apesar de algumas rupturas, e o dado mais alarmante que deve ser questionado e combatido é a questão da disparidade salarial, que ainda é uma realidade em diversas

profissões, seja naquelas em que é necessário possuir um grande nível educacional; ou nas profissões manuais, em que não se exige um alto grau de instrução escolar, por exemplo.

A permanência reside na manutenção de inextirpáveis bastiões masculinos e femininos: muito poucas mulheres em canteiros de obras, quase nenhum homem em creches ou serviços particulares de assistência pessoal ou trabalho doméstico. Podemos continuar dizendo que o mundo do trabalho não é misto porque as mulheres não se interessam pela técnica, mas esquecemos de dizer que os homens não se interessam pelas profissões de limpeza, cuidado das crianças e dos idosos, que o cuidado realmente não é o negócio deles! (MARUANI; MERON, 2016, p. 68).

Nas narrativas a seguir, estão em evidência algumas questões relacionadas ao mercado de trabalho:

O curso já é composto de uma sala completamente mista. eu acho que hoje, pelo menos na Universidade de Brasília, é bem igualitária a quantidade de homens e de mulheres que ingressam no curso. Eu acho que isso tem ocorrido porque é uma profissão que cada vez mais mostra a sua relevância para o **mercado de trabalho**, mais pessoas tomam o conhecimento, mais pessoas tem o interesse. Talvez antes, a Biblioteconomia estivesse associada, na cabeça das pessoas, ao atendimento ao público, à prestação de informação na referência, ou ao trabalho mesmo nas bibliotecas, nas atividades de processamento técnico mais tradicionais. Hoje, com a possibilidade de trabalhar com dados, de trabalhar ali nos bastidores da informação e não diretamente com o público, talvez isso seja algo que desperte um interesse maior no público masculino, mas não sei, e só uma suposição ou a entrada também de disciplinas que são de interesse maior do público masculino, disciplina de **ciências de dados**, programação, também pode despertar mais esse público.(AMANDA)⁸⁵.

Ocorreu um investimento maior nas áreas que demandam a profissão de Biblioteconomia e por ter tido muitas **ofertas de trabalho**, muito **concurso público**. Então, isso atraiu mais pessoas, então acho que por isso, provavelmente, a quantidade de homens aumentou significativamente. Por exemplo, eu me formei em 2006, e como eu falei anteriormente eu entrei na Universidade de Brasília em 2003, e na minha turma de alunos era basicamente meio a meio; a turma não era majoritariamente feminina. E eu vejo que isso foi se mantendo ao longo dos anos.

85 Entrevista em: 3 de março de 2021.

Eu acho que isso ocorreu devido a ser um curso que você consegue emprego muito facilmente, que você consegue estágio sem dificuldade. Eu mesma consegui estágio no terceiro semestre, mas eu tive colegas que desde o primeiro semestre já faziam estágio porque a oferta de estágio era muito grande. (BEATRIZ)⁸⁶

Eu vinculo a essas **oportunidades de emprego** mesmo na área pública, digo isso também por conta dos alunos que estudaram aqui, pessoas que vêm de fora, porque depois do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o curso atrai mais alunos de outras cidades depois do Enem houve essa ampliação de pessoas, então já vieram pessoas de São Paulo, Brasília de outros lugares de longe, para fazer biblioteconomia. Então eu vi essa entrada de homens no curso, por conta das **oportunidades de trabalho, ou visando concurso**. (ELISA)⁸⁷.

Um dos pontos citados pelas colaboradoras sobre o aumento dos homens na área, e a questão dos concursos públicos, as instituições públicas, a partir da promulgação da Constituição Federal de 1988, passaram a exigir a obrigatoriedade de concurso público para o ingresso no serviço público seja em nível municipal, estadual ou na esfera federal. O serviço público possui alguns atrativos para pessoas que estão em busca de estabilidade.

Outro motivo importante foi o aumento das universidades e institutos de nível superior e consequentemente a oferta de vagas para bibliotecárias. A expansão do ensino superior brasileiro está diretamente ligada ao aumento do recrutamento de bibliotecárias(os) pelas instituições de ensino superior públicas e privadas. Desse modo, as bibliotecas de cada instituição de ensino superior devem ter uma biblioteca e uma bibliotecária com o desígnio de passar pela avaliação do MEC, durante a avaliação de cada curso de graduação ofertado pela universidade. De acordo com os pré-requisitos estabelecidos para tal avaliação, o curso recebe uma nota em virtude da atualização do acervo, do número de exemplares corresponde ao percentual de estudantes, por exemplo.

O Ministério da Educação exige a presença de uma bibliotecária bacharel em Biblioteconomia, que esteja devidamente cadastrada e em dia com a anuidade do Conselho Regional de Biblioteconomia-CRB.

86 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

87 Entrevista em: 14 de março de 2021.

Em especial, em Rondonópolis, o documento do Projeto Pedagógico do Curso de graduação em Biblioteconomia elaborado em 2017 afirma:

Muitos dos egressos têm prestado concursos públicos e conseguido aprovação entre os primeiros colocados. Entre o ano de 2000 e 2018 houve o ingresso de 653 discente. Especificamente, quanto ao processo de formação, houve 15 turmas concluintes, que se formaram entre 2000 à maio de 2018, que corresponde aos discentes que ingressaram entre 2000 e 2014 e geraram 499 matrícula, registre-se que dentre aqueles, 274 discentes concluíram o Curso, gerando uma taxa de evasão de 45,1% enquanto que 54.9% concluíram o Curso, segundo dados fornecidos pelo Registro Acadêmico. (PPC, 2007, p. 30).

Esse trecho reafirma a narrativa apresentada por Elisa sobre o foco em concursos públicos. Destaco que o documento não apresenta a distinção entre homens e mulheres em relação ao número total de ingressas(os) no curso. Apenas é mencionado o total de discentes. A taxa de evasão corresponde a quase a metade das/os discentes matriculadas/os; ressalto que esse curso é ministrado no período noturno, diferentemente do curso de Biblioteconomia ministrado na UFG e na UnB que funcionam no período matutino.

Na esteira do argumento apresentado pelas narradoras, “a biblioteca universitária se apresenta como o maior empregador de homens bibliotecários. Tal fato pode ser explicado pela expansão universitária que o país observou nos últimos anos”. (PIRES, 2016, p.105). Outro fator são as mudanças culturais e tecnológicas que contribuíram para uma flexibilização na escolha de homens e mulheres em relação a qual profissão escolher para exercer.

Sobre o ingresso de mais homens para o desempenho das atividades biblioteconômicas, Sousa (2014, p. 86) reforça:

vale ressaltar que os valores são mantidos, o trabalho masculino ainda continua valendo mais do que o feminino. Independente da profissão, os homens são os que, na maioria das vezes, assumem postos de comando, persistindo a segregação ocupacional.

Seguindo a trilha das narrativas, apresentei a pergunta: você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda, presente na Biblioteconomia. Por quê?

A seguir apresento alguns recortes das respostas e a análise das mesmas sob a perspectiva das relações de gênero.

Então, eu não acho que na biblioteconomia o estereótipo é só mulher, aquela pessoa **chata** que não deixa você fazer barulho. Então, existem vários estereótipos, não é só esse da mulher, mas o fato de entrar homens; sim, eu acredito que também deve mudar isso, não só o fato de ser homem ou ser mulher, mas o fato de as pessoas serem diferentes e cada um ser realmente quem é na profissão. Não precisa ter essa capa que na biblioteca não pode fazer barulho ou que **a bibliotecária não está acessível para ninguém**, que eu não posso atender ninguém, por estar **sempre ocupada**. (Elisa)⁸⁸

estou pensando nas últimas turmas que tivemos do curso de Biblioteconomia, eu acho mesmo que hoje já estamos quase **equiparados** na quantidade de homens e mulheres em sala de aula, ainda que em algumas épocas nós tivéssemos, às vezes, um homem na sala. Eu acho que na minha graduação tinham três, se eu não me engano três meninos na turma. (Cláudia)⁸⁹

como eu já falei anteriormente, que **não tem nenhuma relação com o fato de existirem mais bibliotecárias do que bibliotecários**; eu acho que a entrada dos homens não muda em nada isso, essa visão. Eu acho que o que muda um estereótipo de uma profissão menos valorizada, ou restrita a certo tipo de atuação, é o desenvolvimento de novas competências, a busca de posições profissionais cada vez mais relevantes é trabalho, mostrar trabalho. Eu acho que a entrada de homens ou a entrada de mulheres não faz a menor diferença para isso. (Amanda)⁹⁰

Sim, vejo como um **ciclo natural**, até mesmo pela diversidade de ideais, pela natureza, do homem, né? Então, eu acho que sim. (Daniela)⁹¹.

Eu sei que realmente existe o estereótipo da bibliotecária que usa óculos fundo de garrafa; isso existe e é presente, está presente na literatura e no cinema; mas, assim na realidade, na minha realidade, eu não vejo, convivo com muitos bibliotecários. Eu não acho que o aumento de homens na Biblioteconomia na profissão modificou ou modificaria então eu não acho que eu possa te dizer sim, a presença de homens pode modificar ou não, não pode, mas talvez sim, talvez se pensar por esse lado de que existe essa coisa mesmo do **estereótipo da mulher**, de coque no cabelo, de óculos que fica na biblioteca, que fica

88 Entrevista em: 14 de março de 2021.

89 Entrevista em: 22 de março de 2021.

90 Entrevista em: 3 de março de 2021.

91 Entrevista em: 5 de abril de 2021.

pedindo silêncio, pode ser que sim, mas não é algo que eu possa te afirmar com certeza, pois eu não vivencio esses estereótipos.(Beatriz)⁹².

Estreitando o olhar sobre as narrativas, é possível ver que as desigualdades de gênero não são percebidas e que para algumas os estereótipos comportamentais e físicos em relação às mulheres podem ser desconstruídos a partir do ingresso de mais homens na área. No trecho da narrativa da Elisa, ela evidencia que a postura comportamental identificada como chata e indisponível compõe o imaginário que permeia a sociedade em relação à imagem da bibliotecária, e que a entrada de mais homens é um elemento positivo para combater os estereótipos relacionados às mulheres.

Conforme assinala Sousa (2014, p. 235),

descrições estereotipadas, discriminatórias que demarcam características de gênero, atribuídas às bibliotecárias ao longo do tempo, continuam influenciando os indivíduos na construção da imagem dessa profissional e da sua profissão.

Acrescento a essa afirmativa que essa influência ocorre de forma subjetiva, nem sempre a partir da consciência sobre essas questões.

Certamente, as bibliotecárias interlocutoras desta pesquisa, em sua maioria, não percebem claramente as interferências de gênero na Biblioteconomia. No entanto, ao longo das narrativas apresentadas, é possível mapear várias situações em que, de fato, fica patente que as relações de gênero são determinantes no cotidiano do exercício do ofício, como também representam uma das causas da pouca visibilidade que a área tem perante a sociedade brasileira.

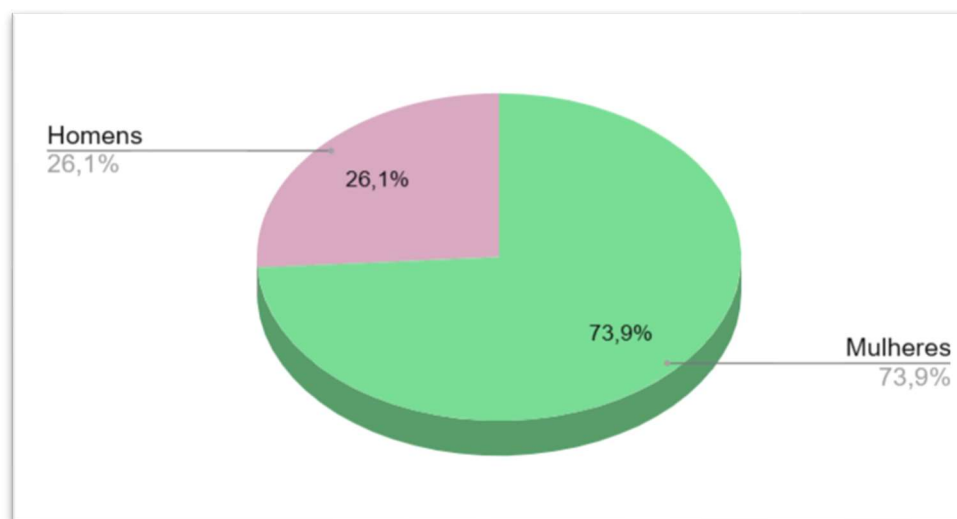
92 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

3.2 Assimetrias de Gênero: uma análise a partir do número de graduadas e graduados

Neste tópico, interpreto e discuto os dados coletados, a partir das estatísticas sobre a disparidade da quantidade de egressas(os) dos respectivos cursos de graduação em Biblioteconomia da Unb, UFG e UFR no período que compreende o ano da primeira turma formada de cada instituição até o ano de 2021.

A Universidade de Brasília foi acionada por meio do portal sou gov do Governo Federal, via lei de acesso à informação⁹³, e prontamente atendeu o pedido de fornecer os dados em relação aos números de graduadas(os), do período solicitado, que abrange o ano de conclusão da primeira turma do curso de Biblioteconomia, que ocorreu em 1966, fornecendo dados que vão até o ano de 2021. O ano de 2021 foi o recorte escolhido para delimitar a minha análise. A seguir, exponho o gráfico.

GRÁFICO 7- Porcentagem de egressas(os) do curso de Biblioteconomia da UnB.



Fonte: elaborado pela autora.

93 A Lei nº 12.527/2011, conhecida como Lei de Acesso à Informação - LAI, regulamenta o direito previsto na Constituição, de qualquer pessoa física ou jurídica solicitar e receber informações públicas produzidas ou custodiadas pelos órgãos e entidades públicos. Foi publicada no diário oficial em 18 de novembro de 2011 pela então presidenta do Brasil Dilma Rousseff.

Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/l12527.htm>. Acesso em: 02 abr. 2023.

Os dados indicam a predominância de mulheres quando comparada ao número de homens graduados pela instituição, tendo concluído o curso (1.735) mil e cento e trinta e cinco mulheres e (400) quatrocentos homens. Pires, em seu estudo sobre o curso de Biblioteconomia da Unb, afirma:

Durante a sua história, há alta feminização no Curso de Biblioteconomia da Unb, e que essa teve início principalmente na década de 70. O número de bibliotecários do sexo masculino cresce pouco mais de 4 vezes entre as décadas de 60 e 70, enquanto o número de mulheres aumenta mais de 1000%. (PIRES, 2016. p.73).

Cotejando as narrativas apresentadas por algumas das interlocutoras sobre a presença masculina nas salas de aula durante o curso de graduação, tem-se a informação que “O percentual de bibliotecários do sexo masculino cresce somente após a década de 2000, quando eles passam a representar quase 33% do número de graduados do curso”. (PIRES, 2016, p. 74). Esmiuçando as fontes, é possível afirmar que o percentual de homens teve um tímido aumento nas salas de aula e que não chega a se equiparar com o número de diplomadas/os. Na perspectiva de duas das colaboradoras, o curso de graduação da Universidade de Brasília teria um equilíbrio entre o número de bibliotecárias/os formadas/os pela instituição, eis as falas:

O curso já é composto de uma sala completamente mista. Eu acho que quando eu entrei na graduação ainda tinha uma leve predominância de mulheres, mas também não era nada que se sobressaísse, era ali uns quarenta, sessenta por cento, mas, **hoje em dia**, inclusive, **algumas salas possuem mais homens**. Pelo menos na Universidade de Brasília, é bem igualitária a quantidade de homens e de mulheres que ingressam no curso. (Amanda⁹⁴).

Pode ser que a gente tenha a profissão majoritariamente feminina, o que eu não sei se hoje, atualmente, ainda é assim. Não tenho conhecimento de **dados estatísticos que comprovam** que se formam mais bibliotecárias que bibliotecários. (Beatriz⁹⁵).

94 Entrevista em: 3 de março de 2021.

95 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

É possível conferir, a partir do Gráfico 7, o percentual de graduadas/os formadas/os pela universidade, o que demonstra estatisticamente a predominância de mulheres concluintes em detrimento de homens. Portanto, é possível afirmar que o curso ainda é feminizado; dessa maneira, os dados apresentados divergem, em certa medida, das narrativas apresentadas pelas duas interlocutoras.

O crescimento da inserção de homens no campo da Biblioteconomia, nas últimas décadas, pode estar ocorrendo devido a alguns indícios apontados por Baptista e Muller (2005), que afirmam que as mudanças ocorridas no mercado de trabalho são, em grande medida, ocasionadas pelos avanços tecnológicos no âmbito da Ciência da Informação e da Biblioteconomia. Nesse sentido,

as habilidades consideradas necessárias estão relacionadas ao conhecimento de informática, à estruturação de base de dados, à formação de redes, às bibliotecas virtuais, à implementação de periódicos eletrônicos, ao conhecimento das lógicas internas dos mecanismos de busca para recuperação de dados na Internet. (BAPTISTA; MUELLER, 2005, p. 44).

A crença de que os homens têm mais aptidão para trabalhar com as tecnologias da informação sugere, por conseguinte, que eles sejam mais capacitados para atuarem nos setores que possuem essas demandas, as quais estão relacionadas diretamente com prestígio e poder, tendo em vista que são as novas tecnologias da informação o foco principal das bibliotecas universitárias na atualidade.

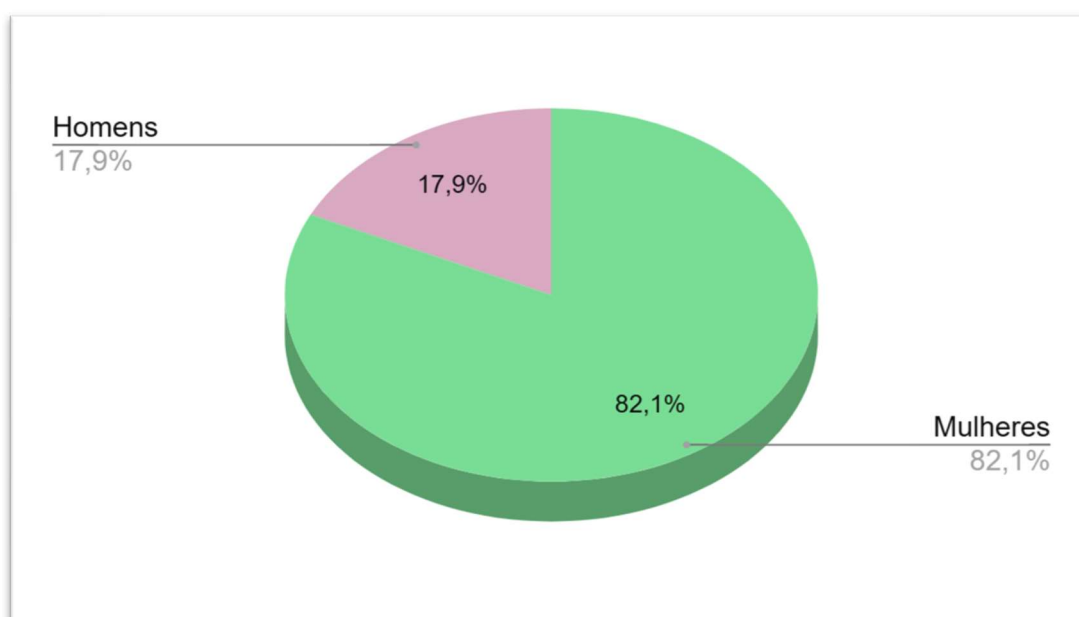
Contudo, a construção social que opera sobre a convicção que existem profissões e áreas do conhecimento ligadas aos homens e outras profissões relacionadas ao cuidado destinada às mulheres são permeadas pelas relações de poder. Todavia, as relações de gênero estão amarradas com as construções sociais e culturais que ditam crenças que são limitantes em muitos sentidos.

A seguir, exponho o Gráfico 8, que representa de forma quantitativa o número de formadas/os no curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás, desde o momento da primeira turma concluinte que ocorreu em 1985, seguindo até o ano de 2021.

Esses dados foram obtidos mediante pesquisa realizada no livro de registro do curso de Biblioteconomia, que compreende a emissão de diplomas

dos anos de 1984 a 1998. O livro está alocado na Coordenação de Expedição e Registro de Diplomas, os livros de emissão de diploma dos anos subsequentes foram digitalizados e para ter acesso aos dados realizei uma solicitação via Sei⁹⁶ junto ao departamento responsável, que é o Centro de Gestão acadêmica, o qual me encaminhou o relatório com a relação de todas/os egressas/os. Eis o gráfico:

Gráfico 8- Estatística da relação de egressas (os) do curso de Biblioteconomia da UFG.



Fonte: Elaborado pela autora.

O gráfico ilustra, em termos de porcentagem, a quantidade de mulheres e homens formados desde a primeira turma que concluiu o curso em 1985, prosseguindo os dados até o ano 2021. Foram (875) oitocentos e setenta e cinco mulheres e (187) cento e oitenta e sete homens. É possível afirmar que o curso é majoritariamente feminino. Por outro lado, Pires constatou que “apesar de ainda ser um curso altamente feminizado, o percentual de bibliotecários homens tem um crescimento importante entre as décadas de 1990 e 2000”. (PIRES, 2016, p. 71). A partir do estudo realizado junto aos cursos de graduação em

96 Sistema Eletrônico de Informação, utilizado por todos os órgãos do Governo Federal.

Biblioteconomia na região Centro-Oeste, especificamente na UnB e na UFG, ficou evidenciou que

Os dados da região Centro-Oeste demonstram que a área da Biblioteconomia é uma área que já nasceu feminizada, em ambos os cursos analisados, o que indica que a profissão de bibliotecário ainda é considerada como “uma profissão de mulher”. Mesmo no curso de Goiás, por exemplo, que já nasceu sob a égide da aproximação da Biblioteconomia com a Ciência da Informação e com outras áreas, o número de mulheres sempre foi maior. Além disso, pode-se perceber que há aumento no número de homens em ambos os cursos ao longo do tempo, mas que tal fato não significou, em termos percentuais, na diminuição da feminização do curso. (PIRES, 2016, p. 74, grifo do autor).

Contudo, compreendo que mesmo com o aumento do número de homens na Biblioteconomia, ainda não significa uma equiparação e nem uma diminuição da predominância de mulheres nos cursos de graduação investigados nesta tese.

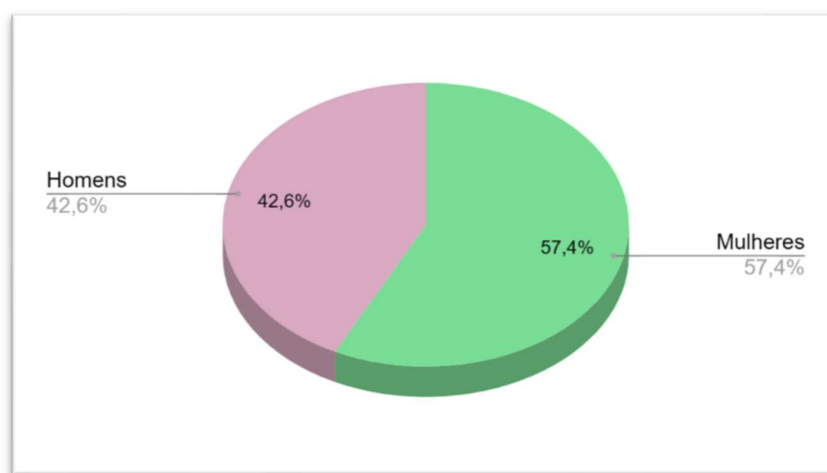
Mapeando o curso de graduação em Biblioteconomia ofertado pela Universidade Federal de Rondonópolis (o Campus Universitário de Rondonópolis foi desmembrado da UFMT em 20 de março de 2018), tem-se que seu funcionamento acontece no período noturno e foi criado no ano 2000. Realizei a solicitação dos dados referentes ao número de formadas e formandos diretamente com a Universidade Federal de Rondonópolis, que me direcionou para entrar em contato com a coordenação do curso de graduação em Biblioteconomia.

Infelizmente, não obtive retorno dos e-mails enviados. Eu já havia contatado a coordenação do curso no período em que eu estava realizando as entrevistas, porém não obtive retorno. Admito que seria interessante ter tido a oportunidade de ouvir o coordenador do curso de Biblioteconomia de Rondonópolis, visto que, no período delimitado para a coleta das narrativas quem exercia o cargo da coordenação era um homem.

Diante do contratempo, como alternativa, realizei uma pesquisa diretamente na Base do Censo da Educação Superior⁹⁷, com os dados que compõem a base e são coletados por meio do censo realizado anualmente em todas as instituições de ensino superior. Na pesquisa empreendida na fonte, pude constatar que os dados referentes ao número de egressas/os do curso de graduação em Biblioteconomia da UFR nos anos de 2000 a 2008 aparecem sem a divisão de gênero, isto é, aparece apenas o número total sem discriminar a quantidade de mulheres e homens. Foram identificadas cento e trinta quatro pessoas ao total formadas nesse período.

No período compreendido entre 2008 a 2021, as informações são representadas por gênero. Nesse período, formaram (179) cento e setenta nove mulheres e (133) cento e trinta e três homens. Vamos ao gráfico, para melhor visualizar esses números.

Gráfico 9- Porcentagem de mulheres graduadas e homens graduados na UFR no período de 2008 - 2021.



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao analisar o gráfico é possível vislumbrar que diferentemente da UFG e da UnB os dados apresentam um equilíbrio maior em relação à quantidade de

97 Fonte: Censo da Educação Superior — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep Acesso em: 03. abr. 2023. Disponível em: < GOV.BR (www.gov.br)>.

mulheres e homens formadas/os. Acredito que alguns fatores influenciam nessa questão, por exemplo, por se tratar de um curso ministrado no período noturno. Os dados compreendem quase a metade em termos percentuais de mulheres e homens. “O aumento de homens tem sido gradativo, mas não se pode dizer que tal aumento representou uma diminuição da feminização da profissão”. (PIRES, 2016, p. 94).

A partir da investigação empreendida nesta pesquisa, concordo com a afirmativa de Pires (2016) no sentido de que é possível verificar que vem ocorrendo de forma gradativa a entrada de mais homens no campo da Biblioteconomia nas últimas décadas.

3.3 Estudos de Gênero e a Biblioteconomia na contemporaneidade

Neste tópico, amplio a análise das narrativas na perspectiva das epistemologias feministas e dos estudos das relações de gênero, em diálogo com as falas das interlocutoras que evidenciam as relações de poder embutidas na esfera do trabalho e em seu cotidiano. O ponto de partida é o questionamento: quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de bibliotecária?

eu sinceramente não consigo, assim, discriminar nem dificuldade e nem facilidade. Eu acho que tudo vai mesmo do relacionamento entre as pessoas, o respeito profissional, porque, às vezes, como mulher, eu posso de repente fazer alguma coisa errada, sem saber, na ignorância em relação ao trabalho, e um colega homem ou mulher vir me alertar, me auxiliar. E eu não posso levar para o **lado pessoal**. (Elisa, grifo meu ⁹⁸).

eu acho que é **tão ultrapassado** a gente focar em problemas de relacionamento baseada em **diferenças de sexo**; sabe, a gente precisa superar isso para trabalhar em conjunto e entender que independentemente disso nós temos cada um uma especificidade de atuação; tem conhecimentos que podem ser compartilhados. Eu acho um atraso a gente usar isso como uma barreira para aprender uns com os outros; eu acho que em

98 Entrevista em: 14 de março de 2021.

qualquer profissão o fundamental é você compartilhar o que você sabe. (Cláudia, grifo meu⁹⁹).

É importante salientar que, nos cinco trechos apresentados, as colaboradoras não destacam explicitamente as diferenças vivenciadas no exercício da profissão, no dia a dia. Todavia, com as lentes dos estudos de gênero, é possível identificar cristalizações onde não são percebidas as desigualdades entre os sexos, os preconceitos e os estereótipos que marcam as performances desempenhadas por todas/os sujeitas/os. “Ser oprimido não é garantia de que se pensa como tal, assim como não sê-lo não implica obrigatoriamente ser insensível”. (ARRUDA, 2019, p. 344).

Nesse desígnio, não identificar as diferenças e os marcadores sociais que mulheres e homens carregam não significa que foram superados, ou que não existam. Os jogos de poder operam em todos os âmbitos da sociedade com o objetivo de subordinar as mulheres. Seja nos ambientes de execução do trabalho assalariado, seja no parque ao realizar uma caminhada, ao andar no transporte público, nas divisões das atividades domiciliares, por exemplo. A lista de situações onde ocorrem assimetrias de gênero é gigantesca.

A interlocutora Cláudia afirma: ‘é tão ultrapassado a gente focar em problemas de relacionamento baseada em diferenças de sexo’. Eu compreendo que em grande medida, ainda se faz necessário questionar as disparidades existentes nas relações de gênero, e é justamente o foco central desta pesquisa, como já pontuei ao longo da tese, que é problematizar as diferenças nas relações de gênero nos ambientes das bibliotecas. Afinal, as ‘diferenças de sexo’ ainda que implícitas, subjetivas, existem e precisam ser desconstruídas, pois são consideradas como parte normal da cultura e de nossa vida em sociedade, e na medida em que são identificadas e reconhecidas representa um passo importante para o avanço e para a superação.

As ferramentas conceituais feministas iluminam o argumento de que

A epistemologia feminista, ao proclamar a experiência das mulheres como característica de uma cultura específica, torna-a uma modalidade de saber local e propõe para a agenda

99 Entrevista em: 22 de março de 2021.

feminista uma antropologia da cultura moderna. (ARRUDA, 2019, p. 348).

Na esteira deste pensamento, a autora continua:

A teoria feminista, ao partir de um projeto político, pretende ir além da mera compreensão dos fenômenos de opressão e subordinação. Compreendê-los torna-se uma atividade-meio para a meta de transformação das relações de gênero. A experiência feminina, tomada como um sistema cultural, é colocada no mesmo pé que o senso comum, ou seja, de ocultada e desconsiderada pelo *mainstream*, ela passa a ser considerada como fonte de conhecimento, e deve ser desvendada. (ARRUDA, 2019, p. 348, grifo da autora).

É fundamental a ampliação das percepções que normalizam comportamentos tidos como inerentes a mulheres e homens. Para que seja possível a desconstrução dessas percepções nas conjunturas sociais e culturais, a narradora Amanda expressa:

como em qualquer outra profissão, o que facilita ou dificulta o relacionamento é o que pode atrapalhar qualquer pessoa de qualquer sexo se tiver dificuldade de **comunicação**, perfis diferentes. Para mim, basicamente, as dificuldades entre pessoas na maioria das vezes estão ligadas à comunicação. Eu não acho que seja um problema atrelado ao sexo, enfim, eu acho que independentemente do sexo do colega que trabalha comigo, como bibliotecária, como professora, o que quer que seja, vão ser levadas em consideração outras questões que não o **simples fato de ser um homem ou uma mulher**. (Amanda, grifo meu¹⁰⁰)

Percorrendo a narrativa anterior, é possível interpretar que a interlocutora desconhece que estamos imersas em relações de poder e que a sociedade brasileira é machista, patriarcal, onde as mulheres foram excluídas durante muito tempo do espaço público, ficamos invisíveis no discurso histórico. Dessa forma, ser homem ou ser mulher não é um simples acontecimento, pois as sociabilidades carregam marcadores sociais, destarte, muitos comportamentos são vistos como inerentes à 'natureza' feminina, por exemplo. Outro ponto que

100 Entrevista em: 3 de março de 2021.

pondero é que as profissões são atravessadas pelos jogos de poder, consequentemente, as relações de gênero são latentes.

Bom, na minha convivência diária, vejo que no quesito de dificuldade ou facilidade, no dia a dia, vejo que as mulheres, elas são mais **dinâmicas**, são **ágeis** e eu acho que elas também são mais habilidosas do que os homens. Vamos assim dizer que, o homem, ele é mais direto e ele não tem muita interação tanto com os colegas no dia a dia, tanto com os usuários; a questão de ser mais direto mesmo. A mulher é mais **habilidosa**, conversa, vai com **jeitinho**, tenta entender o contexto; já o homem é mais direto em relação ao assunto e ao trabalho. (Daniela, grifo meu¹⁰¹).

Nesse trecho da narrativa, interpreto que a compreensão da interlocutora sobre os estigmas convencionais em nossa sociedade em relação às especificidades e características inerentes às mulheres e aos homens evidencia os conceitos relativos aos papéis femininos tidos como universais, como a qualidade de ser ‘habilidosas’, ‘ágeis’, ‘dinâmicas’. No contexto do trabalho realizado nas bibliotecas, que em grande medida está relacionado ao atendimento ao público, o comportamento esperado das mulheres está entrelaçado à dominação simbólica. Para tanto, segundo Bourdieu,

A lógica, essencialmente social, do que chamamos de ‘vocação’ tem por efeito produzir tais encontros harmoniosos entre as disposições e as posições, encontros que fazem com que as vítimas da dominação simbólica possam cumprir com felicidade (no duplo sentido) as tarefas subordinadas ou subalternas que lhes são atribuídas por suas virtudes de submissão, de gentileza, de docilidade, de devotamento e de abnegação. (BOURDIEU, 2020, p. 98, grifos do autor).

Compreendo que não se trata de uma essência biológica, mas sim de “uma identidade construída social e culturalmente no jogo das relações sociais e sexuais, pelas práticas disciplinadoras e pelos discursos/ saberes instituintes”. (RAGO, 2019, p. 376). Desse modo, a tarefa de desnaturalizar os comportamentos esperados de mulheres e homens se torna possível a partir de uma análise crítica dos discursos que forjam as nossas práticas no cotidiano.

101 Entrevista em: 5 de abril de 2021.

O meu propósito ao longo desta tese é justamente fazer o exercício de olhar para as relações de gênero como efeitos do discurso seguindo a perspectiva da historiadora Joan Scott. Em conformidade, o ‘jeitinho feminino’ deve ser problematizado. Nesse sentido, cabe destacar as palavras de Beatriz, quais sejam:

eu não percebo, em relação a essa questão de gênero, eu não percebo nem facilidade nem dificuldade se o bibliotecário é homem ou mulher. E aí eu estou falando por mim: eu, não acho que isso seja relevante. Claro que eu já ouvi muitas piadinhas do tipo: essa biblioteca tem muita **fofoca** porque tem mais mulheres do que homens; porque isso porque aquilo; essas coisas, essas piadas que não são piadas; essas **discriminações** que a gente ouve no dia a dia por ser uma profissão majoritariamente feminina, por ser um ambiente de trabalho majoritariamente feminino. (Beatriz, grifo meu ¹⁰²).

Em diálogo com os estudos feministas e das relações de gênero é possível interpretar esse excerto da narrativa identificando alguns elementos importantes que compõem as relações de poder. A interlocutora afirma que não percebe as facilidades ou dificuldades no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão; por outro lado, em seguida, ela afirma que já ouviu piadinhas em relação à fofoca e discriminações pelo fato de a biblioteca ser um espaço onde predominam bibliotecárias. Em consonância, a divergência exposta me permite fazer conexões sobre a falta de consciência das assimetrias de gênero.

Ao contrário da perspectiva da colaboradora, acredito que essa questão é muito relevante, pois ela influencia nas nossas relações do cotidiano. As discriminações devem ser combatidas e não vistas como ‘naturais’ na medida em que se ocorresse o contrário, ou seja, se a biblioteca fosse um reduto de homens, não seria tachada como um ambiente propenso a fofocas, pois “As práticas masculinas são mais valorizadas e hierarquizadas em relação às femininas”. (RAGO, 2019, p. 374). Portanto, o que se depreende é que um

102 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

comentário desse tipo é feito como se fosse apenas uma ‘piada’, pois reafirma os estereótipos em relação às mulheres e à dominação masculina.

Seguindo o pensamento de Bourdieu sobre o conceito da dominação masculina, que compreende as ferramentas e os mecanismos que se constroem e se reafirmam nas relações sociais, os comportamentos e discursos tidos como ‘naturais’ contribuem diretamente para a manutenção das divisões sexuais do trabalho, concomitantemente com as desigualdades de gênero.

Nós somos, pelo menos a maior parte de nós, talvez as mulheres da minha geração, porque eu me sinto muito assim; fomos muito educadas para **dar conta de tudo**, assim, dar conta da casa, dar conta dos filhos, dar conta de ser organizada. Mulheres têm que dar conta de ser **organizadas** porque vão fazer a gestão da família, gestão do dinheiro, então como a nossa área passa pela **organização**, e isso é presente em quase tudo que o bibliotecário faz, porque é o produto final do nosso serviço, isto é, sempre depende de processos de **organização** e tratamento da informação e do conhecimento. (Cláudia, grifo meu ¹⁰³).

A fala da Cláudia vai ao encontro da dinâmica vivenciada por nós mulheres, em relação à sobrecarga de atribuições, tendo em vista que não somente desempenhamos o papel de trabalhadora no ambiente formal do mundo do trabalho assalariado, produtivo; entretanto, em outros espaços, como na nossa casa, o trabalho não remunerado é extenso, uma vez que executamos tarefas, organizamos a vida familiar em vários sentidos, pois são acentuadas as “disparidades existentes na repartição do trabalho doméstico no interior do casal”. (HIRATA, 2016, p. 145).

A divisão do trabalho doméstico entre todas/os que habitam uma casa ainda não é realidade na maioria das famílias. Como exposto por Cláudia, a jornada das mulheres é vasta. Esse trecho da narrativa corrobora a perspectiva apresentada por Bourdieu:

Uma parte muito importante do trabalho doméstico que cabe às mulheres tem ainda hoje por finalidade, em diferentes meios, manter a solidariedade e a integração da família, sustentando relações de parentesco e todo o capital social com a organização de toda uma série de atividades sociais ordinárias, como as

103 Entrevista em: 22 de março de 2021.

refeições, em que toda a família se encontra, ou extraordinárias, como as cerimônias e as festas. (BOURDIEU, 2020, p. 160).

Na tessitura da narrativa da Cláudia ainda é possível notar a relação estabelecida com o significado de organização. Ela fala de uma organização no sentido amplo da palavra, associada à profissão de Bibliotecária, que é uma das chaves de compreensão dos motivos que levaram à composição majoritariamente feminina da área de Biblioteconomia. Reflito sobre esse ponto a partir dos processos históricos em que a profissão passou a ser exercida em grande medida pelas mulheres.

Foi justamente no contexto em que o campo da Biblioteconomia passa a ser influenciado pela perspectiva estadunidense, onde as técnicas de organização se sobressaem em relação aos aspectos eruditos do campo da Biblioteconomia. A corrente de pensamento francesa¹⁰⁴ frisava o aspecto erudito da/o bibliotecária/o, afinal a/o candidata/o deveria ter “uma vocação intelectual e culta como características dignas à bibliotecário”. (XAVIER, 2020, p. 69).

Com os avanços na Biblioteconomia Americana, a organização e as técnicas passaram a ser elementos preponderantes para os papéis desempenhados pelas mulheres. Essa é uma das pistas da feminização do trabalho realizado nas bibliotecas brasileiras e é a minha hipótese principal percorrida ao longo da tese. Sobre essa temática, Xavier afirma:

A biblioteconomia paulista emerge no final da década de 1929. De caráter tecnicista e fortemente influenciada pela vertente anglo-saxã foi, inquestionavelmente, o marco inaugural para a entrada de mulheres na profissão bibliotecária em território brasileiro. (XAVIER, 2020, p. 69).

Em vista da perspectiva feminista, a organização está no centro das nossas atribuições e ações enquanto mulheres. Continuando a reflexão sobre o trabalho exercido no âmbito privado, em outras palavras, o trabalho doméstico,

104 Recordo a leitora e o leitor que o primeiro curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915) foi inspirado pela *École Nationale des Chartes*, que foi a primeira instituição a ensinar os preceitos da Biblioteconomia de forma sistemática na condição de um curso superior. Dessa forma, o segundo curso de Biblioteconomia que surgiu em São Paulo (1929) já possuía a perspectiva estadunidense. Mais detalhes sobre a configuração dos primeiros cursos estão no Capítulo 1 desta tese.

ele compõe as atividades da maioria das mulheres. Em consonância, é possível entender que a feminização acarretou muitos efeitos sobre a Biblioteconomia.

Nas bibliotecas, o atendimento ao público, a organização da informação, o auxílio fornecido para pesquisas das/os professoras/es, alunas/os, em suma, as nossas práticas sociais no âmbito do trabalho são influenciadas pelas desigualdades de gênero. As relações estabelecidas no ambiente das bibliotecas são implicadas pelas relações de gênero. Isso posto, as diversas interpretações das interlocutoras em relação à profissão de Bibliotecária enunciam que articular o conceito das relações de gênero se faz necessário.

Como já pontuei no Capítulo 2, ao investigar a aproximação do trabalho docente com a Biblioteconomia¹⁰⁵, é possível perceber semelhanças sobre o processo histórico da feminização de ambos os campos. Sobre a importância da articulação do conceito, relações de gênero para análise da docência, Carvalho salienta: “uma determinação que pode estar alterando o significado de categorias e processos tais como profissionalismo, qualificação, autonomia, burocratização etc.”. (CARVALHO, 1996, p. 80). Articular as relações de gênero com o foco na docência é crucial para a compreensão das mudanças e permanências, da mesma forma que ocorre com a área da Biblioteconomia.

Entendo que a valorização e o reconhecimento da sociedade em relação à profissão de Bibliotecária estão interligados à compreensão do trabalho realizado nas bibliotecas e ainda possuem conexão direta com o fato de mais mulheres exercerem atividades nas bibliotecas. Desse modo, se são mulheres ou se são homens a desempenharem a mesma atividade, ela passa a ser classificada de forma distinta. A esse respeito, Carvalho ressalta:

Evidencia as dimensões simbólicas da qualificação, pois toda relação social envolve também a construção de significados. E dessa forma, as relações de gênero interferem diretamente nas definições de qualificação e desqualificação, atribuindo significados diferentes à qualificação masculina e feminina. (CARVALHO, 1996, p. 80).

105 No Capítulo 2, realizei uma análise sobre as aproximações das áreas em relação ao processo de feminização.

A partir dessa chave de compreensão é possível interpretar que as representações e os estereótipos ligados às mulheres abarcam todos os contextos e esferas em que atuamos na sociedade. Revelando a “naturalização do processo social de diferenciação e hierarquização dos gêneros”. (CARVALHO, 1996, p. 82). Esse argumento pode indicar feixes de significados sobre a ideia de que as habilidades que vamos adquirindo no processo da vida, a partir das regras e jogos sociais, sejam entendidas como inerentes à ‘natureza feminina’.

A seguir, exponho as nuances e as características das bibliotecas brasileiras. Como ponto de partida, me detenho nas bibliotecas universitárias, onde procuro debater questões relacionadas à valorização da educação em um sentido amplo.

O meu principal foco de interesse é situar a biblioteca como um lugar preponderante para o crescimento dos índices educacionais do país, como a diminuição da taxa de analfabetismo, a inclusão das sujeitas e sujeitos menos favorecidos financeiramente no ambiente educacional. E ainda assinalo as perspectivas de futuro para a área da Biblioteconomia brasileira.

3.4 Perspectivas da profissão para o futuro: desafios, tensões

Não há mais a exclusividade do silêncio. O caráter da sacralidade tradicional dilui-se pelas exigências contemporâneas propiciadas pelas novas tecnologias desenvolvidas para informar. Dentro de todas essas transformações, novas atividades e áreas físicas foram sendo incorporadas às funções e formas das bibliotecas, sempre com o objetivo de facilitar o acesso à informação. Dessa forma, passaram a se caracterizar como espaços para conhecer, discutir e criar¹⁰⁶.

Nesta sessão, apresento uma retomada da discussão a respeito das bibliotecas a partir da região-Centro-Oeste em diálogo com as questões ligadas aos investimentos na educação; o lugar que as bibliotecas ocupam nos debates

106 MILANESI, Luiz. 2003, p. 108-109.

políticos; examino a importância que as bibliotecas têm enquanto equipamento cultural no âmbito das universidades; bem como o contexto e os processos em que foram criadas. O ponto de partida são as universidades federais pesquisadas. O foco é refletir sobre a relevância das bibliotecas e, por consequente, das bibliotecárias.

QUADRO 3 – Universidades do Centro-Oeste pesquisadas

Unidade Federativa	Universidade	Sigla
 Distrito Federal	Universidade de Brasília	UnB
 Goiás	Universidade Federal de Goiás	UFG
 Mato Grosso	Universidade Federal de Rondonópolis	UFR

Fonte: Adaptado de FLORES, Michelle (2021).

Em 1983, a bibliotecária e pesquisadora Gomes realizou um amplo estudo investigando as bibliotecas instaladas durante o período da Primeira República Brasileira, onde apresenta um panorama em relação à quantidade de bibliotecas criadas no período de 1890 a 1930 nos estados da federação. Em sua pesquisa fica explícita a discrepância entre o número de bibliotecas criadas nas regiões Sul e Sudeste durante o período analisado em comparação com a região Centro-Oeste nos estados do Mato Grosso, Goiás e Distrito Federal.

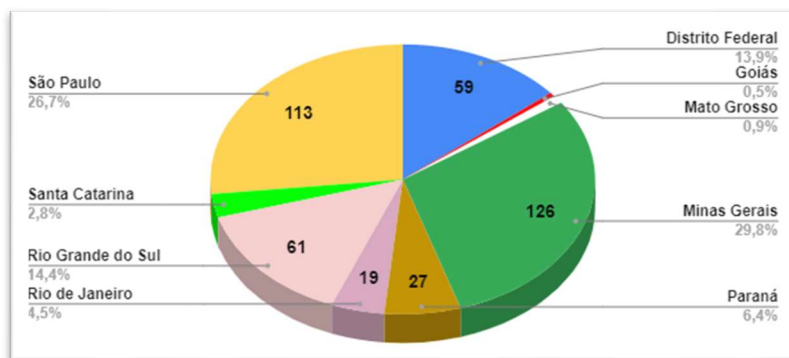
Nos estados que fazem parte da região sul e sudeste, em específico no estado do Paraná, foram criadas 27 bibliotecas; em Santa Catarina, foram 12; no Rio Grande do Sul, 61. Na região sudeste, em São Paulo, foram criadas 113 bibliotecas; no Rio de Janeiro, 19; e em Minas Gerais, 126.

No mesmo período, nos estados que compõem a região que atualmente é denominada Centro-Oeste, a realidade é bem diferente: foram criadas 4 bibliotecas no Mato Grosso; em Goiás apenas 2; e no Distrito Federal foram criadas 52 bibliotecas. Entre os parâmetros que definiam sobre as instalações de bibliotecas estavam o índice populacional e o quantitativo da população alfabetizada; entretanto, segundo Gomes (1983, p. 65), os critérios para criação de bibliotecas não eram claros: “O descaso do governo com a instrução pública,

fruto do sistema político oligárquico que não queria desviar a população da sua condição rural e analfabeta, refletiu nas bibliotecas”.

O gráfico a seguir demonstra em porcentagem a disparidade em relação à criação das bibliotecas no período analisado por Gomes.

Gráfico 10- Quantidade de bibliotecas criadas no período de 1890-1930



Fonte: Elaborado pela autora a partir de GOMES (1983).

A criação de bibliotecas nos estados estava relacionada à disposição dos políticos em investir na educação. Sob essa ótica, a autora cita como exemplo o caso do estado de Minas Gerais, a saber: “Cumprir observar que Minas, que tinha o índice mais baixo de alfabetização da segunda região, foi o Estado que mais inaugurou bibliotecas escolares estaduais, principalmente na década de 20”. (GOMES, 1983, p. 69). Em relação à falta de investimentos no âmbito da educação, campo por excelência em que está situada as bibliotecas, Beatriz¹⁰⁷ ressalta:

É uma questão cultural de um país, que não investe e que não valoriza a educação, não valoriza a cultura, porque a profissão de bibliotecário é uma profissão intimamente ligada a essas áreas de **educação e cultura**. Então, a gente vive em um país que não valoriza essas áreas, e a tendência é que a Biblioteconomia não seja valorizada. e a Biblioteconomia ainda está em um patamar muito abaixo porque quando fala em educação nós pensamos logo na profissão de professor; os professores, quando se fala em cultura, você pensa diversas outras profissões que não o bibliotecário; o bibliotecário não é uma profissão que vem à mente, quando você fala sobre a questão da educação, quem são os atores principais responsáveis pela educação? São os professores e pessoas

107 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

que atuam nas escolas e nas Universidades, mas você não pensa no bibliotecário como esse ator. Então, eu acho que é isso que passa por essa questão da falta de valorização que a gente tem nessas determinadas áreas; então se a gente tem uma falta de valorização e investimento nas escolas e nas universidades, e agora de uns tempos para cá, recentemente, mais ainda só se fala em cortar verba, não se contrata mais pessoal, não se faz mais concurso. Imagina a biblioteca, né? **A biblioteca vai sendo colocada de lado muitas vezes;** volto a citar o exemplo da Universidade de Brasília, dependendo das pessoas que está à frente da Universidade, ela vai priorizar algumas áreas em detrimento de outras.

Em confluência com a fala de Beatriz, Cláudia, em sua narrativa, expõe pontos centrais que elucidam o atraso do país em relação à educação; o que também é evidenciado por Gomes em sua pesquisa realizada em 1983:

Nós temos que fazer com que a comunidade, a sociedade entenda primeiro o que é uma biblioteca, porque a maioria desconhece. Se a gente perguntar para os nossos alunos de Biblioteconomia a primeira vez que eles conheceram uma biblioteca foi na universidade; então se você tem alunos de Biblioteconomia com esse perfil, você imagina o restante da sociedade. Então, a ideia de **biblioteca ainda é muito elitizada**, ela precisa ser desconstruída na sociedade de um modo geral, e a gente precisa, primeiro, conceituar o que é uma biblioteca e fazer com que as pessoas entendam que ela é um equipamento importante. (Cláudia)¹⁰⁸

A criação de bibliotecas está diretamente ligada ao campo da educação onde ocorre, de longa data no país, um descaso proposital em relação aos investimentos no quesito alocação de recursos para o desenvolvimento pleno da área. O acesso a aparatos ligados ao avanço intelectual da população, de forma geral, é negado a uma grande parcela da população. A quem interessa que a população menos favorecida financeiramente não tenha amplo acesso às bibliotecas? Nesse sentido, Milanese afirma que os livros “são o repositório da sabedoria, as bibliotecas, enquanto coleções de livros, seriam o antídoto à ignorância”. (MILANESI, 2003, p. 123).

As bibliotecas brasileiras de acesso ao público permanecem restritas, em certa medida, pela falta de promoção junto à sociedade. As bibliotecas públicas,

108 Entrevista em: 22 de março de 2021.

estaduais e universitárias não aparecem nos meios de comunicação com frequência, informando que estão abertas para visitação, que qualquer pessoa será bem-vinda e bem acolhida. Interpreto que ocorre um silenciamento em rela o   existência das bibliotecas, além de ocorrer uma escassez de bibliotecas em todas as cidades brasileiras, como aponta a interlocutora Cláudia.

Em 1975, a bibliotecária goiana Marietta Telles Machado¹⁰⁹ alertava para o descaso em rela o às bibliotecas brasileiras e a sua insuficiência:

As bibliotecas públicas servem a escolares, porque os colégios não dispõem de bibliotecas (  o caso das duas bibliotecas públicas de Goiânia, ambas deficientes sob todos os aspectos, quase sempre cheias de escolares); bibliotecas universitárias fazendo o papel de bibliotecas públicas (por exemplo, entre nós, as duas Bibliotecas Centrais das Universidades Federal e Católica servindo a toda comunidade goianiense, em detrimento dos serviços que devem prestar aos universitários). (MACHADO, 1975, p. 10).

A falta de interesse por parte dos órgãos públicos na cria o e na manuten o de bibliotecas   notória. “Percebe-se que muitas vezes as bibliotecas eram criadas pelo simples fato de que órgãos governamentais **deviam** criar bibliotecas” (GOMES, 1983, p. 48, grifo da autora). Assim, as bibliotecas são instaladas em prédios provisórios, inadequados em rela o ao espaço físico, sem ventila o no acervo, ambiente impróprio para o condicionamento dos livros, com falta de recursos humanos. Sem verbas suficientes para a conserva o do acervo e manuten o da biblioteca.   singular a situa o em que a biblioteca   criada já com sede própria e com dota o orçamentária fixa para a sua manuten o.

Pela prática política secular, contaminada pelo clientelismo e outras a o  corruptas, o trabalho cultural passa a ser visto como algo mínimo e que pouco pesa quando se trata de obter prestígio e, principalmente, voto. Com frequência ouve-se dos

109 Marietta Telles Machado foi a primeira bibliotecária da Universidade Federal de Goiás, exerceu o cargo de diretora da Biblioteca Central da UFG, para além de bibliotecária, foi escritora e grande expoente da área da Biblioteconomia no estado de Goiás. Foi a primeira delegada do Conselho Regional de Biblioteconomia, eleita em 1974, e presidenta da primeira gestão da Se o Goiana da Associa o de Bibliotecários do Distrito Federal. Entre as obras ficcionais da autora estão: ‘Girassóis em Transe’, publicado em 1968, ‘As doze voltas da noite’ de 1970 e ‘Congresso das Bruxas’ de 1975.

dirigentes culturais-nunca dos políticos- que a 'Cultura não dá voto'. E com isso, justifica-se o fracasso de alguma ou de muitas iniciativas culturais no âmbito da administração pública. (MILANESI, 2003, p. 124, grifo do autor).

As bibliotecas não são prioridades dos gestores públicos, especificamente em relação às bibliotecas universitárias federais. A título de contextualização, apresento a pesquisa realizada por Ferreira (2010) sobre o surgimento das Universidades Federais e o tempo em que se levou para construir um prédio próprio para abrigar a Biblioteca Central de algumas universidades do país.

QUADRO 4- Comparação entre a criação das UFs e de suas respectivas Bibliotecas Centrais.

Universidade	Data De Criação Da Universidade (Considerando A Federalização Para Alguns Casos)	Data Da Inauguração Das Instalações Definitivas Da Biblioteca Central	Período (Anos) De Diferença Entre A Criação Da Universidade E Período Se Construção Do Prédio Sede Da Biblioteca Central	Fonte
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS	1965	1981	16	www.ufmg.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA	1968	1983	15	Informação dada através do e-mail da biblioteca
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA	1960	1976	16	www.ufpb.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DE BRASÍLIA	1962	1973	11	www.unb.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	1960	1976	16	www.ufsc.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE	1974	1982	8	www.ufac.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DO MATO GROSSO DO SUL	1979	1986	7	www.cbc.ufms.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO	1954	1982	37	Informação dada através do e-mail da biblioteca
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ	1959	1972	13	www.ufpa.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO	1937	1950	13	www.uffrj.br
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PERNAMBUCO	1965	1974	9	Informação através do e-mail da biblioteca.
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	1960	1989	29	www.ufg.br

Fonte: Adaptado de FERREIRA, Liliane Juvência (2010).

Pode-se notar, a partir do Quadro 4, que a Universidade Federal de Goiás foi a segunda UF que mais demorou em investir na construção de uma sede

própria para a sua Biblioteca Central, tendo transcorridos 29 anos desde a criação da instituição. A que demorou mais tempo para construir sua biblioteca com sede própria foi a Universidade Federal do Espírito Santo, tendo aguardado 37 anos. Por sua vez, a Universidade de Brasília levou onze anos para investir em um prédio definitivo para abrigar a Biblioteca Central da instituição.

É importante salientar que todas as Universidades foram criadas e se desenvolveram a partir do repasse de verbas do Governo Federal, cabendo ao gestor (reitor) de cada universidade realizar os investimentos a partir das prioridades estabelecidas pelos conselhos universitários. Nesse sentido, a aplicação de recursos financeiros para a edificação de bibliotecas não foi e não é a predileção de algumas instituições. “Os laboratórios, salas de aula, hospitais etc. são evidentemente importantes numa universidade. Mas não há por que colocar a biblioteca abaixo deles”. (FONSECA, 1967, p. 14). Em relação à ênfase da biblioteca no organograma das instituições, Botelho afirma:

As bibliotecas sofrem ainda hoje de um mal que diz respeito à sua posição na estrutura das organizações. Na maioria dos casos elas não existem oficialmente, o que as impede obter recursos orçamentários, físicos, financeiros e humanos para o desenvolvimento de suas atividades. (BOTELHO, 1987, p. 273).

Em conformidade com os dados levantados por Ferreira (2010), fica manifesto o lugar que a biblioteca ocupa para cada instituição superior de ensino. O propósito deveria ser o de priorizar a construção de sua sede própria, com instalações elaboradoras para abrigar o acervo, com espaços de estudo apropriados para as/os alunas/os da instituição, entre outras especificidades que uma biblioteca adequada deve possuir. “A biblioteca gostaria de sair do silêncio e perguntar aos políticos: se havia tanto recurso por que as prioridades foram corrupção, campo de futebol, fonte luminosa, construção de muros”. (SUAIDEN, LEITE, 2016, p. 119).

Ressalto que o estudo realizado por Gomes abrangeu todos os tipos de bibliotecas: escolares, especializadas, públicas e universitárias, e apenas 2 bibliotecas foram criadas no estado de Goiás ao longo de 50 anos.

O poder das bibliotecas é um poder silencioso. Elas não falam alto, simplesmente murmuram, e nem por isso deixam de ser

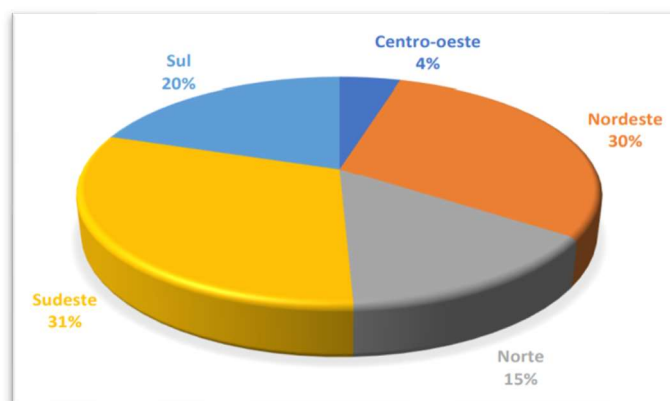
ouvidas. Muitas vezes, são invisíveis para a população excluída da sociedade da informação. Outras vezes elas aparecem como sendo uma miragem do futuro. O lugar comum é que são sempre citadas como organismo importante, mesmo que não participem da agenda do governo. (SUAIDEN; LEITE, 2016, p. 118).

Na citação anterior, Suaiden e Leite enfatizam o lugar das bibliotecas como um espaço de disputas de poder, pois ocorre um paradoxo, ao mesmo tempo em que são destinadas a um público restrito, vistas como um espaço para os iniciados no campo dos estudos escolares e acadêmicos também são vistas como lugares idealizados e privados. Porém, ainda são lugares restritos a grande parte da população que não sabe, em grande medida, que as bibliotecas são abertas ao público em geral.

Cabe aos dirigentes das bibliotecas trabalharem para mudar esse cenário, pois a divulgação das bibliotecas é um ponto fundamental para que a população tenha acesso ao recinto, por exemplo: muitas pessoas não sabem que as bibliotecas universitárias das instituições de ensino superior públicas são abertas ao público em geral. Todas as pessoas podem usar os espaços, ler o jornal, consultar os livros, realizar pesquisas, estudar, descansar, vivenciar o espaço.

Flores (2021) realizou o levantamento do número de universidades federais, por região do país, com o propósito de descobrir a quantidade de bibliotecas universitárias federais existentes. Segundo a autora, existem 72 universidades federais no país e “639 Bibliotecas Universitárias Federais ao longo do território brasileiro, e a região sudeste lidera com a maior quantidade de bibliotecas, 197 bibliotecas, correspondendo a 31%”. (FLORES, 2021, p. 73). Nota-se que a região Centro-Oeste é a que menos apresenta bibliotecas universitárias federais, contando com apenas o correspondente a 4%. A seguir, apresento o gráfico elaborado por Flores.

Gráfico 11- Bibliotecas Universitárias Federais do Brasil.



Fonte: FLORES, Michelle. (2021, p. 72).

É possível traçar um paralelo sobre o número de bibliotecas criadas durante os anos de 1930 a 1980 apontados por Gomes (1983), e os dados mapeados por Flores em 2021 sobre a região Centro-Oeste, ilustrado pelo gráfico anterior. No intento de perceber as permanências em relação à falta de enfoque na criação de bibliotecas, e, conseqüentemente, o investimento na área da cultura, Milanesi (2003, p. 127) afirma: “a cultura é a possibilidade mais poderosa para oferecer informações e criar condições para repensá-las, desvelando as aparências, revendo o passado e inventando o futuro”.

Em diálogo com o pensamento crítico de Milanesi em relação à ligação das áreas da educação e da cultura, Cláudia¹¹⁰ pontua:

Como a gente é uma área que tem uma interface com a cultura, com outras áreas também do conhecimento que são tradicionalmente deixadas à margem, não tem tido tantos investimentos na educação e na cultura como a gente sabe, e a nossa profissão depende, aqui em Goiás, especialmente desses investimentos. Eu acho que **o profissional tem que lutar muito para ser reconhecido, a gente tem um trabalho mais árduo na Biblioteconomia** goiana.

Por sua vez, no estudo feito por Flores (2021), a pesquisadora delimitou o seu olhar sobre as bibliotecas universitárias pertencentes às universidades federais existentes na região Centro-Oeste. Contudo, é notória a discrepância

¹¹⁰ Entrevista em: 22 de março de 2021.

em relação às outras regiões do país, pois apresenta o menor número de bibliotecas. Acredito que o número de bibliotecas em cada região representa a importância da biblioteca para a sociedade e sobretudo para os agentes públicos, como prefeitos, governadores, reitores, afinal são as pessoas responsáveis por criar bibliotecas pensando no fortalecimento da cidadania por meio do acesso à informação em espaços culturais e de conhecimento.

À vista disso, a falta de investimento na criação de bibliotecas destaca o propósito dos políticos que é contribuir para a manutenção da falta de senso crítico das pessoas que compõem a nossa sociedade.

A miséria das bibliotecas brasileiras reflete esse equívoco de séculos. Elas seriam a concretização dos esforços para tornar o saber de todos. As chamadas elites raramente procuraram compreender o significado do conhecimento para o desenvolvimento harmônico da sociedade, como se a perpetuação da ignorância fosse a própria sobrevivência. Isso, talvez, explique a marginalização das bibliotecas e outros serviços culturais ou a sua transformação em meros atavios decorativos. (MILANESI, 2003, p. 128).

A crítica tecida por Milanese sobre o descaso do poder público para com as bibliotecas vai ao encontro da narrativa da interlocutora Elisa, que salienta:

Tem pessoas, professores mesmo daqui, de outras áreas, que acham que biblioteca é dispensável. Ainda mais nessa época em que já temos bibliotecas digitais, tem muito material on-line, então ele acha que o aluno é autônomo, porque ele próprio tem a biblioteca dele em casa, o professor nem precisa vir aqui, então, para ele, está tudo bem. Mas ele não sabe das diversas realidades dos alunos, que as pessoas têm dificuldades, não só as vezes de encontrar material, ou também de acessar determinado material, os alunos também têm que ter um **lugar digno para estudar**. Então, assim, eu nem gosto de discutir com essas pessoas, eu apenas digo que **a biblioteca existe porque tem pessoas que precisam dela**, quando não precisarem mais de nós, nós saberemos, mas, por enquanto, a biblioteca ainda é necessária.

Esse fragmento da narrativa da Elisa me causou um certo incômodo, pois vai na contramão do que eu, como educadora, acredito. Os espaços da universidade devem promover ações com o propósito de estreitar as vivências e acolher as/os alunas/os. Vale destacar que Elisa atua em uma biblioteca

universitária, de modo que o exemplo que ela cita é o de um professor universitário, docente do nível superior, que demonstra ter um pensamento estreito a ponto de ignorar que nem todas/os as/os alunas/os têm condições financeiras de comprar os livros utilizados nas disciplinas dos cursos de graduação e até mesmo o gasto monetário com cópias de textos.

O professor ao questionar a existência de uma biblioteca universitária demonstra uma inaptidão para ser educador. Pois, como enuncia Paulo Freire (2021, p. 90), “o educador (a) deve estar imerso na experiência histórica e concreta dos (as) alunos (as)”, deve ser empático e estimular o uso das bibliotecas, objetivando que as/os alunas/os ampliem seus conhecimentos. Sob essa ótica, a importância das bibliotecas é primordial, pois são espaços abertos a/o todas/os alunas/os e deve ser valorizada e visibilizada como um equipamento cultural. De acordo com Freire (2021), para ser educadora/o deve-se adquirir características como generosidade, gostar de ouvir e de partilhar o conhecimento.

Assim, o discurso que as bibliotecas ainda são espaços restritos, lugares destinados apenas às/aos intelectuais evidencia permanências do imaginário social; todavia, as bibliotecárias realizam diariamente, em diversas frentes de trabalho nas bibliotecas, o exercício de promover os serviços e os produtos das bibliotecas, sendo também projetadas ações para chamar as/os alunas/os para vivenciarem as bibliotecas.

Compreendo que para além de ocorrer uma valorização do campo da educação no Brasil devem ser criados programas pelo Ministério da Educação do governo federal, por meio da lei, a fim de revitalizar as bibliotecas existentes e realizar a implantação de bibliotecas em todas as cidades. As bibliotecas públicas e municipais que ficam sob a responsabilidade do governo e da prefeitura são renegadas, deixadas para o último plano no momento de receber o aporte financeiro.

As bibliotecas devem estar na agenda dos objetivos das transformações sociais que alguns almejam, em contraponto a outros interessados que trabalham para manter as desigualdades sociais. Portanto, questionamentos surgem a partir dessas inquietações, quais sejam: a quem interessa que a área da educação seja sucateada? Ou de quem é o interesse de que somente as

sujeitas e os sujeitos com condição financeira favorável tenham acesso as bibliotecas?

As questões relacionadas ao investimento no campo da educação e da cultura estão interligadas, com o lugar que as bibliotecas ocupam na sociedade, precisamente na esfera do governo federal, a partir do olhar dos administradores públicos, ocorre investimentos, ou ao contrario retira-se verbas financeiras que já estavam destinadas para a manutenção das instituições. A interlocutora Beatriz¹¹¹ expõe em sua narrativa elementos que iluminam o debate:

Ocorreu uma grande mudança de uns dois, três anos para cá porque a gente sabe que nos governos anteriores do país houve um **investimento muito maior em educação**, tanto na área de educação, como na área de cultura, o que acarretou uma valorização muito maior, principalmente do serviço público, porque teve muito concurso. E praticamente todos os colegas que formaram comigo, em Brasília o mercado de trabalho basicamente é **concurso público**, são poucas áreas para exercer a profissão que não sejam dentro do serviço público, então, teve muito investimento nessas áreas de educação e de cultura, teve muito concurso para área de Biblioteconomia, e o investimento também em várias áreas do serviço público onde tem bibliotecas.

A partir das frestas da narrativa de Beatriz sobre as mudanças no âmbito da Biblioteconomia, transcorridas nos últimos anos, interpreto que ela se refere aos governos do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2002- 2011) e seguidamente da Presidenta Dilma Rousseff (2011-2016) ao citar o investimento na área da educação e da cultura. Essa conclusão se dá por ter sido durante o primeiro mandato do presidente Lula que foi instituído o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - Reuni¹¹². Beatriz indica que ocorreu o aumento no número de concursos públicos durante os governos anteriores, ação que está diretamente relacionada com os investimentos na educação.

É importante salientar que a entrevista com Beatriz foi realizada no ano de 2021, e quem estava na posição de Presidente do Brasil era Jair Bolsonaro,

111 Entrevista em: 15 de junho de 2021.

112 No Capítulo 2, trabalhei a ideia da expansão das Universidade em decorrência desse programa.

cujo mandato foi de 2019 a 2022, o qual realizou ao longo de sua administração corte nas verbas públicas destinadas às Universidades. Isso interferiu diretamente na realização de concursos públicos e na promoção do desmonte da educação.

O principal foco de interesses nesta tese são as bibliotecas e as bibliotecárias, portanto, em diálogo com a afirmativa de que ‘houve um investimento muito maior em educação, tanto na área de educação, como na área de cultura, o que acarretou uma valorização’. Entendo como sendo uma ação importante para a promoção das bibliotecas.

Os discursos dialogam com as práticas, de modo que são imbricadas as questões relacionadas à educação pública brasileira, às bibliotecas e às profissionais que atuam nas bibliotecas. Assim, reconheço a ênfase das colaboradoras que mencionaram a desvalorização da educação e da cultura como elemento que influencia na visão da sociedade em relação à profissão.

Todavia, interpreto, a partir de toda a investigação empreendida ao longo da tese, que o fator preponderante da baixa valorização e reconhecimento em relação à profissão de bibliotecária ocorre pelas desigualdades das relações de gênero, pelo lugar que nós mulheres ocupamos na sociedade brasileira, que é estruturalmente patriarcal, machista e sexista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Eu acho que a nossa profissão sofre muito preconceito por falta de conhecimento, mas também por falta de investimentos e políticas públicas, porque se a gente tivesse bibliotecas em todas as escolas, bibliotecas públicas e comunitárias que funcionassem, bibliotecas que fossem quase como pontos turísticos, assim nós nem precisaríamos argumentar e explicar o que nós fazemos. Não podemos nos comparar a países desenvolvidos, mas a título de exemplo, um bibliotecário norte-americano ou europeu, todo mundo dentro daquela comunidade escolar, os pais, a comunidade ao redor sabe o que um bibliotecário faz, ele é valorizado financeiramente, tem um reconhecimento ali no próprio salário. Aqui? Pergunta para o pai de um aluno para que serve uma biblioteca na escola, enfim, imagina como é difícil a tarefa de explicar para um aluno que você está ali para fazer a diferença na vida dele. Então, a gente tem dois fatores, o investimento é importante em políticas públicas para tornar as bibliotecas algo existente para que o bibliotecário passe a ser conhecido como o responsável por estar à frente desse equipamento. Uma mudança cultural, por isso é que é tão difícil, por isso é que nós temos um grande e árduo trabalho pela frente, porque para você mudar uma estrutura como essa cultural, demanda muito investimento (Cláudia) ¹¹³.

Não há amanhã sem projeto, sem sonho, sem utopia, sem esperança, sem o trabalho de criação e desenvolvimento de possibilidades que viabilizem a sua concretização¹¹⁴.

Para arrematar o fio de Ariadne da teia desta pesquisa, em diálogo com todas as proposições apresentadas ao longo da tese, lancei mão da seguinte pergunta: Até que ponto o discurso sobre a desqualificação da Biblioteconomia está articulado à crença socialmente legitimada da desqualificação feminina? Ao longo da tese, explorei a intersecção do meu olhar de bibliotecária e historiadora e acredito ser importante salientar que eu sou uma pesquisadora feminista de fronteira, afinal transito nas duas áreas: Biblioteconomia e História.

As epígrafes que escolhi para iniciar o encerramento do percurso desta tese se conectam, pois compreender a importância das bibliotecas, a sua magnitude e os elementos que compõem o *hall* de mazelas, descasos, falta de políticas públicas destinadas à produção e à implementação das bibliotecas só

¹¹³ Entrevista em: 22 de março de 2021.

¹¹⁴ FREIRE, Paulo, 2021, p. 77-78.

podem ser encaradas e enfrentadas com persistência, empenho, esperança e sonhos como bem nos ensina Paulo Freire.

Articulando as discussões que embasam a minha motivação para a realização da pesquisa apresentada, me aportei na escritora africana Chimamanda Ngozi Adichie (2019) que, em seu livro ‘O perigo de Uma História Única¹¹⁵’, demonstra a importância das narrativas plurais.

Assim, o meu engajamento foi escrever uma história outra, para além do que já estava registrado sobre a área da Biblioteconomia brasileira, evidenciar as mulheres que fizeram e fazem história e uma possibilidade, configurando-se como uma tentativa de contar outras perspectivas. Como sinaliza Adichie (2019, p. 26), “A história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos. Eles fazem com que uma história se torne única história”. A narrativa que aprendi na universidade, durante o curso de graduação em Biblioteconomia, foi uma história eminentemente masculina, pois as bibliotecárias pioneiras foram invisibilizadas e apagadas da história. As mulheres foram excluídas do cânone da organização do conhecimento biblioteconômico.

Esta tese buscou investigar, a partir da região Centro-Oeste, a Biblioteconomia sob a perspectiva das relações de gênero. E, nesse exercício, a operação entre a bibliografia histórica, narrativas orais e os Anais dos eventos permitiram engendrar uma percepção acerca da dinâmica das relações de poder que atravessam as práticas no campo da Biblioteconomia. O fio condutor da narrativa tecida a partir da minha interpretação foi justamente produzir um fato histórico problematizando e evidenciando as desigualdades inscritas nas relações entre homens e mulheres ao longo da pesquisa.

Um dos objetivos percorridos durante a pesquisa foi o de situar historicamente a Biblioteconomia no movimento de feminização e as implicações que isso acarretou em vista do reconhecimento e da valorização da área enquanto constituída por sujeitas e sujeitos históricos/os. Outra intenção alcançada com a pesquisa foi ampliar o debate sobre as relações de gênero na área.

¹¹⁵ ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Puxando o fio da história da Biblioteconomia a partir das lentes dos estudos das relações de gênero e utilizando as ferramentas conceituais para desconstruir as narrativas cristalizadas em relação à profissão de bibliotecária, objetivei trabalhar a ideia de que na história da Biblioteconomia ocorre de forma intencional um esquecimento das grandes protagonistas que articularam conquistas significativas para a classe bibliotecária.

Pesquisei nas frestas e pistas os indícios que evidenciam as assimetrias de gênero na área, pois, na sociedade patriarcal na qual estamos imersas, a prática do silenciamento das mulheres é recorrente em detrimento da exaltação dos discursos masculinos. A estrutura da sociedade brasileira é sedimentada no sexismo, entre outros problemas latentes que promovem as desigualdades de gênero. Faço minhas as palavras de Soares, quando afirma:

O entendimento das funções sociais como elementos historicamente construídos reside na possibilidade de mudança dos discursos e práticas que tendem a emoldurar mulheres e homens em quadros definidos sobre suas condutas adequadas em sociedade. (SOARES, 2022, p. 223).

Por meio das fontes orais, procurei fragmentos, interditos. Na contramão da história já registrada de forma sistemática, busquei ampliar a historiografia a partir da abordagem dos estudos das relações de gênero para promover a descentralização das representações em relação à Biblioteconomia, focalizando outras experiências e elementos que compõem a trajetória do campo no Brasil. “As mulheres foram ‘escondidas da história’, ou seja, sistematicamente excluídas da maioria dos relatos de historiadores”. (JENKINS, 2017, p. 26, grifo do autor). A partir das minhas reflexões, da minha subjetividade, momento quando inquiri os documentos, construí o meu discurso.

As colaboradoras teceram a narrativa de suas vivências, entrelaçadas com entusiasmo, orgulho do ofício exercido, marcadores sociais, ideias características da essencialização das relações de gênero. Nesse sentido, procurei observar a maneira como percebem a dinâmica das relações entre homens e mulheres na comunidade bibliotecária, a partir da sua história particular. Prestei atenção nas frestas da linguagem, isto é, no discurso, “discurso entendido como

aquilo que está instalado no cotidiano, nos gestos e costumes, nas instituições”. (COLLING, 2014, p. 39).

Outra questão que vale menção, no processo investigativo da pesquisa, diz respeito ao momento que parti para a coleta das narrativas orais. Antes da realização da primeira entrevista, eu acreditava que as bibliotecárias, assim como eu, viam as questões relacionadas às desigualdades de gênero no cotidiano da biblioteca; confesso que fui ingênua com esse pensamento, fiquei bem surpresa ao constatar que não, que as lentes dos estudos de gênero não estão desnudadas para todas as mulheres. Essa constatação me levou a refletir sobre as amarras que entrelaçam as estruturas das relações de poder.

As colaboradoras desta pesquisa reforçaram, em cada fala, as suas percepções em relação à profissão de bibliotecária, e, em muitos momentos, surgiram afirmativas, tais como a de que não existiam diferenças na execução das atividades nas bibliotecas; todavia, em seguida, era narrado algum episódio que se caracteriza como discriminação, com elementos de preconceito; brechas que denunciavam o reforço das representações sobre as mulheres. A desconstrução de ideias, de estereótipos cristalizados é um processo, no passo que afinando o meu olhar foi possível perceber a dinâmica das relações de poder. Sob essa ótica, Colling afirma:

Ser homem e ser mulher é uma construção simbólica que faz parte do regime de emergência dos discursos que configuram sujeitos. Neste sentido, é necessário criticar, desmontar estereótipos universais e valores tidos como inerentes à natureza feminina. (COLLING, 2014, p. 28).

Assim, apesar de as colaboradoras não identificarem as interferências de gênero no cotidiano das práticas bibliotecárias, observei em todos os relatos que além da questão de gênero ser preponderante, ainda interpreto como sendo um dos fatores para a falta de reconhecimento da profissão. Por meio das narrativas orais é possível identificar nas entrelinhas ideias, discursos que reafirmam os estereótipos de homens e mulheres. Como exemplo, cito a afirmação de que os homens são mais concentrados, e as mulheres fofoqueiras, emotivas, na esteira do discurso permanente a respeito das mulheres. Nas palavras de Colling (2014,

p. 45), “necessitam por natureza serem, submissas, dirigidas e controladas por um homem”.

Procurei enfatizar, a partir das narrativas apresentadas pelas interlocutoras, as conexões entre o mundo do trabalho realizado no espaço público e no espaço privado, doméstico, demonstrando como estão interligados os dois ambientes, e como as mulheres realizam múltiplas jornadas.

Reforço que finalizo esta tese com muitos lampejos de ideias na minha mente, com proposições que só aparecem agora no momento derradeiro. Entretanto, tenho a compreensão que cumpri os objetivos propostos inicialmente na pesquisa, fiz algumas perguntas ao longo do texto, porém, nem todas as questões foram resolvidas. Todavia, conforme salienta Rago (2001, p. 60), “é importante enunciá-las e denunciar os mecanismos sutis de desqualificação que operam em nossa cultura, em relação às mulheres. Justamente por serem sofisticadas e imperceptíveis a um primeiro olhar”.

No primeiro capítulo, realizei uma revisão sobre o surgimento do campo do conhecimento de forma sistemática, destaquei os principais marcos históricos da área, os primeiros cursos de graduação instituídos, sobretudo no Brasil. Apresentei o delineamento da formação das universidades no Centro-Oeste e a criação dos respectivos cursos de graduação em Biblioteconomia de cada instituição. Também procurei destacar as bibliotecárias protagonistas que foram basilares para o avanço da profissão no país. Ainda no Capítulo 1, discorri sobre como ocorreu o processo de feminização da área no Brasil.

No segundo capítulo, busquei decifrar as narrativas orais, interpretando e escrutinando os relatos em diálogo com as epistemologias feministas e as lentes dos estudos de gênero. Na tessitura da narrativa, procurei traçar as relações de poder que permeiam a nossa sociedade, afinal elas atuam como pano de fundo. Como afirmou Perrot (2005, p. 14), “Escrever a história das mulheres supõe que elas sejam levadas a sério, que dê à relação entre os sexos um peso, ainda que relativo, nos acontecimentos ou na evolução das sociedades”.

Realizei o exercício, ao longo da pesquisa, de inscrever as mulheres bibliotecárias no curso da narrativa com o propósito de evidenciar múltiplas histórias. Também demostrei a importância dos feminismos e dos estudos de gênero

na esteira do pensamento de tantas intelectuais feministas, como Margareth Rago,

O feminismo veio questionar essa leitura hierarquizadora e excludente da política, informada pelo discurso médico masculino, que justificava com base em argumentos científicos a incapacidade física e moral das mulheres para a condução dos negócios da cidade. Mostrou como se opera a exclusão social das mulheres do mundo público, assim como o silenciamento e a desqualificação de seus temas e questões. Lutou e luta para que as mulheres se reconheçam como sujeitos políticos, cidadãs com deveres e direitos a serem reconhecidos e criados. Tem ampliado, portanto, o conceito de cidadania, propondo uma nova concepção da prática política, que se manifesta não apenas nos espaços permitidos e institucionalizados da política, mas na própria vida cotidiana. (2001, p. 65).

Mesmo que pela interface da internet, afinal não foi possível realizar as entrevistas presencialmente, procurei seguir os ensinamentos de Portelli (2016, p. 10), quando afirma: “A história oral, então, é primordialmente uma arte da escuta”. Nesse sentido, no momento das entrevistas, abri os meus ouvidos e olhos com atenção e respeito, não interrompi as interlocutoras no momento em que estavam narrando, prestei atenção em seus gestos, em suas expressões faciais, com o objetivo de captar, para além dos relatos por meio do gravador, as reações e as expressões ao recordar de fatos, situações vividas e ao narrar suas histórias pessoais.

Continuando o debate efetivado no segundo capítulo, refinei o meu olhar sobre as narrativas orais no terceiro capítulo, e ainda enveredei pelos Anais do Congresso Brasileiro de Biblioteconomia - CBBB e Seminário Nacional de Bibliotecas Universitárias - SNBU, investiguei as edições que estão disponíveis no repositório institucional da FEBAB. A partir dos anais investigados e da análise do número de formadas e formandos nos cursos de graduação em Biblioteconomia no período recortado (1962- 2021), pude realizar algumas comprovações em relação à entrada de mais homens na área, constatei que mais homens estão, de fato, se interessando pela profissão de bibliotecária, porém em pequena escala; ainda é insipiente a quantidade de bibliotecários formados nas três instituições analisadas UnB, UFG e UFR.

Outra hipótese confirmada está relacionada à efetividade da participação masculina durante os eventos CBBD e SNBU. Realizei uma análise quantitativa com o propósito de perceber quem mais participa ativamente dos eventos na área se bibliotecárias ou bibliotecários, me detive nos artigos apresentados por profissionais filiados a instituições do Centro-Oeste, e pude constatar que a participação é pequena em comparação ao número de participantes de outras regiões do país, pois é a região onde existem menos bibliotecas, como demonstrei a partir dos estudos de Flores (2021) e de Gomes (1983).

A hipótese lançada no início da pesquisa, qual seja, se o fato de a profissão ser exercida prioritariamente por mulheres tem relação com a baixa valorização e o reconhecimento da profissão na sociedade foi confirmada nesta tese. A partir da interpretação das falas das colaboradoras em confronto com as teorias feministas e das relações de gênero, posso afirmar que a Biblioteconomia é atravessada pelas assimetrias de gênero, sendo um dos fatores da pouca valorização e do pouco *status* social da profissão perante a sociedade brasileira.

Trabalhei a ideia da desvalorização das bibliotecas, que são espaços culturais, lugares da construção do conhecimento que possibilitam uma ampliação do exercício da cidadania. Se as bibliotecas são desvalorizadas, a profissão de bibliotecária também o é, duplamente, a princípio por ser exercida majoritariamente por mulheres e, concomitantemente, por ser um equipamento cultural ligado ao campo da educação.

Nesse trilhar, a pesquisa afirmou que as disputas e os jogos de poder compõem o campo da Biblioteconomia de modo abrangente onde as hierarquias de gênero são reafirmadas por meio das imagens estereotipadas e da falta de valorização da área.

Compreendo que poderia ter abordado outros aspectos, por exemplo, ter aprofundado melhor a análise das entrevistas a partir de alguns pontos ressaltados pelas interlocutoras, como a questão da desvalorização das bibliotecas no país. Outro ponto que merecia maior destaque tem a ver com a visibilidade das bibliotecárias em comparação a outras profissões ligadas ao campo da educação no sentido de que as bibliotecárias são vistas em alguns espaços como meras auxiliares das professoras e dos professores das universidades. O desconhecimento das habilidades, competências e das tarefas desempenhas pelas

bibliotecárias é um dos motivos; e essa construção da imagem das bibliotecárias passa a ideia de que elas são menos importantes no cenário acadêmico, o que corrobora essa visão estereotipada.

Outro ponto que eu poderia ter esmiuçado são os marcadores sociais das colaboradoras, por meio da intersecção entre raça, classe, etarismo, por exemplo. São cinco interlocutoras que participam da escrita desta tese. Também poderia ter aprofundado a análise sobre as maternidades, duas das entrevistadas possuem filhos. Todavia, reafirmo que escrever a tese durante a pandemia da Covid-19 foi um desafio ainda maior, pois a minha expectativa era ter realizado as entrevistas presencialmente; eu gostaria de ter ido aos locais de trabalho das interlocutoras, ter podido conhecer as bibliotecas de cada instituição. Todavia, os obstáculos impostos pela pandemia e o longo período de reclusão, afetaram o estudo, contudo, acredito que consegui contornar os obstáculos ao longo da pesquisa.

Como sugestão de possíveis pesquisas futuras, as questões relacionadas aos estereótipos das bibliotecárias, difundidos por filmes, séries, charges são fontes privilegiadas para investigar as permanências e as transformações relacionadas às representações da figura feminina. Não cabe mais a reprodução de imagens onde a figura da bibliotecária é sempre a de uma mulher, na terceira idade, que usa óculos de grau, possui os cabelos presos em um coque alto, aparece com roupas antiquadas, que pede silêncio a todo instante, ou que dirige um olhar de repressão para algum usuários, além de ser mal-humorada e distante dos usuários da bibliotecária. Na contemporaneidade, múltiplos perfis de bibliotecárias/os atuam nas bibliotecas.

A representatividade nos Conselhos de Biblioteconomia, associações, entidades da classe, ou seja, espaços de poder de decisão e prestígio são ocupados por bibliotecárias ou bibliotecários na maioria dos cargos? Vale uma investigação histórica, pois se a profissão é composta majoritariamente por mulheres, por conseguinte, seria esperado que elas ocupassem esses lugares de poder e visibilidade, não é mesmo? E se não estão sendo ocupadas essas cadeiras por mulheres, esta é uma lacuna para futuras investigações.

Entendo que as representações sobre as bibliotecárias operam no imaginário social, que reafirma os estereótipos. Por conseguinte, esses estereótipos

devem ser confrontados, questionados e, em outras palavras, reconstruídos, atualizados. Em vista da perspectiva feminista, é possível explorar a trajetória individual de cada bibliotecária que participou ativamente do movimento de consolidação da área; lançar luz sobre essas bibliotecárias é uma possibilidade de visibilizar as suas ações e realizações que reverberam para toda categoria de bibliotecárias. Grandes nomes que ainda se encontram na sombra na história, como as bibliotecárias apresentadas no Capítulo 1 desta tese: Adelpha Figueiredo, Laura Russo, Lydia Sambaquy e Jannice Monte-Mór entre outras. Suas trajetórias profissionais devem ser registradas, evidenciadas em livros, monumentos, pois constituem o percurso histórico da Biblioteconomia brasileira. Em vista disso, Soares enfatiza que

É preciso refletir sobre o papel social do ofício da História em mobilizar e movimentar as estruturas de maneira mais efetiva, posto que as estruturas não são tão facilmente quebradas e suas paredes invisíveis possuem ardilosas maneiras de se recompor na solidez de práticas das desigualdades referendadas e atravessadas em diversas práticas. (SOARES, 2021, p. 37).

A atuação e a profissão das bibliotecárias devem ser divulgadas, evidenciadas, no sentido de que as histórias diversas sejam de conhecimento da comunidade bibliotecária, para além dos livros clássicos já consolidados da área. Entretanto, para esta tese realizei escolhas devido à limitação do tempo e do entendimento de que o assunto é impossível de ser esgotado, pois o conhecimento científico está em constante desconstrução e reconstrução.

Dessa forma, a proposta desta tese não foi estabelecer pensamentos rígidos e nem exaurir a discussão sobre as relações de gênero na Biblioteconomia. Outrossim, foi de produzir um conhecimento historiográfico situando múltiplas histórias, no exercício, em certa medida, de estabelecer um contraponto com a história consolidada da Biblioteconomia. Para tanto, busquei apresentar perspectivas que contribuam para a abertura de novas pesquisas em que as temáticas feminismos, relações de gênero e Biblioteconomia sejam produzidas. Pensando assim, as conexões desses temas podem ser exploradas sob outros olhares, pois diversas leituras podem ser realizadas a partir de novas perguntas, novos questionamentos de modo que minha intenção é a de apontar caminhos

outros. Para tanto, Jenkins (2017, p. 35) alerta: “mude o olhar, desloque a perspectiva, e surgirão novas interpretações”.

Assim, a partir das comprovações e das discussões propostas nesta tese, afirmo que é de grande importância que se agregue as questões relacionadas as relações de gênero, paulatinamente, nos cursos de graduação em Biblioteconomia. Os estudos de gênero devem estar na pauta do dia, “‘gênero’ é um conceito relacional e implica sempre relações de poder, de privilégios, de maior ou menor prestígio”. (ZANELLO, 2022, p. 37, grifo da autora).

Nesse sentido, nas disciplinas ministradas ao longo da graduação é mister que as temáticas feministas e de relações de gênero sejam apresentadas para que as discussões sobre a importância da busca pela igualdade de gênero, a equiparação salarial, o combate ao feminicídio, entre tantas outras nuances que compõem o bojo das reivindicações feministas, sejam ensinadas para as/os futuras/os bibliotecárias/os no sentido de que a área seja ressignificada.

Problematizar os papéis estabelecidos para as bibliotecárias e bibliotecários é fundamental para promover mudanças na área a partir dos currículos dos cursos de graduação, pois as inquietações e incômodos são importantes para a propulsão de alterações no cenário biblioteconômico e para que a formação da/do estudante aprimore o senso crítico em relação à sociedade brasileira e propriamente em relação ao campo biblioteconômico. É primordial ter conhecimento sobre as origens da profissão, o percurso histórico, os marcadores que compõem a área, bem como acerca dos estereótipos sobre a imagem da profissional.

O letramento de gênero é relevante para que nós mulheres saibamos identificar situações de discriminação, constrangimento e no ato do ocorrido nos posicionarmos diante do fato. Identificar as situações em que somos motivo de piadas, elogios inapropriados deve ser uma prática em nosso cotidiano nos ambientes de trabalho nas bibliotecas, afinal as ações práticas de posicionamento individual contribuem para que, em um horizonte próximo, possamos deslumbrar um futuro mais igualitário.

O futuro da profissão de bibliotecária atravessa não somente as questões ligadas ao uso das novas tecnologias da informação, os novos suportes de livros ou até mesmo as novidades sobre a preservação das informações. O olhar

crítico sobre a sociedade é fundamental para a atuação efetiva de educadora/o, agente cultural, que visa promover a democratização do conhecimento, combatendo, assim, a desinformação, as *fake news*, promovendo a cidadania para todas as pessoas, por meio do desenvolvimento de ações de inclusão social, proposição de projetos de incentivo à leitura na comunidade.

No sentido, de desenvolver ações junto à coletividade para promover as bibliotecárias de destaque que prestam serviços à comunidade, que são educadoras, agentes de transformação social, por exemplo, cito as/os bibliotecárias/os que atuam nas bibliotecas de escolas públicas de presídios, em hospitais, que incentivam a leitura em diversos ambientes, independentemente das condições do local.

Outro encaminhamento que sugiro é a articulação dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia e das associações de bibliotecários que devem desenvolver ações voltadas para a visibilidade da área. Realizar parcerias com entidades, com parlamentares, a fim de propor políticas públicas para a melhoria e implementação das bibliotecas nos estados. Elaborar ações criativas com o propósito de visibilizar a área é um ponto importante para modificar o cenário atual e proporcionar a visibilização das bibliotecas e das bibliotecárias. Entendo que mesmo com todas as transformações tecnológicas e mudanças na área da Biblioteconomia proporcionadas pelas tecnologias da informação, ainda hoje, o espaço principal de atuação para a categoria são as bibliotecas físicas.

Desejo que esta tese reverbere e suscite vários questionamentos, incômodos e novas proposições, de modo que, de fato, contribua para a ampliação das perspectivas sobre a Biblioteconomia com o enfoque nos feminismos e nos estudos das relações de gênero “no sentido de desnaturalizar as relações de poder que nos rodeiam, para que as nossas relações sejam mais igualitárias”. (BASILIO, 2022, p. 111).

E também espero que a pesquisa seja capaz de despertar a consciência de gênero na leitora e no leitor, assim, a luta pela equidade de gênero deve ser um compromisso de todas as pessoas. Encero esta tese com a reflexão da feminista Debora Diniz (2022, p. 111): “É isto que faz o feminismo: lança novas perguntas ao passado, escuta outras vozes para deslocar o presente e imaginar o futuro”.

FONTES

Amanda. Entrevistada por Esdra Basilio em 3 de mar. De 2021, ambiente virtual.

Beatriz. Entrevistada por Esdra Basilio em 15 de jun. de 2021, ambiente virtual.

Cláudia. Entrevistada por Esdra Basilio em 22 de fev. 2021, ambiente virtual.

Daniela. Entrevistada por Esdra Basilio em 5 de abr. de 2021, ambiente virtual.

Elisa. Entrevistada por Esdra Basilio em 19 de fev. 2021, ambiente virtual.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das letras. 2019

ALBERTI, Verena. *Manual de história oral*. 3.ed. Rio de Janeiro:FGV. 2013.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). *Fontes Históricas*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 155-202.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *O tecelão dos tempos: novos ensaios de teoria da História*. São Paulo: Intermeios. 2019.

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e educação: a paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ALMEIDA, Neília Barros Ferreira de. *Biblioteconomia no Brasil: análise dos fatos históricos da criação e do desenvolvimento do ensino*. 2012. 160f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade de Brasília. Brasília, 2012. Disponível em: < <https://repositorio.unb.br/handle/10482/11170>>. Acesso em: 13 out. 2021.

ARAÚJO, Rosa Maria Barboza de. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro republicano*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

ARÉVELO, Júlio Alonso. A obscura história sobre os assédios sexuais de Melvil Dewey, o pai da biblioteconomia moderna. *Revista Biblío*. São Paulo. 7. ago. 2018. Disponível em: < <https://biblío.info/obscura-historia-sobre-os-assedios-sexuais-de-melvil-dewey/>>. Acesso em: 11 jun. 2021.

ARRUDA, Angela. Feminismo, gênero e representações sociais. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Pensamento feminista brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do tempo, 2019, p. 335-355.

BAPTISTA, Sofia Galvão; MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Considerações sobre o mercado de trabalho do bibliotecário. *Informacion, Cultura y Sociedad*, Argentina, n. 12, p.35-50, 2005. Disponível em:< INCUSO12.p65 (scielo.org.ar)>. Acesso em: 12 fev. 2023.

BARBIER, Frédéric. *História das Bibliotecas: De Alexandria às Bibliotecas Virtuais*. São Paulo: Edusp. 2018.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. *MOUSEION*, v. 3, n.5, jan-jul. 2009, p. 35-67. Disponível em:https://revistas.unilasalle.edu.br/documentos/documentos/Mouseion/Vol5/historia_memoria.pdf. Acesso em: 23 nov. 2022.

BASILIO, Esdra. *Representações do corpo feminino nas páginas do Jornal Daqui: Relações de gênero*. Jundiaí,SP: Paco editorial. 2002.

BESSONE,Tania Maria. *Palácios de destinos cruzados: bibliotecas, homens e livros no Rio de Janeiro, 1870-1920*. 2.ed. São Paulo: Edusp, 2014.

BERGER, Carlos Norberto. Misoginia. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro. (orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. 2. ed. Dourados,MS: UFGD. 2019, p. 515-517.

BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). *Histórico*. 2019. Disponível em: <https://www.bn.gov.br/sobre-bn/historico>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BLOCH, Marc. *Apologia da História: ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BRASIL. *Decreto nº 8.835*, de 11 de julho de 1911. Aprova o regulamento da Bibliotheca Nacional. Rio de Janeiro, 1911. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1910-1919/decreto-8835-11-julho-1911-502890-republicacao-102224-pe.html>. Acesso em: 14 jun. 2021.

BRASIL. *Decreto nº 20.673*, de 17 de novembro de 1931. Restabelece, na Biblioteca Nacional, o curso de biblioteconomia e dá outras providências. Rio de Janeiro, 1931. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-20673-17-novembro-1931-517368-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 15 jun. 2021.

BORELLI, Andrea; MATTOS, Maria Izilda. Trabalho. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados, MS: UFGD. 2019. p.704 -708.

BORGES, Maria Alice Guimarães. Criação da UnB e do curso de Biblioteconomia. In: BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcílio de (org.). *Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB*. Brasília: UnB/FCI, 2013. p. 15- 50.

BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. *Palavra-Chave*, São Paulo, v. 4, p. 3-4, maio 1984. Disponível em: <http://www.abecin.org.br/ebooks/revista-palavra-chave>>. Acesso em: 4 jun 2021.

BOURDIEU, Pierre. *A dominação masculina*. 17. ed. Rio de Janeiro: Berthand. 2020.

BOTELHO, Tânia Mara Guedes. O mercado de trabalho do profissional da informação na área de biblioteconomia na região centro-oeste. *Revista de Biblioteconomia*. n.15, jul./dez./ 1987. p.249-284.

BRUSCHINI, Cristina, LOMBARDI, Maria Rosa. Mulheres e homens no mercado de trabalho brasileiro: um retrato dos anos 1990. In: MARUANI, Margaret; HIRATA, Helena (Orgs.). *As novas fronteiras da desigualdade: homens e mulheres no mercado de trabalho*. São Paulo: Editora Senac, 2003. p. 323-361.

CALDEIRA, Ana Paula Sampaio. *O Bibliotecário perfeito: o Historiador Ramiz Galvão na Biblioteca Nacional*. 2015. Tese. (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea e do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2015. Disponível em: <<https://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/13985>>. Acesso em: 13 jun. 2022.

CARVALHO, Marília Pinto de. Trabalho docente e relações de gênero: Algumas indagações. *Revista Brasileira de Educação*. São Paulo, n.2, p. 77-84, mai/jun/jul/ago. 1996.

CASTRO, César. *História da biblioteconomia brasileira: perspectiva histórica*. Brasília: Thesaurus. 2000.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro: do leitor ao navegador: conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Unesp. 1998.

CHARTIER, Roger. A visão do historiador modernista. In: *Usos & Abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV. 2006. p.215-218.

CHAUL, Nasr Fayad. *Caminhos de Goiás: da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia: editora da UFG, 1997.

COOLING, Ana Maria. *Tempos diferentes, discursos iguais: a construção do corpo feminino na história*. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2014.

CORRÊA, Elisa Cristina Delfini. OLIVEIRA, Ana Claudia D. C. Pelas mãos femininas de Lydia Sambaquy e Celia Zaher: As origens da CI brasileira. In: SILVA, Franciele Carneiro Garças da; ROMERO, Nathalia Lima (Orgs.). *O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis: ACB, 2018. p. 17-44.

CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. *Regimento do I SNBU*. 1987. Disponível em: <<http://repositorio.febab.org.br/items/show/3411>>. Acesso em: 21 mar. 2023.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. *História Oral*. n.6, 2003, p.9-25.

DELPHY, Christine. Patriarcado (teorias do). In: HIRATA, Helena (org.). *Dicionário crítico do feminismo*. São Paulo: UNESP, 2009. p.173-183.

Dias, Antonio Caetano. "O ensino da biblioteconomia no Brasil," *Repositório – FEBAB*. In: I Congresso Brasileiro de Biblioteconomia.1954. Disponível em: <<http://repositorio.febab.org.br/items/show/482>>. Acesso em: 7 abr. 2023. p. 1-12.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. *Esperança Feminista*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

ESCALANTE, Isadora; MALLMANN, Patrícia; COUTINHO, Luciano. O impacto do estereótipo de gênero sobre a mulher bibliotecária do século XXI no Brasil. *REBECIN*, São Paulo, v. 8, edição especial, p. 01-12. 2021. Disponível em: < <https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/243>>. Acesso em: 08 fev. 2022.

FEBVRE, Lucien; MARTIN, Henri-Jean. *O aparecimento do livro*. 2.ed. São Paulo: Editora Edusp. 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos possíveis*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2021.

GILMONT, Jean-François. Reformas protestantes e leitura. In: CAVALLIO, Guglielmo; CHARTIER, Roger.(Orgs.). *História da Leitura no mundo ocidental*.v.2. São Paulo: Editora Ática, 2002, p. 47-77.

GOMES, Sônia de Conti. *Bibliotecas e sociedade na primeira república*. São Paulo: Pioneira.1983.

GOULEMOT, Jean-Marie. Bibliotecas, enciclopedismo e angústias da perda: a exaustividade ambígua das Luzes. In: BARATIN, Marc; JACOB, Christian. *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. Tradução Marcela Mortara. 3. ed. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008. p.257-270.

GRINGS, Luciana. *O leigo e a especialista: memórias da administração da Biblioteca Nacional nas décadas de 1960 e 1970*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2019.

JACOB, Christian. Prefácio. In: Baratin, Marc; JACOB, Christian (orgs.). *O poder das bibliotecas: a memória dos livros no Ocidente*. 3. ed. Tradução de Marcela Mortara. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2008. p.9-17.

JENKINS, Keith. *A história repensada*. 4.ed. São Paulo: Editora contexto. 2017.

KERGOAT, Danièle. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: HIRATA, Helena [et al.]. (orgs.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2009, p. 67- 75.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação: episódios de racismo no cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó. 2019.

LAURETIS, Teresa de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

LE MOS, Antônio Agenor Briquet de. *De bibliotecas e biblioteconomias: percursos*. Brasília: Brinquet de Lemos. 2015.

LOMBARDI, Maria Rosa; GONZALEZ, Débora de Fina. Engenharia e gênero: As mutações do último decênio no Brasil. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva. [et al.]. (orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França*. São Paulo: Boitempo, 2016, p. 171- 180.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2000, p.443-481.

LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista*. 16. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: editora Vozes, 2014.

LUCA, Tania Regina de. *Práticas de pesquisa em história*. São Paulo: Contexto, 2020.

LYON, Martin. Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças, operários. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger (org.). *História da leitura no mundo ocidental*. vol.2. São Paulo: Ática. 2002. p.165-202.

LYONS, Martin. *Livros: uma história viva*. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

FEDERAÇÃO Nacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. *Diretrizes da IFLA/UNESCO para biblioteca escolar*. Tradução de Neusa Dias Macedo, Helena Gomes de Oliveira. São Paulo: IFLA, 2000. Disponível em: . Acesso em: 06 mar. 2022.

FEDERAÇÃO Nacional de Associações de Bibliotecários e Instituições. *Diretrizes da IFLA para bibliotecas públicas*. Tradução de Antônio Agenor Briquet de Lemos. Brasília: Briquet de Lemos, 2010.

FLORES, Michelle. *Gestão por Competência: análise de modelos e aplicações em Bibliotecas Universitárias Federais*. 2021. 224f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Universidade Federal de São Carlos. São Paulo, 2021. Disponível em: < <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/14678> >. Acesso em: 01 fev. 2022.

FERREIRA, Liliane Juvência Azevedo. *O lugar do livro e do leitor: História do Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal de Goiás*. 2010. Monografia (Especialização em História Cultural) – Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/88/o/Monografia_completa_Liliane.pdf>. Acesso em: 30 de jun. 2021.

FERREIRA, Maria Mary. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. *Transinformação*, Campinas, v. 15, n. 2, p. 189-201, ago. 2003. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/tinf/a/b8fgrXCGZw83LwtjrL3LbcG/?lang=pt>>. Acesso em 2 jun. 2021.

FERREIRA, Maria Mary. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da (o) bibliotecária(o). *Biblionline*. João Pessoa, n.esp., p.159-167, 2010.

FERREIRA, Maria Mary. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. *Convergência em Ciência da Informação*. v.2, n.3, p. 299-322, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://seer.ufs.br/index.php/conci/article/view/13713>>. Acesso em 12. dez. 2022.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do tempo presente: desafios. *Cultura Vozes*, Petrópolis, v.94, nº 3, p.111-124, maio/jun., 2000.

FONSECA, Edson Nery da. *Roteiro para organização de bibliotecas universitárias*. Brasília, DF: Gráfica piloto da UnB. 1967.

FONSECA, Edson Nery da. *A biblioteconomia brasileira no contexto mundial*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1992.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro. 2006.

HIRATA, Helena. Globalização e divisão sexual do trabalho. *Cadernos Pagu*, Campinas: SP. v.17 n.18, p. 139-156, 2016. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8644558>> . Acesso em: 4 abr. 2023.

KARAWCZYK, Mônica. Nísia Floresta e a questão da emancipação feminina pelo viés educacional. *MÉTIS: história & cultura*, Caxias do Sul-RS – v. 9, n. 18, p. 113-126, jul./dez. 2010.

KARAWCZYK, Mônica. *Lutz, Bertha*. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio. (orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. 2.ed. Dourados,MS: Ed. FGD, 2019. p.466-469.

MACÊDO, Goiacira Nascimento Segurado. A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional. Goiânia, GO. 2003, 161f. Dissertação (Mestra em Psicologia Social) - Universidade Católica de Goiás, 2003. Disponível em: <TEDE: A construção da relação de gênero no discurso de homens e mulheres, dentro do contexto organizacional (pucgoias.edu.br)>. Acesso em: 06 jan. 2023.

MACHADO, Marietta Telles Machado. *A biblioteca e o bibliotecário*. Goiânia, Imprensa da Universidade Federal de Goiás. 1975.

MAIA, Cláudia. *Maria Lacerda de Moura*. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio. (orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. 2.ed. Dourados,MS: Ed. FGD, 2019. p.476-480.

MAIA, D. F. *As "mulheres de azul" da Academia Feminina de Letras e Artes de Goiás: trajetórias, (res) existências e estratégias de intelectuais e artistas goianas (1969-1993)*. 2021. 340 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2021. Disponível em: <

<https://repositorio.bc.ufg.br/tede/bitstream/tede/11163/3/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20-%20D%C3%A9bora%20de%20Faria%20Maia%20-%202021.pdf>. Acesso em: 13 out. 2021.

MARTUCCI, Elisabeth Márcia. A feminização e a profissão do magistério e da biblioteconomia uma aproximação. *Perspectivas em Ciência da Informação*, Belo Horizonte, v.1, n.2, p.225- 244, jul./dez.1996.

MARUANI, Margaret; MERON, Monique. Como contar o trabalho das mulheres? França, 1901-2011. In: ABREU, Alice Rangel de Paiva; HIRATA, Helena; LOMBARDI, Maria Rosa (orgs.). *Gênero e trabalho no Brasil e na França: perspectivas interseccionais*. São Paulo: Boitempo. 2016. p.59-69.

MATOS, Maria Izilda S. de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda S. de.; SOIHET, Raquel (orgs.). *O corpo feminino em debate*. São Paulo: Unesp. 2003. p. 107-127.

MATOS, Maria Izilda S. de. *Por uma história do sorriso: institucionalização, ações e representações*. São Paulo: Hucitec, 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola. 1996.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; SEAWRIGHT, Leandro. *Memórias e Narrativas: história oral aplicada*. São Paulo: Contexto. 2021.

SILVA, Rose. M. *Comunicação, cultura e biblioteca: uma reflexão sobre o modelo de comunicação do Sistema de Bibliotecas da UFG*. 2015. 312 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2015. Disponível em: < <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/4719> >. Acesso em: 05 jan. 2021.

MERCADO DE TRABALHO. *Bibliotecários em Ação*, 2010. Disponível em: < http://bibliotecariosemacao.eu5.org/mercado_trabalho.html >. Acesso em: 19 de jan. 2023.

MILANESI, Luís. *A casa da invenção: biblioteca centro de cultura*. 4. ed. São Paulo: Ateliê editorial. 2003.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e

violência. *Ciências & Saúde Coletiva*, v. 1, n. 10, p. 18-34, 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232005000100005>. Acesso em: 24 jun. 2021.

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. *O que é o REUNI*. 2010. Disponível em: <Reuni - Reestruturação e Expansão das Universidades Federais - REUNI (mec.gov.br)>. Acesso em: 02 abr. 2023.

MUELLER, Suzana Pinheiro Machado. Apresentação. In: BORGES, Maria Alice Guimarães; BRITO, Marcilio de. (org.). *Criação da Faculdade de Biblioteconomia da UnB: 1962-1967*. Brasília: UnB/UFI, 2013. p.11-13.

MULIN, Rosely Bianconcini. *Cultura e bibliotecas em São Paulo: o pioneirismo de Adelpha Figueiredo*. 2011. 84 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://tede.mackenzie.br/jspui/handle/tede/1839>>. Acesso em: 8 jun. 2021.

NASCIMENTO, Alcileide Cabral de. Relações de Gênero. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (org.). *Dicionário crítico de gênero*. Dourados, MS: Ed.UFGD, 2. ed. 2019, p.630-633.

NUNES, M. S. C.; CARVALHO, K. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. *Perspectiva em Ciência da Informação*, v. 21, n.1, p.173-193, jan./mar 2016. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/2572>>. Acesso em: 03 fev. 2022.

ODDONE, Nanci Elizabeth. *Ciência da Informação em perspectiva histórica: Lydia de Queiroz Sambaquy e o aporte da Documentação (Brasil, 1930-1970)*. 2004. 161 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2004. Disponível em: <<http://ridi.ibict.br/handle/123456789/691>>. Acesso em: 14 abr. 2023.

ODDONE, Nanci Elizabeth. O IBBD e a informação científica: uma perspectiva histórica para a ciência da informação no Brasil. *Ciência da Informação*, v. 35, n. 1, p. 45-56, jan. 2006.

OLIVEIRA, Orestina Mariana Lopes Siqueira; et al. Biblioteconomia e Empregabilidade no Contexto de Rondonópolis, Mato Grosso. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTAÇÃO E CIÊNCIA DA

INFORÇÃO. 25., 2013. Florianópolis-SC. *Anais Eletrônicos [...]*. Florianópolis: FEBAB, 2013. Disponível em: <<https://portal.febab.org.br/anais/article/view/1504>>. Acesso em: 7 de jun. 2021.

PEDRO, Joana Maria. *As mulheres e a separação das esferas*. Diálogos, Maringá-PR, v.4, n.4, p.33-39, 2000.

PEDRO, Joana Maria. *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica*. História. São Paulo, v. 24, n. 1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. Escrever uma história das mulheres: relato de uma experiência. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 4, p. 9–28, 2008. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1733>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

PERROT, Michelle. Figuras e papéis. In: PERROT, Michelle. (org.). *História da vida privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. v. 4. São Paulo: Companhia das Letras. 1991. p.121-186.

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: Unesp, 1998.

PERROT, Michelle. *As mulheres ou os silêncios da história*. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. 2. ed. São Paulo: Editora Contexto. 2013.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História e História Cultural*. Editora Autêntica, Belo Horizonte. 2003.

PINHEIRO, Ana Virginia; CATALDO, Fabiano; GUERRERO, Laura Klemz. (Orgs.). 100 anos de instalação da Escola de Biblioteconomia no Brasil: 1915-2015: da Biblioteca Nacional à Universidade Federal do Rio de Janeiro (UNIRIO). *Chronos*, Rio de Janeiro, v.1, n.10, 2015.

PINHEIRO, Jorge Corrêa Williams. A lei 4.084 de junho de 1962, o Sistema CFB/CRB e as Escolas de Biblioteconomia: uma integração histórica e necessária ao longo de 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil. In: CÔRTE,

Adelaide Ramos et al. *Bibliotecários 50 anos de regulamentação da profissão no Brasil: 1965*. Brasília: Conselho Federal de Biblioteconomia, 2015. p. 191-201.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso. *Relações de gênero e a profissão bibliotecária na contemporaneidade: panorama nacional e os motivos da entrada masculina em curso majoritariamente feminino*. 2016. Dissertação - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Escola de Ciência da Informação da Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUBD-AE6MYV>>. Acesso em: 22 de jan. 2022.

PIRES, Hugo Avelar Cardoso; DUMONT, Lígia Maria Moreira. Relações de gênero e a profissão bibliotecária no Brasil. *Cadernos BAD*, 2016, n. 1, jan-jun, p.157-171.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto. 2014.

PROJETO PEDAGOGICO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM BIBLIOTECONOMIA. Rondonópolis: UFMT.2007. Disponível em: <(Microsoft Word - PPC 2007 BIBLIOTECONOMIA vers\343o 15 08 2018 Alexandre) (ufr.edu.br)>. Acesso em: 23. out. 2022.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro. 1989, v.2, p.3-15.

PORTELLI, Alessandro. *Ensaio de história oral*. São Paulo: Letra e Voz, 2001.

PORTELLI, Alessandro. *História oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

POSSAS, Lídia Maria Vianna. Sobrevivências e violências de gênero no espaço: avanços, ambiguidades e perspectivas. *Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília*, Marília, SP, v.3, n.1, p. 97-106, jan/jun, 2017. Disponível em: <<https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/RIPPMAR/article/view/7392>>. Acesso em: 9 ja. 2022.

PUGA, Vera Lúcia. Trabalho feminino/ profissões femininas. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antônio (orgs.). *Dicionário crítico de gênero*. 2. ed. Dourados,MS: UFGD. 2019. p.708- 712.

RAGO, Margareth. Descobrimos historicamente o gênero. *Cadernos Pagu*. Campinas, SP, n. 11, p. 89- 98, 1998. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8634465> >. Acesso em: 2 jun. 2021.

RAGO, Margareth. Feminizar é preciso: por uma cultura filógina. *São Paulo Em Perspectiva*, v.15, n.3. p. 53-66, jul. 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-88392001000300009>. Acesso em: 10. jan. 2023.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary, BASSANEZI, Carla (orgs.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2009. p.578-606.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e história. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. (org.). *Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019, p. 371-387.

RIBEIRO, Darcy (org.). *Universidade de Brasília: projeto de organização, pronunciamento de educadores e cientistas e Lei n. 3.998 de dezembro de 1961*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2012. p.158. Edição especial comemorativa Editora Universidade de Brasília 50 anos.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

RODRIGUES, Adelpha Silva. *Desenvolvimento da Biblioteconomia em São Paulo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional. 1945.

ROVAI, Marta Gouveia de Oliveira. *Osasco 1968: A greve no feminino e no masculino*. 2012. 592f. Tese (doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: < <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-10012013-175034/pt-br.php> >. Acesso em: 18 out. 2021.

RUSSO, Laura Garcia Moreno. *A Biblioteconomia Brasileira: 1915-1965*. Rio de Janeiro: INL, 1966, p.357.

SAVENHAGO, Igor; SOUZA, Waumir. Estereótipos. In: COLLING, Ana Maria; TEDESCHI, Losandro Antonio (Orgs.). *Dicionário Crítico de Gênero*. 2. ed. Dourados, MS: editora UFGD, 2019. p. 226-231.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras. 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; STARLING, Heloisa Murgel. *Brasil: uma biografia*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, n. 2, v. 20, jul./dez. 1995. Disponível em: <<https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>>. Acesso em: 2 jun. 2021.

SCOTT Joan. Os usos e abusos do gênero. *Projeto História*. Trad. Ana Carolina E. C. Soares. São Paulo, n.45, p.327-351, dez.2012.

SCOTT, Joan. Gênero uma categoria útil de análise histórica. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). *Pensamento Feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 49-80.

SILVA, Andréia Sousa da; BURIN, Camila Koerich. A importância do letramento político: analisando o protagonismo das bibliotecárias à frente das entidades de classe. In: SILVA, Franciele Carneiro Garçes da; ROMERO, Nathalia Lima (Orgs.). *O protagonismo da mulher na Biblioteconomia e Ciência da Informação*. Florianópolis: ACB, 2018. p. 215- 248.

SILVA, Franciele Carneiro Garçes da. *Representações sociais acerca das culturas africana e afro-brasileira na educação em Biblioteconomia no Brasil*. 2019. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, Rio de Janeiro, 2019. p. 521. Disponível em: <https://ridi.ibict.br/bitstream/123456789/1047/1/GARCES_Franciele_Versao%20%20%20Final_novembro_2019.pdf> . Acesso em: 21 out. 2020.

SILVA, Luiz Sergio Duarte da. *A construção de Brasília: modernidade e periferia*. 3. ed. Goiânia: Editora UFG. 2017.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. Pedagogia dos sentimentos, literatura e história: por um ambiente social plural. In: SENA, André (org.). *Relações Internacionais em um mundo pós- pandemia: permanências e discontinuidades*. Porto, Portugal: Editora Cravo, 2021. p.33- 50.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Receitas de (In) felicidade e pedagogias dos sentimentos: lições de comportamento no Brasil do início do século XX*. Goiânia, GO: Cegraf UFG, 2022.

SOUSA, Beatriz Alves de. *O gênero na Biblioteconomia: percepção de bibliotecárias/os*. 2014. 270f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129392>>. Acesso em: 18 out. 2021.

SOUZA, Francisco das Chagas de. *O ensino da Biblioteconomia no contexto brasileiro*. Florianópolis: Editora da UFSC. 1990.

SOUTO, Leonardo Fernandes. Biblioteconomia em reflexão: cenários, práticas e perspectivas. In: *O profissional da informação em tempos de mudanças*. Campinas, SP: Editora Alínea. 2005.p. 29- 53.

SUAIDEN, Emir José; LEITE, Cecilia. *Cultura da informação: os valores na construção do conhecimento*. Curitiba: CRV. 2016.

TEDESCHI, Losandro Antônio. O uso da categoria gênero na história das mulheres camponesas no Brasil: uma ferramenta necessária. *Anuário de Hojas de Warmi*. n.15, 2010. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/158971-exto%20del%20art%C3%ADculo-587081-2-10-20130322.pdf>. Acesso em 23 ago. 2020.

TEDESCHI, Losandro Antônio. *Alguns apontamentos sobre história oral, gênero e história das mulheres*. Dourados, MS: UFGD, 2014.

TELES, Maria Amélia de Almeida. *Breve história do feminismo no Brasil e outros ensaios*. São Paulo: Editora Alameda, 2017.

TILLY, Louise. A. Gênero, história das mulheres e história social. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 3, p. 28–62, 2007. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1722>>. Acesso em: 18 jan. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *Resolução* n°. 135/1979. Cria o Curso de Biblioteconomia na Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 1979. Disponível em:<

https://sistemas.ufg.br/consultas_publicas/resolucoes/arquivos/Resolucao_CEP_EC_1979_0135.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS. *HISTÓRIA*. Goiás:UFG, 2010. Disponível em: <https://www.ufg.br/p/6405-historia>. Acesso em: 30 jun. 2021.

VALERIANO, Valéria Bezerra. *A biblioteca universitária como instrumento para a formação acadêmica*: significados dos profissionais da biblioteca regional da UFMT/ Campus Rondonópolis. 2018. Dissertação- Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. 2018. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Desktop/disserta%C3%A7%C3%A3o%20valeriano.pdf>. Acesso em: 15 jul. 2021.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles. *Bibliotecários do Brasil: representações da profissão*. 2008. 345f. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação- Universidade de Brasília. Brasília, 2008. Disponível em:< <https://repositorio.unb.br/handle/10482/5288>>. Acesso em: 18 out. 2021.

WALTER, Maria Tereza Machado Teles; BAPTISTA, Sofia Galvão. A força dos estereótipos na construção da imagem profissional dos bibliotecários. *Informação & Sociedade: Estudos*. n. 3. v. 17, p. 27-38. set./dez. 2007.

XAVIER, Ana Laura Silva. *A Presença do feminino na Biblioteconomia Brasileira: aspectos históricos*. 2020. 143 f. Dissertação (Mestrado)- Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Faculdade de Filosofia e Ciências de Marília, da Universidade Estadual Paulista, Marília, São Paulo, 2020. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/193372>>. Acesso em 5 jun. 2020.

YANNOULAS,Silvia. Feminização ou feminilização? Apontamentos em torno de uma categoria. *Temporalis*, n.22, p.271-292, jul./dez.2011.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos*: cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris, 2008.

ZANELLO, Valeska. *A prateleira do amor*: sobre mulheres, homens e relações. Curitiba: Appris, 2022.

ANEXO

ANEXO A- Parecer consubstanciado do Comitê de Ética em pesquisa da UFG



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Um olhar sob a perspectiva de gênero na biblioteconomia: Região Centro-Oeste (1962-2018)

Pesquisador: ESDRA BASILIO

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 36967020.0.0000.5083

Instituição Proponente: Faculdade de História

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.428.421

Apresentação do Projeto:

Título da Pesquisa: Um olhar sob a perspectiva de gênero na biblioteconomia: Região Centro-Oeste (1962-2018). **Pesquisador Responsável:** ESDRA BASILIO. **Membro da equipe de pesquisa:** Ana Carolina Eiras Coelho Soares.

Esta pesquisa pretende problematizar a feminização da biblioteconomia, sob a perspectiva de gênero, analisando essa tendência a partir das instituições de ensino superior públicas do Centro-Oeste: Universidade Federal de Goiás (UFG), Universidade de Brasília (UNB), Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), no período de 1962 a 2018. Com o pressuposto de que há interferências de gênero na profissão, a relação entre bibliotecários e bibliotecárias é estabelecida pelo paradigma de um poder simbólico, pois nas bibliotecas em que há bibliotecários, mesmo sendo minoria no quadro de funcionários, geralmente eles exercem cargos de coordenadores, diretores, com uma nítida divisão do trabalho. A dominação simbólica acontece pelo consentimento mesmo que de forma inconsciente das bibliotecárias. Desse modo, pretende-se averiguar se existe uma divisão de gênero no trabalho da Biblioteconomia, com atividades mais apropriadas para mulheres e outras mais direcionadas para os homens, sendo as atividades indicadas para os homens de maior prestígio social.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2

Bairro: Campus Samambaia, UFG

CEP: 74.690-970

UF: GO

Município: GOIANIA

Telefone: (62)3521-1215

E-mail: cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.428.421

Investigar os cursos de biblioteconomia nas instituições (UFG), (UNB) e (UFMT) entre os anos de 1962 a 2018, com o objetivo de compreender como se estabelece as relações de gênero na profissão de bibliotecária.

Objetivos Secundários:

- Verificar as interferências de gênero no exercício da profissão biblioteconomia;
- Investigar as mudanças no mercado de trabalho e analisar se tais mudanças possuem alguma relação com o aumento do número de homens na profissão;
- Examinar se existem atividades consideradas especificamente femininas ou masculinas na Biblioteconomia, com relação à ocupação de melhores posições na carreira;
- Investigar se há diferenças regionais e locais relacionadas às questões de gênero na profissão.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos

A pesquisadora não indica nenhum risco em sua pesquisa. Entretanto, mesmo que seu instrumento de coleta de dados seja estritamente em torno de questões profissionais, é preciso levar em conta ao menos um certo risco de constrangimento.

Benefícios

Com esta pesquisa será traçado o perfil da bibliotecária a partir da análise das três instituições de ensino superior (UFG, UNB e UFMT). A partir dele, será possível se pensar no gênero como categoria relevante na Biblioteconomia, uma vez que esta profissão é exercida predominantemente por mulheres.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A presente pesquisa está elaborada como etapa final do doutorado em história na Faculdade de História UFG, tendo seus pressupostos estabelecidos nas entrevistas semiestruturadas a serem feitas com 6 bibliotecárias participantes, atuantes como profissionais na UFG, UNB e UFMT. Seu objetivo é claro em analisar se há na prática desses profissionais a divisão de gênero, com possível favorecimento do universo trabalhista masculino.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

A pesquisadora apresenta a Folha de Rosto assinada devidamente pelo diretor da Faculdade de História da UFG e pela pesquisadora. Apresenta também as Informações Básicas, com a indicação de participação de 6 bibliotecárias a serem entrevistadas por instrumento de coleta de dados previamente elaborado. Em seu protocolo de pesquisa também está anexado o TCLE, com o critério de exclusão de participantes somente acima de 18 anos, bem como com as devidas

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



UFG - UNIVERSIDADE
FEDERAL DE GOIÁS



Continuação do Parecer: 4.428.421

garantias de renúncia à participação na pesquisa a qualquer momento. Garante também a autorização do participante de uso de voz e imagem no produto final da pesquisa, bem como a utilização dos dados coletados em futuras pesquisas. A pesquisadora apresenta também as questões de sua entrevista semiestruturada.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a pesquisadora encaminhar as questões referentes à sua entrevista semiestruturada, considera-se este protocolo aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa/CEP-UFG considera o presente protocolo APROVADO, o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes. Reiteramos a importância deste Parecer Consubstanciado, e lembramos que o(a) pesquisador(a) responsável deverá encaminhar ao CEPUG o Relatório Final baseado na conclusão do estudo e na incidência de publicações decorrentes deste, de acordo com o disposto na Resolução CNS n. 466/12 e Resolução CNS n. 510/16. O prazo para entrega do Relatório é de até 30 dias após o encerramento da pesquisa, previsto para março de 2024.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICAS_DO_PROJETO_1615519.pdf	05/11/2020 15:21:29		Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_UFG.pdf	05/11/2020 15:20:11	ESDRA BASILIO	Aceito
Outros	Termo_de_Anuencia_UFR.pdf	05/11/2020 15:16:54	ESDRA BASILIO	Aceito
Outros	Termo_de_anuencia_unb.pdf	05/11/2020 15:15:57	ESDRA BASILIO	Aceito
Outros	Carta_de_encaminhamento.docx	05/11/2020 15:10:02	ESDRA BASILIO	Aceito
Outros	Instrumento_de_coleta_de_dados.docx	05/11/2020 15:08:36	ESDRA BASILIO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_detalhado.docx	20/08/2020 16:49:18	ESDRA BASILIO	Aceito
Cronograma	cronograma_da_pesquisa.docx	20/08/2020 16:45:51	ESDRA BASILIO	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento /	termo_de_consentimento_e_livre_esclarecimento.docx	20/08/2020 16:43:41	ESDRA BASILIO	Aceito

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br



Continuação do Parecer: 4.428.421

Justificativa de Ausência	termo_de_consentimento_e_livre_esclarecimento.docx	20/08/2020 16:43:41	ESDRA BASILIO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Esdra.pdf	20/08/2020 16:40:39	ESDRA BASILIO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

GOIANIA, 30 de Novembro de 2020

Assinado por:
João Batista de Souza
(Coordenador(a))

Endereço: Pró-Reitoria de Pesquisa e Inovação - Agência UFG de Inovação, Alameda Flamboyant, Qd. K, Edifício K2
Bairro: Campus Samambaia, UFG **CEP:** 74.690-970
UF: GO **Município:** GOIANIA
Telefone: (62)3521-1215 **E-mail:** cep.prpi@ufg.br

APÊNDICES

APÊNDICE A

Transcrição das entrevistas

1ª Entrevista: 14/03/2021

Entrevistada: Bibliotecária da Universidade Federal de Rondonópolis, entrevista realizada em ambiente virtual no dia 14 de março de 2021, com a duração de 40 minutos. Nome fictício Elisa.

Identificação da pesquisada

- 1) Sexo (X) feminino () masculino.
- 2) Formação acadêmica () graduação () especialização (X) mestrado () doutorado.
- 3) Faixa etária () até 30 anos (X) de 30 a 45 anos () mais de 45 anos.
- 4) Qual a cor você se declara () branca () preta (X) parda () amarelo ou indígena.
- 5) Qual o seu estado civil () solteira (X) união estável () casada.
- 6) Possui filhos/as? (X) não () sim () número de filhos/as.

E.B.— Por que você escolheu a profissão de biblioteconomia?

R.V.— Na época, quando fiz o vestibular era no ano de 2003, eu tinha terminado o ensino médio já fazia um ano, porque no primeiro vestibular eu tinha escolhido o curso de biologia, por conta das poucas opções que tinha aqui na cidade, eu já morava aqui mesmo, eu sou pernambucana, mas moro aqui desde os sete anos, então como tinha pouca opção aqui na Universidade Federal e nas faculdades particulares, até então, não tinha tantas bolsas, a possibilidade de financiamento não havia, e não era fácil, também, pagar uma faculdade, né. Então, entre as opções que tinham e como eu já havia tentado um ano e não havia conseguido, no curso de biologia a concorrência era muito maior, e eu também tinha a preferência por um curso noturno, porque eu já trabalhava durante o dia. Então, eu escolhi a biblioteconomia mesmo, assim um pouco por afinidade com algumas áreas, as disciplinas que eu andei pesquisando na época e pelo mercado de trabalho, que eu vi que tinha muitos concursos, eu sempre fui muito incutida com concurso público, porque minha mãe já era professora, então

eu tinha na mente que eu queria também ser servidora pública. Na época, eu trabalhava em um escritório, mas eu via que, assim, não tinha pra onde eu ir se eu ficasse naquilo, eu precisava estudar mesmo, fazer alguma coisa, então eu escolhi a biblioteconomia por esse campo de concurso e também porque eu vi que as disciplinas tinham coisas que eu me interessava apesar de que depois eu vi que era tudo muito diferente né, as técnicas. Antes ninguém me falou como era, mas, assim, depois que eu ingressei no curso, aí eu passei a gostar do curso mesmo, até as pessoas sempre ficavam naquela: 'há você faz biblio o quê?' Aquelas perguntas, 'vai fazer o quê?' Tinha um colega que brincava e falava que era biblio-triconomia de fazer tricô, e eu só dava risada né [riso] achava engraçado, mas eu nunca liguei eu só pensava assim: 'vamos ver daqui uns anos né', onde é que gente vai estar. Então, foi assim, a escolha foi assim um pouco por afinidade e um pouco sem ter muita noção do que seria, para falar a verdade.

E.B. – Certo

E.B. – Teoricamente o baixo prestígio da profissão de biblioteconomia tem sido atribuído à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

R. V. – Olha, como é que eu vou te dizer, eu não sei assim exatamente, mas aqui como tem o curso, e eu tenho bastante contato com os alunos, eu já vejo que mescla bastante. Já tem muitos meninos também fazendo o curso, mas primeiro eu penso que pode ter tido esse público maior de mulheres por ser talvez de baixa concorrência antes. Talvez as mulheres ainda não tivessem tido a oportunidade de estudar, eu vejo muito aqui na prática, pessoas que já têm família que não estudaram e agora quiseram fazer um curso superior, e aí junta que o curso não tem mesmo uma exigência de nota muito grande. Eu acho que talvez tenha esse público por conta disso, não sei, mas talvez tenha mais mulheres, mas, hoje em dia, eu penso que já mescla mais. Por exemplo, na época em que eu entrei no curso, na época em que eu entrei na minha turma de trinta alunos, acho que tinha cinco meninos, mas no final acho que dois desistiram e então formaram três; então, vinte e sete mulheres na turma; realmente, mulher era o público maior, mas eu não sei dizer assim o porquê

mesmo, porque a profissão em si não atrai muito. Às vezes, as pessoas não sabem em quais campos de trabalho podem atuar, e talvez o homem vise mais uma profissão que ganhe dinheiro logo; não sei se é a visão do homem quando vai escolher uma profissão né, eu acho que mulher de repente pensa mais na qualidade de vida, como vai conciliar o emprego com a vida né, não sei pode ser algo assim [risos].

E.B. – Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento da profissão? Se sim, quais mudanças?

R.V. – Olha, como eu estou no serviço público, assim como você, eu não consigo enxergar muita mudança por eu estar muito presa aqui, e aqui na minha cidade não tem muitas empresas, assim, instituições privadas que contratam bibliotecários. Então, eu realmente não sei dizer como está lá fora, mas aqui dentro da Universidade eu penso que existe uma variedade de opiniões acerca do bibliotecário ou da bibliotecária que seja, tem uns que acham que biblioteca, já me disseram isso*, que os bibliotecários são dispensáveis, totalmente dispensáveis, é aí eu te digo que tem pessoas que já gostam de falar com o bibliotecário, que gostam de pedir auxílio para o bibliotecário e gostam também da biblioteca e do quê a biblioteca fornece. Então, eu realmente fico dividida eu não sei dizer qual é a opinião geral das pessoas, porque eu vejo as duas coisas aqui dentro*.

*A entrevistada acompanhou essa expressão, com o gesto de colocar a mão direita no coração, indicando ênfase.

*A entrevistada se refere ao seu local de trabalho, ou seja, a Universidade Federal de Rondonópolis.

E.B.–Ultimamente percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

R. V. – Eu vinculo a essas oportunidades de emprego mesmo na área pública, digo isso também por conta dos alunos que estudaram aqui, pessoas que vêm de fora, porque depois do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o curso atraiu. O Alexandre* vai poder te falar bem melhor do que eu, atraíram mais

alunos de outras cidades. Então, antigamente, no curso de Biblioteconomia, eram só as pessoas que moravam em Rondonópolis e nas imediações daqui, cidades que são bem próximas onde a prefeitura disponibiliza o ônibus que trazem os alunos, mas depois do Enem houve essa ampliação de pessoas, então já vieram pessoas de São Paulo, Brasília de outros lugares de longe, para fazer biblioteconomia, e a gente pensa assim: nossa! veio fazer biblioteconomia [riso], a gente mesmo admira, mas é porque as pessoas já estão com essa visão de passar em concurso, ou, às vezes, na própria cidade de origem do estudante é carente de bibliotecários. Então, a pessoa já tem em mente que ela não vai ficar aqui mesmo, ela veio só estudar que é diferente de quem é daqui e faz o curso, e a pessoa não tem essa opção de ir embora, ou ela não quer ir embora. Então, muita gente se forma. Outro dia, um amigo me perguntou assim: ‘Renata, pessoas que fazem biblioteconomia trabalham onde aqui?’ [risos]. Aí eu falei assim: olha, eu não sei, porque aqui em Rondonópolis não tem campo mesmo, então o serviço público já está esgotado, a prefeitura não abre vagas que seriam para as bibliotecas escolares. Então, assim, realmente, se a pessoa não tem a opção ou não tem vontade de ir embora para outro lugar, fazer a vida, fazer a carreira, ela só fica com o diploma mesmo e trabalha em qualquer outra coisa, então eu vi essa entrada de homens no curso, por conta das oportunidades de trabalho, ou visando concurso ou mesmo pensando em trabalhar em grandes centros que devem ter muito mais vagas em outras áreas ou faculdades particulares.

*Alexandre Gusmão é o coordenador com curso de graduação em Biblioteconomia da Universidade Federal de Rondonópolis.

E.B– Você acha que ultimamente o mercado tem favorecido mais os bibliotecários em detrimento das bibliotecárias?

R.V.– Então, como é mercado de trabalho, eu não posso dizer com propriedade, mas eu acredito que não há distinção. Eu penso que aí fora não deve ter esse preconceito assim em relação as mulheres ou homens. Acho que tem que ser visto mesmo é o currículo da pessoa, do profissional.

E.B.– Em sua opinião, quem melhor desenvolve as diversas atividades da biblioteconomia o homem ou a mulher?

R.V.– [risos] Eu acho que é indiferente, porque eu já trabalhei com homens, aqui em Rondonópolis não tem bibliotecários homens, aqui na biblioteca são três mulheres, mas eu já trabalhei com homens bibliotecários em Cuiabá; foi até quando eu fiz o concurso. Eu fui para Cuiabá primeiro, então eu trabalhei com muitos homens lá, e eu achei, assim, aprendi muito com eles, então eu não sei dizer, depende da área. Eu acho que tem gente que se identifica mais, por exemplo, com a parte técnica, catalogação, essas coisas, tem gente que se identifica mais com a parte de atendimento ao usuário, serviço de referência e tal. Então, eu acho que também é indiferente; vai mesmo do perfil profissional de cada um, não do sexo, acho que independe.

E.B.– O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Por exemplo, uma promoção a um cargo de confiança?

R.V.– Então, essa parte de promoção eu vejo que independe de sexo, vai depender muito do perfil da pessoa para fazer essa parte administrativa, que é o que mais acaba a gente tendo que fazer, e do relacionamento interpessoal com os demais setores da instituição. Eu digo isso por experiência própria, pelo que eu tenho visto aqui, eu estou há três anos nessa função*; esse ano eu faço treze anos em outubro*. Eu me formei e já entrei em seguida, assim já passei por várias chefias, tanto em Cuiabá, como aqui mesmo, então eu vejo que essas promoções não estão vinculadas a competências, às vezes, como bibliotecária, está mais ligada a essa outra parte, essa parte de gestão administrativa, relacionamento com as pessoas, porque você acaba tendo que articular bem com as pessoas, e acaba que você pode ser substituído se você não se comunicar bem, penso assim a partir da minha realidade.

*A entrevistada se refere à função de coordenadora da biblioteca.

*A entrevistada se refere ao tempo que é servidora pública.

E.B. – Quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de biblioteconomia?

R.V. - Olha, eu sinceramente não consigo, assim, discriminar nem dificuldade e nem facilidade. Eu acho que tudo vai mesmo do relacionamento entre as pessoas, o respeito profissional, porque, às vezes, como mulher, eu posso de repente fazer alguma coisa errada, sem saber, na ignorância em relação ao trabalho, e um colega homem ou mulher vir me alertar, me auxiliar. E eu não posso levar para o lado pessoal, então, assim, eu não consigo discriminar nem uma facilidade e nem uma dificuldade, eu acho que independe, eu acho que tem que ter respeito mesmo na profissão. Como até hoje ainda não ocorreu a desvinculação do nosso sistema de Cuiabá, da Universidade Federal de Mato Grosso, ela é nossa tutora, então ainda estamos vinculados em algumas partes, ainda temos contato com os bibliotecários de lá, ainda estamos dividindo as bases de bibliotecas digitais. Então, assim, a gente ainda tem contato, pois estamos trabalhando juntos e lá, por exemplo, essa parte quem cuida é um bibliotecário homem, mas nunca houve nenhum desrespeito entre as partes, então eu acho que isso daí independe, eu acho que é mesmo o respeito profissional que tem que haver em qualquer circunstância.

E.B.— Você considera que as bibliotecárias e bibliotecários possuem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?

R.V.— Eu acredito que sim, acredito que sim.

E.B. – Você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda, presente na biblioteconomia. Por quê?

R.V. – Então, eu acho que pode ser que mude, mas assim não por ser mulher, eu não sei é que cada um tem uma realidade né? Então, eu não acho que na biblioteconomia o estereótipo é só mulher, aquela pessoa chata que não deixa você fazer barulho. Então, existem vários estereótipos, não é só esse da mulher, mas o fato de entrar homens; sim, eu acredito que também deve mudar isso, não só o fato de ser homem ou ser mulher, mas o fato de as pessoas serem diferentes e cada um ser realmente quem é na profissão. Não precisa ter essa capa que na biblioteca não pode fazer barulho ou que a bibliotecária não está acessível para ninguém, que eu não posso atender ninguém, por estar sempre ocupada. Então, eu acho que todos esses estereótipos têm que ser mudados;

tem que cair isso. Na verdade, não deve ter estereótipos na profissão. Para que isso mude, não sei se na graduação, eu não sei de onde vai partir essa mudança, mas, hoje em dia, eu já percebo que, pelo menos, aqui na minha realidade, nós tentamos mudar isso aí. Por exemplo, algum chega e pede para falar com a Renata sem saber que sou eu, aí a pessoa se espanta porque eu não era a pessoa que ela ou ele tinha em mente, você sempre cria uma imagem da bibliotecária. Então, às vezes, um aluno perde um livro e vem na biblioteca achando que você vai ser grossa, vai tratar mal, e a pessoa se surpreende. Eu acho que é isso que a gente tem que mudar mesmo para que ninguém tenha medo da biblioteca e do bibliotecário, e nem ver a gente como alguém que não pode nunca contar, que não ajuda, por exemplo.

E.B.– Prefere trabalhar com pessoas com qual dos sexos?

R.V.- Olha, essa parte eu posso ser um pouco preconceituosa [risos], mas eu gosto de trabalhar bastante com homens. Aqui na biblioteca tem dois funcionários homens, não são bibliotecários, são assistentes em administração, mas eu gosto de trabalhar mais com homens, mas não sei como seria trabalhar apenas com homens, mas eu gosto dessa mesclagem justamente por conta do perfil do homem. Mulher, às vezes, você fala certa coisa de trabalho, e ela leva para o lado pessoal; é, eu acho que o homem não tem esse tipo de atitude, o homem já é mais centrado naquilo mesmo, no trabalho que você falou, tem que ser daquele jeito e a pessoa vai absorver aquilo como uma informação de trabalho. E eu acho que, muitas vezes, a mulher, como aqui tem muitas mulheres, eu penso que as mulheres às vezes acham que é a pessoa. Por exemplo, a ‘Renata me falou tal coisa, mas não sou eu, eu estou representando a instituição e eu preciso que o trabalho seja feito de tal forma, não sou eu, vocês não têm que ver como Renata’, e às vezes acaba criando atritos assim, porque eu sou chefe e eu não gosto de atritos. Então, às vezes, é bom ter homens para dar essa quebrada em algumas situações até porque o homem não vai ficar ouvindo a mulher falar mal da outra; talvez não tenha essas intrigas que entre mulher tem mais, uma reclama para a outra; e talvez entre homens não haja tanto isso, pode ser que tenha sim, mas não muito, eu penso.

E.B.— Durante a sua vida profissional você sofreu algum tipo de discriminação por exercer essa profissão?

R.V.— Não, discriminação não, o que recentemente eu ouvi, como eu te disse no início é que tem pessoas, professores mesmo daqui, de outras áreas, que acham que biblioteca é dispensável. Ainda mais nessa época em que já temos bibliotecas digitais, tem muito material on-line, então ele acha que o aluno é autônomo, porque ele próprio tem a biblioteca dele em casa, o professor nem precisa vir aqui, então, para ele, está tudo bem. Mas ele não sabe das diversas realidades dos alunos, que as pessoas têm dificuldades, não só as vezes de encontrar material, ou também de acessar determinado material, os alunos também têm que ter um lugar digno para estudar. Então, assim, eu nem gosto de discutir com essas pessoas, eu apenas digo que a biblioteca existe porque tem pessoas que precisam dela, quando não precisarem mais de nós, nós saberemos, mas, por enquanto, a biblioteca ainda é necessária. Então, talvez, se houver discriminação é nesse sentido, de que eles vinculam que a biblioteca não precisa existir e com isso o bibliotecário também não.

E.B.— Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à profissão da/do bibliotecária/o?

R. V.— Então, eu acredito que esse preconceito vem muito da falta de conhecimento das pessoas com relação ao nosso trabalho, porque o que as pessoas pensam por aí é que na biblioteca não tem nada para fazer. Até aqui dentro da Universidade mesmo, colegas, até técnicos como nós, possuem essa mentalidade que na biblioteca não tem nada para fazer, tipo eu vou para biblioteca para não ter nada para fazer, e havia muito aqui um estigma de que as pessoas que antes, os funcionários mais antigos, quando davam certo problema em outros setores onde ninguém mais queria e aceitava a presença de uma pessoa em algum departamento, essa pessoa era mandada para a biblioteca. Então, a biblioteca era cheia de pessoas que não faziam nada, então de certo modo, essas pessoas não contribuíam muito para a biblioteca, eram pessoas de outras funções que algumas nem existem mais, aquelas que foram terceirizadas, como jardinagem, copeiros, então mesmo quem trabalha na circulação da biblioteca, mesmo que seja organizar a estante, precisa de um

certo grau de informação, e muitas pessoas não entendem isso, acham que os livros vão sozinhos para as estantes. Então, esse preconceito é vinculado a essa falta de conhecimento mesmo da profissão.

APÊNDICE B

2ª Entrevista: 22/03/ 2021

Entrevistada: Bibliotecária da Universidade Federal de Goiás, entrevista realizada em ambiente virtual no dia 22 de março de 2021, com a duração de 38 minutos. Nome fictício Cláudia.

Identificação da pesquisada

- 1) Sexo (☒) feminino () masculino.
- 2) Formação acadêmica () graduação () especialização () mestrado (X) doutorado.
- 3) Faixa etária () até 30 anos (X) de 30 a 45 anos () mais de 45 anos.
- 4) Qual a cor você se declara (X) branca () preta () parda () amarelo ou indígena.
- 5) Qual o seu estado civil () solteira () união estável (X) casada.
- 6) Possui filhos/as? () não (X) sim (3) número de filhos/as.

E.B. – Por que você escolheu a profissão de biblioteconomia?

L.C. – E para contar a história mesmo? [risos]

E.B. – Sim, por favor.

L.C. – Então, eu estava no terceiro ano do ensino médio e me ocorreu aquelas dúvidas sobre qual área escolher para o vestibular, qual profissão eu escolheria, e aí eu fiz um teste vocacional. Eu tinha certeza de que eu iria ou para história ou para letras, eu era fascinada por essas áreas, literatura, enfim, e no meu teste vocacional deu biblioteconomia, e aí eu comecei a pensar a respeito, a minha tia com quem eu morava lá em Belo Horizonte me contou que nós tínhamos uma

tia distante que era bibliotecária no Rio de Janeiro. Minha tia sugeriu que eu conversasse com ela, aí pegou o contato dessa tia, e aí eu liguei para essa tia distante; ela era bibliotecária em alguma Universidade do Rio de Janeiro, não me recordo qual. Daí ela me falou, Livia a área é muito boa, muito promissora, tem muitas possibilidades de atuação e tal. E aí eu comecei a pensar a esse respeito e decidi fazer Biblioteconomia; foi o único vestibular que eu prestei tanto na Universidade Federal de Minas Gerais como na Universidade Federal de Goiás e passei. Foi por isso que eu escolhi a Biblioteconomia, por afinidade com as áreas que são mais caras a mim, que têm a ver com a literatura, essas questões de história, enfim, têm a ver com o meu perfil pessoal e por achar que era uma área realmente promissora, nunca foi por 'Ah! é um vestibular menor, menos concorrido', eu sei que muita gente opta por biblioteconomia por esse motivo. Mas eu pensava que as perspectivas de trabalho eram muito boas e que eu podia ser feliz nesta profissão.

E.B. – Teoricamente o baixo prestígio da profissão de biblioteconomia tem sido atribuído à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

L.C. – Nossa, eu acho essa afirmativa muito preconceituosa e equivocada, se a gente for pensar, porque ela traz um fator de sempre atribuir às mulheres a causa de qualquer coisa que vá mal. Então, assim, tem profissões que são predominantemente femininas; você vai escutar. Isso acontece porque tem muita mulher, elas fazem fofoca, mulheres não se dão bem, mulher não pode ocupar um cargo de gestão porque tem muita inveja. Existe no imaginário uma construção que faz com que as mulheres se separem, esses discursos servem para nos separar ao invés de nos unir porque a gente vai aprendendo desde pequena que não dá para trabalhar com mulheres, porque esse ambiente é sempre muito competitivo. Nós somos incitadas à competição desde sempre, então uma afirmativa como essa, ela me parece talvez uma tentativa de enfraquecer a profissão, porque mulheres são o pilar da sociedade e se formos pensar, economicamente, somos nós que mantemos a sociedade, somos nós que geramos os filhos e cuidamos deles. Então, essa economia do cuidado, ela é responsável por manter também a sociedade de pé, as mulheres não são

remuneradas por esse trabalho; enfim, o pilar da sociedade é a mulher. Então, porque o demérito de uma profissão ou da imagem dessa profissão socialmente, deveria ser atribuída a nós, ao fato de a profissão ser predominantemente feminina? Eu acho que é uma tentativa de nos distrair, de ofender a nossa imagem e eu não concordo, eu acho que o motivo do não prestígio da nossa profissão está atrelada a outros fatores. Mas jamais ao fato de ser porque ela é predominantemente feminina.

E.B.— Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento da profissão? Se sim, quais mudanças?

L.C. — Olha, eu acho que isso vai variar muito, de região para região do país, porque quando a gente pensa em Brasil, a gente tem vários brasis dentro desse país. Então, aqui em Goiás, temos uma realidade, como a gente é uma área que tem uma interface com a cultura, com outras áreas também do conhecimento que são tradicionalmente deixadas à margem, não tem tido tantos investimentos na educação e na cultura como a gente sabe, e a nossa profissão depende, aqui em Goiás, especialmente desses investimentos. Eu acho que o profissional tem que lutar muito para ser reconhecido, a gente tem um trabalho mais árduo na Biblioteconomia goiana porque nós temos que fazer com que a comunidade, a sociedade entenda primeiro o que é uma biblioteca, porque a maioria desconhece. Se a gente perguntar para os nossos alunos de biblioteconomia, a primeira vez que eles conheceram uma biblioteca foi na universidade; então se você tem alunos de Biblioteconomia com esse perfil, você imagina o restante da sociedade. Então, a ideia de biblioteca ainda é muito elitizada, ela precisa ser desconstruída na sociedade de um modo geral, e a gente precisa, primeiro, conceituar o que é uma biblioteca e fazer com que as pessoas entendam que ela é um equipamento importante. Depois, a gente tem que fazer entender que quem deve estar à frente de uma biblioteca é o bibliotecário, porque, também, no senso comum, essa figura pode ser atrelada a um professor ou a qualquer pessoa. Não me parece que você precisa ser graduado e ter uma especialização para trabalhar nessa área; então, também existe essa ideia equivocada, mas eu acho que a gente está conseguindo mudar aos poucos quando a gente tem projetos que alcançam grande visibilidade, porque também os profissionais

estão começando a atuar em outras áreas. E isso também vem agregando e mostrando possibilidades de atuação que fogem um pouco do contexto tradicional da biblioteca, mas quando eu falo isso de pensar novos lugares de atuação em nenhum momento eu estou diminuindo a importância da biblioteca, porque eu acho, sim, que este é o nosso principal ambiente de trabalho, eu acho que é onde a gente tem maior potencial de transformação social. Então, se a gente tivesse bibliotecas já seria um avanço porque nós teríamos bibliotecários atuando nelas, mas como eu sou muito otimista, eu vejo, sim, perspectivas de mudança. Eu acho que nós estamos realmente progredindo, temos muitos projetos na área, e eu acho que a biblioteconomia, e o profissional é muito facilmente absorvido pelo mercado; é muito raro a gente encontrar com ex-alunos desempregados, ou se queixando de que “ah, eu fiz esse curso e não me serviu de nada, porque eu não consegui uma colocação no mercado”. Isso é raríssimo, então eu acredito que seja sim uma profissão com boas possibilidades de atuação. Tanto que tem vários alunos nossos que já tem um bibliotecário na família, então esse bibliotecário da família geralmente alcançou um certo status social, e os seus familiares veem aquilo como algo a se atingir também e entram na Universidade pensando nessa mesma perspectiva. Então, eu acho sim, que nós temos boas possibilidades futuras e presentes.

E.B.— Ultimamente percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

L.C.— Sim, estou pensando nas últimas turmas que tivemos do curso de Biblioteconomia, eu acho mesmo que hoje já estamos quase equiparados na quantidade de homens e mulheres em sala de aula, ainda que em algumas épocas nós tivéssemos, às vezes, um homem na sala. Eu acho que na minha graduação tinham três, se eu não me engano três meninos na turma, mas, hoje em dia, a gente tem quase a metade da turma de homens. Eu acho que como tem os estereótipos que demoram a ser desconstruídos, o estereótipo da profissão ser feminina, e que sempre são estereótipos preconceituosos; o fundo de um estereótipo é sempre algo preconceituoso. Quando você vai evoluindo como sociedade o preconceito vai deixando de existir em algumas áreas; é natural que as mudanças aconteçam, e aí eu acho que por isso os homens foram

chegando na biblioteconomia, só que a gente também percebe que boa parte desses homens são gays, então, assim, existe uma aproximação talvez também pelo fato de que os homossexuais do sexo masculino se aproximem da área por ter uma maior sensibilidade. Eu não sei, enfim são só suposições minhas, mas também eu acho que a redução do preconceito e a mudança desse estereótipo vão abrindo caminho para que os homens também ocupem o mercado. É um fator que eu acho que é preponderante e a abertura à tecnologia; quanto mais tecnologia é incorporada à nossa profissão, e como a tecnologia ela é muito direcionada aos homens, tradicionalmente quem lida com tecnologias da informação sempre é do sexo masculino. Eles foram vendo também na Biblioteconomia uma oportunidade de se aproximar, porque não é uma área essencialmente tecnológica, mas traz essa parte da inovação que a tecnologia possibilita; então, eu acho que esse fator também contribuiu para chegada dos homens.

E.B– Você acha que ultimamente o mercado tem favorecido mais os bibliotecários em detrimento das bibliotecárias?

L. C. – Olha, eu não tenho tantas informações, sobre o mercado para te dizer isso, mas eu acho que não. Como eu acho que todos os profissionais, ou a maioria tem sido absorvidos pelo mercado, eu acho que isso interfere (?) na verdade; é, eu ousaria dizer, eu acho que até cabe a gente pesquisar isso: que por ser uma profissão tradicionalmente feminina é muito provável que ainda se atribua uma maior competência as mulheres na profissão. Talvez exista um preconceito no mercado, um preconceito reverso, pois é uma profissão predominante feminina, porque eu contrataria um homem para atuar nessa área, pode ser que exista também, talvez, mas eu acho que todos os profissionais, independentemente do gênero, estão sendo absorvidos pelo mercado. Eu não acho que o mercado vá priorizar os homens no momento de contratar, não na nossa profissão.

E.B.– Em sua opinião, quem melhor desenvolve as diversas atividades da biblioteconomia: o homem ou a mulher?

L. C. – [risos] eu vou puxar a sardinha para o lado das mulheres, porque tudo é uma construção social. Nós somos, pelo menos a maior parte de nós, talvez as mulheres da minha geração, porque eu me sinto muito assim; fomos muito educadas para dar conta de tudo, assim, dar conta da casa, dar conta dos filhos, dar conta de ser organizada. Mulheres têm que dar conta de ser organizadas porque vão fazer a gestão da família, gestão do dinheiro, então como a nossa área passa pela organização, e isso é presente em quase tudo que o bibliotecário faz, porque é o produto final do nosso serviço, isto é, sempre depende de processos de organização e tratamento da informação e do conhecimento. Eu acho que as mulheres se dão muito bem na nossa área por conta disso, dessa sensibilidade para a área de organização, para área de relacionamento interpessoal, que a gente lida com pessoas o tempo todo, porque a gente depende do usuário para existir, e as mulheres têm maior desenvoltura nessa área. Então, eu acho que a gente se dá muito bem, talvez melhor do que os homens na Biblioteconomia.

E.B.– O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Por exemplo, uma promoção a um cargo de confiança?

L.C.– Competência né, eu acho que a questão tem que ser a partir da competência, nunca relacionada ao gênero da pessoa obviamente, mas da competência daquela pessoa para desenvolver aquela função, da formação que ela obteve. Então, uma pessoa que buscou em uma especialização, um mestrado, um doutorado áreas voltadas para um perfil mais de gestão, essa pessoa então deveria ocupar o cargo de gestão quando houvesse a oportunidade. Então, eu acredito que tem que ser uma junção das competências, habilidades que eu desenvolva e da sua formação para tanto.

E.B.– Quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de biblioteconomia?

L.C.– Como eu estou na posição de docente e não na atuação como bibliotecária, apesar de conviver com bibliotecários, eu nunca estou nesses lugares de fato. Para saber de questões de relacionamento entre esses sujeitos,

aí eu teria que pensar do ponto de vista dos estudantes e do meu próprio ambiente de trabalho que tem homens e mulheres, mesmo que nós tenhamos no corpo docente três homens e oito mulheres. Então, você vê que também no corpo docente há essa diferença, a maioria também do corpo docente na Universidade Federal de Goiás é composta por mulheres, mas em outros lugares eu sei que tem outros cursos de Biblioteconomia que eu acho que a predominância de docentes é masculina. Isso também depende muito da abordagem do curso; eu acho que é tão ultrapassado a gente focar em problemas de relacionamento baseada em diferenças de sexo; sabe, a gente precisa superar isso para trabalhar em conjunto e entender que independentemente disso nós temos cada um uma especificidade de atuação; tem conhecimentos que podem ser compartilhados. Eu acho um atraso a gente usar isso como uma barreira para aprender uns com os outros; eu acho que em qualquer profissão o fundamental é você compartilhar o que você sabe. Então, o que me interessa mesmo é aprender com os meus colegas; como docente, eu quero aprender com eles e me inteirar das suas pesquisas dos seus projetos, jamais o sexo foi uma barreira para que eu pudesse trabalhar com eles. Talvez eu me sinta mais à vontade na presença feminina, é possível; mas o fato de trabalhar com homens nunca foi um impedimento; eu não me acanho com isso, mas eu imagino que algumas mulheres se acanhariam, mas no meu cotidiano não vejo isso não.

E.B.— Você considera que as bibliotecárias e os bibliotecários possuem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?

L.C.— Olha, eu considero que sim e de novo eu vou dizer que eu acho que as bibliotecárias têm mais oportunidades [risos]; é porque você está me fazendo pensar que é tão raro ter mulheres dominando uma área assim, não só no quantitativo, mas realmente fazendo a diferença em uma área que é essencialmente feminina e que isso pode ser bom. Nem tudo que envolve mulheres tem uma conotação tão positiva e eu acho que a gente tem conseguido sustentar essa área muito bem. Então, eu penso que as mulheres são privilegiadas nesse mercado, mas não acho que os homens são rebaixados; eu acho que eles competiriam ali em pé de igualdade de oportunidades, mas creio

que mais mulheres estão procurando a formação continuada e se engajando em um processo de ser mais qualificadas e aí o mercado também reconhece isso. Então, eu vejo mais ou menos por aí.

E.B.— Você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda, presente na biblioteconomia. Por quê?

L.C.— Acho que sim, à medida que os homens vão entrando, como eu te falei já é uma quebra de paradigma, vai se deixando de lado essa visão preconceituosa; e quanto mais homens a gente tiver, menos estereotipada a profissão vai ser, porque as pessoas vão ver de fato homens atuando na profissão, vão chegar em uma biblioteca e vão encontrar um homem, assim e não uma mulher. Isso já acontece em algumas bibliotecas, ter a presença de homens, mas sempre em um número muito menor em relação às mulheres, mas eu acho que sim, isso vai mudar a visão estereotipada da Biblioteconomia.

E.B.— Prefere trabalhar com pessoas com qual dos sexos?

L.C.— Para mim não faz diferença, não mesmo. Eu trabalho bem com todo mundo, enfim, e porque eu não tenho tanta oportunidade de trabalhar com muitos homens né, mas a gente trabalha muito bem. O nosso coletivo do corpo docente trabalha muito bem com todos; então, eu não vejo problema.

E.B.— Durante a sua vida profissional você sofreu algum tipo de discriminação por exercer essa profissão?

L.C. — Pela profissão não, eu falo que eu acho que eu sou muito fora da curva na Biblioteconomia, porque comigo foi assim: eu cheguei na graduação e me apaixonei pelo curso. Então eu sou uma bibliotecária apaixonada pela Biblioteconomia mesmo, e isso eu acho que faz muita diferença na forma como as pessoas me veem porque eu sempre achei a profissão tão incrível, que eu acho que isso contamina um pouco as pessoas ao meu redor, que leva as pessoas a acharem que o que eu estava fazendo, ou estudando para ser, era realmente algo incrível. Então, não me lembro de sofrer preconceito e discriminação por isso, mas sinto que já sofri discriminação por ser uma mulher muito feminina, muito arrumada, eu acho que as pessoas já me olharam muitas

vezes e falaram assim: 'Isso daí é só a beleza, não tem competência para nada', isso eu já senti dentro na Universidade, como profissional, como professora, de, às vezes, as pessoas me olharem meio que ficarem na dúvida se eu tinha competência ou não. Isso é uma coisa que não acontece com os homens, é muito difícil um homem ser julgado pela aparência, alguém questionar a sua competência a partir da sua aparência. Eu brinco com o meu marido porque nós dois temos a mesma idade, e eu acho que ele parece ser mais novo do que eu, mas eu tenho certeza de que nos lugares onde ele transita, e hoje, por exemplo, ele é subsecretário no Governo do Distrito Federal, que as pessoas não olham para ele e o descredita por ele ter uma aparência jovem. Agora o mesmo não acontece com uma mulher, e então eu posso dizer que eu até mudei a minha aparência de cortar o cabelo mais curto, deixar cacheado, porque eu acho que isso me deixa mais próxima da minha idade de fato, numa tentativa de que as pessoas atribuíssem a mim uma imagem de credibilidade; isso já me incomodou demais, demais, eu acho mesmo que todas as mulheres passam por esse tipo de julgamento.

E.B.— Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à profissão da/do bibliotecária/o?

L.C.— Primeiro por desconhecimento, as pessoas não sabem muito bem o que a gente faz. Então, elas vão ter várias imagens a nosso respeito porque elas não conhecem direito o que um bibliotecário faz; o que pode ocorrer de pior é o desconhecido porque isso amedronta, se você não conhecer você fica à margem do processo. Então, eu acho que a nossa profissão sofre muito preconceito por falta de conhecimento, mas também por falta de investimentos e políticas públicas, porque se a gente tivesse bibliotecas em todas as escolas, bibliotecas públicas e comunitárias que funcionassem, bibliotecas que fossem quase como pontos turísticos, assim nós nem precisaríamos argumentar e explicar o que nós fazemos. Não podemos nos comparar a países desenvolvidos, mas a título de exemplo, um bibliotecário norte-americano ou europeu, todo mundo dentro daquela comunidade escolar, os pais, a comunidade ao redor sabe o que um bibliotecário faz, ele é valorizado financeiramente, tem um reconhecimento ali no próprio salário. Aqui? Pergunta para o pai de um aluno para que serve uma

biblioteca na escola, enfim, imagina como é difícil a tarefa de explicar para um aluno que você está ali para fazer a diferença na vida dele. Então, a gente tem dois fatores, o investimento é importante em políticas públicas para tornar as bibliotecas algo existente para que o bibliotecário passe a ser conhecido como o responsável por estar à frente desse equipamento. Uma mudança cultural, por isso é que é tão difícil, por isso é que nós temos um grande e árduo trabalho pela frente, porque para você mudar uma estrutura como essa cultural, demanda muito investimento. Mas eu acho que está melhorando o cenário.

APÊNDICE C

3ª Entrevista: 03/03/2021

Entrevistada: Bibliotecária da Universidade de Brasília, entrevista realizada em ambiente virtual no dia 03 de março de 2021, com duração de 46 minutos. Nome fictício Amanda.

Identificação da pesquisada

- 1) Sexo (X) feminino () masculino.
- 2) Formação acadêmica () graduação () especialização () mestrado (X) doutorado.
- 3) Faixa etária () até 30 anos (X) de 30 a 45 anos () mais de 45 anos.
- 4) Qual a cor você se declara () branca () preta (X) parda () amarelo ou indígena.
- 5) Estado civil (X) solteira () união estável () casada.
- 6) Possui filhos/as (X) não () sim () quantos filhos/as.

E.B.– Por que você escolheu a profissão de biblioteconomia?

F.M.– Bem, eu escolhi a profissão de Biblioteconomia, porque quando eu fui fazer vestibular, eu fiz um teste vocacional que indicou Biblioteconomia, mas, na verdade, eu comecei fazendo ciência política e com esse interesse. E a

biblioteconomia veio como uma opção, por ter dado no meu teste vocacional e por eu ter recebido uma orientação no cursinho que eu estudava de que era uma profissão de futuro, que tinha muitas oportunidades de trabalho, e que os alunos tinham oportunidades de estágio, e eu não conhecia bem a profissão, mas eu pesquisei rapidamente e vi que lidava com a informação, que lhe dava com o suporte da informação, livro, computador, enfim, todo tipo de registro. Eu me interessei especialmente por ser uma área promissora, havia esse entendimento, já no meu cursinho, quando eu entrei para a Biblioteconomia, de que era uma profissão de futuro, e eu precisava trabalhar logo; eu precisava de algo que me empregasse rapidamente. Então, esse foi o motivo da escolha da Biblioteconomia.

E.B. – Teoricamente, o baixo prestígio da profissão de biblioteconomia tem sido atribuído à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

F.M.– Eu vou te dizer que eu desconheço essa questão de o baixo prestígio da profissão estar ligado à predominância de mulheres. Isso nunca ocorreu, eu nunca vi isso. Assim, eu de fato desconheço essa associação entre a predominância de mulheres e o baixo prestígio. Na verdade, o que tem para mim, desde a graduação, é que é um curso menos concorrido, um curso mais fácil de entrar na universidade e que de fato é. Hoje em dia, pelo menos na Universidade de Brasília, cada vez mais isso tem mudado. O curso está cada vez mais concorrido, mas o fato de ser menos concorrido, para mim, sempre esteve ligado à uma desvalorização das bibliotecas de maneira geral, ou da leitura, e não necessariamente à predominância de mulheres na profissão. Então, assim, eu não acho que seja essa a causa e também discordo absolutamente dessa afirmativa.

E.B.– Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento da profissão? Se sim, quais mudanças?

F.M.– Sobre mudança no mercado de trabalho, eu acho que está mudando completamente o mercado de trabalho para o bibliotecário, com as novas tecnologias, a abertura de um mercado de trabalho, antes pouco explorado, fora

de unidades de informação, podendo atuar em todo tipo de empresa que lida com informação, a organização e análise, na gestão da informação em algum nível né, seja análise de dados ou arquitetura da informação, inteligência artificial. Enfim, toda empresa hoje reconhece cada vez mais o valor da informação. E eu acho que a biblioteconomia, o bibliotecário, começa a olhar para esse horizonte, se a informação é importante em qualquer tipo de instituição a sua atuação não está restrita a unidades de informação tradicionais como bibliotecas, arquivos, museus etc. E eu acho que, naturalmente, o desenvolvimento de competências que hoje são muito requeridas por esse mercado de trabalho faz com que o bibliotecário seja mais reconhecido, ou seja, ele tem um maior reconhecimento da sua capacidade de atuar em diferentes frentes de trabalho. Então para mim é um caminho já dado, na Universidade de Brasília, por exemplo, o nosso curso hoje já conta com disciplinas que preparam melhor esses alunos para esse, novo mercado. E, além disso, nós temos profissionais que formam em gestão de dados posteriormente, em gestão da informação e tantos outros cursos que estão relacionados de alguma maneira ao fazer bibliotecário, porque a gente está falando de organização, de tratamento da informação. E hoje, esses profissionais, além de se capacitarem, eles ocupam postos diferentes do que ocupavam anteriormente. Eu tenho, por exemplo, uma aluna que faz estágio em uma empresa que faz análise de informação para indicar tendências de mercado, então ela lida com análise de informação e descrição em um contexto totalmente diferente. Então a mudança está ocorrendo e isso, naturalmente, traz um reconhecimento maior da profissão, quando a gente vê mais relevância no que o bibliotecário faz e mais abertura de mercado.

E.B.— Ultimamente, percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

F.M.— De fato a gente percebe isso muito claramente na Universidade de Brasília. O curso já é composto de uma sala completamente mista. Eu acho que quando eu entrei na graduação ainda tinha uma leve predominância de mulheres, mas também não era nada que se sobressaísse, era ali uns quarenta,

sessenta por cento, mas, hoje em dia, inclusive, algumas salas possuem mais homens. Então, eu acho que hoje, pelo menos na Universidade de Brasília, é bem igualitária a quantidade de homens e de mulheres que ingressam no curso. Eu acho que isso tem ocorrido porque é uma profissão que cada vez mais mostra a sua relevância para o mercado de trabalho, mais pessoas tomam o conhecimento, mais pessoas tem o interesse. Talvez antes, a Biblioteconomia estivesse associada, na cabeça das pessoas, ao atendimento ao público, à prestação de informação na referência, ou ao trabalho mesmo nas bibliotecas, nas atividades de processamento técnico mais tradicionais. Hoje, com a possibilidade de trabalhar com dados, de trabalhar ali nos bastidores da informação e não diretamente com o público, talvez isso seja algo que desperte um interesse maior no público masculino, mas não sei, e só uma suposição ou a entrada também de disciplinas que são de interesse maior do público masculino, disciplina de ciências de dados, programação, também pode despertar mais esse público, mas eu confesso que, assim, é difícil para mim, dizer ou justificar, esse interesse maior dos homens no curso hoje. Eu acho que ocorre principalmente devido a essas mudanças na profissão, a amplitude do mercado de trabalho e o conhecimento geral também; então, eu acho que talvez se a gente pensar nessa mudança em que hoje é claro que o bibliotecário não vai lidar necessariamente com o público e vai desenvolver algumas outras atividades. Talvez isso justifique de alguma maneira o interesse de outros perfis que não necessariamente são todos homens, mas de pessoas que antes não queriam a Biblioteconomia porque iam trabalhar em bibliotecas, porque iam ter que lidar com o público, e hoje elas sabem que não têm essa regra. Então, não necessariamente, elas vão seguir para oportunidades de trabalho com essas características, tem um universo muito maior.

E.B– Você acha que ultimamente o mercado tem favorecido mais os bibliotecários em detrimento das bibliotecárias?

F.M.– Eu discordo, eu confesso que sempre trabalhei fora de bibliotecas, então eu não trabalhei muito em bibliotecas especialmente tradicionais, mas desde os meus estágios eu nunca vi nenhum favorecimento de bibliotecários homens em detrimento das bibliotecárias. Eu acho que isso não acontece, pelo menos não

no meu contexto; eu não vejo isso acontecendo; então, eu acho que isso não está acontecendo, pelo menos eu não tenho nenhuma informação que confirme isso.

E.B.– Em sua opinião, quem melhor desenvolve as diversas atividades da biblioteconomia o homem ou a mulher?

F.M.– Para mim quem desenvolve as atividades de Biblioteconomia de forma melhor são os melhores profissionais, independentemente do sexo. Eu acho que o sexo não faz nenhuma diferença na realização das atividades do bibliotecário. Na verdade, assim, eu tenho absoluta certeza que não faz a menor diferença, quem desenvolve essas atividades são profissionais bem capacitados, atualizados, sejam eles homens ou mulheres.

E.B.– O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Por exemplo, uma promoção a um cargo de confiança?

F.M.– Bem, o que define uma progressão funcional dentro de uma biblioteca deveria ser o mérito, né? Então, a capacidade de desenvolver tarefas que vão além do trivial ou uma formação complementar, habilidades com gestão, o mérito de quem ocupa um cargo é o que deve ser levado em consideração na sua progressão. Então, para mim é isso: competência mais uma formação melhor, uma competência que se destaca dos demais membros da instituição.

E.B.– Quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de biblioteconomia?

F.M.– Eu acho que, como em qualquer outra profissão, o que facilita ou dificulta o relacionamento é o que pode atrapalhar qualquer pessoa de qualquer sexo se tiver dificuldade de comunicação, perfis diferentes. Para mim, basicamente, as dificuldades entre pessoas na maioria das vezes estão ligadas à comunicação. Eu não acho que seja um problema atrelado ao sexo, enfim, eu acho que independentemente do sexo do colega que trabalha comigo, como bibliotecária, como professora, o que quer que seja, vão ser levadas em consideração outras questões que não o simples fato de ser um homem ou uma mulher. Não sei se

eu entendi bem essa pergunta, mas as facilidades e dificuldades para mim não estão relacionadas ao sexo da pessoa com quem eu tenho relações profissionais.

E.B.– Você considera que as bibliotecárias e bibliotecários possuem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?

F.M.– Em princípio sim, eu concordo que os bibliotecários e as bibliotecárias têm as mesmas oportunidades de trabalho. Agora, o que a gente precisa levar em consideração é que, por exemplo, na iniciativa privada a gente sabe que, às vezes, há uma certa discriminação com mulheres em geral, não somente na área da Biblioteconomia, pelo fato de as mulheres, muitas vezes, terem filhos, família ou possibilidade de engravidar, o que afasta essas mulheres do trabalho. Então, assim, é claro que a gente não pode fechar os olhos para isso, a gente sabe que isso acontece, mas isso para mim não está ligado à Biblioteconomia, é algo da sociedade e péssimo inclusive. Eu acho que a gente deveria se aproximar cada vez mais de direitos iguais entre homens e mulheres no trabalho para que a gente elimine essa possibilidade de discriminação.

E.B.– Você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda, presente na biblioteconomia. Por quê?

F.M.- Eu fico na dúvida, o que é esse estereótipo? Hoje, na Biblioteconomia, é o estereótipo do profissional que trabalha guardando livros? E o estereótipo da profissão pouco valorizada? Então, hoje, qual é o estereótipo da Biblioteconomia? Eu acho que, assim, ainda existe uma visão equivocada da profissão. Agora, eu acho que, como eu já falei anteriormente, que não tem nenhuma relação com o fato de existirem mais bibliotecárias do que bibliotecários; eu acho que a entrada dos homens não muda em nada isso, essa visão. Eu acho que o que muda um estereótipo de uma profissão menos valorizada, ou restrita a certo tipo de atuação, é o desenvolvimento de novas competências, a busca de posições profissionais cada vez mais relevantes é trabalho, mostrar trabalho. Eu acho que a entrada de homens ou a entrada de mulheres não faz a menor diferença para isso.

E.B.– Prefere trabalhar com pessoas com qual dos sexos?

F.M.– Eu não tenho nenhuma preferência com relação ao sexo das pessoas com quem eu trabalho. Na verdade, eu não tenho nem interesse em saber o sexo das pessoas com quem eu trabalho; isso não tem a menor influência no meu dia a dia no meu ambiente de trabalho, nas minhas atividades profissionais.

E.B.– Durante a sua vida profissional você sofreu algum tipo de discriminação por exercer essa profissão?

F.M.– Com relação à discriminação, eu acho que, assim, todos nós ainda hoje que fizemos Biblioteconomia, que atuamos profissionalmente, vira e mexe a gente é questionado, sobre o que é a profissão, a falta de conhecimento do que faz um bibliotecário, de quais são suas competências e habilidades. Tudo isso leva a questionamentos que, de certa forma, são enviesados e que a gente pode encarar de alguma maneira como discriminação, mas, aí, eu chamo mais de viés porque muitas vezes a pessoa acha que o que você faz é menos valorizado, porque ela não sabe exatamente o que você faz; e aí vem uma opinião, muitas vezes, carregada de viés, pormenorizando o trabalho do bibliotecário, mas eu acho que é mais ou menos por aí. Já me perguntaram o que é um bibliotecário, o que faz um bibliotecário, muitas vezes com uma feição mais duvidosa se aquilo é relevante ou não, mas isso ocorreu poucas vezes. Eu acho que eu sempre me prontifiquei a deixar claras as competências do profissional, o quanto ele é valioso e ímpar na realização do que faz. Então, muitas vezes, vem acompanhada de uma dúvida enviesada, e eu dei o esclarecimento e prontamente a situação foi esclarecida e resolvida muito bem.

E.B.– Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à profissão da/do bibliotecária/o?

F.M.- Eu acho que essa pergunta já foi respondida, no meio das outras questões, mas eu acredito que o preconceito, só retomando, está ligado à falta de conhecimento do que é o profissional bibliotecário. Então, assim, acontece uma subestimação do que esse profissional é capaz de fazer é um preconceito, talvez pelas pessoas não verem o valor tão grande na informação, no livro, na biblioteca, que a gente sabe que a profissão não se restringe a isso. Então, eu

acho que acontece algum tipo de preconceito, por falta de conhecimento do que efetivamente o bibliotecário é e quais são as suas competências.

APÊNDICE D

4ª Entrevista: 05/ 04/ 2021

Entrevistada: Bibliotecária da Universidade Federal de Goiás, entrevista realizada em ambiente virtual no dia 05 de abril de 2021, com a duração de 60 minutos. Nome fictício Daniela.

Identificação da pesquisada

- 1) Sexo (X) feminino () masculino.
- 2) Formação acadêmica () graduação () especialização (X) mestrado () doutorado.
- 3) Faixa etária () até 30 anos () de 30 a 45 anos (X) mais de 45 anos.
- 4) Qual a cor você se declara () branca (X) preta () parda () amarelo ou indígena.
- 5) Qual o seu estado civil () solteira () união estável (X) casada.
- 6) Possui filhos/as? () não (X) sim (2) número de filhos/as.

E.B.– Por que você escolheu a profissão de biblioteconomia?

M.S.– Eu escolhi essa profissão porque eu já trabalhava com a educação infantil, ministrando aulas, e pela proximidade com os livros e os alunos principalmente no momento de contar histórias para as crianças. Houve um envolvimento muito grande com o livro e isso fez com que eu projetasse para a profissão e para o curso de biblioteconomia.

E.B.– Teoricamente, o baixo prestígio da profissão de biblioteconomia tem sido atribuído à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

M.S.- Bom, na realidade eu não concordo com essa afirmativa não.

E.B.– Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento da profissão? Se sim, quais mudanças?

M.S.– Eu penso que as mudanças são em decorrência das inovações tecnológicas, sociais e até mesmo econômicas do mundo mesmo, e o reflexo se dá em qualquer profissão. Eu acho que isso é normal também para o profissional bibliotecário que trabalha com a informação, então, como a informação é uma ferramenta de trabalho, ele deve estar engajado com as inovações tecnológicas e são essas inovações tecnológicas que lhe proporcionarão um melhor desenvolvimento e reconhecimento profissional.

E.B.– Ultimamente, percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

M.S.– Realmente isso é verdade, pois trinta anos atrás, quando eu era estudante, na minha sala não tinha nenhum homem, e hoje a gente percebe a presença, já bem maior, masculina em sala de aula no curso de biblioteconomia. Eu acho que a maior participação de homens no curso é natural mesmo, são as mudanças na sociedade que vão ocorrendo, mas, mesmo assim, como temos mulheres assumindo funções, antes consideradas de homem de domínio masculino, podemos considerar a área da engenharia, por exemplo. Antes havia uma predominância de homens e hoje não. A gente tem, até em determinados cursos, mais predominância de mulheres do que homens; então, eu acho que isso é natural mesmo, a mudança na sociedade vai impondo esses novos comportamentos mesmo.

E.B.– Você acha que ultimamente o mercado tem favorecido mais os bibliotecários em detrimento das bibliotecárias?

M.S.- Na minha visão, mais de aproximação junto ao mercado do setor público, acho que as bibliotecárias são maioria. Eu acho que realmente as mulheres têm maior predominância no mercado ao qual eu estou mais próxima.

E.B.– Em sua opinião, quem melhor desenvolve as diversas atividades da biblioteconomia o homem ou a mulher?

M.S.- Na minha visão, a partir do meu dia a dia aqui na biblioteca, eu vejo que dependendo muito das atribuições e das tarefas, eu acho que, a mulher, ela tem um poder maior de concentração e ela desenvolve melhor essas tarefas, por esse quesito de concentração, mesmo.

E.B.– O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Por exemplo, uma promoção a um cargo de confiança?

M.S.- Eu considero o quesito da experiência nas funções desempenhadas. Eu creio que essa promoção é isso, é o fazer do dia a dia, e a experiência que a pessoa vai adquirindo que favorece uma melhor progressão funcional.

E.B.– Quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de biblioteconomia?

M.S.- Bom, na minha convivência diária, vejo que no quesito de dificuldade ou facilidade, no dia a dia, vejo que as mulheres, elas são mais dinâmicas, são ágeis e eu acho que elas também são mais habilidosas do que os homens. Vamos assim dizer que, o homem, ele é mais direto e ele não tem muita interação tanto com os colegas no dia a dia, tanto com os usuários; a questão de ser mais direto mesmo. A mulher é mais habilidosa, conversa, vai com jeitinho, tenta entender o contexto; já o homem é mais direto em relação ao assunto e ao trabalho.

E.B.– Você considera que as bibliotecárias e bibliotecários possuem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?

M.S.- Bom, eu acho que sim, pela experiência do setor público no qual eu estou inserida, eu acho que sim, são as mesmas oportunidades, porque é concurso, né? Então, eu acho que as mulheres têm, até no dia a dia nosso aqui, nós temos mais bibliotecárias mulheres do que homens; eu acho que as mulheres são mais concentradas em termos de estudar e preparar para um concurso.

E.B.– Você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda, presente na biblioteconomia. Por quê?

M.S.– Sim, vejo como um ciclo natural, até mesmo pela diversidade de ideais, pela natureza, do homem, né? Então, eu acho que sim.

E.B. – Prefere trabalhar com pessoas com qual dos sexos?

M.S.- Bom, para mim é indiferente. A gente que está aqui no dia a dia é indiferente, se eu estou tratando com mulher ou com homem, porque a gente vê muito o executar das funções, das tarefas, no atendimento ao usuário em primeiro lugar. Então, por esse motivo, é indiferente para mim.

E.B. – Durante a sua vida profissional você sofreu algum tipo de discriminação por exercer essa profissão?

M.S. – Não, de forma nenhuma, sempre fui muito feliz nessa profissão que eu abracei e amo de paixão.

E.B. – Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à profissão da/do bibliotecária/o?

M.S.- Eu acho que é porque a sociedade ainda não conhece a fundo, não tem informação ainda do que é o profissional bibliotecário e, conseqüentemente, desconhece onde esse profissional atua e pode estar atuando. Então, eu acho que é por isso mesmo que ocorre o preconceito, por desconhecer a realidade.

APÊNDICE E

5ª Entrevista: 15/06/2021

Entrevistada: Bibliotecária da Universidade de Brasília, entrevista realizada em ambiente virtual no dia 15 de junho de 2021, com a duração de 56 minutos. Nome fictício Beatriz.

Identificação da pesquisada

- 1) Sexo (X) feminino () masculino.
- 2) Formação acadêmica () graduação () especialização () mestrado (X) doutorado.
- 3) Faixa etária () até 30 anos (X) de 30 a 45 anos () mais de 45 anos.
- 4) Qual a cor você se declara (X) branca () preta () parda () amarelo ou indígena.
- 5) Qual o seu estado civil () solteira () união estável (X) casada.
- 6) Possui filhos/as? () não (X) sim (1) número de filhos/as.

E.B.— Por que você escolheu a profissão de biblioteconomia?

M. F.— Não foi a minha primeira opção na escolha. Eu queria cursar direito ou ciência política, eram as áreas pelas quais eu tinha interesse, mas eu estava fazendo o programa de avaliação seriada, o PAS*, aqui da Universidade de Brasília, e, na época, eu tinha que escolher um curso e eu não tinha nota suficiente para ingressar no curso de direito. A minha intenção era apontar qualquer curso e depois prestar o vestibular para direito. Um dia, a minha mãe estava lendo o jornal e ela viu uma reportagem sobre essa profissão de Biblioteconomia, e ela me chamou e falou que a profissão parecia interessante, que combinava comigo e disse: ‘por que você não tenta?’ E aí eu decidi tentar e coloquei, marquei essa opção no PAS e acabei passando, e aí decidi que iria cursar e enquanto isso, eu iria tentar o vestibular para outra área. No primeiro ano, principalmente, eu quase desisti do curso porque eu achei assim muito chato, achei que não era uma área que me desafiava, mas a partir do segundo ano eu comecei a gostar mais, principalmente quando eu comecei a fazer estágio, que foi, eu acho, que no terceiro semestre se eu não me engano. E aí

eu descobri uma área da biblioteconomia que até então eu não tinha visto nas aulas: a área digital estava em grande ascensão naquela época; isso foi no início dos anos 2000, 2003, quando eu entrei na Universidade, e aí eu comecei a trabalhar com repositórios, repositórios estavam começando no Brasil, não se falava em repositório. Então, eu fui trabalhar em um que foi uns dos primeiros repositórios chamado BDjur*, que é a Biblioteca Digital Jurídica no Superior Tribunal Jurídico e fiquei praticamente toda a minha vida acadêmica, enquanto estagiária, trabalhando nessa área de biblioteca digital e repositórios. E a partir daí eu comecei a gostar da profissão e me identifiquei, decidi me formar e desisti de fazer o curso de direito, de tentar o vestibular para direito e decidi me formar e continuei no curso.

*Se trata de um processo seletivo da Universidade de Brasília (UnB) realizado ao longo dos três anos do ensino médio regular.

* É o repositório oficial mantido pelo Superior Tribunal de Justiça (STJ), que possibilita acesso a conteúdo da área jurídica, disponíveis nas coleções: Atos Administrativos, Doutrina e Repositório Institucional.

E.B. – Teoricamente, o baixo prestígio da profissão de biblioteconomia tem sido atribuído à predominância de mulheres na profissão. O que você acha dessa afirmativa?

M.F.– Bom, eu não concordo com essa afirmativa. Eu não acho que uma coisa tem relação com a outra, eu acho que se existe o baixo prestígio da profissão, isso é algo cultural do próprio país, de não reconhecer e prestigiar profissões que são ligadas à educação e cultura que é o caso da Biblioteconomia. Então, eu acho que é uma questão cultural do próprio país, do Brasil, que trata essas profissões como a Biblioteconomia, sem grande prestígio. E a gente sabe que existem profissões que são majoritariamente femininas como a enfermagem e a nutrição, e que não existe essa questão do baixo prestígio. Então, eu não acho que seja uma questão de gênero, mas sim uma questão cultural mesmo do próprio país de ter essa questão de não valorizar profissões que são ligadas à área de educação e cultura.

E.B.— Você sente que tem ocorrido alguma mudança no mercado de trabalho e no reconhecimento da profissão? Se sim, quais mudanças?

M.F.— Eu vou te responder a essa pergunta a partir do meu nicho que é o que eu vivencio. Eu não tenho como dizer que existe uma grande mudança ou que não existe uma grande mudança na área e na profissão como um todo porque o meu contato é na área do serviço público, a área da Universidade. Então, assim, eu acho que sim, que ocorreu uma grande mudança de uns dois, três anos para cá porque a gente sabe que nos governos anteriores do país houve um investimento muito maior em educação, tanto na área de educação, como na área de cultura, o que acarretou uma valorização muito maior, principalmente do serviço público, porque teve muito concurso. E praticamente todos os colegas que formaram comigo, eu ressalto que eu estou te falando uma visão a partir de Brasília, porque em Brasília o mercado de trabalho basicamente é concurso público, são poucas áreas para exercer a profissão que não sejam dentro do serviço público, então, teve muito investimento nessas áreas de educação e de cultura, teve muito concurso para área de Biblioteconomia, e o investimento também em várias áreas do serviço público onde tem bibliotecas. Então, teve muitos concursos, tiveram épocas muito boas para a Biblioteconomia de ter concursos com vaga para bibliotecários, mas de uns tempos para cá, com a mudança de governo e as mudanças de políticas, eu percebo que, atualmente, os concursos praticamente cessaram, não existem, e eu vejo muitos relatos de colegas que trabalham em outras instituições de que os cargos de bibliotecário que estão sendo vagados, devido às pessoas que se aposentam e que estão saindo, esses cargos estão sendo transformados em outros cargos, ou estão ociosos, aguardando que, algum dia, seja liberado o concurso. É provável que não vai acontecer tão cedo. Na Universidade de Brasília é um pouco diferente, porque a gente tem hoje uma gestão na Universidade que investe muito na biblioteca; então, a gente teve justamente o contrário: que foi a transformação de cargos de outras áreas em cargos de bibliotecário para que houvesse o investimento de pessoal na Biblioteca Central. Mas essa iniciativa é algo que veio da gestão, da reitora e não do governo. Então, eu imagino que as consequências disso daqui uns anos serão drásticas, no sentido de ter poucos profissionais atuando em várias áreas, porque tem instituições em que os bibliotecários aposentaram e

que não houve reposição e que não tem nenhuma garantia de haver reposição. Então, pode ser que isso impacte bastante. Agora, em relação ao mercado que não seja serviço público, eu não posso te responder, se realmente houve uma mudança, mas acredito que sim, se a gente for levar em conta a situação do país, a situação econômica. Eu imagino que esteja muito mais difícil de conseguir emprego, das pessoas serem contratadas se a gente considerar toda situação que a gente está vivendo.

E.B.– Ultimamente, percebe-se um aumento de homens ingressando na Biblioteconomia. Em sua opinião, por que isso tem ocorrido e como você vê isso para a profissão?

M.F.– Bom, eu acho que isso ocorreu muito por essas questões que eu levantei na pergunta anterior, da profissão ter tido assim uma valorização durante alguns anos em que ocorreu um investimento maior nas áreas que demandam a profissão de Biblioteconomia e por ter tido muitas ofertas de trabalho, muito concurso público. Então, isso atraiu mais pessoas, então acho que por isso, provavelmente, a quantidade de homens aumentou significativamente. Por exemplo, eu me formei em 2006, e como eu falei anteriormente eu entrei na Universidade de Brasília em 2003, e na minha turma de alunos era basicamente meio a meio; a turma não era majoritariamente feminina. E eu vejo que isso foi se mantendo ao longo dos anos. Anterior a 2003 eu não posso falar porque eu não conheço, eu não sei, mas eu estou falando da Universidade de Brasília, não estou generalizando e falando do Brasil todo porque eu não tenho como saber, mas falando da Universidade de Brasília, eu acho que isso ocorreu devido a ser um curso que você consegue emprego muito facilmente, que você consegue estágio sem dificuldade. Eu mesma consegui estágio no terceiro semestre, mas eu tive colegas que desde o primeiro semestre já faziam estágio porque a oferta de estágio era muito grande, e isso continuou durante muito tempo. Hoje não mais, como eu falei devido a todas as questões políticas que envolvem. A gente vê que esse mercado de trabalho não é mais como era antes, mas eu acho que é devido a isso que mais homens procuraram o curso, e como eu vejo isso para a profissão, eu acho que é bom e interessante, é bom diversificar.

E.B.– Você acha que ultimamente o mercado tem favorecido mais os bibliotecários em detrimento das bibliotecárias?

M.F.– Eu não acho, e eu não tenho como te responder, porque como eu te falei eu trabalho em uma instituição pública, e eu não acompanho o mercado de trabalho. Aqui em Brasília é muito complicado, pois a maioria do serviço para bibliotecários é no serviço público e aí, nesse caso, eu acho que não existe favorecimento porque é concurso público, quem passou que vai assumir. Então, assim, eu não tenho como te dizer se no mercado de trabalho fora do serviço público isso acontece porque eu não tenho esse conhecimento para te afirmar.

E.B.– Em sua opinião, quem melhor desenvolve as diversas atividades da biblioteconomia o homem ou a mulher?

M.F.– Eu não acho que seja uma questão de gênero, que o homem desenvolve melhor ou a mulher desenvolve melhor as atividades da Biblioteconomia. Não acho que seja o gênero que determina, acho que quem desenvolve melhor as atividades é o bibliotecário que entende a profissão no ambiente em que ele trabalha, por exemplo, eu sou uma bibliotecária de uma universidade pública, uma das maiores Universidades do país, que possui uma das maiores bibliotecas do país que é a Biblioteca Central da Universidade de Brasília, talvez seja a maior em termos de central, de Biblioteca Central, e a partir do momento que eu entendo a comunidade que eu atendo, que eu entendo o papel da biblioteca dentro da comunidade, que eu entendo o meu papel dentro da comunidade, eu consigo desempenhar bem as minhas atividades como bibliotecária. E eu acho que isso que determina, você entender qual o seu papel como bibliotecário dentro daquela comunidade que você atende, seja uma biblioteca universitária, seja a biblioteca do Senado Federal, ou da Câmara dos Deputados, ou de uma biblioteca escolar. Então eu acho que isso que determina e não necessariamente o gênero se você é homem ou se você é mulher. Existem bibliotecárias, mulheres excelentes, como também existem bibliotecárias mulheres que não desenvolvem as suas atividades com excelência. Assim como existem homens excelentes bibliotecários e homens que não são excelentes bibliotecários; então eu acho que não é o gênero que vai determinar se o profissional é bom, ou não.

E.B.– O que você considera que define a progressão funcional dentro de uma biblioteca? Por exemplo, uma promoção a um cargo de confiança?

M.F.- Eu acho que uma promoção a um cargo de confiança, e aí eu vou falar a partir da realidade [riso] do que seria o ideal, não necessariamente a realidade,

mas eu acho que são aquelas ou aqueles bibliotecários que têm condições de gerir de administrar uma biblioteca. A gente sabe que nem todo bibliotecário tem esse perfil. Às vezes, são profissionais que são excelentes técnicos, que desenvolvem suas atividades tecnicamente muito bem, mas são pessoas que não têm condições de liderar, de gerir equipes, porque não é fácil gerir equipes. Então eu acho que aquele bibliotecário que une essas duas vertentes, a área técnica e a área de gestão, é o bibliotecário ideal para estar à frente de um cargo de confiança, para estar em uma direção de uma biblioteca, para estar em uma coordenadoria. Mas a gente sabe que na prática nem sempre é isso que acontece e dependendo da instituição, normalmente no serviço público, ocorre que quem está ocupando os cargos de confiança são as pessoas que querem estar, muitas vezes as pessoas não querem assumir um cargo, porque a remuneração não é atrativa, ou outras coisas que implicam a questão de você assumir um cargo de confiança. Mas quem deveria ocupar esses postos seriam bibliotecários que desempenham bem a parte técnica com a parte gerencial, e eu daria mais ênfase na parte gerencial, porque na parte técnica você consegue trabalhar com as equipes. Já a parte gerencial é muito difícil, então se o bibliotecário tem esse perfil de ser gestor é o que definiria ele para estar à frente, para estar gerindo uma biblioteca ou um setor, uma coordenadoria dentro de uma biblioteca

E.B.— Quais são as facilidades ou dificuldades que você percebe no que diz respeito ao relacionamento homem/mulher no exercício da profissão de biblioteconomia?

M.F.— Bom, eu não percebo, em relação a essa questão de gênero, eu não percebo nem facilidade nem dificuldade se o bibliotecário é homem ou mulher. E aí eu estou falando por mim: eu, Marília não acho que isso seja relevante. Claro que eu já ouvi muitas piadinhas do tipo: essa biblioteca tem muita fofoca porque tem mais mulheres do que homens; porque isso porque aquilo; essas coisas, essas piadas que não são piadas; essas discriminações que a gente ouve no dia a dia por ser uma profissão majoritariamente feminina, por ser um ambiente de trabalho majoritariamente feminino. Mas, assim, eu não tenho dificuldade nem facilidade de lidar se a pessoa é homem ou se a pessoa é mulher; não é isso que vai definir o meu relacionamento com o meu colega de

trabalho dentro da biblioteca da Universidade Federal de Brasília. No meu ambiente de trabalho, eu nunca tive esse tipo de facilidade e nem de dificuldade em relação à questão do gênero; e aí claro que estou falando por mim, claro que as pessoas podem ter e dizer isso que têm mais dificuldade de lidar com mulheres ou mais dificuldade de lidar com homens. Eu acho que mais ainda em relação às mulheres porque a gente vive em um país machista que vem de uma cultura machista, então realmente existe esse preconceito. Mas eu, particularmente, não tenho nenhum tipo de facilidade nem dificuldade em relação à questão de gênero, para mim eles são colegas de trabalho, eu me relaciono de forma igual, eu tento me relacionar desta forma.

E.B.— Você considera que as bibliotecárias e bibliotecários possuem as mesmas oportunidades no mercado de trabalho?

M.F.— Eu não tenho como te responder em relação ao mercado de trabalho que não seja no meu nicho, que é o serviço público. Então, dentro da minha área de atuação, no caso da Universidade de Brasília, eu acho que as oportunidades são as mesmas porque a gente tem o concurso e então vai entrar quem passar, seja homem ou mulher. Mas levando em consideração a desigualdade que existe no país, a desigualdade de gênero no mercado de trabalho, eu imagino que talvez sim, talvez exista sim uma desigualdade mas eu não posso afirmar isso porque, como eu te falei, eu não tenho conhecimento para afirmar isso, até porque, pode ser que a gente tenha a profissão majoritariamente feminina, o que eu não sei se hoje, atualmente, ainda é assim. Não tenho conhecimento de dados estatísticos que comprovam que se formam mais bibliotecárias que bibliotecários; então, eu não tenho como afirmar, mas pode ser que sim, levando em consideração toda a desigualdade de gênero que existe; mas dentro da minha área do serviço público, eu acho que as oportunidades são as mesmas, assim em relação ao concurso e tal. Agora, a oportunidade de estudo, de se dedicar mais ao estudo, de mulheres passarem mais em concurso do que homens ou vice e versa, isso aí eu já não posso te responder por desconhecimento do mercado de trabalho da área.

E.B.— Você entende que o aumento de homens na profissão pode modificar a visão estereotipada, ainda presente na biblioteconomia. Por quê?

M.F.– Assim, é complicado eu responder a essa pergunta, porque eu nunca enxerguei a Biblioteconomia como uma profissão estereotipada. Eu sei que realmente existe o estereótipo da bibliotecária que usa óculos fundo de garrafa; isso existe e é presente, está presente na literatura e no cinema; mas, assim na realidade, na minha realidade, eu não vejo, convivo com muitos bibliotecários. Eu não acho que o aumento de homens na Biblioteconomia na profissão modificou ou modificaria isso. Sinceramente, essa também é uma pergunta que eu não sei como te responder, porque quando eu conheço alguém e a pessoa me pergunta, o que você faz? E eu respondo eu sou bibliotecária, nunca ninguém me falou assim, nossa você é bibliotecária, não parece, ou coisas do tipo, ou então um homem, o meu marido é bibliotecário também, nós dois somos bibliotecários. Então, quando alguém pergunta para ele se ele é bibliotecário, ele responde que sim, e ninguém nunca questionou: ah! mas não é uma profissão de mulheres? Nós nunca passamos por isso, então eu não acho que eu possa te dizer sim, a presença de homens pode modificar ou não, não pode, mas talvez sim, talvez se pensar por esse lado de que existe essa coisa mesmo do estereótipo da mulher, de coque no cabelo, de óculos que fica na biblioteca, que fica pedindo silêncio, pode ser que sim, mas não é algo que eu possa te afirmar com certeza, pois eu não vivencio esses estereótipos.

E.B.– Prefere trabalhar com pessoas com qual dos sexos?

M.F.– Eu não tenho preferência, como eu já falei, eu gosto de trabalhar com pessoas competentes, com pessoas que gostam da profissão, independentemente se é homem ou mulher. Então, assim, eu não tenho preferência nenhuma em relação à questão de gênero.

E.B.– Durante a sua vida profissional você sofreu algum tipo de discriminação por exercer essa profissão?

M.F.– Não, e eu faço mais uma vez a ressalva de que a minha realidade, que é de bibliotecária de uma Universidade Pública, de uma das maiores Universidades do país, de uma das maiores bibliotecas do país, me permite dizer isso, pois a gente sabe que ainda o reconhecimento como profissionais na Universidade de Brasília. E pode ser que em outras instituições não tenha, aliás que nós sabemos que em outras instituições não têm reconhecimento, nós temos uma valorização da biblioteca e dos profissionais de biblioteca dentro da

Universidade de Brasília. Então, eu nunca sofri discriminação na minha vida profissional, na Universidade que eu trabalho. Eu já sofri discriminação sim, em relação ao fato de ser mulher, isso é algo que é recorrente para nós mulheres, acho que toda mulher tem pelo menos uma história para contar que sofreu por ser mulher; não na biblioteca, não com os meus pares que trabalham comigo, porque na biblioteca isso nunca aconteceu, mas fora da biblioteca alguma reunião que eu participei em uma outra área da Universidade, já aconteceu, de uma pessoa me falar: ‘ ah, você não sabe o que está falando’, com o tom da voz que dá para perceber que o que ele estava dizendo na verdade era: ‘você é mulher por isso não sabe o que está falando’. E participei, várias vezes, de reuniões também com o meu chefe que é homem, o diretor da biblioteca que é um homem, e percebo que as pessoas dão mais importância para o que ele fala em relação ao que eu falo, e pode ser a mesma coisa, a mesma mensagem, e essa importância eu percebo que é por ele ser homem. Isso acontece, já aconteceu algumas vezes, apesar de que essa gestão da Universidade, a atual reitora, que é a primeira reitora, a primeira mulher a assumir a Universidade de Brasília, ela tem trabalhado muito para combater esse tipo de coisa na Universidade. Então, temos hoje os maiores cargos de confiança da Universidade, que são os decanos majoritariamente ocupados por mulheres. Então, muitas mulheres em cargos de confiança, muitas mulheres à frente das lideranças, o que é ótimo dentro da Universidade. Então, isso tem se modificado muito ao longo da gestão dela, e a gente sente isso, essa valorização das mulheres dentro da Universidade. Agora isso dentro da biblioteca, isso nunca aconteceu, pelo menos não comigo, eu nunca sofri discriminação ou preconceito por ser mulher dentro da biblioteca.

E.B.– Por que, em sua opinião, ainda ocorre preconceito relacionado à profissão da/do bibliotecária/o?

M.F.– É uma questão cultural de um país, que não investe e que não valoriza a educação, não valoriza a cultura, porque a profissão de bibliotecário é uma profissão intimamente ligada a essas áreas de educação e cultura. Então, a gente vive em um país que não valoriza essas áreas, e a tendência é que a Biblioteconomia não seja valorizada e a Biblioteconomia ainda está em um

patamar muito abaixo porque quando fala em educação nós pensamos logo na profissão de professor; os professores, quando se fala em cultura, você pensa diversas outras profissões que não o bibliotecário; o bibliotecário não é uma profissão que vem à mente, quando você fala sobre a questão da educação, quem são os atores principais responsáveis pela educação? São os professores e pessoas que atuam nas escolas e nas Universidades, mas você não pensa no bibliotecário como esse ator. Então, eu acho que é isso que passa por essa questão da falta de valorização que a gente tem nessas determinadas áreas; então se a gente tem uma falta de valorização e investimento nas escolas e nas universidades, e agora de uns tempos para cá, recentemente, mais ainda só se fala em cortar verba, não se contrata mais pessoal, não se faz mais concurso. Imagina a biblioteca, né? A biblioteca vai sendo colocada de lado muitas vezes; volto a citar o exemplo da Universidade de Brasília, dependendo das pessoas que está à frente da Universidade, ela vai priorizar algumas áreas em detrimento de outras, e aí vai do entendimento dessa pessoa. Hoje, como eu falei, nós temos uma gestão que entende a biblioteca como uma prioridade dentro da Universidade, em detrimento de outras áreas porque não dá para investir em tudo, até porque a Universidade só vem sofrendo cortes. Então não tem recurso para tudo, ocorre um investimento grande na biblioteca, mas dependendo de quem estivesse à frente da gestão da Universidade a biblioteca poderia não receber investimento. Eu acho que o investimento também ocorre a partir dos dados que a gente entrega. Hoje, na Biblioteca Central, nós realizamos um trabalho que proporciona grandes resultados, a gente tem alcançado uma comunidade muito grande e não só a comunidade acadêmica; e isso traz um reconhecimento para a biblioteca. No início, houve um investimento da reitoria e isso trouxe um retorno muito grande da comunidade e esse retorno chega até a gestão da Universidade. Então, essa questão da valorização é uma questão cultural que necessita de uma mudança de paradigma que perpassa para além da Biblioteconomia, toda área da educação e da cultura.